Lisboa Antiga

POR

JULIO DE CASTILHO

2.ª EDIÇÃO

Consideravelmente accrescentada

LISBOA

Antiga Casa BERTRAND — JOSÉ BASTOS

73 — Rua Garrett — 75

1902

Ao meu bom Amigo
Dr. Antonio d'Ordaz,
em lembrança de
sincera e grata amisade
offerece
O Auctor

Lumiar
8 de Janeiro de 1903

LISBOA ANTIGA

Lisboa Antiga

POR

JULIO DE CASTILHO

2.ª EDIÇÃO

Consideravelmente accrescentada

LISBOA

Antiga Casa BERTRAND — JOSÉ BASTOS

73 — Rua Garrett — 75

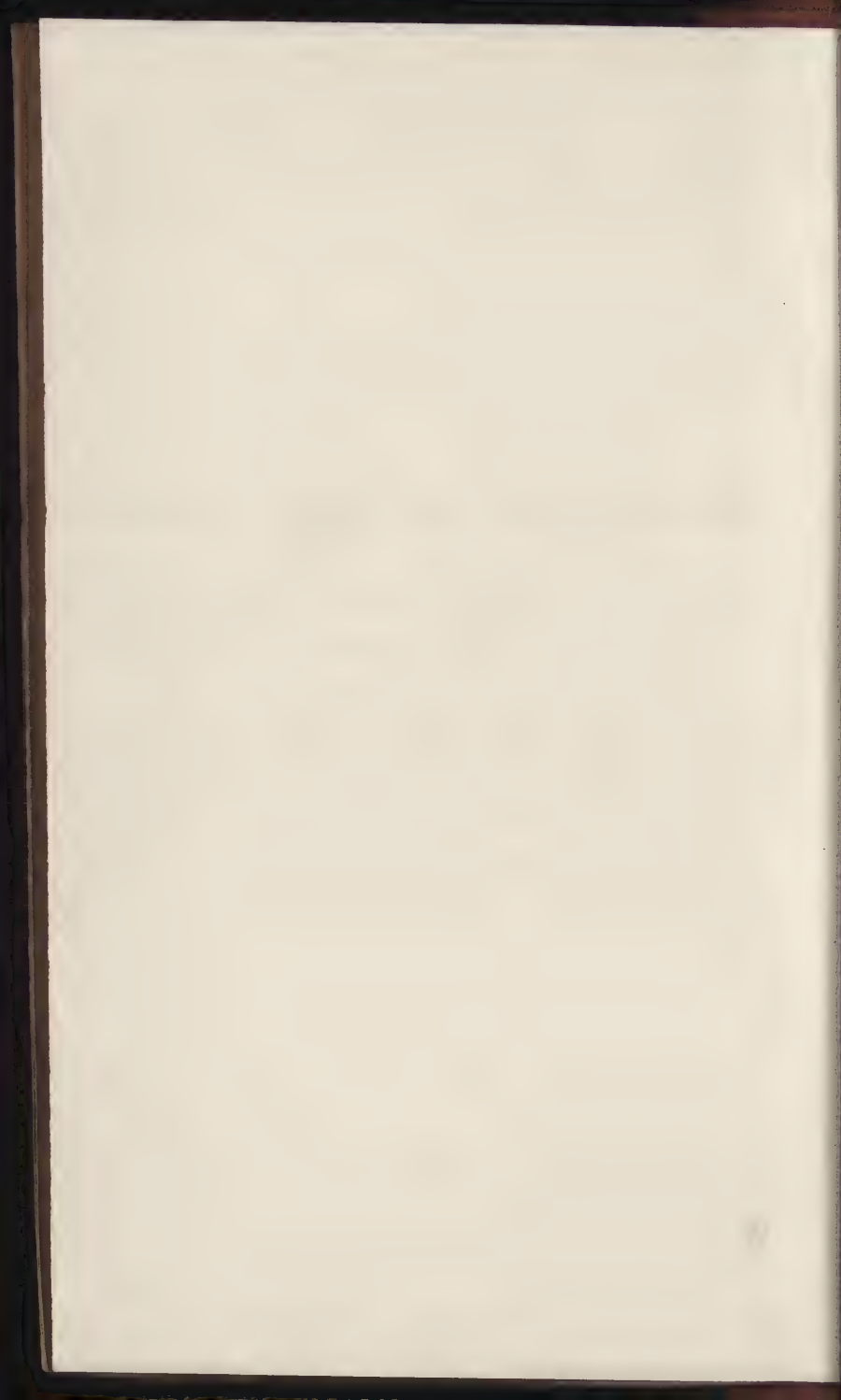
1902

O BAIRRO ALTO

DE

LISBOA

VOLUME I

Duque d'Avila e de Bolama

Á

VENERADA MEMORIA

DE

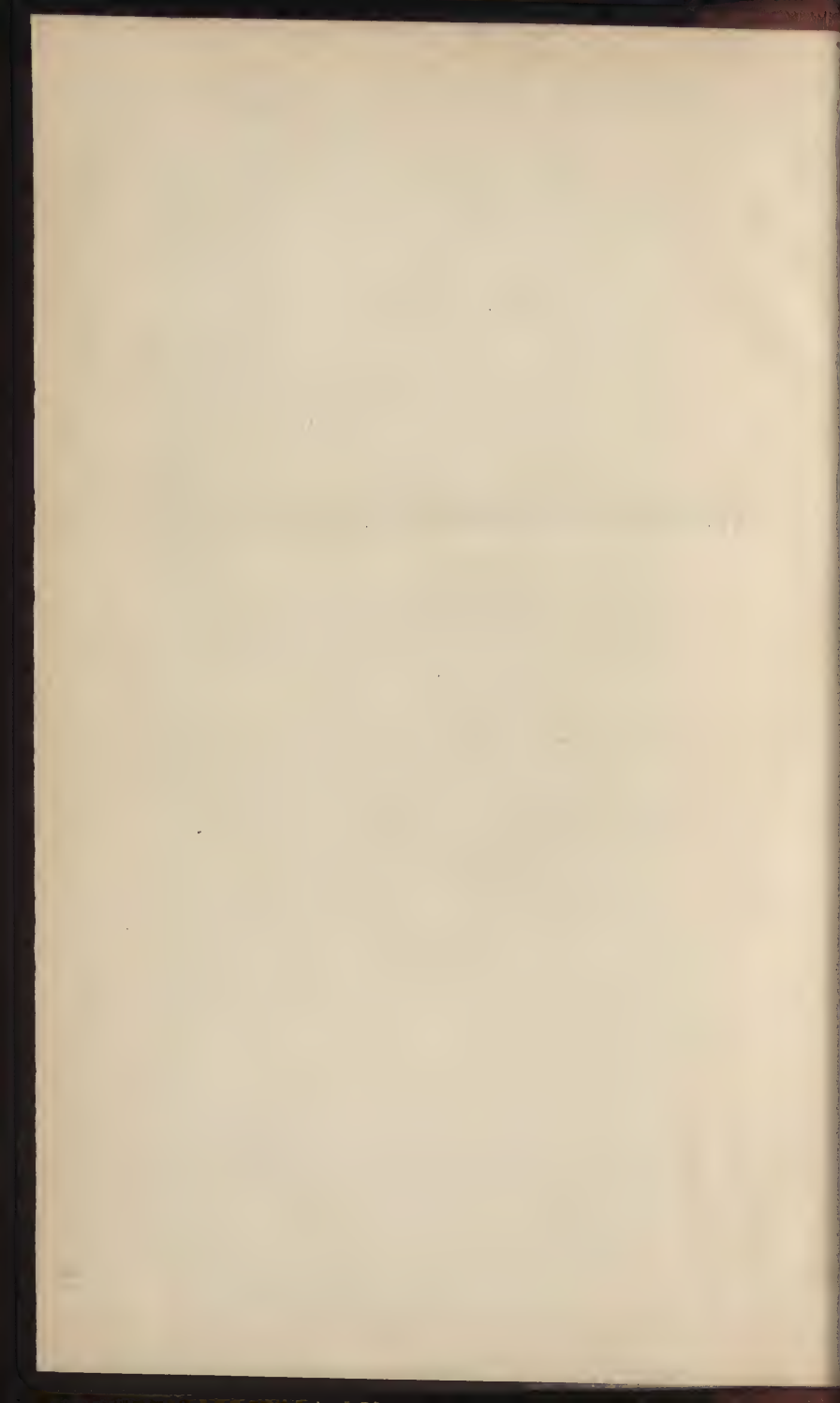
SUA EXCELLENCIA

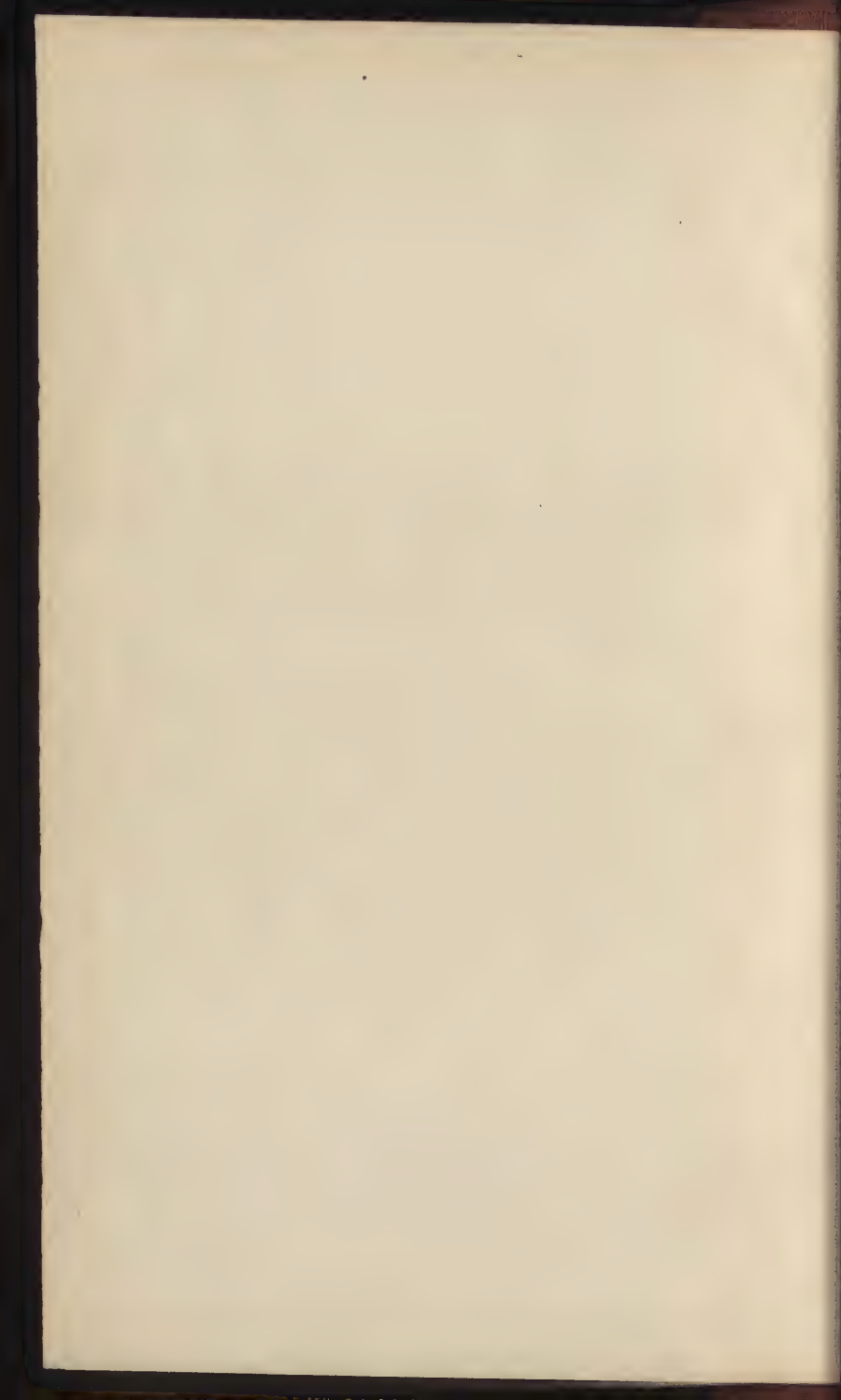
O

DUQUE D'AVILA E DE BOLAMA

A QUEM PORTUGAL DEVE
O EXEMPLO
DO TALENTO AO SERVIÇO DA BONDADE,
O MODELO
DA HONRADEZ INCONCUTIVEL,
E
DO ZELO NO TRABALHO.
POLITICO SERIO, PATRIOTA VERDADEIRO,
ADVERSARIO LEAL,
AMIGO DEDICADO E GRATO.

LUMIAR — MAIO DE 1902.

J. de C.

Se é Portugal a digna corôa da Europa, Lisboa resplandece como digno carbunculo em tal corôa; é a acrópolis do Tejo, a cidade dos marmores, dos templos, dos palacios, dos jardins; a cingida de verdura, de flores, de abundancia; a mãe dos grandes homens, das grandes armadas, e de uma familia grande de cidades espalhadas nas cinco partes do orbe.

Castilho. — *Quadros historicos de Portugal. (Tomada de Lisboa.)*

AO LEITOR

(Prologo da 1.ª edição)

1879

Propuz-me contar o que soubesse da fundação e engrandecimento de um dos bairros mais interessantes de Lisboa; e o fructo dos meus estudos litterarios, genealogicos, e artisticos, constitue o presente volume, primeiro de uma serie de descripções archeologicas da nossa Capital.

Apparecer com umas pobres paginas de velharias, quando conscienciosamente desenterradas, não me parece inutil, hoje que para as investigações historicas se formou uma larga corrente na opinião, hoje que o vulgarisar os mais altos assumptos, e até minucias apparentemente insignificantes, é tarefa de muitos e bons trabalhadores.

A historia de Lisboa está por escrever. Dava uma bella obra, sem duvida, que ainda falta na nossa bibliographia. A não serem escriptos dispersos e incompletos, embora eruditos e valiosos, nada temos

coordenado e deduzido. Compendiarei por tanto a descripção summaria de uma parte ao menos do grande todo.

Onde não chegar a prova documental, entrarão as conjecturas; mas a conjectura tem quanta vez em taes materias fóros de certeza!

Quem não tiver gosto por um tal genero de estudos, não abrirá sequer o livrinho; em troca, abril-o-hão aquelles a quem apraz divagar nos bairros velhos, esquadrinhal-os com olhos de antiquario e de artista, devanear pela Alfama pittoresca e acastellada das nossas chronicas cavalleirosas e monasticas, e d'entre o presente adivinhar o que lá vai, como Virgilio e Ovidio entreviam ainda as cabanas de Evandro e os juncaes dos paúes, entre as opulencias architectonicas das Esquilias e do Fôro romano.

Escrever um livro d'este genero é abrir de par em par uma janella para a banda do passado. Publical-o, é convidar o leitor a vir encostar-se ao peitoril, e explicar-lhe o panorama. Se pois o leitor d'este prologo me acceita o convite, passemos ao capitulo primeiro.

ADVERTENCIA

d'esta 2.ª edição

Vinte e tres annos depois da 1.ª edição, sai a lume esta 2.ª, correcta e muito accrescentada, quando o auctor, já alquebrado pelos annos e trabalhos da vida, a custo encontra animo para pesquizas novas. Possa isto atenuar a culpa de qualquer engano historico, ou apreciação menos exacta.

O auctor nunca alimentou a veleidade de apresentar os seus livros como definitivos; tem-n-os apenas na conta de degraus, que a pouco e pouco vão encaminhando investigações subsequentes. Reformou, á vista de documentos, muitas asserções que pareciam inatacaveis, e tomará por grande favor os reparos dos estudiosos, dos que, mais felizes do que elle, mais sagazes, mais instruidos, se lhe adiantarem alguns passos n'este caminho escabroso da chronica lisbonense.

A vaidade não é o seu forte, e o seu lemma é a verdade.

Muito mais poderia ter accumulado de noticias, se este rebuscar documentos não fosse difficillimo para um homem só, já exhausto de tarefa. Os titulos dos predios dão em geral immenso; mas, ou pouco adiantam quando as propriedades são adquiridas modernamente em hasta publica, ou não são mostrados de boa-mente pelos donos. Chronicas Reaes e monasticas, tornaram-se tão raras, que o possuil-as é custoso, e o manuseal-as nas bibliothecas tarefa de costa acima. Registos baptismaes e obituarios nas parochias, nem sempre os Reverendos Parochos teem tempo de os facultar largamente para buscas, como, por ordem expressa do Monsenhor seu Arcebispo, os facultaram os Parochos Parisienses ao incançavel Jal. Informações vocaes de pessoas edosas, ou veem confusas, ou só valem por documentos quando emanam de sabedores. Tombos genealogicos, nem sempre saem fidedignos, e exigem estudos de contra-prova muito especiaes e fatigantes. Observações oculares directas, correm embaraçosas e longas para quem vê as egrejas fechadas logo depois das primeiras Missas, e tem que luctar com a desidia de tirannetes municipaes ou burocraticos, importunados por quem deseja examinar por si proprio uma capella, um salão, um quadro sumido atraz de alguma papeleira, uma escola albergada em qualquer palacio historico.

Tudo isto entendem-n-o á legua os que lidam n'esta mesma faina, e conhecem por experiencia o que é querer escrever com exacção.

Quem ler esta edição nova, e a comparar com a anterior, perceberá quantas mudanças se operaram

em Lisboa nos ultimos vinte annos. A Capital passa metamorphoses diarias; o presente do indicativo troca-se a cada passo em preterito perfeito. Existe tal edificio; vê-se tal inscripção; ha tal rua ou travessa — escrevia o autor em 1879. Agora tem que dizer: existiu, viu-se, houve.

Lisboa, estacionaria durante muitas dezenas de annos, move-se hoje com desusada pressa; corta-se de avenidas; povôa-se de casas; despe o vestido verde dos seus arredores campestres; sulca-se de vias ferreas; sacrifica um dos seus antigos encantos, as praias; entraja-se á moderna, e communga, emfim, quanto sabe e pode, n'esta geral acceleração da vida, que é a febre da Europa e do mundo.

Todas as transformações apontadas terão sido acaso uteis e sensatas? não me atrevo a dizel-o; porém é innegavel um melhoramento geral na salubridade e na limpeza dos bairros, nas communicações, que os teem aproximado, e no aspecto dos predios, que teem dado a Lisboa uma feição, não direi artistica, mas alegre. O que é tambem certo é que o passado vai sendo sacrificado ao presente, e que um utilitarismo burguez e tacanho absorve e deshonra egoisticamente a Arte. Ulysses transformou-se no Barão Haussman.

Um livro pois como este que o leitor pôz diante dos olhos, não deixa de ter o seu logar, como todo o padrão, por modesto que seja, que assignale civilisações mortas e restaure ruinas. E' preito a nossos maiores; incitamento a nossos filhos e netos; tombo dos nossos haveres de familia. O auctor pendura com mão piedosa no alcáçar das nossas glorias um qua-

dro da velha Lisboa que foi, da Lisboa nossa avoenga, da Lisboa nosso orgulho e nosso brazão. Ha-de haver quem se compraza em contemplar esta longa serie de pinturas, como quem se revê nos retratos de sua mãe.

Das nossas mães só podemos falar com o coração; é pois de todo o coração que o auctor fala da Lisboa antiga.

Tem ainda outra razão para falar d'ella assim: é que esta obra provém das *Memorias de Castilho*.

Logo no principio, desejando estudar o sitio em que se levanta o predio em cujo primeiro andar nasceu a 26 de Janeiro de 1800 o Poeta, começou a percorrer a *Chronica da Companhia* por Balthazar Telles; sahiu-lhe um capitulo, que se accrescentou com tres ou quatro mais. Vendo que esse ponto accessorio ia alastrando demasiado, deu-lhe toda a largueza, e escreveu um volume, que n'esta edição se desdobra em maior somma de paginas.

Dois motivos para a sympathia do autor. O publico illustrado certamente os entende e aprecia.

Lumiar — Novembro de 1901.

CAPITULO I

Não vão longe os fastos nobiliarios do Bairro alto de S. Roque; a pouco mais alcançam de trezentos e sessenta annos.

No primeiro quartel, e na primeira metade, do seculo XVI, toda esta vasta região eram campos, já maninhos, já cultivados (1). Aquelle taboleiro montuoso, que lá desde a lomba dos Moinhos de vento se tombava para sobre as ribeiras desertas do Tejo, sombreavam-n-o oliveiras, bastas para o lado onde hoje é S. Roque; matizavam-n-o matagaes e pastíos silvestres, e repartiam-n-o casaes e herdades ermas, aprasiveis pela postura do chão, e pelo lavado dos ares.

Lisboa não passava n'esses tempos para fóra da cerca torrejada com que a cingira el-Rei D. Fernando de 1373 a 1375. Para a banda do poente fin-

---

(1) Miguel Leitão de Andrada, *Miscellanea*. Dialogo 10.º

dava na torre de Alvaro Paes, cubello extremo do lanço de muralha que se empinava desde o Valle verde, por traz do velho paço dos Estáos, ao longo de uma escarpada vereda; ou mais á moderna: terminava no lado sul do largo de S. Roque, por uma torre historica onde fechava o lanço do muro, que subia desde a Avenida, de traz do theatro de D. Maria II, ao longo da calçada do Duque (1).

(1) Esta ingreme calçada teve varios nomes: o mais antigo que lhe conheço é o de *calçada do Postigo do Condestavel*, tomado da denominação da porta que lhe ficava ao cima, porta assim chamada em honra do fundador do proximo convento do Carmo. Depois chamou-se *calçada do Postigo do Carmo;* depois *calçada do Postigo de S. Roque,* quando áquella porta, ou postigo, deu nome a imagem de S. Roque collocada na sua parte superior. Este nome durou até 1715, pelo menos, porque assim o escreve a *Chorographia* do padre Carvalho fallecido em 1715. Entre esse anno e o de 1745 trocou-se o nome no de *calçada do Duque.* Esse Duque é o do Cadaval, cujo palacio existia dentro de um grande pateo na rua do Principe, ao Rocio, onde veio a construir-se a estação do caminho de ferro. Traz essa denominação Frei José Pereira de Sant'Anna em 1745 na sua *Chronica dos Carmelitas,* t. 1, pag. 380. Depois do terremoto porém, como se vê em mappas ineditos que existem na Torre do Tombo, *calçada do Carmo* se chamava a que subia do Rocio até bifurcar para o Carmo e para S. Roque; *calçada do Duque* desde essa bifurcação até á rua da Condessa; *calçada de S. Roque* até á torre de Alvaro Paes. Depois este ultimo titulo acabou. O edital do Governo Civil de 1 de Setembro de 1859 encorporou sob a denominação de *calçada do Duque* a linha que principiava no Rocio e seguia á direita até S. Roque. Com os desaterros feitos para a estação do caminho de ferro tudo isso mudou.

E houve ainda mais; o nome do *Duque* alastrou, depois

Ao lado da torre, a que parece ter dado nome o venerando Chanceller-mór Alvaro Paes, abria-se uma porta chamada *do Condestavel,* e mais modernamente *de S. Roque.* A muralha formava angulo e tornejava para o sul. Pouco abaixo rompia-se desde 1560 o postigo da Trindade. A muralha seguia sempre para o sul. No sitio onde hoje vemos o largo do Loreto, campeava, com quatro bastiões ameiados a importantissima porta *de Santa Catherina,* olhando ao poente. A muralha, tendo deixado, separada d'ella, e *extra muros,* a então recente egreja do Loreto, continuava a descer pelo lado oriental do que é hoje a rua do Alecrim, e, depois de se abrir no *postigo do Duque de Bragança,* encaminhava-se até ao sitio que fica entre os dois Ferregiaes, o de cima e o de baixo. Por ahi perto eram já as ribeiras fragosas do mar, medonhas e tristes (que me dizeis a isto, habitantes da rua 24 de julho?) a tal ponto, que, ainda el-Rei D. Sebastião, o aventuroso Rei-cavalleiro, ahi andava de noite a divagar, arrostando perigos.

A dita muralha formava outro angulo, e seguia para o oriente.

Não é meu proposito o costeal-a toda. Voltemos

---

que a Camara demoliu o palacio d'elle. Os habitantes da proxima *rua dos Gallegos* requereram a mudança d'essa designação para *rua do Duque!* Porquê? não se percebe; os Gallegos são uns cidadãos como os outros, e mais uteis que muitos Portuguezes. Para que foi expungir o antigo lettreiro? Apesar de absurdo sem rasão plausivel, a Camara approvou-o, o Governador Civil sanccionou-o, e desde Maio de 1867 a *rua dos Gallegos* é a *rua do Duque.* Seja assim.

a S. Roque; e d'esse ponto elevado, se estivessemos nos primeiros vinte ou trinta annos do seculo XVI, mirariamos campo extensissimo, que se nos antolhava para o lado do poente.

*

Pois quasi tudo isso, esse ambito de terrenos, semeados acaso de algum colmado solitario, rasgados de barrocaes, e ora lavradios ora vinhateiros, eram pertença de uma quinta, cujos senhores, talvez oriundos de Galliza, brilham nos melhores nobiliarios de Portugal: os Andrades.

Estes Andrades, ou Andradas, que, segundo diz Miguel Leitão (o da *Miscellanea)*, que o devia saber, ambos esses appellidos são um, tinham-se por nobres authenticos, e gente de haveres.

A casa d'esta sua quinta que bem situada não era então! á beira da estrada que ia para os Moinhos de vento e Campolide; bella vista de campo e mar, e ás abas de Lisboa. A parte rustica da propriedade estendia-se «desde a porta de Santa Catherina até á Esperança, e desde o mar até aos Moinhos de vento», conforme diz Miguel Leitão (1); ou, segundo a marcação mais minuciosa que dá o genealogista Manço de Lima (2), «desde S. Roque até abaixo da porta de Santa Catherina, e d'ali até á egreja das Chagas e Boa Vista (hoje a Esperança), d'onde passava aos Moinhos de vento, e acabava a circumfe-

---

(1) *Miscell.* Dial. 10.º

(2) *Familias de Portugal*, geneal. mss. da Bibliotheca Nac. de Lisboa. — Lettra A, tom. III, pag. 479.

rencia em S. Roque». Concordam inteiramente os dois escriptores.

*

Vivia em Lisboa em tempo d'el-Rei D. João II e d'el-Rei D. Manuel, segundo parece, um homem nobre, da antiga geração de Alteros, arvore que remonta a sua origem (no dizer, muita vez fallivel, dos genealogistas velhos) ás primeiras eras da Monarchia. Chamava-se

1 — *João de Altero de Andrada.* Diogo Gomes de Figueiredo no seu Nobiliario manuscrito (1), ignora a ascendencia de João; e escreve apenas: «Dizem seus descendentes que era filho legitimo de Vasco Martins de Altero, Alcaide mór de Alemquer; porém d'isso não ha prova, nem conjectura que favoreça essa sua affirmação, posto que não duvidamos que por alguma via seja descendente dos mesmos Alteros.»

Que foi pessoa abastada, tudo o comprova; os seus haveres territoriaes estendiam-se n'essa area que demarquei pouco acima; e a morada, que servia de cabeça á dita quinta, erguia-se justamente no sitio onde hoje campeia a grandiosa casa que pertenceu aos Condes de Lumiares, enquadrada entre as actuaes ruas de S. Pedro de Alcantara, dos Calafates, da Agua de flor, e da Boa-hora.

Esse João de Altero casou com sua parenta Helena de Andrada, filha de Ruy Paes de Andrada; da qual Helena teve tres filhos:

---

(1) Hoje em poder de Anselmo Braamcamp Freire.

2 — *Nicolau de Altero de Andrada,* de quem logo falarei,

2 — *Francisco de Andrada de Altero,* que morreu solteiro, e

2 — *Brites de Andrada,* mulher, e com geração, de Sebastião (ou Bastião) da Costa, Escrivão da Camara d'el-Rei D. João III, e em 1540 Védor da fazenda do Infante D. Duarte (1). Brites falleceu a 17 de Fevereiro de 1566, e foi sepultada em S. Domingos de Lisboa, com um filho e uma neta. O seu epitaphio dizia:

AQVI IAZ BREATIZ
DÃDRADE MOLHER
Q FOI DE BASTIAÕ DA
COSTA FALECEO A - 17
DE FEVIREIRO D 1566
IAS AQVI TAÕ BEM - AN
T° DA COSTA DÃDRA
DE-SEV-F°-FALECEO-A
3 - DE DEZ° DE - 1572
E DONA HELENA DAN
DRADE F^A DO DITO
ANT° DA COSTA FAL
ECEO 1 - DE IVLHO
DE 95

(2)

(1) Hist. gen. da C. R. — Prov. — T. II, pag. 613.

(2) Apontamento do consciencioso José Valentim de Frei-

Por morte do velho João de Altero, passou sua viuva Helena a segundas nupcias com seu primo com irmão Bartholomeu de Andrada. Levou-lhe ella em dote metade da casa, pelo menos, do defunto; e a Nicolau e sua irman Brites, filhos do primeiro matrimonio, caberiam, não sei em que proporção, os restantes fragmentos da grande quinta, que ficou desmembrada, sim, mas ainda posse do mesmo sangue.

Quem vinha a ser Bartholomeu de Andrada? um filho-segundo, talvez sem eira nem beira, e de quem esta alliança fez de repente abastado cidadão.

Por sua mãe, Isabel de Andrada, ou Isabel Affonso de Andrada, ou Isabel Freire de Andrada (1) blazonava descender dos celebres Condes de Andrada e Villalba, de Galliza; Miguel Leitão de Andrada orgulha-se com a ideia de provir tambem d'essa estirpe; mas o seguro Anselmo Braamcamp Freire rebate a lenda (2).

Ha quem diga que orphan de pae, se recolhêra Isabel de Andrada a um mosteiro de Franciscanas, onde acertou de a ver o seu parente Gil Thomé Paes, capitão de ginetes, que se achara com o Principe D. João (depois Rei) na batalha de Toro. Ver a recolhida na sua grade, e ennamorar-se d'ella, fôra

---

tas, conservado entre alguns dos manuscritos archeologicos existentes no museu da Real Associação dos Architectos e Archeologos portuguezes, no Carmo.

(1) Assim a designam documentos a pag. 63 v. do volumoso processo do morgado da Torre da Sanha, no cartorio do Hospital de S. José.

(2) *Livro 1.º dos Brazões da sala de Cintra* — pag. 372.

tudo o mesmo. Concluida a paz casaram, por 1479 ou 80. Teve Gil Thomé Paes o fôro de Donzel da Casa d'el-Rei D. Duarte, correspondente ao de Moço-fidalgo, e era filho de Ruy Freire de Andrada, segundo alguns, nascendo na freguezia dos Martyres em Lisboa em 1414, o que, a ser verdade, faz d'elle um noivo bastante outoniço.

Tudo isso deve ser confusão entre um neto e um avô do mesmo nome, o que não sei. Gil Thomé Paes, marido de Isabel, é mais moderno que essas datas; e aqui vai a prova:

N'uma Carta de padrão de juro datada de Lisboa a 23 de Novembro de 1541 (*Chancellaria* d'el-Rei D. João III, Liv. 31, fl. 162) lê-se:

... «Sabendo que Gil Thomé, meu Almoxarife das tercenas e armasens do Reino, tinha algum dinheiro do dote de Isabel de Andrade, sua mulher, para comprar em heranças e bens de raiz, lhe mandei commetter que quizesse antes comprar de mim algum juro, e elle, por me servir, quiz excusar de comprar outra fazenda em que tinha vontade, e se concertar comigo de me comprar para a dita Isabel de Andrade sua mulher 30 mil reaes de tença de juro e herdade para sempre, por preço de 4 contos e 80 mil reaes, que é a rasão de 16 mil reaes o milheiro...» etc.

A Aposilla de 17 de Dezembro de 1562 manda pagar a Isabel de Andrade, mulher de Gil Thomé, os 30 mil reis de tença de juro do 1.º de Janeiro de 1563 em diante no Almoxarifado de Aveiro.

Por uma nota á margem consta que este juro estava vendido a Manuel Gomes de Elvas em No-

vembro de 1612 (*Doações* dos Reis D. Sebastião e D. Henrique, Liv. 12, fl. 102) (1).

O que parece é que um Gil Thomé Paes foi instituidor do morgado da Torre da Sanha, de que era ultimo possuidor o talentoso estadista e homem de sciencia João de Andrade Corvo (2).

Entre os filhos de

1 — *Gil Thomé Paes* e Isabel de Andrada figura

2 — *Nuno de Andrada,* Cavalleiro da Casa d'el-Rei D. João III com 1:250 reaes de moradia (3) e o nosso supra-mencionado

2 — *Bartholomeu de Andrada.* Não é muito conjecturar que este nascesse no fim do seculo XV. Tambem é provavel que desposasse sua prima Helena antes de 1513, porque n'esse anno o vemos dar de fôro aos Religiosos da Trindade um campo «de terras de pão e olival», que certamente lhe adviera por cabeça de sua mulher, e onde existia desde os principios do seculo XVI, como melhor direi logo, uma ermida fundada por el-Rei D. Manuel. Parte d'esses campos, compraram-n-os depois os Jesuitas, para edificarem a sua Casa professa de S. Roque (4). Mas basta, que já vamos antecipando.

---

(1) Communicações de Anselmo Braamcamp Freire.

(2) Vejam-se os substanciaes artigos, que o fallecido José Maria Antonio Nogueira publicou em dois numeros do *Jornal do Commercio* em 1872, extratando o processo relativo ao dito Morgado. N'esse tombo, que tambem estudei por meus olhos em 1882, veem a fl. 51 bons esclarecimentos, e a fl. 131 v. a data do nascimento de Gil Thomé Paes. Manço de Lima dá-o, não sei porquê, como natural do Pedrogam.

(3) *Hist. gen.* — Prov. — T. II, pag. 803.

(4) S. José — *Hist. chron. da Ord. da SS. Trind.* — T. I, pag. 179.

Foi Bartholomeu de Andrada Escudeiro fidalgo, accrescentado a Cavalleiro fidalgo em 1513, com 1:360 reaes de moradia; e n'esse anno lhe foi passada licença para ir na armada com o Duque D. Jayme á tomada de Azamor (1). Era já fallecido em 1521, segundo deixa perceber um mandado de 21 de Junho d'esse anno, determinando se dêem aos seus herdeiros 66:222 reaes do derradeiro terço dos 195:664, que em 1516 lhe tinham sido desembargados para cumprimento das 1:200 corôas de moto do seu casamento (2).

---

(1) Mandado de 20 de Maio de 1514 — Manuel Severim de Faria, mss. intitulado *Torre do Tombo*, copia em poder de Anselmo Braamcamp Freire — T. II, fl. 312 v.

(2) Id. — T. II, fl. 311 v.

Esta phrase *de moto do seu casamento* é frequente na antiga linguagem *forense*, mas difficil de perceber. Interpreto-a da seguinte maneira:

Aos *moradores* da Casa Real, isto é, aos que tinham *moradia*, ou recebiam ordenado assentado nos livros do Mordomo mór, como Damas, Moços-Fidalgos, Escudeiros e Cavalleiros-Fidalgos, etc. dava-se um tanto para auxiliar as despezas do seu casamento; foi o que succedeu de certo a Bartholomeu de Andrade, Cavalleiro-Fidalgo, quando casou com Isabel de Andrade sua prima. A palavra *motus* em latim tem, além de outras accepções, a de *motivo, causa*. Plinio o moço escreveu (Ep. L. III. v.): *Audisti consilii mei motus;* ouviste, ou acabas de ouvir, os motivos do meu procedimento, ou do meu proposito É licito pois admittir-se que a locução *de moto do seu casamento* se pode traduzir assim: *de motivo,* ou *por motivo, do seu casamento.*

Tudo isto é apresentado timidamente, e como hypothese.

CAPITULO II

Antes de proseguir, e mostrar a descendencia de Bartholomeu de Andrada, estudemos a ascendencia de Isabel de Andrada, sua mãe, deixando de parte, no sótam das fabulas vaidosas, a sua filiação nos Condes de Villalba.

Era irman de Ruy Paes de Andrada, filhos ambos de

1 — *Rodrigo Affonso de Andrada,* chefe d'este ramo da familia, e com solar em Montemór o velho.

2 — *Ruy Paes* foi senhor de um vinculo em Ceiça, junto a Ourem, e de uma grande quinta em Cádima, termo de Montemór, onde habitou. Casou com Leonor Vaz de Novaes, filha de Vasco Lourenço, pessoa nobre; tiveram:

3 — *Diogo de Andrada*, que obteve carta de Brasão em 12 de Agosto de 1522 (1), e teve varios filhos;

---

(1) Visconde de Sanches de Baêna — *Archivo heraldico.*

3 — *Gaspar da Fonseca e Andrade,* que é hoje representado pelo snr. D. João de Alarcão, Par do Reino;

3 — *Ruy Paes de Andrade* (2.º do nome); achou-se na tomada de Azamor em 1513, e é ascendente dos actuaes Viscondes de Mayorca (1).

3 — *Helena de Andrade* — supra, mulher de João de Altero; e depois de enviuvar mulher de Bartholomeu de Andrada.

*

Do seu casamento com Helena teve Bartholomeu por unica filha a Isabel de Andrada. Veremos para diante o que succedeu a essa herdeira; voltemos agora ao primogenito do fallecido João de Altero, e enteado de Bartholomeu, o nosso conhecido e já apresentado

2 — *Nicolau de Altero de Andrada.* Não sei que militasse ou seguisse carreira. Continuaria, segundo parece, a viver em Lisboa no predio que lhe coubera por herança. Julgo entrevel-o n'uma lista de *moradores* da Casa d'el-Rei D. João III (2). Vejo-o mencionado como Escudeiro da Casa d'el-Rei D. Manuel (3), e como Cavalleiro da d'el-Rei D. João III (4).

Apparece-me como Cavalleiro fidalgo na folha

---

(1) Quasi tudo que ahi fica é forrageado no artigo *Andrades* do *Liv. 1.º dos Brasões* de Anselmo Braamcamp Freire.

(2) *Hist. Gen.* — Prov. — T. II, pag. 804.

(3) Id. ibid. — pag. 370.

(4) Id. ibid. — pag. 813.

de 1528 com 750 reaes por mez, e um alqueire de cevada por dia (1). Casou com sua prima com irman Martha de Andrada, filho de Pero de Andrada e de Catherina Coelho, que eram de outro ramo da mesma familia, chamado dos Andradas do Pedrogam grande (2).

Teve d'ella seis filhos:

3 — *João,* que morreu menino;

3 — *Luiz de Altero de Andrada,* Capitão de Infanteria no reinado d'el-Rei D. Sebastião. Indo para a India na nau «Santa Clara», perdeu-se na costa do Brazil, sem deixar descendencia. Vem mencionado no Dialogo III da *Miscellanea.*

3 — *Antonio de Andrada de Altero* casado com D. Anna de Almeida, filha de João Gomes de Moura;

3 — *Helena de Andrada,* Freira em Santa Clara de Lisboa;

3 — *Joanna do Espirito Santo,* idem; e finalmente

3 — *Brites de Andrada,* a qual casou em 1.as nupcias com Balthazar de Seixas, de quem teve dois

(1) Severim de Faria — *Torre do Tombo,* mss. de que tem copia Anselmo Braamcamp Freire — T. II, fl. 729.

(2) Segundo o advogado Diogo Giraldes, a fl. 109 v. do citado processo do morgado da Torre da Sanha, era Martha de Andrada filha natural de Francisco Lopes de Andrada. Outro genealogista dá-a por filha de Francisco Mendes de Andrada. Outro, Manuel Alvares Pedrosa. T. I, pag. 143, titulo *Andrades,* chama-lhe Margarida Ribeiro de Vasconcellos, filha de Francisco Pedrosa Rebello. Tudo são confusões para quem não tem os documentos á vista.

filhos, que não deixaram prole, e em 2.^{as} com um seu primo, celebre nas lettras e nas aventuras, a quem tenho de referir-me depois largamente (1).

*

Por tanto, recapitulando, vemos o seguinte:

O farto haver de João de Altero de Andrada partiu-se por morte d'elle: uma porção para a viuva Helena, e outra porção para os filhos. O que á viuva coube passou, pelo novo casamento d'ella, para Bartholomeu de Andrada, e, por isso que era extensão grande de terreno, chamam os genealogistas, e até a *Miscellanea*, a este Bartholomeu senhor das fazendas em que depois se fabricaram as ruas que hoje existem.

Mas exclusivo senhor não era elle, visto que aos seus enteados devêra caber tambem bom quinhão na partilha.

Assentemos pois que pelo meio do seculo XVI eram os principaes proprietarios da quinta de João de Altero (o qual não sei de quem a houve) Nicolau de Altero filho de João, e Bartholomeu de Andrada padrasto de Nicolau.

---

(1) Vejam-se as arvores genealogicas no fim d'este volume.

CAPITULO III

Mais umas palavras sobre Andrades.

Dos Andradas, da Galliza, que pelo andar dos tempos foram condes de Villalba e Andrada, só se prova descenderem (ainda que illegitimamente) os Freires de Andrada, Condes de Bobadella e de Camarido.

Certo é, porém, que o Conde D. Pedro cita no seu *Nobiliario* uns Andrades de Braga, que de certo são anteriores áquelles, e dos quaes, se existiram, podem descender outros, que talvez assim expliquem muitas pretenções.

§ I

Andradas de Camarido e Bobadella

1 — *Nuno Freire de Andrada,* fidalgo gallego, Senhor de Puente de Eume, Ferrol, e Villalba, vivia pelos annos de 1220. Teve filhos:

2 — *Fernão Peres de Andrada,* primogenito, e senhor da casa, fallecido sem geração, e

2 — *Pedro Freire de Andrada,* que na falta da successão de seu irmão continuou a raça.

Nos fins do seculo xv já esta estirpe gosava os titulos de Conde de Villalba e de Andrada; a sua representação acha-se hoje no Duque de Alba (1).

No meio do seculo xiv encontra-se em Portugal

1 — *D. Nuno Freire,* Mestre de Christo, natural da Corunha. Conjectura Braamcamp Freire fosse filho do citado Nuno Freire de Andrada, e irmão dos outros, Fernão e Pedro, ou talvez sobrinho do pae, e primo com irmão dos filhos, visto que Fernão Peres era tio de Ruy Freire, filho do Mestre D. Nuno. Teve o Mestre em Clara Martins os seguintes bastardos:

2 — *Ruy Freire,* primogenito, legitimado por Carta de 12 de Setembro de 1361, Cavalleiro de Santiago, Commendador de Palmella e da Arruda na mesma Ordem, amigo e servidor dedicado do Mestre de Aviz D. João. Falleceu sem descendencia masculina.

2 — *Gomes Freire,* creado e pagem do mesmo Mestre de Aviz, e Senhor de Bobadella. Este senhorio foi confirmado de juro e herdade a D. Isabel Coutinha, mulher de outro

4 — *Gomes Freire,* neto d'aquelle, e que morreu em Tanger.

D'estes procedem os verdadeiros Freires, hoje representados entre nós por S. E. a snr.ª Condessa

(1) Braamcamp Freire — *Livro 1.º dos Brazões* — pag. 360.

de Camarido, D. Maria Isabel Freire de Andrada e Castro (1).

§ II

Andradas da Annunciada

Os Andradas da casa da Annunciada teem por progenitor o opulento Thesoireiro mór

1 — *Fernão Alvares de Andrada,* que se orgulhava de parentesco com os Condes Villalba e Andrada, de Galliza, dizem alguns que por linha illegitima. Dão-n-o varios Nobiliarios por filho de Gonçalo Rodrigues, Almoxarife das sizas do Reino, e neto de Alvaro Peres de Andrada, que talvez proviesse d'aquella estirpe galliciana.

Por uma senhora passou a representação de Fernão Alvares de Andrada aos Meneses (Ericeiras), e d'elles aos Marquezes do Louriçal, representados hoje pelo Conde de Lumiares.

§ III

Andrades, de S. Vicente da Beira, Aldeia de Joannes, e Portalegre

1 — *João Esteves Borralho* filho de ... foi Couteiro mór de Cintra, creado, e Vassallo d'elRei D. Duarte. Casou com ... e tiveram entre outros filhos,

---

(1) *Ibid.*, pag. 364.

2 — *Esteveannes Borralho,* Vassallo d'el-Rei. Casou com Isabel Rodrigues de Andrade, filha de Vicente Rodrigues de Andrade. Tiveram:

3 — *Vicente Rodrigues de Andrade,* Commendador de Santiago. Casou com Mecia Gomes, e tiveram:

4 — *Pero de Andrade,* Alcaide mór de Monsanto,

4 — *Guiomar Lourenço,* mulher de Vasco Homem de Brito (§ IX, n.º 1) e

4 — *Isabel de Andrade,* que casou com Alvaro Mendes de Castello-branco, que se achou na tomada de Azamor com armas, creados, e cavallos á sua custa, filho de outro Alvaro Mendes de Castello-branco. Tiveram alem de outro:

5 — *Ruy de Andrade de Castello-branco.* Este tirou em Portalegre, pelos annos de 1540, um instrumento provando ser da geração dos Andrades de S. Vicente da Beira. Casou com Catherina Ferreira, e tiveram:

6 — *Maria Mendes de Andrade,* mulher de Antonio Peixoto, Fidalgo da Casa Real, filho de Lopo Peixoto e de D. Isabel Ferreira Encerrabodes; neto de Alvaro Peixoto, Fidalgo de linhagem, que vivia em 1512. Teve Antonio Peixoto de sua mulher Maria Mendes de Andrade:

7 — *D. Isabel Ferreira Encerrabodes,* casada côm Francisco de Brito Fialho; tiveram:

8 — *Antonio Peixoto de Brito,* Capitão, marido de D. Maria de Canalles, filha de Gaspar Pires e de D. Isabel Canalles recebidos em 1622; neta de Pedro Dias Canellas e de Caterina Canellas; bisneta de João Dias Canellas, e de Isabel Canellas;

terceira neta de Braz Martins Canellas e de Leonor Mendes. Tiveram:

9 — *D. Maria Canellas de Brito.* Casou com Manuel Mendes Mexia; Tiveram:

10 — *Antonio de Brito Encerrabodes* casado com D. Theresa Juzarte Moniz, de quem nasceu

11 — *D. Luisa Peixoto,* que no meio do seculo XIX era administradora de varios vinculos em Portalegre, que em grande parte ficaram, por seu fallecimento, á Fazenda nacional.

D'esta mesma linhagem descendem as mais illustres familias de Portalegre.

*

Esta linha, oriunda de S. Vicente da Beira, e Aldeia de Joannes, foi para Portalegre, na pessoa dos dois irmãos Ruy de Andrade (n.º 5), e Sebastião de Andrade de Castello-branco. Fizeram justificação de nobreza, em que uma das testemunhas, é filho (ou neto) do grande Nuno da Cunha; ahi se declara serem dos Andrades bons d'estes Reinos. A justificação de um dos membros da familia, agora diante dos meus olhos, prova: que eram pessoas nobres, tidas e havidas como as principaes de Monsanto, villa em cuja governança entravam, exercendo ahi os cargos mais honrosos, etc.

§ IV

Andrades, de Monsanto

Da familia dos Pinheiros da Corunha descendia

1 — *Fernão Pinheiro*, que passou para Portugal, e se estabeleceu na villa de Monsanto. Casou com Brites Alvares de Andrada. Tiveram:

2 — *Pedro Vaz Pinheiro*, Cavalleiro-Fidalgo da Casa d'el-Rei D. João III, e já fallecido em 1555. Casou com ... e tiveram:

3 — *Antonio Pires Pinheiro*, que viveu em Monsanto, e ahi foi Capitão mór. Elegeu-o a Camara da sua villa para ir a Badajoz entregar as chaves a el-Rei D. Filippe I, e foi Procurador ás Côrtes de Thomar, que o juraram Rei. Por Alvará de 2 de Abril de 1582 foi feito Cavalleiro-Fidalgo. Tres vezes justificou a sua nobreza: em 1590 na villa de Monsanto, perante o respectivo Juiz, sendo testemunhas, Manuel de Andrade, o velho, Cavalleiro-Fidalgo, e Christovão de Andrade, Cavalleiro, Escrivão do Ouvidor, e Tabellião; a 2.ª, na villa de S. Martinho: a 3.ª em Monsanto novamente. Casou duas vezes, e teve, entre outros filhos, a

4 — *Antonio Pires Pinheiro*. Casou com Catherina de Andrade, filha de Pero Vaz Cançado e de Brites Alvares de Andrade. Além de dois filhos Frades, e um Clerigo, tiveram:

5 — *Antonio Pires Pinheiro*, que casou em Penamacor com Anna Martins Robalo, filha de Fernão Pinheiro. Tiveram filho:

6 — *Manuel Robalo de Andrade;* casou com Paula de Andrade, filha de Thomé Furtado de Mendonça, Capitão mór e Governador de Monsanto, Cavalleiro da Ordem de Christo, e de Isabel de Andrada. Tiveram filha:

7 — *Isabel de Andrade de Mendonça,* que, desposando em 1717 Silvestre de Andrade de Moraes, Capitão mór de Monsanto, teve d'elle:

8 — *Paula de Andrade de Mendonça,* mulher de Martinho de Mendonça de Pina, Fidalgo da Casa Real.

§ V

Andrades Telles, de Monsanto

1 — *Pero de Andrade Telles,* cuja ascendencia ignoro, era pessoa principal na villa de Monsanto; vivia ainda nos fins do seculo XVI, e era Tenente da Alcaidaria mór de Monsanto. Instituiu morgado n'uma sua quinta do sitio do Landeiro, termo da mesma villa, em 1595. Casou com Jeronyma de Andrade. Tiveram, entre outros filhos casados nobremente:

2 — *Jeronyma Telles,* (ou Jeronyma de Andrade) mulher de Antonio do Olival de Carvalho, Moço da Camara do Cardeal Rei e d'el-Rei D. Filippe, e Escrivão do Judicial e dos Orphãos da villa da Sortelha. Tiveram:

3 — *Pedro de Andrade Telles.*

Segue-se a geração, até Luiz José Monteiro do Olival de Andrade Telles, que em 16 de Agosto

de 1788 obteve mercê de Brasão de Armas dos Telles, Olivaes, e Monteiros, provando ser filho de Antonio José Rebello do Olival Telles, e de D. Jacintha Maria de Pina; neto paterno de Manuel de Moraes Telles do Olival, e de D. Josepha de Araujo Botelho, descendentes legitimos de Antonio do Olival Telles, Moço da Camara d'el-Rei D. Filippe, e de Pero de Andrade Telles, Alcaide mór da villa de Monsanto; neto materno de Manuel Martins Tinoco, e de Isabel Monteiro; e por esta parte descendente de João Gonçalves Monteiro, Capitão de cavallos (1). D'esse Luiz José é descendente a actual snr.ª Viscondessa de Veiros, D. Maria José do Olival Telles de Gouveia e Andrade, viuva do 3.º Visconde, José Leite de Sousa e Mello da Cunha Sotto-mayor, com quem casou a 12 de Fevereiro de 1863; filha de Antonio Hygino de Gouveia, e de D. Maria do Carmo Pinto Telles do Olival e Andrade.

§ VI

Andrades, da Idanha, Marquezes da Graciosa

No mesmo tempo em que existia Pero de Andrade Telles (§ V n.º 1), vivia, e era seu egual em importancia e allianças

1 — *Pero de Andrade do Couto,* casado com Fran-

---

(1) Visconde de Sanches de Baêna — *Archivo heraldico* — T. I, pag. 452.

cisca Saraiva, irman do citado Thomé Furtado de Mendonça (§ IV n.º 6). Entre varios filhos tiveram a

2 — *João de Andrade,* casado em 1603 com Maria de Andrade, filha de Fernão de Andrade Calvo e de Mecia Nunes. Tiveram entre outros:

3 — *Mecia Nunes de Andrade,* casada com Manuel Marques Giraldes. Tiveram:

4 — *Francisco Marques Giraldes,* que casou com Maria Nunes. Tiveram:

5 — *Francisco Marques de Andrade,* Capitão mór de Idanha a nova, casado com Francisca Nunes Moacha. Tiveram:

6 — *D. Brites Maria de Andrade e Couto,* mulher de Francisco Affonso Giraldes, Cavalleiro professo na Ordem de Christo, Desembargador da Casa da Supplicação, Conselheiro da Fazenda, Familiar do Santo Officio, e Fidalgo da Casa Real em 1790. Tiveram:

7 — *Bartholomeu José Nunes Cardoso Giraldes,* Cavalleiro do Habito de Christo, Fidalgo da Casa Real, Desembargador do Paço. Casou com D. Ignez de Vera Barba de Meneses, filha de Gonçalo Barba Corrêa Alardo, senhor do morgado da Romeira, e de D. Anna Joaquina de Carvalho e Meneses. Tiveram:

8 — *Fernando Affonso Giraldes de Andrade Barba,* Moço-Fidalgo, Cavalleiro da Ordem de Christo, Alcaide mór de Monsanto (1802), Desembargador dos Aggravos. Casou com D. Maria Joanna de Mello, filha de José de Mello, senhor da quinta da Graciosa. É pae do 1.º Visconde,

1.º Conde, e 1.º Marquez da Graciosa. Com geração.

§ VII

Andrades Calvos, de Monsanto

Braamcamp Freire, entre os varios ramos que menciona, não ommitte os Andrades de Monsanto, e cita os Brasões de Armas de Fernão de Andrade Calvo e Francisco Dias Calvo, em fins do seculo XVI. Tenho materiaes para accrescentar mais algumas noticias.

Esses Andrades da villa de Monsanto eram das mais antigas e principaes familias da localidade, e da governança da villa (1); alliaram-se com um ramo de Tavoras, que alternava este nome com o de Aragão; com Mendoças, possuidores de um vinculo obrigado ao uso das Armas de Mendoça, de que ha descendencia em Lisboa; com Pinheiros, da Corunha; e com Telles do Olival, da Sortelha, que juntavam ao seu appellido o de Andrade.

Muitos dos citados Andrades, de Monsanto, justificaram judicialmente (ignora-se com que fundamento, visto ter ardido o cartorio da Nobreza) serem dos Andrades bons d'estes Reinos, e obtiveram concessão de Armas do seu nome, ou sós, ou misturadas com outras, como se vê nas suas lapides se-

(1) Pode consultar-se na Sé de Portalegre o processo da ordenação do Padre Fernão de Andrade, filho de João de Andrade do Couto e de Maria de Andrade.

pulcraes; alguns tiveram foros da Casa Real, foram Ecclesiasticos, Familiares do Santo Officio, etc.; gente nobre, rica, de bons procedimentos.

*

1 — *Antonio Calvo,* pessoa principal da villa de Monsanto, e que viveu no primeiro quartel do seculo XVI, casou com Leonor de Andrade, e tiveram, além de outros filhos:

2 — *Francisco Dias Calvo,* a quem se passou Brasão de Armas, por ter justificado judicialmente ser das verdadeiras linhagens dos Calvos e Andrades.

*

2 — *Fernão de Andrade Calvo* (irmão do antecedente) Cavalleiro Fidalgo, teve egualmente carta de Brasão com o mesmo fundamento. Casou com Mecia Nunes, e tiveram entre outros filhos, os seguintes:

3 — *Francisco de Andrade.* Casou com Maria de Oliveira e Mello, s. g.

3 — *Leonor de Andrade.*

3 — *Maria de Andrade,* mulher de João de Andrade, filho de Pero de Andrade do Couto; e

3 — *Vasco de Andrade Calvo.* Casou com Maria do Olival Telles, filha de Antonio do Olival de Carvalho, Moço da Real Camara, e de Jeronyma de Andrade (§ V n.º 2). De Vasco houve numerosa e il-

lustre descendencia, que ignoro se ainda existe. Entre outros foi filha sua:

4 — *Leonor de Andrade.*

*

Na egreja do Salvador, da villa de Monsanto, encontram-se muitas sepulturas com as Armas dos Andrades.

§ VIII

Andrades Caldeiras, de Monsanto

1 — *Pedro Vaz Pestana,* cuja filiação ignoro, homem nobre e de relativa importancia, casou com Catherina Caldeira. Tiveram

2 — *Francisco Caldeira Pestana,* com quem se continua, e

2 — *Rodrigo Caldeira.* Casando com Maria de Sequeira, teve

3 — *Pedro Vaz Caldeira de Sequeira,* Sargento mór da villa da Amieira e reedificador, á sua custa, da egreja parochial da mesma villa. Casou com...; mas, não tendo filhos do matrimonio, obteve d'el-Rei D. João V a legitimação de um filho natural, chamado

4 — *Francisco José Caldeira,* que falleceu em vida do pae.

*

2 — *Francisco Caldeira Pestana,* filho de Pedro Vaz Pestana, supra. Casou com Leonor Caldeira,

filha de Diogo Fernandes Canellas, e de Maria Caldeira (dos Caldeiras da Aldeia da Matta) e irman de Manuel Caldeira, Juiz ordinario em Gáfete, e Familiar do Santo Officio. Tiveram:

3 — *Pedro Vaz Caldeira,* com quem se continua, e

3 — *Manuel Caldeira Canellas,* Capitão de Ordenanças, Familiar do Santo Officio, casado com Theresa Mendes, filha do Capitão Lourenço Pires, ascendente dos Caiollas de Campo maior.

3 — *Pedro Vaz Caldeira* casou com Isabel Pires Orta, de uma familia velha de Ortas ou Hortas, da Alagôa, lavradores abastados, Capitães de Ordenanças, que já ao tempo da acclamação d'el-Rei D. João IV se encontram com esses cargos. Tiveram:

4 — *Antonia Caldeira Pestana.* Casou esta senhora com Manuel de Andrade (dos de Monsanto), administrador do prazo da Cabeça de Clerigo, e filho de Manuel Gonçalves de Andrade, e de sua mulher Leonor de Andrade. Tiveram, além de outra filha, a

5 — *Isabel de Andrade Caldeira Canellas,* mulher do Capitão Manuel Ribeiro, lavrador, administrador de uma capella, filho do Alferes Gregorio Ribeiro, lavrador, o qual Manuel Ribeiro fez justificação, que existe, da pureza do seu sangue. Tiveram:

6 — *D. Antonia Isabel Caldeira de Andrade.* Casou em Portalegre a 29 de Novembro de 1791 (sendo testemunhas o Capitão mór Pedro Celestino de Castello Branco, chefe da familia d'este nome e

da dos Caldeiras de Portalegre, e o Dr. José do Casal Ribeiro) com Dom Francisco Grande e Metello, oriundo de Hespanha, Doutor em Medicina pela Universidade de Salamanca. Dou-lhe o titulo de *Dom*, porque assim se encontra qualificado em despachos do antigo Desembargo do Paço, sentenças de outros tribunaes, e emfim em todos os actos officiaes que se referem a elle ou seus filhos. Este D. Francisco pertencia a uma familia pura, limpa, e considerada, que vivia das suas rendas; foi educado por um Clerigo, irmão de seu avô paterno, tio e padrinho este de D. Pablo Montesino, Deputado ás Côrtes em Hespanha, e tambem Medico. Este D. Pablo fez justificação de nobreza, e casou com uma senhora da familia Duque Estrada, e teve d'ella a D. Cypriano Secundo Montesino, Engenheiro notavel, Senador no visinho Reino, Presidente da Academia Real da Historia, e Duque de Victoria por cabeça de sua mulher, sobrinha herdeira do Duque do mesmo titulo. D. Francisco Grande e Metello e sua mulher tiveram, além de outros filhos e filhas, o seguinte, mais notavel de todos:

7 — *José Maria Grande* (ou Grande e Caldeira, como elle assignou na sua mocidade), Bacharel em Medicina e Philosophia pela Universidade de Paris, do Conselho de S. M., Par do Reino, Governador Civil, Lente de Botanica na Escola Polytechnica, Director do Instituto Agricola, Commendador e Cavalleiro de varias Ordens, Socio da Academia Real das Sciencias. Emigrou durante a usurpação, tomou parte importante no ataque e na defensa da praça

de Marvão, viu confiscados os seus bens pelo Governo intruso, serviu durante a guerra em 1834 á sua custa. Depois de uma vida toda dedicada ao serviço da sua terra, em elevados cargos, que exerceu sempre com a mais indiscutivel honradez, falleceu no Jardim Botanico da Ajuda em 1857. Não tem successão.

*

Existem em poder de um dos descendentes de D. Francisco Grande e Metello, e meu amigo desde a mocidade, todos os termos baptismaes e matrimoniaes, que justificam a sua ascendencia dos Andrades de Monsanto, desde os principios do seculo XVII.

§ IX

Andrades, de S. Vicente da Beira

1 — *Vasco Homem de Brito* viveu em principio do seculo XVI na villa de S. Vicente da Beira, foi Commendador na Ordem de Santiago, em cujo habito professou em 1529, Fidalgo da Casa Real, e possuia na dita villa um prazo chamado «do Mestre Fernão Rodrigues» foreiro á Ordem de Aviz, e no qual foi elle a 1.ª vida. Casou com Guiomar Lourenço, irman de Pero de Andrade (§ III n.º 4), Alcaide mór de Monsanto. Tiveram, entre outros filhos:

2 — *João Homem de Brito,* Fidalgo da Casa Real. Casou com Clara Tavares. Tiveram:

3 — *Francisco de Brito Homem,* que casou com Maria Telles, filha de Pedro de Andrade Telles e de Jeronyma de Andrade. Tiveram: (§ V n.º 1).

4 — *Pedro de Andrade Telles,* Licenciado em Leis. Casou com Beatriz do Couto, e viviam na villa de Monsanto.

D'estes descendia, entre outros, o General de Cavallaria Paulo de Brito da Costa, que pelejou na guerra da Acclamação. Das suas inquirições consta a nobreza da sua familia, e a ascendencia referida.

§ X

Varios Andrades destroncados

Outros ha, até em Lisboa, que assignam Andrade e Andrada; pretendem uns descender do famoso Fernão Alvares de Andrada, outros dizem provir de Miguel Leitão de Andrada. Uns e outros são familias justamente consideradas, e relativamente illustres e nobres; mas como, ainda que muito sollicitados, não apresentaram prova, nem sequer inducção, da sua remota ascendencia, não podem os genealogistas mencional-os nos seus registos.

Tambem me parece difficil, se não impossivel, em quanto não apparecer prova segura (e visto ter ardido o cartorio da Nobreza, onde deviam acharse boas justificações, se acaso foram addusidas) entroncar com segurança os Andrades do Pedrogam, os de Monsanto, os da Horta navia, etc. na antiga linha dos Condes de Andrada e Villalba,

com quanto o autor da *Miscellanea* muito se empenhasse n'isso com a sua indole jactanciosa.

A lenda d'essa derivação, levantada por Miguel Leitão de Andrada, acha-se hoje, repito, reduzida a pó pelo erudito Braamcamp Freire.

Não me passa pela ideia, comtudo, que haja duvida sobre a antiguidade e limpeza de sangue dos ramos que analysei; sendo muito provavel que todos esses partidos esgalhos de uma grande arvore tenham origem commum, que não sei achar, fraco linhagista como sou.

Além de todos os que mencionei, muitos outros ramos de Andrada ou Andrade (que tudo é uma e a mesmissima coisa) existiram, que ou desappareceram, ou jazem sem notoriedade, por falta de bens, ou por outro qualquer motivo, que desconheço.

CAPITULO IV

No sitio onde hoje se ergue a egreja de S. Roque, fundára el-Rei D. Manuel uma ermidinha. Foi para albergar umas reliquias d'aquelle Santo mandadas pela Senhoria de Veneza por occasião de uma epidemia que assolava Lisboa em 1506; desgraça a que allude João de Barros dizendo: «N'este tempo era em Lisboa tão grande a peste, que houveram (sic) muitos dias de cento e vinte pessoas (1).»

Attribuia-se-lhe a origem a um navio que chegára de Italia contagiado, trazendo a bordo o Arcebispo de Braga D. Diogo de Sousa, que tinha ido a Roma receber o pallio das proprias mãos do Summo Pontifice (2).

Lisboa ardia frequentemente em febres infecciosas. O mesmo Barros menciona outra peste em 1490, outra em 1481, etc. (3). Não admira que em tempos

---

(1) *Asia* — Dec. II, Liv. I, cap. I.
(2) *Hist. gen.* — T. XII, P. I, pag. 426.
(3) *Asia* — Dec. I, L. III, cap. IX, e cap. I.

de muita fé se recorresse n'estes lances apertados á misericordia divina, por intermedio de Santos intercessores.

As paragens da ermida de S. Roque eram ermos campestres; e, segundo colligo de uma trova do *Cancioneiro,* chamavam a esse deserto *o rocio da Trindade.* A trova é o testamento do macho ruço de Luiz Freire por D. Diogo de Monsanto. Pede o dito animalejo que depois de morto o levem

com mui grã solemnidade
ao rocio da Trindade,
hu me mando enterrar.

Esses versos devem ser dos fins do seculo XV, isto é do tempo em que a mais proxima casa religiosa ali era o convento da Trindade, que assim dava nome e nobreza a esse rocio, ou escampado, do arrabalde, e em que não se erguêra ainda a grande e vistosa casa professa dos Jesuitas, que veio a communicar o seu titulo a este pincaro lisbonense.

Outro vestigio existe da feição campestre do sitio; são certos versos de Gil Vicente no auto *Nau de amores:*

Antes que fosse Lisboa,
nem houvesse aqui cidade,
iam todos á Trindade
com três cães e uma furôa
caçar á sua vontade.

Extra-muros da parte oriental de Lisboa era conservada pelos Conegos regrantes de S. Vicente uma reliquia de S. Sebastião, advogado da peste. Quiz

el-Rei, que fóra d'este extremo occidental se levantasse casa condigna ao outro advogado da mesma contagião (1).

Foi do maior enthusiasmo na Lisboa manuelina a construcção da nova ermida de S. Roque. Parecia que, depois de erguido este *sacello* piedoso, a Cidade ficaria resguardada da invasão tão frequente das epidemias, e que deviam escudal-a aquellas duas casas como duas atalaias mysticas, duas fortalezas sobrenaturaes. Acordou toda a população; foi uma faina nunca vista. Vinham em romaria as senhoras de Alfama trazer ellas proprias, por suas mãos, em bilhas enramadas de flores, a agua para as obras, buscada no chafariz da Ribeira; e a Nobreza tomou a si a protecção da ermida, inscrevendo no registo da confraria os primeiros nomes historicos de Portugal (2).

Foi isto como acima apontei, em 1506; as obras começaram a 24 de Março, conforme inscripções achadas na fabrica primitiva, depois, ao reedificarem n-a.

---

(1) *Compromisso da Irmandade do Bemaventurado S. Roque em a egreja da Companhia de Jesus, ordenado pelos irmãos d'esta antiga Confraria em Lisboa no anno de 1605.* E' uma copia, que parece exactissima, tirada do original por mão do Conselheiro Bartholomeu dos Martyres Dias e Sousa, que elle facultou ao auctor d'estes estudos. No dito Compromisso achou Balthazar Telles por certo as noticias que inseriu na sua Chronica. Em poder do Conde de Thomar, genro do fallecido Conselheiro, deve existir a copia que vi e estudei em 1879.

(2) *Compromisso* citado, Balthazar Telles — *Chronica.*

*

Muito tempo ali se conservou, solitaria no meio dos seus chilreados olivedos, a ermida de S. Roque; e quando, já em tempo d'el-Rei D. João III, escrevia Damião de Goes a sua descripção latina de Lisboa, ainda a ermida continuava isolada no alto do seu miradoiro natural. Falando do monte opposto á Esperança, pelo qual sobe a estrada hoje chamada calçada *do Combro*, ou *dos Paulistas*, diz Goes que na lomba d'esse monte era a ermida o que se via; *cujus in tergo sacellum Diro Rocho nuncupatum conspicitur* (1).

Um certo Francisco Domingues, e sua mulher Constança Esteves, deixaram ao citado convento da Trindade «uma herdade que tinham junto á ermida de S. Roque»; constava de um campo de oliveiras, que, passados annos, se aforou em chãos para edificar (2).

*

Em 1540 entrou a Companhia de Jesus em Portugal.

A sua primeira residencia fixa foi a que hoje se chama ainda *o Colleginho*, por traz da Moiraria, junto á rua *das Tendas*. D'esta casa, fundada para Freiras da Annunciada pela Rainha D. Leonor, to-

---

(1) Damião de Goes — *Urbis Olisiponis situs et figura.*

(2) *Livro da fazenda que tem este convento da S.S.ma Trindade de Lisboa feito no anno de 1763* — fl. 235 — Torre do Tombo — 452.

maram posse os Jesuitas em 5 de Janeiro de 1542. Era uma egreja velha, desamparada, com poucas alfaias, dormitorio pequeno, mesquinho claustro. Ali só residia um ermitão, por nome Pedreannes.

Com o correr do tempo melhoraram as circumstancias; e, vencidas muitas difficuldades, que o minucioso chronista lá historía no seu precioso livro, chegou a final a Companhia a tomar em 1553 posse da ermida de S. Roque, onde veio a ter o seu solar. Fixaram os Padres n'uns colmados e pobres choças, que em roda se engenharam, os seus humillimos albergues; albergues de quem pensava mais no Ceo do que na terra, albergues de quem engeitava paços (como engeitou a Companhia) para melhor se saborear na contemplação da Natureza.

Era na ermida que se empregava a maior faina da attractiva parenése dos Padres. Enchia-se a nave com a diaria concorrencia de fieis, a que não faltavam a Côrte e os Monarchas. Ás tardes juncavam-se os arredores com o povo de Lisboa; este ia ali com tamanha devoção, que era mistér fazerem-se a um tempo dois sermões: um na capella, outro em pulpito provisorio junto do portal, aos que ficavam de fóra «á sombra das oliveiras»; dil-o o chronista (1).

Ora, como disse, defronte da ermida, e separada d'ella pela estrada que levava aos Moinhos (hoje ruas *de S. Roque* e *de S. Pedro de Alcantara)* erguia-se já então a casa e quinta que herdara Nico-

---

(1) Balthazar Telles. — *Chr. da Comp. de Jesus*, 2.ª parte, 104, 178, etc.

lau de Altero de Andrada. Miguel Leitão e o genealogista Manço de Lima ambos a collocam, um na visinhança dos Padres de S. Roque, e o outro junto ao relogio de S. Roque, do qual tirou nome a travessa *do Relogio,* que era no tempo de Carvalho da Costa a que é hoje *do Guarda Mór* ou, se preferem, *do Gremio Lusitano* (!). Seguindo essas indicações, e podendo examinar titulos de propriedades, e genealogias, cheguei á certeza de que a residencia dos Andradas era onde vemos o palacio que foi da casa de Lumiares, sem tirar nem pôr. A seu tempo averiguaremos isso.

Se não é miragem, das que tão frequentes enganam aos amadores das velharias, julgo reconhecer o albergue do seculo XV, com o seu pateo, a sua torre senhoril, e as suas officinas ruraes, na minuciosa gravura do livro de Jorge Braunio, impressa pelos fins do seculo XVI (1).

Como esta propriedade dos Andrades era muito vasta, foi uma parte d'ella escolhida, em 1523, para cemiterio na epidemia que então flagellou os habitantes de Lisboa. Por carta datada de Almeirim a 11 de Abril do dito anno, ordenou el-Rei D. João III á Camara fizesse dois cemiterios: um, n'uma herdade que ficava por fóra do postigo de S. Vicente, para a banda do Paraizo, e o outro na que estava a S. Roque para a banda do poente: *huũ na herdade q̃ esta fora do postigo de sam viçemte, sobre samta mª do paraiso, e outº na que esta sobre sã Roque,*

---

(1) *Theatrum urbium,* t. V.

nã semdo pera baixo pª samto Amtã, senã na que vay comtra samtos (1).

*

A Companhia foi lançando raizes, ao bafo paternal d'el-Rei D. João III. Planeou elle doar-lhe solar condigno de tal instituto, e de braço Real; engeitou-o por humildade a Companhia; bastou-lhe começar a erigir em 1555, sobre a pequenina ermida, cujo sitio exacto foi conservado por memoria, pois é a actual capella lateral dedicada a S. Roque, um templo vasto, e um hospicio limitado e commodo, sem os primores, porém, que o filho do fundador dos Jeronymos se comprouvera de imaginar. Balthazar Telles lá traz tudo isso muito por miudos.

*

Crescia, alava os seus braços verdes, carregados de flores e fructos, a nova casa professa de S. Roque. Continuavam as prédicas. Se entre os apóstolos da roupeta me é permittido que n'este logar especialise um só, registemos o glorioso nome de um dos mais devotados padres da Companhia, o venerando Ignacio Martins, a quem a fama publica melhor conhece por *mestre Ignacio da cartilha*. Sim, mestre, nascido com todo o condão do ensinamento; mestre que não córava do seu ministerio, e cuja aula

---

(1) Cartorio da C. M. de L. — Liv. 1.º do provimento de saude, fl. 74, documento citado nos *Elementos* do snr. E. F. de Oliv.ª, T. 1, pag. 470.

era aquella primeira capella do corpo da egreja, do lado da Epistola, que lá está, e a que elle trocou por suas obras o orago em Nossa Senhora da Doutrina (1); sim, guia das creanças do bairro, pae dos pobres, soberano cujo sceptro era uma canninha verde, e cuja palavra era musica do ceo.

Isso foi, e muito mais, o mestre Ignacio da cartilha.

Consulte-se Balthazar Telles, que dará aos estudiosos abundantes noticias d'este virtuoso confrade, collega, e amigo (2), e tambem a *Demonstração historica da Parochia dos Martyres* (3). Aqui basta-me dizer que me parece ter este Padre sido de estirpe nobre, ou pelo menos aparentado com gente distincta. Era sua consanguinea D. Catherina de Abreu, mulher de D. Alvaro Pereira (4).

Foi elle o primeiro admittido em Portugal ao Noviciado da Companhia, a 17 de Abril de 1547, e em Ignacio trocou o seu nome da Pia, que era Vasco. Para se ver aonde chegava o seu zelo do bem publico, ainda direi que se oppôz quanto soube á fatal jornada de Africa, entregando pessoalmente ao malaventurado Rei uma *carta de aviso*, em verso, segundo o minucioso Leitão de Andrada (5).

Com tantos predicados de perseverança, lucidez de

---

(1) No correr dos tempos a capella de Nossa Senhora da Doutrina mudou-se para onde hoje está: é a primeira do lado direito junto á porta; mas a primitiva do padre Ignacio é a outra.

(2) *Chron. da Comp. de Jesus* — P. II, pag. 215 e seg.

(3) Pag. 244, n.º 299 e seg.

(4) *Hist. gen. da C. R.* — T. XII, pag. 357.

(5) *Miscell.* Dial. VII.

espirito, e bondade, não admira que a influencia d'elle nos costumes e na moral dos seus concidadãos fosse pasmosa. Escutava-se-lhe a voz suave e edificativa, como se escutaria um cantico. Não se imagina hoje a que ponto de affectuoso fanatismo chegou a veneração ao bom do Padre Mestre, cuja physionomia toda riso, toda caridade e indulgencia, o povo se acostumara a ver passar pelas ruas tumultuosas da Capital, entre um grupo buliçoso de alumnosinhos.

Abramos aqui um parenthesis. Quer o leitor ver até onde subia o respeito que tinham ao Padre?

*

Uma vez (foi por aquelles tempos, não sei quando), alta noite, despertou no seu leito uma piedosa viuva, moça e formosa ainda, a quem era uso ir, no dia da festa de Setembro, a pé e descalça, até á Luz, pagar á Virgem uma promessa annual. Viu que já clareava, ergueu-se, e abalou. Chegando á rua, percebeu que era do luar, e não da alvorada, o clarão que a enganára. Como quer que fosse, e visto que ali estava, pôz-se a caminho.

Chegou ao alto de S. Sebastião da Pedreira, e ouviu meia noite n'um campanario. Atemorisou-a o achar-se tão tarde fóra do seu lar; mas resolveu, nem tornar á poisada, nem aventurar-se a taes deshoras pelo ermos, se não descançar ali n'alguma porta ou n'algum poial, até ser devéras manhan, e seguir então mais pelo seguro.

N'isto, ouve um tropear de cavallo, e vê vir cantarolando um cavalleiro, moço e guapo, tal como

lh'o mostrava a formosa lua do nosso formosissimo Setembro lisboeta. Pelos modos era algum vadio de Côrte que recolhia. Ainda mais se retrahiu envergonhada e temerosa a pobre solitaria.

A noite, de clara que estava, era como dia. O cavalleiro ao avistar ali, perdida, extraviada, aquella mulher mysteriosa, deteve-se. A imaginação accesa inspirou-lhe não sei que ousadias; os fumos da ceia d'onde porventura se erguêra, soltaram-lhe essas despejadas ousadias em tentativa diabolica. A hora, o calado do campo, o aventuroso da expedição, levaram de vencida escrupulos.

Perguntou á penitente o que ali fazia. Respondeu ella, compondo a voz e o aspecto, a sua singela verdade. Offereceu-se logo o dissimulado moço a leval-a de garupa até á Luz; e antes que ella podesse defender-se, tomou-a, traiçoeiramente cortez, na anca do murzello, metteu de esporas com o seu furto singular, e lá se abalou galanteando. A mesquinha da viuva encommendou-se á Virgem em tão apertado lance.

Poucos passos andados pára o cavalleiro. No turbamento que lhe afogueava os sentidos ouvira... isto é, crêra ouvir... como que ali por perto, na mesma estrada, d'entre o massiço escuro de uns freixos, algures, a cantilena arrastada e musical da doutrina do tão popular Mestre Ignacio, a quem elle proprio, o mancebo, como todos, venerava:

Todo o fiel christão
é mui obrigado
a ter devoção
á Santa Cruz!...

Mas quê? Mestre Ignacio áquella hora! n'aquelle descampado! Não podia ser. Riu-se da sua propria illusão, que aliás não era explicavel, e tornou a andar.

Tornou a arripial-o (sem elle atinar porquê) entre o silencio vastissimo da noite, que nem aragens nem ladridos longinquos perturbavam, a toadilha tão sabida em Lisboa, e as vozes das creanças, e entre ellas a do seu guia espiritual:

Pelo signal
da Santa Cruz!
Todo o fiel christão...

Tornou a parar, atonito da novidade.

—«Escusae me um pouco; — diz o allucinado á penitente, depondo-a no chão — aguardae-me aqui, em quanto eu vou destrinçar o que possa isto ser. Mestre Ignacio n'este campo! a esta hora morta! e vem a aproximar-se! Temo me reconheça, e voume primeiro a encontral-o.»

E assombrado arrancou a galope por uma azinhaga, em busca das vozes sôltas com que a phantasia desvairada o embahira. E assim deixava livre e illeza a pobre dona, que poude apressada esconder-se-lhe de vez, e a quem este acaso providencial conseguira salvar.

Um acaso? não. Salvára-a o remorso na consciencia do seu roubador, e salvára a, lá de longe, sem ella o suspeitar sequer, o condão sobrenatural da fama do innocente Padre Mestre Ignacio.

Oh! que ardentes não deveram ser as graças da

penitente á Virgem que lhe fôra tão evidente amparo!

Tempos de fé.

Acabou-se o parenthesis. Voltemos a S. Roque de Lisboa.

CAPITULO V

Com os progressos da Companhia, com a fama das suas virtudes, com a crescente affluencia de gente ás suas festas e sermões, entrou a nobilitar-se aquelle campo deserto; e, já pelo condão attractivo que tiveram sempre as casas religiosas, já pela tendencia de Lisboa a expandir-se para o occidente, foram pensando os poderosos em que de tantos olivaes e pastíos devia brotar o melhor bairro da Cidade. E mais os deveu incitar n'essa idéa o desequilibrio que nas rendas de casas, e nas commodidades dos cidadãos, tinham produzido os terremotos recentes, e o subvertimento de ruas inteiras. Por isso não admira como se deixaram os dinheirosos namorar do convidativo aspecto d'aquella região. Provavelmente Nicolau de Altero, que já era rico, e seu padrasto Bartholomeu de Andrada, que tambem o era, pois desposára uma rica viuva, anteviram lucros pasmosos no arroteamento d'esses chãos lavradios, e entraram a dar de aforamento o seu latifundio. A energia monetaria da fidalga Lisboa oriental

empenhou-se logo, como era claro, na construcção da nova povoa, nascida ali por encanto da palavra dos Jesuitas. Havia n'aquelle instituto sagrado uma innegavel vis civilisadora, que sabia arrastar as turbas para as idéas do bom e do grande.

A povoação, o ennobrecimento, e a civilisação do *Bairro alto* de S. Roque (como depois lhe começaram a chamar) isto é, o mais consideravel augmento que teve a Capital, que no primeiro quartel do seculo XVI não contava para mais de vinte mil casas (1); esse augmento com todas as suas consequencias pecuniarias, sociaes, economicas, e hygienicas, é pois exclusivamente filho legitimo da Companhia de Jesus.

Mas não digamos ainda *bairro*, que n'esse tempo não o era; figurava o sitio como uma villa ás abas de Lisboa; chamava-se *Villa nova;* e para a caracterisar coroaram-n-a no seculo XVI com o appellido dos seus directos senhores: *Villa nova de Andrade.*

Sim, Villa Nova de Andrade; mas o titulo de «Villa Nova», demonstrando a tendencia da Cidade a expandir-se sobre o poente, este titulo dado ao agglomeramento de predios que insensivelmente se iam edificando por fora da porta de Santa Catherina, é muito mais antigo, é anterior aos Jesuitas. Henrique da Motta, Escrivão da Camara d'el-Rei D. João III, fazendo uma relação exacta do povo de Lisboa e seus arrabaldes em 1528, já dá á Villa Nova de Andrade 408 habitantes (2).

---

(1) Damião de Goes — *Urbis Olisiponensis situs et figura.*
(2) J. B. de Castro — *Mappa de Portugal* — T. III, pag. 51.

No cartorio da Camara Municipal existe um documento, em que el-Rei D. João I permitte o aforamento enfatiota dos chãos de Villa Nova, ás portas de Santa Catherina (1).

Estes chãos foram-se aforando e desmembrando em proveito do publico. O *Summario* de Christovam Rodrigues de Oliveira apresenta já feitas em 1551 algumas poucas ruas: a *das Gavias,* a *dos Calafates,* a *da Atalaya,* a *da Salgadeira* (sic), e a *da Rosa.*

O que se vê portanto é o seguinte: Villa Nova, isto é o embrião de uma povoa importantissima, existia em começo desde o seculo XIV; o arroteamento principiou; mas o verdadeiro aproveitamento regular e methodico das herdades circumjacentes, e a sua total transformação em serventias urbanas, deveu-se ao impulso civilisador da Companhia de Jesus.

*

Fosse quem fosse o intendente das construcções, e tivesse, ou não, o Senado de Lisboa ingerencia directa no traçado de *Villa nova,* o que é visivel é que se olhou com certo desvelo para o nascente povoado. Houve plano: e não foi o acaso quem o delineou, o *acaso,* que assim se chamava o architecto moirisco da Lisboa velha. Admira-se uma grelha quasi symetrica de formosas ruas cruzadas em angulos rectos. Ali já ha progresso palpavel, ordem, systema, que é o segredo das obras grandes; já al-

---

(1) Liv. 2.º d'el-Rei D. João I, fl. 1 a 6.

vorece o rigor pombalino da nossa *Baixa* de hoje; já as avenidas são relativamente largas e alinhadas; em summa: sobre aquella amostra de edificação arregimentada, commoda, e clara, paira (ou eu me engano muito) o pensamento claustral, o espirito luminoso e uniforme da Companhia.

Villa nova de Andrade assim bafejada pelos Padres e pela Nobreza tornou-se moda. Em breve retalhou-se, ou por emphytheuses ou por compras, todo aquelle largo trato de terreno; uns escolheram aqui, outros ali; uns queriam a vista do campo, outros a do mar; um preferia contemplar o poente, os oiteiros verdejantes, a barra do Tejo e as campinas da Outra-banda; aquelle ia buscar a saude nos ares lavados dos Moinhos de vento; aquell'outro voltava-se para o nascente, e para os morros acastellados, a mirar os azulejados corucheos da gothica Lisboa de S. Jorge e S. Vicente, ou a espairecer a vista no olivedo densissimo do monte de Sant'Anna (1); outros finalmente espreitavam do alto da ribanceira, para o açafate florido do Valle verde, da Annunciada, e de Andaluz.

«Pois o passeio de S. Roque até descobrir a Boa Vista! — exclama um dos maiores enthusiastas da nossa ridentissima Lisboa, o velho Luiz Mendes — não pode ser coisa mais agradavel, vendo, depois que se sai dos Moinhos de Vento, de uma parte o

---

(1) O monte de Sant'Anna era em fins do seculo XVI (publicação aproximada do vol. V do *Theatrum urbium* de Braunio) tão vestido de olivedo, que diz o mesmo livro: *Collis... densissimo oliveto obsitus, ut non facile introrsus inspici possit.*

Valle da Nunciada cheio de hortas e illustres casas até Andaluzes! e da outra a Boa Vista, e todo o seu mar até fóra da barra! e os do caminho de Bethelem e de Enxobregas, para quem os quiser mais largos! Que cidade tem outros mais alegres e com melhores fins? (1)»

N'aquella cumieira, escampada e livre, houve logar para todo o genero de edificadores.

A quinta dos Andradas era grande, e, segundo se vê, hospedeira. Por devoção, e por elegancia, muitos nomes illustres ali edificaram os seus solares. Quasi que não ha ruas d'aquellas onde não vejamos casas nobres, algumas muito vastas e muito opulentas, se bem que a maior parte em grande decadencia hoje, e algumas transformadas.

Tudo isso foi effectivamente para a Lisboa mystica do seculo XVI agradavel novidade e proficua diversão.

É visivel a satisfação e ufania, com que Balthasar Telles, peninsular enthusiasta, como o seu pittoresco estylo denuncia, exclama:

«É este bairro, se não o mais frequentado, ao menos o mais gabado; as casarias, mui nobres; a obra, de architectura romana e de traça moderna; o sitio, o mais alto da Cidade, o mais descoberto ao norte, o mais lavado dos ventos, o mais purificado nos ares (2).»

Depois d'esta fundação arrojada, a tortuosa Alfama e a escura Moiraria ficaram sendo o passado cavalleiroso; Villa nova constituiu-se fidalga logo ao

---

(1) Do sitio de Lisboa — edição de 1803 — pag. 228.

(2) *Chron. da Comp.* — Part. II, pag. 101.

nascer, mas fidalga de paz, lavradora repoisada e senhoril.

Em S. Vicente e no Castello ficaram morando as chronicas sangrentas das eras mortas; pelas viellas do morro oriental ressoavam os eccos das lendas de arnezes e montantes; Villa nova de Andrade tinha na sua avoenga as tradições bucolicas dos pastíos e arvoredos, e sendo, como era, a morada do presente, sorria como berço auspicioso do futuro.

Alfama era a epopeia; Villa nova a egloga.

*

A crescente faina da colonia foi pois um progresso bem acceito da opinião, e auxiliado dos grandes e opulentos. Em vez das viellas tortuosas de S. Gião e Magdalena, os coches e as liteiras encontraram boas renques de casas alinhadas, que muito pasmaram os moradores da *inclyta Ulyssêa*.

«As oliveiras — diz o Padre Telles — transformaram-se em casas, os cerrados deshabitados se mudaram em edificios grandiosos, cheios de gente nobre e de fidalgos illustres; os vallados toscos se trocaram em formosas ruas; o campo se fez cidade; o monte se converteu em côrte; e o sitio deserto se viu mudado em uma copiosa povoação: de sorte que representa hoje aquelle bairro uma bastante cidade, que, por estar edificada sobre monte, não se póde esconder (1).»

O Padre falava em 1640 e tantos, isto é, muito

(1) *Chron.* — Part. II, pag. 101.

menos de um seculo depois do verdadeiro desabrochar da villa; fôra rapido, como se vê, o crescimento; e tanto, que o nome de *villa* bem cedo se obliterou (prova de augmento); a villa passou a ser bairro da cidade a que tinha ficado adjacente, e o publico denominou-a *o Bairro alto*.

E note-se que, já no tempo de Miguel Leitão de Andrada, o titulo da villa andava como que meio afogado nos varios subtitulos das ruas e paragens do bairro. N'esse tempo, diz aquelle auctor que *principalmente* chamavam *Villa nova de Andrade* ao campo que ia da porta de Santa Catherina até á egreja das Chagas (1).

Depois, a pouco e pouco, tudo por aquelles contornos tomou as suas denominações particulares, os seus fóros cidadãos, e *Villa nova* ficou pertencendo á archeologia. Foi o que tinha succedido a *Villa gallega*, da banda de S. Vicente (2), a *Villa quente*, da banda da Graça (3), a *Villa nova da Gibetaria* na Ribeira, (4), etc. etc.

---

(1) *Miscell.* — Dial. 10.º

(2) Fr. M. da Esperança. — *Chron. dos francisc.* — Tom. II, pag. 317.

(3) Ainda assim chamada no principio do seculo XVIII, segundo encontrei n'uma antiga escriptura.

(4) A proposito: todos os escriptores de antiguidades lisbonenses, enganados por um lapso de Herculano, que não leu bem um documento (apesar de ser paleographo), diziam e repetiam *Villa nova de Gibraltar*. Coube a um estudiosissimo compillador, muito consciencioso e já erudito, o snr. Augusto Vieira da Silva, publicar a verdade no seu livro *A Judiaria velha de Lisboa*, onde se lê a pag. 8:

«Alexandre Herculano escreveu uma vez: *Villa nova de*

Era a continuada invasão, bem graciosamente pintada por Herculano n'um dos primeiros capitulos do *Monge de Cister;* a absorpção dos suburbios pela incontentavel e magnifica Lisboa.

Gibraltar era a «Communa dos Judeus» (O Panorama, vol 2.º, serie 2.ª, 1843, pag. 403), e colloca essa communa á beira do Tejo, onde se construiu o edificio da Misericordia. Esta asserção, devido ao respeito que se tem pelos mestres, tem passado como um dogma para todos os escriptores. Nós, não contestando que Alexandre Herculano tivesse visto em algum documento chamar Villa Nova de Gibraltar á Judiaria grande de Lisboa, só lamentavamos a nossa infelicidade, por os milhares de documentos que tivemos de examinar, e as pessoas a quem consultámos, não nos fornecerem uma só referencia á essa Villa Nova, quando a chave da interpretação nos foi dada pelo habil paleographo o sr. General Brito Rebello. Provém apenas da leitura errada da palavra *Gibitaria,* nome de uma rua da communa hebraica, em algum documento de peor orthographia. As ruas do bairro judeu, depois da saida d'estes, eram tambem algumas vezes chamadas Villas Novas, como por exemplo Villa Nova do Chancudo, Villa Nova da Gibitaria, etc., locuções equivalentes a rua do Chancudo em Villa Nova e rua da Gibitaria em Villa Nova. Devemos pois acceitar que nunca a communa dos judeus em Lisboa teve a denominação de Villa Nova de Gibraltar.»

Illudido n'este ponto (como de certo em muitos outros) disse sempre *Villa nova de Gibraltar* no meu livro *A Ribeira de Lisboa,* e aqui. Posso corrigir-me, felizmente, seguindo a indicação do snr. Vieira da Silva, a qual parece de todo o ponto acceitavel.

CAPITULO VI

Viu-se a quem pertenciam nos seculos XV e XVI os desertos pegados com a cerca de Lisboa. Assistiu-se á fundação da Casa professa de S. Roque; á faina da edificação de *Villa nova de Andrade;* á troca d'esse nome no de *Bairro alto.* Finalmente examinou-se o pouco que eu sabia, e pude averiguar, das origens do sitio, isto é: da metamorphose da vasta campina em arruamento cidadão, graças á influencia magica da Companhia.

Resta-me tratar do nome de algumas das ruas do bairro; narrar a historia de algumas das suas casas religiosas e particulares; as tradições historicas e legendarias, que por aquelles cunhaes e beirados habitam, como aves da noite; e por fim, alguns dos caracteristicos de tão historica região.

*

É engraçado verificar que em muitas das arterias populosas que por ali atravessam, ficou impressa a

feição primitiva dos sitios. Em muitos nomes d'essas ruas se rastreia o que ellas disfarçam; em muitos recantos prosaicos, e de todo cidadãos, do nosso *Bairro alto* se aninha, aqui, ali, com o seu bucolismo tão agradavel, a lembrança da vasta propriedade, hortelôa e vinhateira, do velho João de Altero. Vejamos:

A rua *da Vinha,* e a proxima travessa *das Parreiras* (hoje *da Cruz de Soure),* como que nos estão pintando na mente a vertente occidental toda verde, e sombreada de pampanos de uva escolhida, ufania da adega dos Andradas.

A travessa *da Horta* alastra-se aos olhos com a abundancia fresquissima do seu cognomento.

Á rua *dos Cardaes* não teriam chegado a charrua e os enxadões; por ali jazia o terreno inculto e arido, talvez para pastío do gado da quinta.

A rua *da Palmeira* e a travessa *da Palmeira* (que eram de certo no antigo Casal *da Palmeira)* (1) elevam os olhos do espirito a algum façanhudo estipe, que amostrava de longe a sua grimpa verde. Quem sabe se o trouxera e semeara algum parente pelejador em guerras de Africa, ou Asia, que fôra levar o nome gallego dos Andradas a pagodes mirificos de naires, a senzalas de cafres, ou a aduares de Berberia!

A rua *da Horta secca* e a travesssa *do Sequeiro* (2)

---

(1) Carvalho da Costa — Tom. III, pag. 490.

(2) Se este nome não é acaso corrupção de *travessa do Siqueira,* que existia no tempo de Carvalho da Costa na freguezia de Santa Catherina.

dão pouco refrigerio ao coração, que se confrange quasi ao pensar na sitibunda alface, e nas renques amarelentas dos feijoeiros.

Mas lá está a travessa *do Poço da Cidade* (1), e a *do Poço da Crasta* (2) e o *Poço do Chapuz*, para dessedentar a quanto nabal se alastre n'esses contornos.

Em summa: a rua *do Carvalho*, a rua *do Loureiro*, a rua *dos Jasmins*, a rua *da Era*, a travessa *da Era* (ou *hera*), a travessa *das Chagas velhas*, a travessa *da Laranjeira*, ou *das Laranjeiras*, como d'antes se chamou, a rua *das Parreiras*, a rua *das Flores*, e talvez a praça *das Flores*, são risonhas amostras de um quadro que se perdeu, um grande quadro variegado, painel muito florído, a que talvez se apegassem, aqui, ali, n'algum canteiro, n'algum alegrete, n'algum caramanchão, memorias desconhecidas das lindas mãos de Brites ou de Helena de Andrada; e digo *lindas*, porque Miguel Leitão lá confessa, com ar malicioso, que havia então parentas suas bem formosas (3).

Apraz-me o nome *do Moinho de vento*, sitio d'onde se descortinava então um panorama delicioso, a julgar pela elevação. A vista gravada no *Urbium præcipuarum totius mundi theatrum*, apresenta essa

---

(1) Chamada vulgarmente, no tempo do terremoto, *travessa do Brigadeiro*, segundo vi no tombo mandado fazer por ordem do Marquez de Pombal.

(2) Ainda no tempo de Carvalho de Costa, que a menciona na *Chorographia* — Tom. III, pág. 504.

(3) Dial. 20.º

parte de Lisboa coroada de seus moinhos esguios. E ao passar ali hoje, n'aquella arteria tão concorrida, chrismada, não se sabe por quê, em rua *de D. Pedro V,* transporta-se o scismador ao deserto da grande lomba, e ouve os uivos do vento da serra no velame, e a viola ociosa dos moços do moleiro.

Tudo isto o que prova? prova o dominio absoluto da terra, a prevalencia da natureza sobre o homem, e o imperio que sobre tres longos seculos exerce ainda a sachola da jardinagem, a charrua das lavras, a navalhinha das empas, e o enxadão dos hortelões.

CAPITULO VII

A rua *da Atalaia,* proxima á *da Barroca,* é o ponto culminante do Bairro. Todas as travessas que da rua *larga de S. Roque* a veem demandar sobem não pouco até á Atalaia. Esta circumstancia de elevação é attendivel, se a casarmos com o nome da rua. Tudo leva a crer que, na porfiosa guerra que precedeu e seguiu a eleição do Mestre, uma boa parte do arraial dos Castelhanos por ali estanciasse, e n'aquelle alto houvesse postado, como em crista de muito alcance, os olhos curiosos de alguma atalaia a espreitar a muralha e as duas importantes portas occidentaes, para aviso aos cercadores.

Era ameaçadora a postura da gente da armada castelhana em terra e mar. Como valentes pelejavam os d'el-Rei D. João de Castella; como valentes lhes respondiam os da cidade. Gemia Lisboa obrigada de apertado cerco em volta dos seus setenta e sete bastiões. O grosso do arraial inimigo estendia-se por varias paragens: uma parte junto do mos-

teiro de Santos (hoje parochial de Santos o velho), onde se armára uma casa sobradada para o Rei estrangeiro, e em roda muitas tendas para senhores e nobres; outra parte d'ahi até Alcantara; e outra no vasto escampado ao norte da cidade, o qual, segundo alguns, se ficou chamando desde então *Campo da lide,* e logo por abbreviação *Campo-lide*, por ser, diz Duarte Nunes, *campo em que os da lide estavam alojados* (1).

Campo da lide é este; aqui lidaram,
Elisa, os nossos, quando os nossos eram
lidadores por gloria! aqui prostraram
soberbas castelhanas, e venceram;
que pelo Rei e Patria combatendo
nunca foram vencidos Portuguezes.

Este terreno é santo. Inda estás vendo
ali aquelles restos mal poupados
do tempo esquecedor,
dos homens deslembrados;
nobres reliquias são d'altas muralhas
forradas já de lucidos arnezes,
de tresdobradas malhas.

Eis ahi a nossa epopeia cantada por aquella bocca de oiro.

*

Additando o que escrevi sobre o assumpto no meu livro *A Ribeira de Lisboa,* direi agora que me parece comtudo andar n'esta etymologia o que em tan-

---

(1) *Chron. d'el-Rei D. João I.*—Cap. XXIX.

tas outras se encontra: mais phantasia do que realidade, mais coincidencia fortuita de som, do que verdade philologica.

A palavra *Campolide* é seculos mais antiga do que o cerco dos Castelhanos; é vocabulo godo, muito anterior á Monarchia.

O Cruzado inglez Osberno, que assistiu em 1147 á tomada de Lisboa, e a descreveu, refere-se ao logar onde Verissimo, Maxima, e Julia foram martyrisados, e onde os Godos tinham edificado uma capella, destruida depois pelos Moiros (no sitio onde vemos a Parochial de Santos-o-Velho); e diz no seu latim confuso isto, que vou traduzir:

«No tempo dos Reis christãos, e antes que os Moiros occupassem Lisboa, celebrava-se já a memoria de tres Martyres junto á mesma cidade (1), no sitio hoje (2) chamado *Compolet,* a saber: Verissima (3), e Maximo (4), e Julia virgem, cuja egreja, totalmente varrida pela Moirama, apenas tres lapides ostenta ainda, como prova da sua ruina, lapides que nunca d'ali poderam ser arrancadas. Uns dizem que foram altares, querem outros que sepulturas (5).»

---

(1) Lissibona, ou Aschbouna.

(2) Em 1147.

(3) sic.

(4) sic.

(5) Sub temporibus regum christianorum priúsquam mauri eam optinuissent, trium martyrum memoria juxta urbem in loco qui dicitur *Compolet* celebrabatur, scilicet Verissima et Maximi et Juliæ virginis, quorum ecclesia a mauris solotenus destructa, tres tantum adhuc lapides in signum ruinæ suæ os-

Ora, pergunto eu, aquelle *Compolet* (ou *Compolit*, segundo a pronuncia do Inglez) aquelle *Compolet*, nome do sitio de Santos, então deserto, não será, com toda a verosimilhança o avoengo de *Campolide?*

No latim barbaro chamavam-se *lites* os prisioneiros de guerra não vendidos, mas adstrictos ao serviço da gleba. Não se considerava o *lite* um cidadão livre, e occupava comtudo posição superior á do servo. Concedia-se-lhe terreno para elle agricultar, mediante o pagamento de um tributo. Este nome de *liti, lidi, lœti, leti,* ou *lassi,* descendia de *lassen, lathen,* ou *liten,* que na lingua dos Saxonios, dos Sicambros, e dos Frisios significava *captiveiro*.

Estes *letes,* ou *lites,* eram tribus barbaras estabelecidas em solo romano nos derradeiros tempos do Imperio, com o encargo de cultivarem os terrenos incultos ou assolados pela guerra.

Diz Sylvanecte, certo autor francez que usou d'esse cryptonymo, n'uma nota a pag. 75 do seu curioso livro *La Cour Impériale de Compiegne, Souvenirs contemporains,* o seguinte:

«Muito depois da conquista da Gallia pelos Romanos, ficou pouco povoado o Sylvacum. Para lá chamou o Imperador Maximiliano Hercules uma colonia de Germanos agricultores. O nome de *Létes* dado a esses forasteiros domiciliados no Sylva-

---

tendit, qui nunquam ab inde potuere sustolli. De quibus alii dicunt eos fore altaria, alii bustalia.

Portug. Mon. — Script. — pag. 396 col. 1.ª

cum não é designação de povo; é denominação imposta pela conquista. Appellidaram os Francos *Lites,* ou *Létes,* as familias dos vencidos que por aqui se estabeleceram cultivando o solo. *Lites, Létes,* ou *Lase,* (segundo os dialectos) significa: homem de condição infima (1).»

Aquelle Marco Aurelio Valeriano Maximiano, cognominado Hercules, é do seculo III. Por aqui se vê que o appellativo *Létes,* ou *Lites,* designando gente baixa, camponeza, podia ter sido dado aos habitantes d'estes contornos desde o principio do seculo V (invasão dos Godos); e assim, Campo dos Lites, ou Campo Lite, seria a origem do Compolet de que fala Osberno.

Peço ao leitor não tome argumento da grande distancia que medeia para nós entre *Campolide* e *Santos.* Aquella denominação já outr'ora se estendeu muito mais do que hoje. Hoje, pode dizer-se que ella reina apenas desde as portas da circumvallação até Sete-rios. Pois *Campolide* se chamou todo o arredor para poente e norte. Ao tempo da fundação do mosteiro das Trinas do *Rato,* no topo da actual rua de *S. Bento,* dizia-se o sitio *Campo-*

---

(1) «Longtemps après la conquête de la Gaule par les Romains, le *Sylvacum* demeura peu peuplé. L'Empereur Maximilien Hercule y appella une colonie de Germains agriculteurs. Le nom de *Lètes* donné à ces étrangers venus dans le *Sylvacum* n'est pas un nom de peuple, c'est une dénomination imposée par la conquête. Les Francs désignèrent par le nom de *Lites,* ou *Lètes,* les familles des vaincus, qui demeurèrent liés à la terre. Lites, Lètes, ou Lase, suivant les dialectes, signifie: homme de condition inférieure.»

lide; e a esquina onde no seculo XVI se fundou S. Bento da Saude (hoje o Hospital da Estrellinha) era a quinta de *Campolide,* e pertencia, por signal, a Luiz Henriques, Governador da Ilha de S. Thomé.

Manuel da Conceição, o curioso ampliador de Christovam Rodrigues de Oliveira, diz em 1755 que todo o territorio que das Fabricas das sedas ia até á Ribeira de Alcantara se appellidava antigamente *Campolide;* e que ao tempo em que elle, auctor, escrevia, só assim denominavam o que ficava desde a dita Ribeira até á quinta de S. João dos Bemcasados (hoje do Conde da Anadia) (1).

Foi fugindo o nome para o norte, ao passo que as edificações religiosas e particulares iam demarcando e enchendo aquella extensa região deshabitada.

*

Conta o *debuxador* e *luminador* das nossas chronicas, Fernão Lopes, que era para ver o como os arraiaes do invasor se compartiam em bem ordenadas ruas, que, pela multidão das tendas, e bandeiras de diversas insignias, mettiam de longe grande vista; «tanto — accrescenta elle — que dizem os que o viram, que tão formoso cerco de cidade não era, em memoria de homens, que fosse visto de mui longos annos até áquelle tempo.»

Era o arraial uma cidadinha portatil, erguida pela

(1) *Supplemento* ao *Summario das Noticias de Lisboa* — de Chr. Rodr. de Oliveira, impresso com ellas em 1755. — pag. 133.

ambição guerreira ás abas de Lisboa, que tão formosa e tão triste esteve a pique de succumbir.

Nada lhes faltava, ás filas multicores do vistoso acampamento; tudo ali se achava, como em povoação bem apercebida: todo o mantimento, todas as mercancias do luxo, as especiarias, os panos e sedas, as aguas rosadas, as tendas abastecidas do melhor, e as ruas dos officiaes de misteres, «como em uma grande e bem ordenada cidade (1).»

E assim, perante a penuria e crescente fome dos cercados, fanfarreava o Castelhano cercador.

Não se dormia ali. Como o abarracamento de tantos mil soldados se alastrava por oiteiros e valles, velavam em volta de Lisboa os olhos fitos do invasor; guardavam-n-a quadrilhas ambulantes de muita gente de cavallo; e revesavam-se «em certos logares á vista da cidade» os espreitadores das vigias e atalaias, para que ninguem sahisse as portas sem ser visto (2).

Ora havia porventura posto mais azado ao intento, que o alto da lomba onde veio a ser S. Roque?

Comprova-se com alguns traços dos chronistas a opinião de que por esse campo ficassem as avançadas, quando menos, do arraial invasor. Vejamol-os; leitor, abre o teu Fernão Lopes.

Diz elle que el-Rei de Castella, ao chegar junto de Lisboa, se postou «em um alto monte chamado *Monte Olivete* (cujo nome subsiste hoje apenas n'uma rua da falda do mesmo oiteiro); e que, sabendo ali

---

(1) Duarte Nunes.— *Chron. d'el-Rei D. João I.* — Cap. XXIX.
(2) Fern. Lopes. — *Chron. d'el-Rei D. João I.* — Cap, 114.

tão perto os inimigos, sahiram os nossos «da cidade pela porta de Santa Catherina» para irem escaramuçar com elles (1).

Diz mais o chronista que era junto á porta de Santa Catherina «(acerqua da porta de Santa Catherina)» a parte do arraial por onde os nossos mais costumavam sahir a escaramuçar (2); o que outra vez prova que ahi perto havia inimigo.

Diz mais (3) que os de dentro não deixavam, com serem assim cercados, «de fazerem a barbacan derredor do muro, da parte do arraial (note-se; da parte do arraial) da porta de Santa Catherina até á torre de Alvaro Paes.» Eis-ahi a marcação exactissima.

Mais ainda: ao descrever o assentamento dos arraiaes do Castelhano, escreve estas palavras: «aposentaram suas tendas por Alcantara e Campo lide, e por todo o cômaro derredor» (4). Será ousadia conjecturar que esse *cômaro,* ou *cômoro,* ou *combro* (que tudo é o mesmo) fosse a lomba do Bairro alto? Para confirmar tal inducção lá está ainda a conduzir-nos a ingreme calçada *do Combro,* cujo nome antiquissimo parece tirado do monte a que esta ladeira leva, e conservado até hoje para corroborar o argumento.

Finalmente: Acenheiro, ao mencionar um hospital de sangue na porta de Santa Catherina, diz que

(1) Id., ibid.. cap. 115. — Duarte Nunes. — Cap. XXIX.
(2) *Chron. d'el-Rei D. João I.* — Part. I, cap. 116.
(3) Ibid.
(4) *Chron. d'el-Rei D. João I.* — Part. I, cap. 115.

o proveram «em muita abastança, porque por esta parte sahiam muitas vezes a escaramuçar (1).»

Sempre, segundo é evidente, a mesma idéa.

Assento pois como certo que ali, no sitio mais elevado do campo que é hoje o bairro de S. Roque, e com vista para a Cidade, para o lado de Santos, e para o Tejo, se erguia uma atalaia de Castelhanos; e que d'ahi se trocavam signaes e avisos, de dia por fumos, e de noite por *almenáras* (2), como era de uso, com a armada de sombrios galeões inimigos, que lá em baixo basteciam a beira mar em ordenança, desde as portas da Cruz até Cataquefarás.

Comprazo-me pois em idear que a *queimada* das almenáras deixasse o seu nome sinistro e de mau agoiro ao sitio onde hoje corre em direcção á *Atalaia,* em que desemboca, a inoffensiva travessa *da Queimada* (3).

*

E sem sahirmos d'estas pinturas guerreiras do cerco de Lisboa, reconheçamos que é bem possivel que o nome da rua *das Gavias* tenha ainda correlação com o da *atalaya* e da *queimada*. Pode vir de *gavia* que era, e é, termo nautico, e vinha a ser a guarita do mastil dos galeões, d'onde o gageiro

---

(1) Christovão Rodrigues Acenheiro.—*Coroniquas dos Reis de Portugal, na Coll. dos ined. da Acad.* — Tom. v, pag. 183.

(2) Viterbo. — *Elucid.* — verb. *atalaya.*

(3) Acerca das almenáras tenho no T. IV da *Histoire ancienne* de Rollin a pag. 432 uma sabia descripção do modo como os antigos se communicavam em tempo de guerra por meio de signaes.

atalaiava o mar. Em castelhano *gavia* vale o mesmo; em italiano *gabbia* é não só a gaiola dos passaros (1), mas o carcere dos presos, e a guarita da vedetta dos navios sobre o mastro; e no antigo francez *gabie* tinha sentido semelhante. Pode ser que por ali deixassem os sitiantes alguns miradoiros ou guaritas, d'onde os soldados de vela espiavam, como os da atalaia acima dita, o manobrar dos nossos.

Mas o mais acceitavel é o seguinte: em hespanhol *gavia* tambem é fosso, ou cava; é pois provavel que em frente do acampamento houvesse cavas, ou *gavias*, que ali ficassem fundas e escancaradas depois do cerco, e dessem nome ao sitio, d'onde passasse depois á rua, que é effectivamente a mais proxima da antiga muralha. E não só no castelhano; no portuguez velho encontra-se *gaiva* ou *guaiva* com o mesmo significado, e descendente em linha recta do *cavea* latino (2).

A rua *das Gavias* tem pois, á falta de uma, duas etymologias com que se engrinalde e ensoberbeça.

Como confirmação d'esta segunda, que é a mais clara, citarei que n'uma escaramuça que os inimigos travaram com os nossos, foram estes perseguidos; e ao correrem, accossados da cavallaria contraria, para a porta de Santa Catherina (note-se), se levavam

---

(1) Dos diminutivos *gabbiuola* e *gabbiolina* vem talvez *gaiola* e *gaiolinha*.

(2) No seculo XV chamava-se commummente *guaiva* o fosso dos castellos, como mostra a descripção do castello de Milão, que vem no interessante diario da jornada do conde de Ourem a Basilêa. *A guaiva será de altura tres lanças de armas.* — *Hist. gen. da C. R.* — Provas. — Tom. v, pag. 599.

em grande confusão e destroço, e muitos «cahiam na cava» onde eram mortos (1). Ora que outra cava podia esta ser, senão a *gaiva* ou *gavia* que ainda hoje o nome da rua proxima ao sitio dos muros nos relembra?

E não admira que esses vestigios mais ou menos profundos do assedio de Lisboa se conservassem no terreno além de cento e cincoenta annos; a tradição popular é vivacissima. Lembremo-nos do que succedeu no Porto, por exemplo, onde uma parte do cerco ainda lá está, e estará, escrita nas chanfraduras do solo; e olhemos para a gravura sinistra cavada em roda de Lisboa, em Campo de Ourique, nos altos de Campolide, no alto de S. João, etc., pelos fortins, vallos, e anteparos das linhas liberaes. Essas coisas ficam; muito mais n'um ermo como era o campo de S. Roque. O povo aprecia-as instinctivamente; são illustrações authenticas ao texto das suas narrativas.

Ahi deixo reliquias apreciaveis, para quem sinta bater o coração ao ver palpitarem, nas paginas de um Fernão Lopes ou de um Gomes Eannes, todas as galhardias dos nossos homens de armas.

---

(1) Duarte Nunes.—*Chron. d'el-Rei D. João I.*—Cap. XXVIII.

CAPITULO VIII

Seria não acabar o querer miudear anecdotas sobre o Bairro. Baste-nos uma, sacada do ventre dos autos.

Não vamos mais longe do que a rua *das Salgadeiras* (nome antigo, que já se encontra em escriptores quinhentistas). N'essa rua mesmo presenceou o seculo XVIII, o policiado seculo de Sebastião de Carvalho, de José de Seabra, e de Pina Manique, um caso singular que amotinou Lisboa, que dessocegou o Paço, que sobresaltou muitas casas de nobres, e trouxe em bolandas o Promotor fiscal das ordens militares, o Juiz dos cavalleiros, os Desembargadores, o Corregedor do Bairro alto, e muita outra gente boa. Foi assim:

O 6.º Conde de S. Vicente, Manuel Carlos da Cunha, era muito gentil homem; e apesar dos seus quarenta e quatro annos, e apesar de casado com a Condessa D. Luiza Caetana de Lorena, que era uma Cadaval dos quatro costados, tinha (segundo é fama) a desgraça de amar perdidamente uma actriz,

uma *comica*, á moda de então, a popular Francisquinha, de alcunha *a Esteireira*, por ser filha de um esteireiro. Quem sabe se o não seria do celebre gracioso, ou bobo, do theatro do Porto, por nome Manuel Pereira, «o Esteireiro», mencionado nas *Memorias* de D. Frei João de S. José, Bispo do Grão Pará? (1) E apenas conjectura, sem fundamento.

Tudo leva a crer que ella fosse uma Sophia Arnoud, uma Adriana Lecouvreur, na formosura, nas desenvolturas incendiarias, e talvez no talento, quem sabe? Depois de deliciar a plateia da *rua dos Condes* ou do *Bairro alto*, trazia á sua trela amorosa os mais brilhantes satellites da vida airada dos salões, os franças, os peraltas mais assucarados da Lisboa pombalina. Nada pude averiguar do seu papel artistico; limito-me a este drama cruento, onde ella sem querer se achou emmaranhada, e onde chorou a valer lagrimas bem sinceras.

Morava na rua *das Salgadeiras*, com seus paes, e uma irman; a poisada d'ella era talvez mais vigiada pelos ciumes do Conde, seu visinho, do que o seria pelo Alcaide mór de Lisboa a torre albarran da Alcáçova. A casa dos Condes de S. Vicente era, como se sabe, ao Caes dos Soldados; mas ao tempo morava este titular no Bairro alto, conforme deprehendi das phrases de documentos que compulsei (2).

---

(1) Pag. 164 da edição prefaciada e annotada por Camillo Castello Branco.

(2) Além dos depoimentos das testemunhas do processo d'onde extrahi esta historia, dil-o Frei Apollinario da Concei-

O citado Bispo do Gran-Pará diz no capitulo das suas *Memorias* intitulado *Calharizes,* que então (meio do seculo XVIII) moravam os Condes *junto aos Cardaes* (1).

Ora habitava tambem na mesma rua *das Salgadeiras,* um Mestre de campo dos Auxiliares de Traz-os-Montes, José Leonardo Teixeira Homem, elegante, provinciano cortesão, digno de inspirar zelos, e capacissimo de atear amores. Foi Cavalleiro na Ordem de Christo, e filho do Dr. Martim Teixeira Homem, sujeito importante, Superintendente dos descaminhos dos Tabacos na provincia de Traz-os-Montes, Desembargador no Porto, Cavalleiro professo na Ordem de Christo, e Familiar do Santo Officio desde 1729 (2).

A mulher de Martim, natural de Mirandella, era D. Anna Maria Pinto, sangue limpo e velho.

Ahi estão os tres actores principaes da tragedia: a Chiquinha Esteireira, o Conde, e Leonardo; a dama, o tiranno, e o amante. Entremos á scena I.

Se o galan Teixeira Homem cortejava, ou não, a tentadora Francisquinha, não sei eu; o que se sabe é que na noite de 17 para 18 de Novembro de 1774, cerca da meia noite, ia elle muito socegado recolhendo-se a casa, quando um magote de seis

---

ção na sua *Demonstração historica da parochia dos Martyres* pag. 255, dando os Condes de S. Vicente no meio do seculo XVIII como domiciliarios na mesma freguezia.

(1) Pag. 105.

(2) Torre do Tombo — Habilitações na O. de C. — Lettra J, m. 18, n. 10.

embuçados armados, postados das duas bandas da rua *das Salgadeiras,* o rodeia, o investe, o ennovella, e o mata.

Fez bulha o episodio. A qualidade do morto, o dramatico da aventura, interessaram a Cidade inteira, e chamaram sobre o caso as attenções.

Que fizera Teixeira Homem? que malquerenças podia ter? quem eram os seis arruadores? seriam sicarios, ou inimigos pessoaes?

Não é hoje facil aquilatar o grau de veracidade com que as circumstancias minimas da tragedia se conspiraram contra um homem só, rico e poderoso, accusando-o de instigador do crime. Não é facil ajuizar da validade da hermeneutica empregada pelo instincto publico, para deduzir d'aquellas circumstancias um rumor geral contra o Conde de S. Vicente. Não é possivel investigar os porquês da furia, com que uma entidade abstracta mas muito real, complexa mas muito unida, chamada o senso popular, se ergueu terrivel e solemne, e (sem que uma unica testemunha podesse dizer *eu vi)* estampou o estygma da reprovação n'aquella fronte descuidosa. Acceito o facto com as cautelas devidas, sem querer manchar com suspeitas temerarias a memoria de quem não pode defender-se. Narrarei apenas, á vista dos libellos articulados, e das sentenças absolutorias do reo e seus complices.

Que houve suspeitas fundadas, é innegavel; que se formou em volta do indiciado um silencio sepulcral, tudo o comprova. Cá por fóra a opinião amotinada expandia-se em boatos, em insinuações, em vociferações, em sonetos insultantes, e em pasquins

venenosos, como por exemplo aquelle que appareceu uma madrugada no pelourinho:

Está bello e excellente
P'ra o Conde de S. Vicente;

sonetos e pasquins (dil-o-hei em parenthesis) attribuidos mais modernamente, sem fundamento algum, a Bocage, o qual estava então em Setubal, e era um menino de oito annos!

Urgia dar satisfação á opinião publica. O Corregedor do *Bairro alto* devassou. Foram presos os creados da Casa de S. Vicente, e inquiridos; presa a Francisca *Esteireira*, interrogada e acareada a familia d'ella, o pae, a mãe, a irman, mais a visinhança; e começava-se tambem a querer proceder contra Manuel Carlos da Cunha, apesar de Conde e Grande do Reino, de Vice-almirante e Conselheiro de guerra.

Dias depois do attentado, indo o Cardeal da Cunha, Regedor das Justiças e tio do Conde, a casa do seu collega o omnipotente Marquez de Pombal, na calçada da Ajuda, o Marquez chamou-o de parte, e lhe disse que, não podendo já dissimular-se um caso tão grave, mas ao mesmo tempo não desejando el-Rei ver uma execução na pessoa do Conde de S. Vicente, não havia remedio senão retirar-se este logo logo para fóra do Reino. O Cardeal recolheu-se muito afflicto a casa, e mandou por um irmão insinuar ao Conde que sem demora abalassse.

N'essa mesma noite, indo o Cardeal ao paço, el-Rei D. José perguntou-lhe particularmente:

— O Conde já se retirou ?

— Já, sim, meu senhor — foi a resposta.

E el-Rei só disse, com modo significativo :

— Está bom.

O Conde sumira-se a toda a pressa, caminho de Badajoz, n'essa mesma tarde pelas 3 horas.

Os commentarios incançaveis do povo, eterno romancista, auctor e editor a um tempo, lá foram continuando, como podiam, a colorir o confuso e escuro desenho da aventura de Teixeira Homem. Teixeira Homem ficou legendario ; e em volta da detestada casa do Conde ausente, onde a innocente e espavorida Condessa passava os dias em orações, pairavam hostís os odios anonymos da reparação popular.

*

Repito : eu não estou aqui para carregar as culpas do Conde ; não tenho o ingrato mistér de accusador. Mas não devo deixar passar despercebidas algumas circumstancias um tanto vesgas.

Examinemos :

O libello do Promotor Fiscal das Ordens militares é fulminante. Começa narrando o caso, como já o narrei, e faz valer a circumstancia da accusação geral do mesmo Conde pela voz publica, sem que aliás *uma só* testemunha apparecesse a dizer : «Reconheci-o a elle, ou aos creados d'elle»; não podendo admittir-se que, se a fama publica não julgasse esse Fidalgo capaz de tamanha crueldade, pelos seus antecedentes, que não eram edificantes, o accusasse com insistencia.

Apresenta depois como indicios:

1.° – a fuga do Conde para Badajoz logo que a Policia, em 26 de Novembro, oito dias depois do attentado, lhe cercou o palacio e lhe prendeu os creados; não podendo tambem admittir-se que um nobre de primeira grandeza fugisse, se a sua consciencia lhe segredasse estar illibado da minima culpa;

2.° — a côr dos capotes dos seis assassinos, egual á dos que usavam o Conde e seus creados;

3.° — a paixão ciumenta do Conde contra todos os que requestavam a comica, a ponto de haverem, elle e seus creados, espancado já anteriormente pessoas, que apenas cortejavam ou comprimentavam a Francisquinha; não podendo admittir-se que, se não houvesse qualquer correspondencia entre ella e Leonardo, este passasse por lá com insistencia, e aquella manifestasse em altos alaridos, ouvidos de toda a visinhança, a sua dor ao saber do crime;

4.° — o ter-se demorado em casa da comica, até quasi á meia noite, um creado do Conde, chamado José Affonso, e succeder o homicidio pouco depois da sahida d'elle; e o ter esse homem sido visto passar na manhan seguinte pela porta da habitação do morto, onde se achava grande ajuntamento de curiosos, e não se ter demorado, seguindo o seu caminho;

5.° — o ter outro complice, o José Rodrigues, soldado do regimento do Conde de Aveiras, sido o primeiro que aos seus camaradas, no quartel, deu a noticia, pouco depois das 6 horas da manhan; e ter ido no correr do dia passar pela casa mortuaria, detendo-se ahi irresoluto e pensativo.

O Promotor, por mais que procurou, não achou outros indicios; esses (devemos confessar imparcialmente) são fracos. O advogado do reo, Ferreira da Veiga, combateu-os a um e um.

1.º — O Conde, por estar conscio da sua innocencia, não fugiu logo; demorou-se em Lisboa oito dias; e se fugiu, foi para obedecer, como devia, a *ordem superior*, a que não lhe era dado desobedecer; n'esses oito dias constaram-lhe os boatos que o accusavam, mas desprezou-os; e só quando lhe fizeram o insulto de lhe cercar a casa e de lhe prenderem a creadagem, é que não poude conter-se, projectando, só então, abalar. O ser elle um Fidalgo e um Grande do Reino impunha-lhe, mais que a outros, a obrigação de se acautelar para não ser enxovalhado.

2.º — A identidade da côr dos capotes é irrisorio argumento n'uma grande cidade como Lisboa, onde muitissimas pessoas podem trajar da mesma forma.

3.º — Os ciumes do Conde a respeito da comica não se provam. Admittindo que elle a amasse perdidamente, podia acaso ter ciumes de Leonardo Teixeira Homem, que se provou não ter entrada em casa d'ella, e conhecel-a apenas de vista como toda a gente? Só um louco poderia padecer ciumes em situação analoga e praticar um assassinio. Ora elle reo está em seu perfeito juizo, como demonstra a acção que lhe movem, visto ser ponto assente em direito que os loucos são irresponsaveis. Os gritos e alaridos da comica, ouvidos da visinhança, não são prova do seu amor, são filhos da exaltação dos nervos femininos, e da compaixão natural

em qualquer coração ao saber de uma tão lamentavel scena.

4.º — O ter-se achado José Affonso até quasi á meia noite em casa da Francisca prova a sua innocencia, visto não constar estivesse armado, não saber a hora certa a que José Leonardo recolheria, e ser superior á natureza humana ostentar serenidade á beira proxima de um crime de tal ordem.

5.º — José Rodrigues deu a noticia no seu quartel ás 6 horas da manhan, quando já toda a Cidade a conhecia.

*

O que é singular, a meu juizo, é que se pozesse, por assim dizer, pedra em cima do assumpto, continuando sempre ausente o Conde, fora do Reino, e só quatro annos depois do assassinio, quando as saudades d'elle apertassem, quando fervessem os empenhos, quando a commiseração lançasse sobre os arruaceiros o veo do esquecimento, e quando o Marquez de Pombal cahira por terra, se recomeçasse um tal qual julgamento de informação.

Com effeito, quatro annos depois, apparece uma versão nova: o matador foi um cadete chamado Toscano de Vasconcellos.

Mas viu-o alguem commetter o assassinio?

Ninguem.

*

Para provar que foi elle, inquiriram-se testemunhas em 3, 4, 23, e 25 de Fevereiro, e 11 de Março de 1778, nas casas de morada do Desembargador,

Juiz dos Cavalleiros, José Freire Falcão de Mendonça. Algumas são importantes; eil-as:

1.ª — O Dr. Luiz da Silva de Almeida, Advogado e Ouvidor da Moeda, morador na Praça do Commercio; 43 annos;

2.ª — Gaspar Pinheiro da Camara Manuel, Cavalleiro na Ordem de Christo, Fidalgo da Casa Real, Coronel do mar, morador a Arroyos; 60 annos;

3.ª — O Dr. Joaquim Pereira de Carvalho da Costa e Silva, Advogado da Casa da Supplicação, morador na rua da Barroca; 58 annos;

4.ª — Caetano José Mourão, Alferes de Infanteria da Plana da Côrte, morador á Moiraria; 54 annos;

5.ª — Nicolau Teixeira de Aguiar, Cavalleiro na Ordem de Christo, Recebedor da Alfandega dos Portos seccos, morador na rua Bella da Princeza; 51 annos;

6.ª — Antonio Joaquim Pereira de Quadros, Alferes de Cavallaria do Regimento de Alcantara, morador a S. João dos Bem-casados; 33 annos;

7.ª — Lazaro José Mongiardino, Cadete do Regimento de Cavallaria do Caes dos soldados, morador na rua do Carvalho; 36 annos;

8.ª — Ignacio José Cabral, Fidalgo da Casa Real, Alferes do Regimento de Cavallaria de Alcantara, morador na calçada das Necessidades; 32 annos;

9.ª — Joaquim da Silveira e Andrade, Fidalgo da Casa Real, Cavalleiro na Ordem de Christo, 1.º Tenente do Regimento de Cavallaria de Alcantara, morador na mesma Praça d'Armas; 60 annos;

10.ª — Francisco Maria de Andrade Corvo de Ca-

mões e Neto, Fidalgo da Casa Real, morador ao Menino Deus; 32 annos;

11.ª — Rodrigo Mascarenhas da Gama Lobo, Moço-Fidalgo da Casa Real, Cavalleiro na Ordem de Christo, Sargento mór da Cavallaria de Alcantara; 35 annos;

12.ª — Francisco de Assis da Cunha, Brigadeiro dos Reaes Exercitos, morador á Junqueira; 40 annos; tio do Conde de S. Vicente;

13.ª — Pedro Alvares de Andrade, Cavalleiro na Ordem de Christo, Capitão de Infanteria do regimento do Conde de Lippe, morador á Ribeira-nova; 41 annos.

Como se vê, era tudo gente de posição; o que presidiu á escolha d'estes nomes para a prova testemunhal, não sei eu.

*

Deus me livre de insultar esses mortos, duvidando, um momento sequer, da sinceridade dos seus depoimentos, jurados solemnemente aos Santos Evangelhos.

Pergunto apenas: onde está Toscano? se é vivo, por que não o desencantam? se é morto, quem são os seus accusadores, que só acordam quatro annos depois do crime?

Quem o accusa? a resposta é inesperada; accusa-se elle proprio.

Isso é que mais que tudo me admira. Sim, assombra-me ver que, segundo as testemunhas 1.ª, 3.ª, 6.ª, 8.ª, 9.ª, 11.ª, e 13.ª, isto é, segundo mais de metade das treze inquiridas, o proprio Filippe Toscano

de Vasconcellos é que andou, na noite do crime, contra toda a verosemelhança, a divulgar, em diversas occasiões, em diversos sitios, como se estivesse n'um confessionario, a sua culpa atroz! E' caso estupendo presencear um criminoso a delatar-se quasi por gosto, e sem apparente necessidade, a metter n'uma confidencia terrivel pessoas inteiramente extranhas ao caso, como que desejando que essas pessoas, annos depois, o fossem comprometter.

As outras testemunhas referem que entre Teixeira Homem e o Conde havia boas relações, e que se encontravam em casa do Consul de Inglaterra; e alludem vagamente a uns amores, que não citam (por escrupulo), e que muito bem poderiam, segundo ellas, ter dado azo a inimizade entre Leonardo e Toscano. Quanto ao Conde, falam nas suas virtudes civicas e no seu merecimento. A testemunha 12.ª, seu tio Francisco da Cunha, irmão do Cardeal, conta por miudos a ordem d'el-Rei D. José para a fuga do Conde. A 2.ª testemunha declara que dois tios carnaes do Toscano lhe affirmaram (sem vir nada a proposito) ter sido elle, quatro annos antes, o matador.

Mas ha mais:

A 2.ª testemunha declara que Toscano, com um anspessada do regimento de Peniche, em que era Cadete, ajustára o triste feito, e depois com o mesmo soldado se ausentára de Lisboa; que do anspessada não houvera mais noticia; mas que Toscano tornára a Lisboa, se apresentára, fôra prezo no Limoeiro, julgado em Conselho de guerra pela sua fuga, deserção, falta de comparencia, ou como lhe queiram

chamar, e fôra absolvido («d'onde sahira por um Conselho de guerra feito *pela ausencia*», palavras textuaes); que depois, sem novo motivo (note-se), tornára a ausentar-se, achando-se então (1778) em Hespanha.

Repare-se bem: por um motivo, que tanto póde ser o do assassinio de Leonardo, como uma indole aventurosa e indisciplinada, como outro, que uma testemunha insinua, o atropellamento de uma creança pelo cavallo em que montava Toscano, este ausentou-se. A sua ausencia, abalada, ou deserção, era crime punivel no fôro militar; foi julgado em Conselho de guerra, e absolvido; *d'onde sahira,* diz a testemunha. Nada portanto nos prova, á perfeita evidencia, que Toscano fosse o matador; e esta testemunha, que nada viu, esta testemunha, visita de casa do Conde, e por amisade interessada em o salvar, conta apenas as declarações dos tios de Toscano feitas em voz alta, contra este.

Mas nada viu, repito, nada sabe. O que sabem as demais são, ou declarações do Toscano, que não fazem grande fé em juizo sem outras provas, ou boatos vagos.

Extranha gente os taes Toscanos! um, andou a peregrinar por varios sitios de Lisboa, o Terreiro do Paço, a rua da Barroca, S. João dos Bem-casados, a Praça de Armas de Alcantara, a Ajuda, e a Ribeira-nova, na noite do attentado, acordando quem dormia, importunando quem pensava n'outras coisas, para se comprazer em contar o seu crime miseravel e a sua desgraça! os tios andavam em altas vozes a narrar as proezas do sobrinho!

Extranha gente, repito, se tudo se deu tal qual, e se a quatro annos de distancia não se obliteraram um tanto as retentivas. A 3.ª testemunha diz que Toscano lhe entrou em casa com uma espada tinta de sangue; a 6.ª testemunha diz que lhe appareceu com uma pistola. Tudo confusões, meu Deus!

*

Fosse como fosse, e como era preciso um *bode expiatorio,* e parecia ter-se encontrado n'esse ausente em parte incerta (talvez debaixo da terra), o Juiso dos Cavalleiros absolveu o poderoso Conde em 30 de Março de 1778. Por dever de officio, o Desembargador Provedor geral das tres Ordens appellou para a Meza da Consciencia; e este Tribunal, por seis ministros Deputados, confirmou a absolvição em sua sentença de 11 de Abril, pagando o Conde as custas *ex-causa.*

E assim ficaram illibados o Conde e seus co-reos, e culpado á revelia o ausente, ou fallecido, Filippe Toscano de Vasconcellos, que teve de carregar com todo o odioso da cobarde façanha.

*

Em quanto assim se dava baixa de culpa tão grave a um Fidalgo da mais elevada nobreza, protegido de toda a Lisboa influente, a começar pela Casa Real; em quanto na mesma sentença os items erguiam ás nuvens as suas virtudes civicas, e até se reprovava, em nome da Rainha nossa senhora,

a energica iniciativa do Secretario de Estado Marquez de Pombal, já a esse tempo exilado e annullado, a verdade verdadeira só Deus a ficava sabendo.

O matador não foi o Conde de S. Vicente; de accordo; seja assim; acceitemos o facto. Mas por que ha-de ter sido o Toscano? porque elle parece tel-o confessado? a confissão do reo só por si não constitue prova juridica.

Então que mais provas ha? testemunhas de vista? nenhumas. Indicios tirados da sua fuga para Hespanha? nenhuns. Se os Desembargadores se exforçam em pulverisar a culpa do Conde em ter fugido, como hão-de considerar prova a fuga de Toscano? Se ha quem a attribua ao atropellamento de uma creança, e ao não apparecimento do Cadete n'uma Missa militar, como havemos de procurar outra causa? Se um Conselho de guerra o illibou da sua supposta deserção, para que ha-de teimar-se em o ver incurso n'um assassinio? Foi elle acaso ouvido, em pessoa ou por deprecada? não.

Se os maus precedentes do seu comportamento irregular transparecem no dizer de certas testemunhas, como e porquê se não faz obra pelos não menos bons precedentes do Conde?

Nenhuma testemunha apparece a dizer ter visto o Conde e os seus creados no tropel da travessa das Salgadeiras; de accordo. Mas nenhuma outra apparece tambem a declarar ter visto o Toscano, cujo nome não figurava no começo do processo, e só é inventado quatro annos depois do crime.

Em summa: apesar de tudo, o caso fica para mim tenebroso. Quem pode calcular o que scismaria comsigo, acerca da pouca firmeza das coisas humanas, o assassinado Teixeira Homem, quando no outro mundo avistasse o seu patricio Toscano! Ha-de haver nos colloquios de além-tumulo apostrophes de terrivel eloquencia, se a podessemos nós outros penetrar.

Não foi o Conde? muito bem. Está provado que não foi? seja assim. Mas pergunto: estará provado o crime de Toscano.

Responda quem souber.

*

Fosse como fosse, o Conde, vencedor nos tribunaes, publicou o resultado de tudo sob este titulo:

Sentença de absolvição que obteve o Ill.mo e ex.mo Conde de S. Vicente, Manuel Carlos da Cunha Silveira no Juizo dos Cavalleiros, confirmada no Tribunal da Meza da Consciencia e Ordens proferida sobre o crime de morte feita a José Leonardo Teixeira Homem, Mestre de campo dos Auxiliares do Terço de Chaves. — Lisboa — 1778. — (1)

*

Uma alta personagem, com quem o autor d'este

---

(1) Emprestou-me este documento o meu talentoso amigo Fernando Teixeira Homem de Brederode, sobrinho terceiro neto de José Leonardo.

livro manteve sempre relações cordeaes, disse-lhe, em 1880, que lhe fazia pena que na 1.ª edição d'este livro se falasse no caso, offendendo, por assim dizer, a memoria do Conde.

Não percebi a extranheza, e respondi:

— Eu nada inventei; vi e examinei o processo. O processo corre em lettra redonda; é do dominio publico. Se o historiador não tem os seus foros, acabaram-se os livros historicos. Eu servi-me do proprio documento que o Conde imprimiu; fiz-lhe apenas uma revisão. Se o Conde ficou illibado (este é que é o meu ponto) illibemos Toscano de qualquer suspeita; e fique de pé a pergunta:

Quem foi o matador?

CAPITULO IX

Saltando para a rua *da Rosa,* direi que ainda ignoro o appellido da celebre demandista, cujas mandas, ou demandas, de partilhas interminaveis tanta bulha fizeram na Lisboa do seculo XVI, que poseram o titulo popular da litigante a uma rua. Depovia saber isso tudo muito bem Miguel Leitão, porque essa rua era propriedade d'elle; mas calou-se; chama-lhe só *da Rosa* em 1629. Carvalho da Costa em 1712 chama-lhe n'uma parte *da Rosa do Carvalho,* e n'outra *da Rosa das partilhas.*

*

Quanto á rua *Formosa* é nome antigo. Essa pertencia tambem a Miguel Leitão de Andrada. N'uma escritura que fez em 1622 já tem a denominação que hoje conserva. Mais a diante tornarei a falar d'ella.

*

A'cerca da rua *dos Calafates,* não posso dizer se era arruamento dos mestres d'esse officio; o que me

consta é que no tempo de Frei Nicolau de Oliveira eram elles na Ribeira das naus nada menos de seiscentos, prova evidente do nosso trafego naval.

*

A travessa *do Poço* tira o nome de um poço publico, existente hoje n'uma casa particular da esquina d'essa travessa para a rua *da Atalaya.*

*

Á rua *do Norte* não pude aventar etymologia, por mais que barafustasse. Ha uma *calle del Norte* em Madrid; d'ella diz D. Antonio Capmani e Montpalau, no seu livro *Origen historico y etimologico de las calles de Madrid,* que deriva o nome da sua posição á parte do norte. Acho tão vaga a conjectura, applicavel a tantas outras, que não me atrevo a acceital-a para cá.

*

A travessa *do Guarda-mór* é a antiga travessa *do Relogio,* por ficar mesmo em frente da torre do relogio de S. Roque. E é curiosissimo observar que esta denominação, mais velha do que a outra, subsistia ainda para algumas pessoas em 1810, como se pode ver de um aviso de leilão na *Gazeta de Lisboa* n.º 313 de 31 de Dezembro de 1810; ahi se convoca o publico para a rua *do Relogio de S. Roque* n.º 4.

A denominação de *Guarda-mór* parece-me provir

de um Guarda-mór da Relação, a quem foi aforado em dias d'el-Rei D. Affonso VI um chão n'aquelle sitio (1)

*

A travessa *dos Fieis de Deus,* essa é toda mystica. Tira talvez origem de um antigo uso, que o *Elucidario* de Viterbo nos denuncia: montes de pedras sôltas arrojadas a uma e uma pelos passageiros nas encruzilhadas, ao-pé de alguma Cruz que ahi houvesse, e em honra d'ella; resto de habitos pagãos transformados pelo Christianismo. Parecia aquillo um modo de provar que os *fieis* não esqueciam o seu Deus, pois erguiam, a pouco e pouco, junto ao symbolo da Redempção, aquelles rudes calvarios, commemorativos do alcantilado theatro da Paixão de Christo. Era um genero de emphyteuses moraes (se é licito o exemplo). Cada pedra nada valia por si, mas só como signal de reverencia ao directo Senhor dos mundos. Fôro, sem laudemio.

A taes acervos de cascalho chamava o povo *fieis de Deus,* pela *fidelidade* dos obscuros e incognitos auctores. E é para notar que a ermida de Nossa Senhora da Ajuda dos Fieis de Deus, que se acha ainda hoje no seu logar primitivo, foi edificada n'uma encruzilhada de dois caminhos; a actual Travessa *dos Fieis de Deus,* e a actual rua *dos Caetanos.*

Herculano, cuja voz tem nos assumptos historicos auctoridade indisputada, diverge um tanto da

---

(1) Cartorio da Camara — Liv. 6.º do Principe D. Pedro, fl. 130.

opinião de Viterbo. Segundo o insigne mestre (1), estes *fieis de Deus* revelavam cova de justiçado. Como nos primeiros tempos da Monarchia o justiçado só lograva a chamada *sepultura de asno,* isto é, no campo, longe de habitações, e quasi sempre á beira de caminho, encarregava-se tacitamente o commiserativo coração do nosso povo de compensar ao desgraçado a sua deshonra posthuma, lançando-lhe cada transeunte sobre a cova uma pedra, e um suffragio christão. Estes cumulos, erguidos lentamente pela mão da piedade, como desaggravo ao morto, que era reputado depois da expiação lavado de toda a culpa e *fiel de Deus,* deram nome aos logares, e perpetuaram assim a um tempo o crime e o perdão.

Nem Viterbo nem Herculano apontam os funda-

---

(1) «Fieis de Deus. — Acham-se em varias partes de Portugal logares com este titulo. Ainda em Lisboa, juncto á antiga freguezia das Mercês, ha uma travessa com esta denominação. A sua origem é a seguinte.

«Nos primeiros tempos da monarchia os justiçados não eram sepultados nos cemiterios communs; e nem sequer em cemiterio particular, como ha pouco se usava, e se usa ainda no Porto, onde ha um *adro dos enforcados.* Os que soffriam a pena ultima tinham a *sepultura do asno,* isto é, eram enterrados no campo, e, por via de regra, na borda das estradas. Havia a devoção de lançar, todo o que passava, uma pedra n'aquelle sitio, e resar pelo *fiel de Deus,* que alli jazia. A estes montes de pedras se ficou d'ahi chamando os *fieis de Deus,* donde, com o correr dos seculos, esquecido o primitivo costume, e desfeitos esses tumulos movediços, se conservou a antiga denominação aos logares onde estiveram.» *(O Panorama sabbado 10 de Novembro de 1838).*

mentos das suas opiniões; nem quasi careciam de o fazer auctoridades de tal ordem. Escolherá o leitor a versão que melhor lhe quadre.

Estes usos, mais ou menos, ainda existem.

«Ha em Africa — diz um consciencioso e erudito investigador — pelo menos em Angola, onde tivemos occasião de o observar, o mesmo costume, que já tinham os Hebreus, os Gregos, e os Romanos, que ainda hoje seguem os Corsos, e que faz lembrar os nossos antigos *Fieis de Deus*. Nos caminhos, no sitio onde se enterrou um cadaver, todos os viandantes lançam uma pedra, ou um punhado de terra; e assim se formam grandes elevações no terreno, que são verdadeiros tumulos.» (1)

*

A travessa *da Espera* deu-me que scismar. Essa *espera* não é provavelmente a *esphera,* que se escreveu d'aquelle modo, nem a peça de artilheria que teve outr'ora aquelle nome. Em tal denominação entrevejo o reluzir dos floretes, e escuto o passo cauteloso dos pardos embuçados; lobrigo no lettreiro da esquina um romance completo.

J'ai des archers de nuit vu briller les rapières.

Por ahi houve certamente scena da buliçosa tra-

---

(1) Nota a pag. 44 do interessante e eruditissimo estudo intitulado *Das origens da escravidão moderna em Portugal.* por Antonio Pedro de Carvalho — Lisboa — 1877 — 8.º 1 folh.

gicomedia das ruas. O mais antigo vestigio que me lembra do nome d'esta travessa remonta ao principio do seculo XVIII; topei-o em Carvalho da Costa.

Que andasse ali briga, não admira. A nossa velha Lisboa e seus contornos pareciam outr'ora um temivel antro; e o Bairro que estudamos tem por mais de um portal nodoas de sangue.

... Ces lieux sont pleins d'un noir mystère.
J'écoute tout ici, car tout me fait rêver.

Quem vê hoje a nossa pacata e policiada Côrte, não suspeita o que ella n'esse ponto foi, segundo attestam muitas providencias insistentes e energicas. No meio do seculo XVII era tão atrevida a ladroagem, que motivou um decreto (1), em que el-Rei D. João IV incumbe ao Regedor das Justiças a mais severa vigilancia. O que tem graça é que um seculo depois, em 1742, um alvará renovava ao magistrado a quem isso pertencia a mesma incumbencia, nos mesmos termos asperos, que bem se vê correspondiam ás mesmas desgraçadas realidades (2).

Pois se até a musa popular, a rouca poetisa das encruzilhadas, celebra como pode as arruaças dos sitios de S. Roque!

Eu venho do Bairro alto

diz ella

Eu venho do Bairro alto
com vinte e cinco facadas;

---

(1) De 11 de Dezembro de 1643.
(2) Alvará em fórma de lei de 31 de Março de 1742.

é o que succede aos galantes
por causa das mal casadas.

Eu venho do Bairro alto
com vinte e cinco feridas,
por andar tangendo amores
á adufa das raparigas.

*

Ahi está o que sei, ou presumo, da origem de alguns nomes do Bairro que atravessâmos. E' pouco; a imaginação dos leitores completará o que por ventura me faltou. Convenço-me porém de que, atravez de outras denominações, mais ou menos vetustas, mais ou menos adulteradas, mais ou menos pittorescas, scintillam alcunhas, successos da chronica palreira de nossos maiores, casos da vida de capa e espada, ou anecdotas galantes contadas de geração em geração. N'outras retrata-se a feição antiga dos logares, o destino primordial do terreno. O lettreiro municipal recorda-nos, ora a Cruz que ali se erguia, ora o ricaço bairrista que ali fez solar, ora o arvoredo silvestre que por ali vicejou.

Sobre outros sitios desenrolam-se uns farrapos denegridos do codice truncado da nossa Historia.

Resumindo: para quem medita, e se interessa no estudo do passado, toda aquella região se antolha cheia de memorias interessantes, que é dever quasi piedoso enthesoirar.

«Ah Bairro! — exclama um dos rabiscadores do

Anatomico jocoso (1) — Quem te conhecer que te compre; mas tu já estás *vendido,* porque a todos trazes *vendados;* e para estas compras e aquellas vendas, lá tens a rua *das Partilhas* para melhor te ajustar a conta; tens a rua *da Trombeta,* por onde a Fama as tuas proezas publíca; tens a rua *das Flores,* onde as fragrancias de tuas bizarrias respiram aromas amorosos; tens a *do Sol,* que como monarcha das luzes reparte comtigo resplendores; tens a *do Norte,* onde se vê se elle corre direito; tens a *das Gaveas,* onde o gageiro do apetite ferra o velame do desejo; tens tambem a rua *Formosa,* onde os teus alinhos são enfeites do melhor adorno; e finalmente tens a *Bica,* por onde a Caballina distilla os crystaes da alma...»

*

Agora vamos percorrer o Bairro alto. Para o leitor se não fatigar demasiado, percorrel-o-ha no papel.

Os dois planos que apresento são curiosos como comparação do estado antigo com o estado moderno. O 1.º é um fragmento do de Tinoco, que infelizmente só abrange do *Loreto* á calçada *da Gloria;* d'ahi, pela travessa *da Boa-Hora*, até ás ruas *de S. Boaventura* e *do Carvalho;* e d'ahi, com um corte, chega á rua *da Horta-sécca.* O 2.º abrange desde a *Encarnação* até á travessa *da Boa-Hora,* d'ahi até á *rua Formosa,* desce a *Santa Ca-*

---

(1) — T. I, pag. 302. — *Lamentação saudosa.*

therina, e passa a entroncar na *Encarnação*. Pela comparação das duas plantas, traçadas a cento e cincoenta e sete annos de intervallo, se vê que as alterações occorridas na topographia d'estes terrenos são insignificantissimas. O 1.º desenho é de 1650, por João Nunes Tinoco, Architecto Real; o 2.º foi feito em 1807 sob a direcção do Capitão de Engenheiros Duarte José Fava (depois General), reduzido em 1826, e lithographado em 1831 por ordem do Fiscal das Obras publicas, o Conselheiro José Francisco Braamcamp de Almeida Castel Branco. Dois bellos documentos, tão authenticos quanto possivel.

O Bairro alto em 1650, segundo um fragmento do valioso plano traçado pelo architecto João Nunes Tinoco. Este fragmento comprehende desde a rua da Horta secca, ao sul, até á travessa da Cara, ao norte.

O Bairro Alto
de
LISBOA
em
1807

O Bairro alto em 1807, segundo a planta levantada n'esse anno, reduzida em 1826, e lithographada em 1831.
Este fragmento comprehende desde a egreja das Chagas ao sul, até á travessa da Cara e calçadinha do Tijolo ao norte.

CAPITULO X

Teve o leitor d'este livro a bondade de me acompanhar nos meus passeios de tunante artistico. Agora, depois de havermos percorrido a extensa região começada a civilisar, sentido confluirem para ali as forças economicas da velha Lisboa, visto rasgar-se em ruas largas e alinhadas a face escabrosa da quinta suburbana; desejarei apresental-o mais detidamente na casa dos senhores da herdade primitiva, a fim de espreitarmos juntos, por mera curiosidade litteraria, o que podér ser da sua vida d'elles.

No entretanto, é empreza difficil o penetrarmos assim de assalto nos lares de um lisboeta do seculo XVI; não que o homem ande, vestido de ferro e coberto do elmo de Mambrino, a afugentar da sua visinhança os viandantes; não que a sua casa, meio rural meio cidadan, possa ufanar-se com as ameias e as barbacans de um Stolsenfelz ou de um Ehrenbreitstein. Mas é que a nossa incuria portugueza, lamentavel e incuravel, deixou perderem-se tantas minucias interessantes dos antigos lares do

Portugal heroico e simples, que hoje em dia o recompormos em toda a sua harmonica singeleza um quadro de costumes quinhentistas, já como litteratos, já como pintores, já como devaneadores, já como simples contra-regras, é mais difficil do que restaurar o gyneceu e o triclinio da casa de Dioméd-es, ou as tardes eruditas do Tusculano e do Laurentino.

Nada é inutil no mundo; nenhum pormenor deixa de acrescentar algum traço caracteristico ao desenho do quadro. Por isso lastimo eu que os documentos particulares se extraviem por uso e desleixo. Que melhor fonte para investigações proveitosas, do que os testamentos, as escripturas de compra e doação, os inventarios dos bens moveis e immoveis? Com taes fragmentos se recompõe muita vez um embrexado, que dá luz á archeologia, ás sciencias economicas, ás artes do desenho, e até vem, não raro, allumiar algum alto facto historico deixado na sombra. Os registos genealogicos, assim commentados intelligentemente pelo tombo authentico das familias burguezas, são dos melhores subsidios a que se pode soccorrer a investigação do historiador.

— Guarda tantos papeis inuteis? — perguntei eu uma occasião ao douto e laborioso Innocencio (que tanta falta nos faz) vendo-o archivar em massos uma papelada informe de cartas mortas, recibos, roes, e outras coisas.

— Inuteis! — redarguiu o mestre com a sua bondosa rudeza. — Que mal fazem estes massos de papeis? comem alguma coisa? Deixal-os viver em paz;

são no seu tanto uma pagina de Historia; obscura sim, mas Historia. Aprenda commigo.

E aprendi.

Innocencio era um grande apreciador da valia que teem os documentos. Um papel particular é muita vez um facho na historia geral.

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA
Retrato em sombra tirado em 9 de janeiro de 1866

Um amigo meu, erudito e estudiosissimo, o talentoso Agostinho de Ornellas, recem-fallecido, e a cuja memoria pago o justo tributo de muita saudade, conseguiu recompor assim, a traço e traço, feição por feição, ponto por ponto, uma interessante galeria de avoengos, que lhe abrange quatro seculos, e que é não só preciosa no recinto da familia, mas o é tambem na esphera mais larga e mais nobre da

Historia patria. Por ali se avalia o que foi o viver intimo de umas poucas de gerações de Portuguezes morgados da mais alta classe média; por ali se lhes completa a lista dos haveres, a physionomia das alfaias e dos usos caseiros, o elenco dos amigos e das allianças, o grau de illustração de cada quartel genealogico; por ali se descreve o andamento da propriedade, o desenvolvimento da riqueza nas mãos d'este e d'aquelle, a influencia dos successos publicos na administração interna do casal, o progresso das ideias geraes n'aquelle mundosinho obscuro da parentella.

*

Um Nobre lisboeta do seculo XVI (não digo um Fidalgo de capello da alta Nobreza, mas um simples Nobre) era uma entidade em quem se espelhavam, com todas as suas feições, muitos provincianos actuaes da classe culta. Foi aquella pequena Nobreza uma raça á parte, meticulosa, irrequieta, audaz, e ao mesmo tempo ordeira; raça forte, como que temperada no sangue de infieis, costumada aos trabalhos, rude como o Povo, de quem sahira hontem, contendo em germen as dedicações heroicas, soffredora e leal, e anciando, sem o saber, por uma coisa sublime e enganosa chamada a Liberdade.

Iam pelejar á India aquelles homens, como se vai a um folguedo; punham alto a mira das suas ambições, porque a punham na gloria; tinham no nome herdado um palladio sacratissimo, a que sacrificavam tudo; e apesar dos exageros e desmandos do tempo, aquelles homens avultam aos nossos olhos

como modelos de hombridade e grandeza. Alvorecia n'elles a potente e fecunda classe média da sociedade contemporanea.

Essas severas temperanças do varão nomada, brigão, e trabalhador, deviam imprimir, mais ou menos, em cada lar uma feição respeitavel e austera, que em varios usos se denunciava: o amor da familia; o apego á terra natal, com ser pobre e pequenina (ou por isso mesmo que o era); a fé, muita vez cega, no mysticismo bruxuleado de lendas, que os dominava desde a infancia; a fidelidade á honra, e a fidelidade ao Rei. Isto tudo, como aquecido no nosso sol

Typo de um quinhentista em trajo de passeio

vivificante, modificado pelos nossos costumes patriarchaes, que nunca souberam a feudalismo, pela nossa constituição exclusivamente municipal, pela nossa indole aldean de campanario, que até no viver buliçoso dos centros grandes transparece, isto,

assim pouco mais ou menos, formava o coração e a intelligencia de um Nobre portuguez.

*

Cioso de accumular haveres, vinculava-os cada um, e assim lançava as bases de familia estavel, á maneira do tempo. Comprazia-se cada qual na ideia de vir a ser avoengo d'ahi a seculos. A fim de estar sempre de sobre-aviso e alerta na vagante dos morgados, esquadrinhava o Nobre os tombos genealogicos; annotava-os; sabia-os de cór; e o que hoje descambou em mera curiosidade, ou, quando muito, em alicerce de pesquizas historicas, figurava como prudencia, e entrava no rol das prendas de bom administrador. Pensar nos avós era pensar nos netos.

As crenças monarchicas conservavam-se tão inabalaveis como as religiosas; e se as praticas no templo eram imperativas, as do Paço, para os que lá tinham moradia, não o eram menos.

A falta de communicação entre os bairros deixava cada freguezia n'um isolamento, que não chegamos a comprehender; e a carencia de pontos publicos de reunião, separava as familias e concentrava-as no egoismo e estagnamento domestico.

Tudo isso terá os seus contras, mas tem tambem altas vantagens.

*

Se penetrassemos na casa semi-rural de Nicolau de Altero, haviamos de encontrar necessariamente os mesmos predicados, e os mesmissimos defeitos

da classe. E por que não havemos de entrar? ha senhoras; em as havendo, parece redobrar de sorrisos gazalhadores a hospitalidade caseira.

Este lar dos Alteros não era o *sweet home* inglez e americano, aquelle perfumado ambiente, que tanto desenvolve o coração e o amor da familia. O portuguez nunca possuiu, como não possue hoje, por via de regra, o segredo de se enflorar, pobre ou rico, das bagatellas intelligentes, que na casa ingleza apparecem dispostas com uma arte sempre nova, e sempre significativa; é mais severo, menos embrincado, e mais sombrio.

Typo de senhora do tempo d'el-Rei D. João III

Era Lisboa no seculo XVI o grande basar em que a Europa, sempre sedenta de novidades, vinha aperceber-se das mais preciosas alfaias, importadas da India e da China a bordo dos galeões. Ha um ca-

pitulo (1) no apreciavel volume *Descripção de Portugal,* onde o sabio chronista conseguiu pintar superabundantemente as variadas mercancias, o trafego giganteo d'este emporio singular. E entretanto não creio que os habitos luxuosos se tivessem apoderado das classes medianas. Vivia-se entre opulencias, como n'uma feira oriental, mas nem todos se gosavam d'ellas.

Por isso, penso que na vivenda de Nicolau de Altero, de que talvez algumas scenas de interior no *D. Quixote* nos dão ideia, predominasse certa feição meio sóbria, até como reflexo da visinha Casa professa dos Padres da Companhia. Essa feição, revelada talvez no viver pautado, no cumprimento exacto do dever, na caridade sincera e não ostentosa, na observancia dos preceitos religiosos e civis, casava com o estylo chão da architectura, que não era certamente aquelle opulento gothico do seculo xv, que no genero de habitações particulares tantas maravilhas produziu lá fóra.

Em Portugal nunca o traçado de taes edificios se estremou por grandes bellezas nem riquezas; essas monopolizavam-n-as as casas religiosas, onde se expandia todo o luxo e poderio dos cofres Reaes. Nem mesmo os Paços eram obras de grande apparato exterior; quanto mais as moradas singelas dos nobres! Jacques Cœur não edificou em Portugal; ainda que, segundo asserções contemporaneas, os tectos de cupola de camaras e salões, e as paredes e portas, eram por cá alguma vez de madeira do

---

(1) É o xxxvi.

Oriente, marchetados, com pinturas e doirados de certo custo (1).

*

Um luxo que os proprietarios se permittiam com larga mão era o azulejo; esse sim; não reluzia só nos corucheos dos templos, mas enfeitava por dentro as salas e escadarias dos casarões a que se chamava palacios. Concedâmos pois a estes os seus silhares de bom azulejo orlando a parte inferior das paredes, de si caiadas e desnudas, revestidas porém (é provavel), no verão, dos celebres panos de guadamecins, que já cá se fabricavam (2), mas de que ainda assim só em Lisboa se importavam dois mil por anno (3); ou, no inverno, das lindas tapessarias estrangeiras, os panos de Granada, por exemplo (4), que no classico seculo XVI entraram, como tudo, a conspirar com o antigo, e (contra o uso) a representar assumptos mythologicos, fabulas moraes de Esopo, ou anecdotas folhetinisticas de Ovidio.

O azulejo, esse é antigo, muito antigo em Portugal; provavelmente veio dos Moiros. Os azulejos granadinos são bellissimos; ha-os na Alhambra, relevados, coloridos, e doirados com o esmero do mais

---

(1) George Braunio. — Tom. v.

(2) Guadamicineiro d'el-Rei; a Camara o deixasse estar com sua tenda armada — Cartorio da Camara, L.º 3.º d'el-Rei D. João III, fl. 25.

(3) *Estatistica* manuscripta e anonyma, em bella lettra gothica moderna, do tempo d'el-Rei D. João III, e existente na Bibliotheca nacional de Lisboa.

(4) *Gil Vicente.* — D. Duardos.

bello periodo da civilisação arabe; attestam bem a que alto grau chegára em eras remotas aquelle ramo curioso da ceramica ornamental. Esses coram dos seus degenerados netos de hoje, industria decahida em Portugal, e que de todo perdeu os seus fóros de arte, e se arrasta nos limites estreitos do molde e da imprensagem.

Ha porém indicio de uma certa reacção O distincto pintor o snr. João Pereira, meu amigo, executou ha uns tres annos, isto é por 1899, uma obra colossal no genero: o revestimento de uma grande cascata em certa quinta do Algarve. Vi esses azulejos expostos, em quadros, na rua *Nova da Palma*. No conjuncto pareciam antigos; nos pormenores, na delicadeza do toque, na graça da perspectiva aerea, revelavam mão de mestre, educado nas escolas modernas.

Os da celebre *torre de la Cautiva* na Alhambra, trecho intacto d'aquelle phantasioso poema dos califas, são esplendidos, no dizer dos viajantes.

Nós cá, imitadores mais ou menos aproveitados, tambem tivemos magnificos *azorechos*. No seculo XVI importavam-se de fóra, e ao mesmo tempo faziam-se no Reino; não os sei distinguir. Ha-os n'uma capella do lado da Epistola na egreja de S. Roque, bellissimos, de puro gosto italiano, mas obra portugueza, assignada por *Francisco de Mattos*. No desenho talvez lembrem um pouco as *loggie*. São preciosos, até pela data, que ainda conservam, 1584. É, segundo creio, esta a primeira vez que vão mencionados com o apreço que merecem.

Ha outros, insignificantes como desenho, mas cujo

merito consiste na data de 1596; são dos lados direito e esquerdo do guarda-vento da porta principal.

*

Vejo-os de primeira classe, provavelmente do principio do seculo XVIII, no Hospital de S. José, antigo Collegio da Companhia; perfeitos quadros de Pillement, Téniers, Van-Cuypel; e abundantissimos; no paço e nos claustros de S. Vicente; etc. Oxalá se entenda sempre que essas preciosidades valem mais do que miseraveis estuques, ou papeis!

No tempo d'el-Rei D. Manuel, em 1500, quando elle deu o foral da portagem de Lisboa, importavamos azulejos de fora (1); muitos dos que ainda hoje admiramos são hollandezes; outros, como disse, são nossos, assignados e datados.

Conta João Baptista de Castro no *Mappa* (2), ao tratar da parochia da Ajuda, que na egreja velha os havia datados de 1587.

Mencionarei o magnifico painel a muitas cores, obra do seculo XVI, e que, tendo pertencido á capella de Nossa Senhora da Vida na parochial de Santo André, demolida em 1836, foi annos depois requisitado pelo Conservador da Bibliotheca publica, Francisco Martins de Andrade, e collocado onde se acha n'um corredor do mesmo estabelecimento; outro esplendido quadro, tambem do seculo XVI, na egreja de Jesus em Setubal, copiado e descripto no

---

(1) Artigos *Mallega* e *Azulejos* do dito Foral.
(2) T. III, pag. 121.

Archivo Pittoresco (1); os que havia no palacio, hoje transformado inteiramente, da familia Galvão Mexia na rua *dos Moiros,* citados com o maior elogio n'um conceituoso artigo do *Diario de Noticias* (2); os admiraveis do palacio dos Loyos, hoje encaixotados e conservados algures na Academia das Bellas Artes; etc. etc.

Os outros autores, que mais proficientemente trataram d'esse assumpto, são (quanto a mim) Francisco de Assis Rodrigues, meu fallecido mestre, no seu *Diccionario,* o Visconde de Juromenha (3), o snr. Liberato Telles no seu livro *Pavimentos,* tão bello, tão seguro, tão cheio de doutrina, e onde a materia ficou analysada a primor; emfim o snr. Rocha Peixoto, que no periodico portuense *O Primeiro de Janeiro,* deu admiravel contingente para tão complexo estudo (4).

*

Se ao longo pois do azulejo, em que as montarias e os combates se emolduravam em sabidas phantasias ornamentaes, tão das nossas vivendas, e hoje tão vandalicamente destruidas, procurassemos em casa de Nicolau de Altero as peças artisticas de adorno, com que a alta marcenaria mobilava lá por fóra as camaras dos potentados, é provavel que não

---

(1) T. III, pag. 352.

(2) De 11 de Julho de 1894, que attribuo ao meu erudito amigo o snr. Dr. Sousa Viterbo.

(3) Nas communicações dadas ao Conde Raczynski e publicadas no livro *Les arts en Portugal.*

(4) Numero de 20 de Março de 1902.

as topassemos; topariamos sim algum contador marchetado, algum lindo bofete de carvalho coberto de seu pano de damasquilho verde forrado de tafetá de cordelino (1), algum cofre axaroado recemvindo nas ultimas monções, e enfeitado das sabidas *albarradas* de loiça chineza cheias de flores da quinta; veriamos, quem sabe? as lindas mezas de coiro preto da India, de que o Venturino viu uma em 1571 em certo salão d'el-Rei D. Sebastião na Alcáçova, mais bella que o ebano, e toda em roda lavrada de folhagens de oiro (2); assim como admirariamos os ricos leitos, os catles, ou cateis (que eram uma especie dos nossos sofás), e os escriptorios (secretárias diriamos nós hoje) com que nos opulentava a China, axaroados e doirados (3).

Por cima d'esses *escriptorios* poderiamos encontrar a salva de prata com o tinteiro e a *poeira* dentro, e os lindos castiçaes de prata, obra portugueza, e orgulho da nossa adiantada ourivesaria, não faltando até o luxo da sabida *espevitadeira,* peça que morreu no nosso tempo.

Se a nossa indiscreção teimasse em ir por diante, e se pozesse a abrir gavetas e escaninhos, que va-

---

(1) Pormenores tirados, assim como a maior parte dos que seguem, de um curioso vol. *Relação individual dos bens de D. Francisco da Gama Conde da Vidigueira,* etc. — Mss. da B. N. de L.

(2) Relação da viagem do Cardeal Alexandrino, legado do Papa Pio v á Côrte de Portugal, redigida por João Baptista Venturino, do sequito do mesmo Cardeal. Vem traduzida no *Panorama.* — Tom. v, pag. 346.

(3) Duarte Nunes. — *Descripção de Portugal.* — Cap. xxxvi.

riadas coisas não descobririamos! bocetinhas japonezas, tabaqueirinhos esmaltados, tambem do Japão. *canavetes,* tesoiras, ou a mãosinha de marfim para coçar nas horas da preguiça.

No capitulo das devoções, mil curiosas minucias de summo interesse; por exemplo: alguma bolsa de veludo carmesim, fundo de oiro, com outra dentro azul, contendo uma oração; e bolsas de tela ou tafetá, com reliquias de Santos mettidas em canudinhos de crystal.

Mora infelizmente muita vez a superstição paredes meias com a devoção, quando desallumiada; pois até as superstições tinham logar de assignatura nas gavetas dos nossos maiores; lá veriamos, é certo, o pedaço de licorne symbolico, o *grazilho* de pizar contra a peçonha, a pedra de porco-espim, e outros amuletos, em optima camaradagem com os *Agnus Dei,* preservativos contra feitiçarias, doenças, tormentas, e raios.

Se insistissemos em devassar a casa, iriamos dar com o toucador do dono d'ella, e só no artigo barba veriamos a bacia de prata, o pichel, o esquentador de agua com sua tapadoira da mesma prata, as escudelas de prata e os pentes, tudo á espera ante o espelho *de mui bom lume,* como elles diziam.

Tudo isto é portuguez genuino; agrada-me a pesquiza, por isso principalmente.

*

Em certos accessorios, porém, devia começar a imperar (a despeito do gosto oriental e arabe, muito

nosso, afinal) o novo gosto romano, ou *romanisado;* era moda importada de Italia pelos viajantes, que em grande copia lá iam embuir-se nas ideias attractivas da Renascença italiana.

Na mobilia, por essa Europa transpyrenaica, entrára um luxo estranho; mas custava-lhe a chegar á nossa Côrte fradesca. Era mais na fórma, talvez, do que nos materiaes. O sabido cedro, o pau santo, e o carvalho, tomavam feitios lindissimos, desusados. O gothico floria-se, carregava-se com todas as invenções da imaginativa do artista; as fórmas, um tanto seccas e pobres, enriqueciam-se ao dobrarem-se em curvas graciosas, como os acanthos da ordem corinthia; o angulo recto disfarçava-se em periphrases de fórma; a ogiva abatia-se; e as credencias, os bofetes, as cadeiras de espaldar, os longos armarios, e os retabulos das capellas, rutilavam de primorosos arrendados. Parecia que a folhagem exuberante da ornamentação gothica, toda aquella convencional botanica de capricho, se tinha como que opulentado ainda, depois da regrada elegancia do classicismo.

Nada eguala, a meu ver, os cinzelados da marcenaria dos moveis da Renascença italiana, de que, sem duvida, muitos especimens nos chegaram, e cá foram imitados pelo talento proverbial dos nossos artifices. Dir-se-hia que entrara um raio de sol na Arte, que fez rutilar a talha.

Faz pena que alguns coevos nos não conservassem os nomes dos principaes e afreguezados torneiros, marceneiros, e encrustadores. Mais ditosos foram os dos tempos heroicos, pois lhes ficaram os

nomes esculpidos para sempre nos bronzes da Odyssêa.

Concedâmos, a medo, a Nicolau de Altero alguns moveis de desenho moderno, alguns

dos ricos crystallinos de Veneza,

a que se refere, não sei já onde, o Sá de Miranda, emfim algum d'entre os muitos primores com que a Italia dos Medicis nos ia invadindo, por intermedio seu e da França. No desenho rimavam com essas brilhantes novidades os trajos de luxo dos adamados, trajos cujo acertado uso era (como hoje) uma verdadeira sciencia, de que, para gloria dos peralvilhos e dos jubeteiros da rua Nova, vemos tinha aberto escola no *Cancioneiro* o Coudel mór Fernão da Silveira.

Tal invasão tendia a egualar as modas: e conseguia-o quasi inteiramente na sociedade alta, onde se preferia trajar á estrangeirada. Haja vista o chistoso prologo em verso da parte II da *Alphêa,* onde são increpados os Portuguezes por andarem á franceza, á castelhana, á valoneza e á sevilhana, e nunca á feição genuina de Portugal. Isso porém não se dava nas classes populares, onde os mantéos, os pellotes, as jaquetas, as vasquinhas, os saínhos, os capeirões, os carapuços de todos os feitios, os sombreiros de todas as procedencias, eram o protesto constante de cada comarca, eram, por que assim o digâmos, a patavinidade applicada ao trajo.

Baste-nos isto quanto ao teor da mobilia e das modas d'esta casa, obscura e illustre ao mesmo

tempo, onde a minha insaciavel curiosidade entrou sem mais ceremonias, mas d'onde espero não seremos rechaçados, nem o leitor nem eu.

*

Visto que o viver antigo se concentrava no remanso do lar, e não se expandia, como o de hoje, nos clubs, nos theatros, nas reuniões semanaes, e nos cafés, deviam necessariamente ter maior importancia os entretenimentos domesticos, com que tanto se encurtam as horas feriadas dos serões.

As casas dos ricos convidavam ao conchego intimo da habitação os membros da familia, aquelle conchego que é de tantas saudades para quem o não tem, e para quem andava, como os filhos das casas, a moirejar nas terras da Conquista.

Mas não era só no lar que se lhes passavam os dias.

A despeito do poeta Camareiro mór D. João Manuel, que dizia nunca ter visto

gran Santo canonisado
que fosse gran caçador,

eram muito fragueiros aquelles nobres. Os baldios e matagaes em volta de Lisboa haviam de roubar-lhes muitas horas, e justificar o canil aristocratico, e a casa dos petrechos venatorios, que aposto não era das somenos officinas da vivenda do nosso Nicolau de Altero.

Gastavam largas sommas os nobres em caçadas de monte e de altanaria, e nos indispensaveis auxiliares d'esses entretenimentos senhorís.

O 1.º Duque de Aveiro, D. João de Lancastre, era doido pela volataria; um gerifalte valia para elle um mundo. Disse d'esse Duque uma vez o castelhano Marquez de Ayamonte, sabendo-lhe da inclinação:

— Ha homens que se perdem na terra; outros no mar; o Duque de Aveiro perde-se no ar (1).

Os entretenimentos elegantes do tempo eram effectivamente a caça, as pescarias, e os exercicios equestres, já na *Carreira dos cavallos,* cujo nome se conservou até ao dia em que uma Camara municipal lhe chamou rua *de Gomes Freire,* o qual (vá dito de passagem) foi morto na torre de S. Julião! já (segundo Luiz Mendes) no Terreiro do Paço, nas praias de Belem, nos bellissimos campos de Alvalade, hoje o Campo Grande (2), e no Rocio de Lisboa.

*

No tempo de que vimos tratando (salvos em tudo isto pequeninos anachronismos inevitaveis, era o Rocio uma formosa praça muito desafogada, que teria de largo uns cento e cincoenta a duzentos passos, e de comprido uns quinhentos (3). Campeavam-

---

(1) *Hist. Gen.* — T. XI, pag. 60

(2) *Do sitio de Lisboa,* dial. II. Então era uma campina baldia. Foi só no tempo da Rainha a senhora D. Maria I, e no ministerio de D. Rodrigo de Sousa Coutinho, segundo diz Ratton *(Recordações,* pag. 167), que se plantou a grande alameda que lá vemos.

(3) Frei Nicolau de Oliveira, *Grandezas de Lisboa,* pag. 117 e 221.

lhe ao norte os celebres paços dos Estáos, recentemente habitados pela Inquisição, casa alta e feia, com duas torres massiças; e mais outras casas muito anteriores aos ditos paços.

Examinemos.

O Paço dos Estáos, no Rocio, séde da Inquisição; fachadas sobre o Rocio e sobre a rua das portas de Santo Antão. Este deve ser o aspecto primitivo do edificio. Copia da gravura-plano de Braunio.

Das duas vistas que apresento aqui, ambas tiradas de Braunio, a primeira mostra-nos o edificio n'uma perspectiva de vôo de passaro, onde se descobre perfeitamente a directriz da rua *das Portas de Santo Antão,* a porta ao fundo rasgada na muralha, e mais ao poente o outro postigo chamado *das estrebarias d'el-Rei.* A segunda estampa, com

ponto de vista mais baixo, apresenta a lugubre fachada com mais pormenores, mas apparencia egual. Preciosos documentos! quantas lagrimas se não choraram para lá d'aquellas paredes ameaçadoras!

Continuemos o exame da praça.

O Paço dos Estáos segundo os *Annales d'Espagne et de Portugal* de Alvarez de Colmenar

Ao nascente do Rocio, erguiam-se os dormitorios de S. Domingos, occupando um terço d'esta linha lateral, a ermida do Amparo, e o magnifico hospital de Todos os Santos, fundado por el-Rei D. João II a 15 de maio de 1492 nas antigas hortas de S. Domingos (1), e cuja descripção nos daria um livro.

---

(1) Ruy de Pina. — *Chron. d'el-Rei D. João II.* — Cap. LVI.

Pelo sul e poente casarias varias, a que os coevos chamam, na sua linguagem vaga e emphatica, *mui grandes e nobres*.

Apesar de tão preconisada *grandeza* e *nobreza*, o Rocio nada tinha da symetria e formosura de linhas da praça actual, tão composta e acabada. Quanto á sua antiga marcação, ás suas confrontações, etc., comparadas com a reforma pombalina, recommendo aos curiosos d'estes estudos o *Aviso* do grande Ministro (então conde de Oeiras), e os documentos annexos. Encontram-se na collecção da legislação, em data de 19 de Junho de 1759. Mas sem recorrer a essas peças officiaes, ha documentos de outro genero, que não nos dão do velho Rocio idéa muito brilhante, e o pintam como irregular, desalinhado, mal povoado, e entulhado de calhaus (1). No verão de 1755, tendo de se correr toiros ahi, limpou-se toda essa área, e exterminaram-se as ignobeis barracas de commercios de todo o genero, pejamento importuno de tão nobre logradoiro. Com o terremoto ficou tudo em peor desordem!

Deixemos porém o seculo XVIII.

Por baixo do edificio do Hospital corriam trinta e cinco arcos de forte pedraria; entre elles e a parede interior uma especie de portico de trinta pés de largura (2), onde os passeantes se abrigavam da

---

(1) *Relação estupenda do sentimento do Apollo do Terreiro do Paço contra o Neptuno do Rocio.* Folheto.

(2) Frei Nicolau de Oliveira, obr. cit., pag. 221; Frei Agostinho de Santa Maria, *Santuario Mariano.*—Tom. VII, pag. 182; Ratton, *Record.*, pag. 304.

9

chuva, e encontravam, querendo, os physicos de mais nome.

O parallelogrammo da praça era, além de irregular, obstruido necessariamente dos detritos das feiras hebdomadarias que ahi se celebravam; o que não impedia os casquilhos da Côrte, de terem ainda assim praso-dado n'aquelle terreiro vasto para as suas correrias e picarias de potros, e de ali irem procurar ás tardes os ociosos, os indifferentes, os conversadores para meia hora, os *amigos de beijo-vol-as mãos,* como se dizia.

Ao fundo, ao norte, erguia-se um vistoso chafariz, a que Frei Nicolau não duvida chamar *formosissimo,* com quatro bicas a correr. O chafariz tinha uma estatua de Neptuno (não sei desde que tempo), assim como o do *Terreiro do Paço* tinha um Apollo (que não vejo na estampa de Lavanha (1), mas que já existia no tempo de D. Francisco Manuel.)

Para mais noticias ácerca d'esta praça, recorra-se ao meu bom Vilhena Barbosa, meu fallecido mestre e amigo, pois d'ella fez assumpto para uma pequena monographia no seu livro de estudos archeologicos. Eu concluirei dizendo apenas que ao Rocio se ligam innumeraveis scenas mais ou menos dramaticas da Historia portugueza; por exemplo: foi no Rocio deixado nu e ensanguentado o miserando cadaver do Bispo D. Martinho, assassinado no tempo da revolução popular do Mestre de Aviz (2); ahi foi queimado vivo Garcia Valdez, auctor de uma conspira-

---

(1) *Relação estupenda* citada.
(2) *Chronicas d'el-Rei D. João* I.

ção gorada contra o mesmo Principe (1); no sitio onde veiu a abrir-se a porta do Hospital de Todos os Santos cahira (se é certo) desde as alturas do Carmo, a lança que o braço do Condestavel de lá arremessára, uma vez, como prova da sua força (2); n'essa mesma egreja foi sagrado Arcebispo de Braga o Cardeal Infante D. Henrique, e depois sagrado Rei de Portugal (3); e além d'estas scenas, tambem o Rocio se illuminou das labaredas horrorosas dos fogareos da Inquisição.

Ahi deixo esse bosquejo de quadro. Isso era, pouco mais ou menos, o Rocio de Lisboa, o qual, ainda em tempo d'el-Rei D. Fernando, quando o Rei castelhano D. Henrique veio pôr cerco á nossa Capital, não passava de «um grande e espaçoso arravalde, que havia arredor da cidade, des a porta do ferro atá porta de Santa Catellina» (como quem dissesse hoje: desde Santo Antonio da Sé até aos altos do Chiado (4).

No Rocio de Lisboa vinham os terços exercitar-se; ahi costumavam passear ás tardes os gentís e alfenados cavalleiros do Paço; ahi se encontrariam pois, sem duvida, os murzellos e russins de Nicolau de Altero de Andrada, colleando garbosamente em companhia de outros, não menos apreciados, e tam-

---

(1) Fernão Lopes. *Chron. d'el-Rei D. João I.*

(2) Frei José Pereira de Sant'Anna. *Chron. dos Carmelitas,* pag. 444.

(3) Rebello da Silva. *Historia de Portugal* nos seculos XVII e XVIII, tom. I, pag. 257; Frei Apollinario da Conceição. *Demonstração historica; Evora gloriosa;* etc. etc.

(4) Fernão Lopes. *Chron. d'el-Rei D. Fernando,* cap. 89.

bem *ginetados de regalo* (na phrase castiça de um autor antigo).

*

As corridas de toiros no Terreiro dos paços da Ribeira, ou n'este Rocio, por festas grandes, as cannas, os exercicios quasi acrobaticos da alta equitação, os jogos da pella e do tintinini, levavam aos cavalleiros portuguezes grande parte dos dias. Da attenção, que de paes a filhos se consagrava a tão proveitosas gymnasticas, provinha n'aquellas raças o seu desenvolvimento physico. Depois que se inocularam nos usos os diminutivos affeminados, que inspiraram a Garcia de Resende o quadro epigrammatico das mesquinhezes do seu tempo, já precursoras das ridiculezes dos *mignons,* foram-se a pouco e pouco obliterando aquelles usos, que, apesar de tudo, tinham um lado util, e ainda duraram nas classes altas dezenas de annos.

No tempo de Duarte Nunes o justar, o jogar cannas, o sahir aos toiros, o montear, e o continuar carreiras, eram, diga-se a verdade, costumes decahidos em comparação do muito que tinham sido presados; e tanto, que chegava aquelle chronista a queixar-se, com uns termos onde transparece o antigo cavalleiro, de que os fidalgos, *mancebos e gentishomens,* se não envergonhassem de andar, como andavam, «vestidos á marquesota e á franceza,» passeando ante as damas em machos (1)! Que diriam

---

(1) *Descrip. de Port.* Cap. XXIX.

á profanação da gineta e da estardiota os manes do bom Rei *cavalgador de toda a sella?*

Profanação; não retiro o termo; e de tal ordem, que motivou leis repressivas, e já bem antigas. A generalisação da equitação bastarda, e o uso de mulas e machos trasia a decadencia das caudelarias portuguezas.

Já el-Rei D. Duarte, na sua «Arte de cavalgar» (1), propõe que não se consinta aos cavalgadores novéis o andar em mulas ou facas. «E nom lhe consentam, andar ameúde em mullas, nem facas, nem outras bestas que os folgados e seguros tragam.»

Havia por então grande escassez de bons cavallos no Reino, e era mistér promover por meios sensatos e efficazes a sua propagação.

Lá o diz muito sensatamente ao mesmo senhor D. Duarte o grande espirito do Infante D. Pedro, n'uma carta preciosa:

... «Bem sabedes, Senhor, como em nossa terra ha muy poucos cavallos, o que é grande mingua á terra onde os não ha para os feitos de guerra; e parece-me, Senhor, que seria bem ordenardes como os em ella houvesse; e a maneira que em elle podereis mandar ter é esta: nas comarcas privilegiardes certos homens que os tivessem, e os lançassem a cavallagem a algumas boas eguas; ou, ao menos, a alguns que são acontiados em armas e cavallos, mandardes que tenham cavallos, e nom armas, e que os lancem ás ditas eguas aos tempos que cum-

(1) Parte II, cap. V.

pre; e estas ordenanças se devem, Senhor, fazer docemente, e nom com grave constrangimento, por se a terra nom sentir por aggravada, e todos terem vontade de fazer aquello que lhes é mandado... (1)

Sempre com o fito no mesmo ponto, prohibiu, pelos annos de 1491, el-Rei D. João II que no Reino houvesse «muda de sella, nem besta que não fosse de marca — diz Garcia de Resende; — não quiz que Prelados, nem outro nenhum clerigo, podessem andar n'ellas». Muitos Prelados, Abbades, e Clerigos ricos de Entre Douro e Minho, e Tras-os-Montes, representaram contra isso, fundando-se em que se deviam guardar os privilegios ecclesiasticos, e ameaçando de appellarem para Roma. Com effeito era barbaro obrigar Prelados idosos e achacados a deixarem o passo commodo e sabido da sua mulinha consuetudinaria, para cavalgarem murzellos de bom sangue, fogosos muita vez, e indomaveis! E que respondeu o Rei? o que era de esperar: que visto tocar-se em privilegios da Egreja, não se oppunha a que os ecclesiasticos andassem em mula; mas que, pelo que tocava á sua jurisdição Real havia de saber mantel-a; e «mandou logo apregoar em todos os seus Reinos, que qualquer ferrador ou homem que ferrasse mula de sella, que morresse por isso» (2).

Pena de morte por ferrar uma mula!! Dão n'es-

---

(1) Carta do Infante D. Pedro a seu irmão o Infante D. Duarte dando-lhe conselhos. Vem isso nas *Dissert. Chron.* de J. P. Ribeiro, T. I. pag. 296.

(2) Garcia de Resende, *Chronica de D. João II*, cap. CXIII.

tes excessos puerís os despotas de coração cabelludo.

Conseguiu o seu fim, ou não, o matador do Duque de Vizeu? não creio. A Carta Regia de 30 de Abril de 1625, a Lei de 1 de Agosto do mesmo anno, prohibem muares de sella ou liteira. Aqui apparece uma extensa e bem deduzida consulta do Desembargador Thomé Pinheiro da Veiga, datada de 12 de Janeiro de 1626, cheia de observações ao Regimento das caudelarias (1).

Logo depois foi promulgada a Lei de 22 de Agosto do mesmo anno, prohibindo outra vez os machos de sella. Tudo isso prova que as determinações antigas tinham todas cahido em desuso.

Em 4 de Fevereiro de 1627 pede a el-Rei D. Filippe a Camara de Lisboa que, derogando a prohibição dos machos e mulas de sella, permitta o uso d'essas cavalgaduras aos Procuradores da Cidade (2).

El-Rei D. João IV, tambem se sahiu com a Carta de Lei prohibitiva de 2 de Dezembro de 1642; e, como parece não surtira effeito, baixou outra, de 12 de Março de 1650, exceptuando os Ecclesiasticos e os Desembargadores (3).

Em Maio de 1670 veio á luz uma pragmatica, segundo a qual o Principe Regente D. Pedro ordenou que ninguem podesse andar em besta muar, a

---

(1) Vem nas *Dissert. chronol.* de João Pedro Ribeiro, T. IV, P. II, pag. 190.

(2) Ed. Freire de Oliveira, *Elementos,* T. III, pag. 243.

(3) Manuel Fernandes Thomaz, *Repertorio.*

não serem Ministros de becca e Ecclesiasticos. A este respeito diz um contemporaneo bem informado:

«Não havia quem tratasse de cavallos para seu serviço (d'el-Rei); tudo eram machos e mulas; no que, perderia o Reino grande detrimento; e na occasião não haveria quem soubesse andar a cavallo, nem se acharia um cavallo para a guerra. Ordenar-se que os tivessem por outro meio, fôra remedio violento; e ordenar-se por este meio foi prevenção suave, porque a necessidade particular faz prevenir para o remedio commum (1).»

Ainda em pleno seculo XVIII apparece outra disposição legislativa no mesmo assumpto, de 19 de Junho de 1761 (2).

Todas estas severidades comtudo mereceram algumas excepções. A cada passo se topam privilegios, licenças, para Fulano ou Cicrano poder andar em mula; e no cartorio da Camara Municipal existe um privilegio collectivo, em que D. Filippe I concede a todos os officiaes da mesma Camara possam andar em bestas muares (3).

Estas excepções hoje precisam explicação. Os cavallos eram mais custosos, mais sujeitos a doença, menos soffredores, e mais bravos; ao passo que as muares adaptávam-se bem melhor ás exigencias da locomoção burgueza pela cidade.

---

(1) *Monstruosidades do tempo e da fortuna*, pag. 142.

(2) Consulte-se o citado *Repertorio*, d'onde muitas d'essas noticias são extrahidas.

(3) Cart. de C. M., Liv. 1.º de D. Filippe I, fl. 121.

*

Mas fiquemos por aqui. Veja se onde, de assumpto em assumpto associado, iamos chegando. Tudo isto a proposito dos exercicios physicos, a que, cheios de razão, tanto apreço davam nossos avós.

Hoje... pensa-se menos na educação physica da mocidade, do que no desenvolvimento precoce e artificial das suas faculdades intellectuaes na estufa doentia da nossa instrucção secundaria. Quero que lhes responda a opinião illustrada do meu saudoso D. Antonio da Costa no seu livro mestre *A Instrucção nacional.*

Miguel Leitão é riquissimo ainda de quadros fieis das usanças festivas da Nobreza nas tardes de cannas e outros jogos dextros. Concedâmos pois ao seu parente Nicolau de Altero um tal qual quinhão n'essa mania obrigada do seculo, e imaginemos quanta vez algum terreiro da sua quinta se enfeitou com os palanques e vistosos apparatos de taes divertimentos senhorís, quer fossem os jogos da pella, ou as lutas e corridas que nos pinta a *Alphêa* de Simão Machado; quer fossem as justas da argolinha e as apostas equestres, que tão bem descreve Antonio Galvão de Andrade; quer fossem as escaramuças e ciladas de turcos fingidos com lanças e adargas embraçadas, e grandes gritas de «moiros! moiros!» tão pittorescamente desenhadas em miniaturas á penna pelo chronista cortesão d'el-Rei D. João II; quer fossem as representações de comedias do tempo, em castelhano ou em portuguez, n'algum adro assombreado, sendo o palco de vigas e taboas es-

tendidas em cima de quatro pipas, sendo a platéa os bancos emprestados de alguma egreja proxima, e sendo os actores mancebos nobres da cidade, tudo scenas muito para folgar e rir, em que chocarrices e dichotes nem sempre primavam de compostura (1).

Mas isto eram as representações particulares. Theatros publicos, bem se sabe que os não havia fixos; em Lisboa cumpria á Meza da consciencia designar de antemão o dia e o sitio, revista por um Desembargador do Paço a tragicomedia ou farça que se havia de dar (2). O que é singular é que um alvará d'el-Rei D. Filippe II estatue que não haja disfarces, e que as figuras representem *no trajo do seu sexo* (3).

Sahimos outra vez um pouco fóra do meu ponto. Isto de tagarellas não se calam em achando quem os escute.

*

Como ideia associada aos exercicios physicos, sempre direi que havia em Lisboa por essas eras quatorze escolas publicas de dança (parece-nos hoje impossivel!), afóra homens que ensinavam os nobres em casa d'elles (4); de esgrima quatro escolas publicas, afóra *muitos gentishomens* que ensinavam *pessoas nobres,* e tinham numerosos discipulos (5).

---

(1) Veja-se o quadro que a *Miscellanea* pinta de uma coisa d'estas no dialogo 12.º

(2) Alvará de Novembro de 1612, na collecção da legislação.

(3) Id., ibid.

(4) Christ. Rodr. de Oliv. *Summario,* pag. 108.

(5) Id., ibid.

Isto era tudo nas classes distinctas. A plebe divertia-se lá a seu modo, nas lutas, nos jogos do pau, e outras praticas toleradas, quando não era nas que os alvarás excommungavam com affinco. Por exemplo: na pouco policiada Lisboa davam-se frequentes batalhas campaes á pedrada, entre o rapasio e até os homens de bairros differentes, com grave escandalo da ordem publica, e descommodo da visinhança; e chegaram quasi aos nossos dias (que o digam as celebres *Bella Cotoviæ* do Palito Metrico), apesar de serem d'el-Rei D. Filippe II as energicas providencias legaes contra taes desaforos (1), e outros parecidos.

Tudo isso felizmente acabou. Lisboa pode orgulhar-se da sua policia.

Nós acabemos tambem por hoje, e amanhan continuaremos a esquadrinhar a vida dos nossos avoengos.

---

(1) E' ver os alvarás de 31 de janeiro de 1604, e de 13 de fevereiro do mesmo anno na collecção da legislação.

CAPITULO XI

D'esta feita, é justo que principiemos por alguma coisa sólida, visto que o final do capitulo antecedente nos deixou exhaustos, e fartos de exercicios physicos. Trataremos da meza de Nicolau de Altero.

Havia já n'esse tempo grande apuro gastronomico pela culta Europa. Em Portugal as toalhas de Flandres cobriam-se de lindas baixellas, *mimos indianos*, que faziam estremecer a philosophica e severa mediania da quinta da Tapada. Reluziam cristaes faceados e doirados; alvejavam gomís de prata lavrada; o saleiro, assim como as galhetas, recusariam servir se lhes não dessem para supportes pratilhos de valia. Em volta do seu prato, podia emfim cada conviva gosar-se já do nosso talher de garfo, colher, e faca, innovação que assim completa não tinha mais de uns cento e cincoenta annos. Havia-os por cá bellissimos, e como hoje não ha: de prata, com cabos de cristal guarnecidos de oiro (1).

---

(1) *Relação individual* citada.

A loiça mais vulgar devia ser a branca de Sevilha e de Talavera (1), além da ceramica nacional, já muito em voga, de Estremoz e Monte-mór o velho, a qual (com ser pobre) não deixava de figurar nas refeições d'el-Rei D. Sebastião (2); mas para honrar condignamente as invenções culinarias dos Vateis do tempo, lá estavam as loiças chinezas esmaltadas, frequentes nos nossos dominios, para assombro da Europa, onde o não eram. D'esse modo, as capoeiras, habitadas do que havia de mais apreciado, vinham triumphar entre primores na solemnidade já muito artistica dos festins.

A opinião sincera do secretario d'aquelle Cardeal de Alexandria, que foi enviado a Portugal pelo Santo Padre Pio V em 1571, o já citado Venturino, era porém que as mezas de Lisboa não podiam competir com a boa ordem, a abundancia, e o escolhido das de Madrid, porque os Portuguezes, diz elle, «não teem habito de banquetear-se.» Referindo-se ás festas da Côrte, diz que se conhecia a boa-vontade com que os nossos davam tudo, e que ostentavam abastança de peças de oiro e prata, e eram servidos por muitos criados; mas achava as iguarias mais grosseiras que delicadas, os vinhos fortes, e a fruta pouco singular, estremando-se o pão e a carne, que eram optimos (3).

---

(1) *Estatistica* mss. em lettra gothica moderna, obra anonyma, mas preciosissima, da Bibl. nac. de Lisboa.

(2) Segundo conta o citado Venturino na sua relação de viagem em Portugal. *Panorama,* vol. VI.

(3) Relação d'essa viagem. *Panorama,* vol. VI, pag. 346.

Concordam com o Venturino os Legados da Republica de Veneza Tron e Lippomani, que da parte da Senhoria vieram em 1580 a Lisboa comprimentar el-Rei D. Filippe I. Nas suas impressões de viagem, que são curiosas para a historia dos costumes, observam elles que a respeito de vitualhas não se hão-de buscar em Lisboa coisas muito exquisitas (1).

Bem dizia Francisco de Sá com o seu feliz humor habitual:

Os bons convites antigos,
antes de tudo se alçar,
eram para conversar
os parentes e os amigos,
e não para arrebentar (2).

*

Fossem, ou não, severas de mais aquellas opiniões diplomaticas, muito desdenhosas quasi sempre *(desdem de estrangeiros,* como diz com graça o auctor do *Auto da Ave Maria),* o que parece é que, para um viver largo e luxuoso, á melhor moda da sociedade culta, devia possuir os necessarios rendimentos este proprietario Nicolau de Altero, como senhor de boa porção dos terrenos do opulento bairro novo. Afóra essa tal casa onde habitava, outros chãos possuia por ali.

Sigamos um fio partido que encontrei, comprovativo d'essa posse.

---

(1) *Panorama,* vol. VII, pag. 98.
(2) Satyra 3.ª.

*

Entre os haveres da familia figurava uma herdade no sitio denominado *os Cardaes,* junto á rua *Formosa.* Chamavam-lhe então os *Cardaes de S. Roque;* era sitio muito ermo. Nada mais avultava ali do que uma antiga ermida com um ermitão. Logo direi como em 1595 um tal Luiz Rodrigues, que ali veiu a possuir uma casa, a doou para se edificar o convento de Nossa Senhora de Jesus (1); e como, depois de edificado o convento, os *Cardaes* passaram a denominar-se *de Jesus,* como ainda hoje. Ainda no principio do seculo passado por ali algures existia uma quinta chamada *dos Cardaes* (2).

O tamanho exacto d'essa tal herdade *dos Cardaes* pode calcular-se ao certo; tinha dezasete chãos. O *chão,* como muitos sabem, era uma medida, de que usava a cidade de Lisboa, de sessenta palmos de comprido e trinta de largo (3). Arbitremos pois a esta herdade 30:600 palmos quadrados. Em 1558 o seu proprietario Nicolau de Altero aforou-a por 6$800 reaes annuaes a um Jorge Fernandes *ladrilhador* de officio, isto é, oleiro, como hoje diriamos, porque, segundo creio colligir do que define um contemporaneo (4), o *oleiro* era o fabricante de azulejo.

Ora muito bem: junto aos *Cardaes* existe a calçadinha *do Tijolo,* que era, ha cincoenta annos ain-

---

(1) Carvalho da Costa. *Chorographia.* — Tom. III, pag. 495.
(2) Id., ibid., pag. 490.
(3) *Miscellanea.* — Dial. x.
(4) Frei Nicolau de Oliveira. *Grand. de Lisboa,* pag. 174.

da, ladrilhada de velhissimos tijolos a pino, que desappareceram com a macadamisação, mas que bem podiam ter correlação remota com o ladrilhador Jorge Fernandes, e com o proprietario Nicolau de Altero. Quando a não tenham (e para isto principalmente é que eu trouxe esta menção), são prova presumptiva da antiguidade do sitio, e especimen, hoje perdido, da maneira por que as ruas em Lisboa eram calçadas no seculo XVI, pois assim se lê por incidente no diario da jornada da nossa Infanta D. Maria filha d'el-Rei D. João III, Princeza das Asturias. Diz o citado escripto referindo-se á cidade de Elvas: «Esta cidade......... é pobre um pouco, e as mais das casas são todas ladrilhadas de tijolo, da maneira que as ruas são calçadas em Lisboa (1).»

No processo de um certo Antonio Dias, carpinteiro, para familiar do Santo Officio, apparece tambem, em 1609, o de Briatiz Francisca, sua mulher. Ahi se vê que era neta de um ladrilhador Alvaro Fernandes, morador em Lisboa, aos *Cardaes*, em casas suas. As testemunhas referem-se ao conhecimento que tinham com elle desde uns cincoenta annos. Pergunto: essa identidade de appellido, e de sitio *(os Cardaes)* não estarão a denunciar parentesco proximo com o citado Jorge Fernandes? (2)

Saiâmos d'este emmaranhado labyrinto de tijolos, mais temivel que o de Creta, e voltemos a casa de

---

(1) *Hist. Gen. da Casa Real.* — Tom. III das Provas, pag. 121.
(2) Torre do Tombo — Familiares — M. 1, n.os 1 a 13.

Nicolau de Altero. Agora vai o leitor conhecer melhor as senhoras.

*

As senhoras d'esta casa eram: a mulher de Nicolau, Martha de Andrade, e sua filha Brites, a quem encontrâmos já viuva de Balthazar de Seixas, sujeito que não pude ainda topar nas genealogias.

A acreditarmos a *Miscellanea* (e por que não?) era Brites uma honestissima senhora, piedosamente creada ali sob a vigilancia e influencia da casa de S. Roque, e educada com todas as prendas de uma rica herdeira. Foi de certo, com sua mãe, uma das frequentadoras assiduas das praticas dos Jesuitas, praso-dado onde ás tardes as liteiras armorejadas, e os coches mais opulentos, vinham trazer a primeira sociedade de uma legua em contorno.

O viver passava para as damas concentrado, e sequestrado ao bulicio burguez, commercial, e artistico, da pittoresca *rua Nova* (positivamente o *Chiado* de então). O tempo que os seus lavores caseiros lhes dispensavam, ia-se em visitas pelos conventos, onde as suas amigas e parentas, já freiras professas, já recolhidas, sabiam atapetar de flores, por que assim o digamos, o chão ascetico do claustro sob os chapins seculares e profanos, pouco affeitos a pisar abrolhos. Os miminhos, as flores, os doces finissimos, os bordados mirificos, eram, tanto como a conversação affectuosa, gazeteira, e assucarada das cellas, o melhor desenfado, e uma das attracções dos mosteiros femininos. Na vida secular representavam elles papel importante, não só para os costumes da *elegancia,*

como até muita vez para os enredos politicos da Côrte.

A piedade e os exercicios religiosos tinham, como todos sabem, além das pompas tão eloquentes da Egreja catholica, outro realce singular aos olhos da turba: era o *ayto de devação,* verdadeiro espectaculo, em tempo em que nem S. Carlos, nem os nossos dez ou doze theatros, eram o entretenimento da imaginação de um numeroso publico.

É verdade que já bastaria para isso a musica dos templos, que era uma instituição artistica de altos quilates. Havia-a muito notavel, como composição, e como execução.

> *Musica vimos chegar*
> *á mais alta perfeição;*
> *Sarzedo, Fonte, cantar;*
> *Francisquilho a si juntar*
> *tanger, cantar sem razão;* (1)
> *Arriaga, que tanger!*
> *o cego, que grã saber*
> *nos orgãos! e o Vaêna!* (2)
> *Badajoz!* (3) *e outros, que a penna*
> *deixa agora de escrever.*

---

(1) Isto é: juntar em si varias prendas: a de tocador, e a de cantor.

(2) Havia tres Vaênas (Gonçalo, Francisco, e Antonio) musicos da camara d'el-Rei D. João III, segundo se vê na lista que vem a pag. 622 do T. VI das *Provas* da Hist. gen. da C. R.

(3) João de Badajoz era o nome de um musico da camara d'el-Rei D. João III, segundo a Hist. gen. da C. R., *Provas,* T. VI, pag. 622.

São palavras de mestre Garcia, que em muitos passos é um pintor de genero. Andrade Caminha, o saltitante versejador, menciona alguns musicos e cantores de nomeada: Rodrigo Velho, Luiz de Victoria, Francisco Mendes, etc.; e, segundo uma phrase de um documento antigo (1), era cantor d'el-Rei D. Manuel um tal João Vieyra, cujo rasto em nenhuma outra parte achei. Até por essa circumstancia da musica, sabia pois Lisboa estremar-se no seculo XVI como primaz no Reino. Perante esses esplendores da Côrte se extasia no seu livro citado Duarte Nunes, e affirma Braunio que nas grandes solemnidades do calendario, quando sahiam para fóra da Capital, a cantarem nas villas e freguezias proximas, mais de trinta orchestras de musicos e tangedores, cá não se dava por tanta emigração, porque as festividades sacras deslumbravam como de costume, pelo bem providas e concertadas. Era em parte o zelo das cento e trinta e uma confrarias e irmandades, que, além do avultado cabedal empregado na beneficencia publica, sabiam despender bizarramente com as exigencias civilisadoras do luxo na Arte.

Por tanto, se podessemos entrar nos mosteiros, ou nos templos de então, certamente haviamos de encontrar frequentes vezes, no trajo modesto que tão bem realça as formosuras, e talvez com as suas mantilhas ou mantos, que as rebuçavam todas (moda que ainda hoje as senhoras usam na Semana san-

(1) Livro 2.º d'el-Rei D. Manuel, fl. 17 (no Archivo da Camara Municipal de Lisboa).

ta), a mulher e a filha de Nicolau de Altero. Se divagassemos na rua, haviamos de avistal-as, uma ou outra vez, com o seu sequito obrigado de criadas e escudeiros, encaminhando-se a passo grave e miudinho para Missas, Sermões ou Matinas, rarissimas partes onde era dado sahirem senhoras bem nascidas, e ainda assim com os mantos modestamente derrubados sobre os olhos, e escondidas a todas as vistas, como lá diz o douto Duarte Nunes (1).

*

Escondidas? inteiramente occultas, desconheciveis; o que se prestava a abusos, como succedia hontem ainda com a capa e lenço, e succede hoje no Algarve e nos Açores, onde as auctoridades teem debalde tentado acabar os capuzes, perfeitos dominós, que disfarçam romances e dramas muito á vontade. Parece que assim era tambem por cá.

O Desembargo do Paço chegou a propôr a D. Filippe III meios coercitivos para a moda das mulheres andarem *tapadas* (termo technico); e o Re. respondeu com graça (2), e com certo conhecimento do fructo prohibido e do coração humano (seja dito sem offensa), que lhe parecia não dever prohibir tal, porque «de semelhantes prohibições se tem visto maior introducção dos excessos que se pretendem remediar, apetecendo-lhes o vedado.» Ordenou então ao Desembargo que informasse de novo, syndi

---

(1) *Descripção de Portugal.* — Cap. LXXXVIII.

(2) Em carta regia de 10 de Outubro de 1623.

cando primeiro dos termos a que tinha chegado o sobredito uso, se degenerava em immoralidade, etc. Provavelmente o tribunal informou contra, porque logo em 1626 uma carta regia (1) prohibe formalmente as rebuçadas, sob penas severas.

As netas da mãe Eva é que fizeram pequeno caso de quem assim se queria ingerir, com a lei em punho, nas attribuições do que era lá o seu *mundus muliebris;* motivaram sem o quererem um decreto (2) em que se lhes vedava, fossem ellas de que qualidade fossem, o andarem pelas ruas *embuçadas, com chapeo ou sem elle,* e o assistirem n'esse trajo ás festas nas egrejas. As perseguidas que fazem então? descobrem só meio rosto, e julgam illudir d'esse modo a vigilancia dos seus tirannos; mas eis que, dois mezes depois, sai como uma vibora um alvará (3), explicando por miudos os abusos de tal pratica, declarando que n'esse tredo descobrir de meio rosto as insurgentes «ficam ainda assim desconhecidas», e ordenando (ipsis verbis) que «toda a mulher que não andar com toda a cara descoberta, e houver de trazer biôco, trará o manto cahído até aos peitos».

*

Mas francamente, avósinhas do seculo XVII, fazieis bem mal em vos tapardes assim.

---

(1) De 19 de Junho.

(2) De 11 de Agosto de 1649.

(3) De 6 de Outubro de 1649.

As lisbonenses eram bonitas, segundo affirmam estrangeiros, que nada tinham de lisonjeadores. Os cabellos d'ellas eram habitualmente negros, mas ellas tingiam-n-os, por moda, como as casquilhas de Ovidio, de côr loira (1). Era um gosto do tempo, de que a litteratura nos deixou vestigios: para quasi todos os poetas, se não todos, para os Camões, os Ferreiras, os Caminhas, os Mirandas, arremataram os cabellos *de oiro* logar fixo e indisputavel nas descripções de typos femininos.

Quem sabe se até as Andradas, donas tão recatadas e honestas, cahiriam na fraqueza de sacrificarem ao genio da moda a côr peninsular dos seus cabellos? quem sabe? Pois não precisavam d'esse artificio para serem interessantes.

Que retrato das nossas bondosas Portuguezas pinta o eborense Duarte Nunes do Lião, já pela suavidade dos seus rostos, já pela sua honestidade e *assocego,* já pelas suas muitas prendas caseiras de donas de casa, já pela sua caridade inexcedivel! É digno de reler-se aquelle trecho, porque se vê, pelas nossas patricias de hoje, que foi pintura tirada do natural.

*

Se á noite fossemos á casa de S. Roque, haviamos certamente de encontrar o rancho feminino ao serão mais que patriarchal das damas antigas portuguezas: ellas sentadas nos seus pares de almofadas de seda, ou mesmo sentadas no chão, franca-

---

(1) Lippomani. *Panorama.* — Tom. VII, pag. 98.

mente no chão sobre uma esteira ou um pedaço de tapete, como até as Princezas usavam; e podem ver-se sobre esta costumeira ingenua e pouco artistica varios passos da relação do já citado Venturino. Junto das amas as servas, em redor dos candieiros amarellos de latão, pura edade-média, instrumentos ainda vivos ha pouco em algumas classes de Lisboa, e cuja fórma tradicional se perpetúa.

Pela maior parte, essas servas eram escravas. A escravaria, trazida da Guiné, custava porém carissimo; tendia a encarecer ainda esse *genero,* meado o seculo XVI; e por isso muitos particulares tomavam homens e moças *de soldada* (como os actuaes criados de servir).

Complete-se por tanto o grupo em volta do candieiro com algumas physionomias negras á mistura, e até com algum bugío muito manço, ou papagaio valído, bichinhos que as conquistas nos enviavam «para delicias e recreação», segundo um coevo (1).

O terço resado em commum (costume piedoso conservado ainda na provincia), e as leituras de chronicas ou historietas de cavallarias, deviam muita vez entreter parte do tempo antes da ceia.

A proposito de leitura: uma observação valiosa que me occorre: o gosto por ella não devia ser então muito diminuto, a julgar pelos cincoenta e quatro livreiros que abasteciam as sêdes litterarias da patria de Ferreira e Camões (2), e a julgar tambem pelo que diz a *Estatistica* manuscrita da Bi-

---

(1) Duarte Nunes. Obra citada.
(2) Chr. Rodr. de Oliveira. *Summario,* pag. 109.

bliotheca Nacional, muitas vezes citada. Apresenta este valioso repositorio um calculo aproximado da somma que annualmente se dispendia em Lisboa só no artigo livros (aproximado, apenas, porque era genero que não pagava direitos). Attendendo, observa o auctor, ás lojas que os livreiros tinham na *Rua Nova,* á grandeza d'ellas, á sua valia, aos seus altos alugueres, e á circumstancia de serem ricos quasi todos os *livreiros* (o que nunca se disse dos auctores), poderia calcular-se o gasto annual de livros em 20:000 cruzados, ou 8:000$000 réis, somma hoje incomparavelmente maior (1).

N'esses serões por tanto a historia do Infante D. Pedro das sete partidas, e da Princeza Magalona, o inimitavel, o epico Amadís de Gaula de Gil Vicente, e outras obras, haviam de ter entretidas as attenções do rancho, e arrancar lagrimas até ás figuras dos panos de raz, como diz algures o D. Duardos do velho troveiro, quanto mais aos formosos olhos das ouvintes sentimentaes! Para tempêro lá estavam então as farças do mesmo poeta, as do Prestes, bem melhor metrificador, sim, mas sem o genio do mestre, as do Simão Machado, que haviam algumas vezes de entremear-se tambem com os *Vilhalpandos* e o *Cioso*, a *Alphêa* ou o *Bristo,* peças mais modernas, onde o gosto de Terencio e Plauto (os da moda) se reflectia. E em quanto uma voz ia lendo, os assistentes devoravam esses primores, ao som monotono e surdo das rocas de roda, ricas e torneadas peças de uso, de que alguns museus da

(1) Fl. 23.

Europa conservam com apreço especimens curiosos.

Ora eis ahi estão as seroadas da casa de S. Roque, bem diversas das nossas recepções semanaes. Deviam lembrar os applicados lavores em casa de Penélope, com tanta graça e mestria pintados pelo semi-deus!

Os homens, esses jogavam jogos de cartas, está visto; mas só os homens, porque (segundo affirma um douto informador) ás senhoras de bem era isso defezo, assim como o vinho, pela pragmatica tacita dos usos nacionaes (1). N'esses jogos masculinos, porém, poucas vezes se encontrariam alguns tão engraçados, como o que se jogava no Paço, com as doze cartas *de louvor*, e as doze *de deslouvor*, cujas coplas, escriptas de proposito em tempo d'el-Rei D. Manoel pelo seu ladino moço da escrevaninha, tinham feito as delicias dos cortesãos.

Tambem não digo que uma ou outra noite não houvesse propriamente dança alternada com ensoadas, em que os bailes moiriscos e os turdiões baralhavam a alegre companhia, como o fazem os nossos lanceiros e as nosas contradanças; tudo á moda da polida Lisboa, que primava em cortesania exagerada, e usurpadas honrarias, segundo nota sorrindo um villão em Antonio Prestes, quando diz:

E de Lisboa se sôa
que todos lá são honrados;
que de pessoa a pessoa
se fallam desbarretados;

---

(1) Duarte Nunes. Obra cit., cap. 88.

quadra que poderia traduzir-se á moderna por estas palavras:

Da gran Lisboa se diz,
que todos, á competencia,
erguem bem alto o nariz,
e só usam de Excellencia.

*

Concluirei o capitulo (de volta á casa de S. Roque de Lisboa) com uma observação: vejo nas allianças dos membros da familia Andrade, quasi sempre confinadas nos dois ou tres primeiros graus de parentesco, indicio de que viviam muito entre si, ou tinham em tanta conta o seu nome, que desejavam perpetual-o orgulhosamente nas varonias.

Assim esta rica viuva, esta mesma Brites de Andrade, que vimos na sua elegancia caseira, e que foi requestada sem duvida por próceres, preferiu arrostar o uso, e tomou segundo marido; e preferiu que elle fosse um viuvo, a ir mesclar outra vez o seu sangue illustre com outro sangue não seu.

Quem era o pretendente? d'onde vinha? Já mais de uma vez me referi ao testemunho d'elle no decurso d'estes estudos; era um primo da casa, antigo pelejador de Alcacer-Kibir, escriptor applicado, abastado proprietario (creio que já então) no Pedrogam grande, no Carregado ou em Villa-nova, em Obidos, no Crato, e na Ribeira do Sôr (1). Os seus cincoenta e tantos annos não o damnaram, segundo

(1) *Miscellanea* citada. — Dial. III, pag. 63, 64 e 65 da edição de 1867: e Manço de Lima. — *Genealogias.*

se vê, no conceito da viuvinha; as muitas aventuras de que fôra heroe, o seu talento, a sua graça, pleitearam por elle, e venceram. Foi acceito para noivo o cavalleiro Miguel Leitão de Andrada.

Mas agora reparo: o capitulo vai já descompassado. Aqui fico, depois da subita apparição d'esta figura nova, e deixarei consummarem-se na santa paz da casa de S. Roque as bodas da neta de João de Altero, em quanto não continúo nas minhas observações.

CAPITULO XII

No meu ultimo capitulo apresentei Brites de Andrade a ponto de realisar o seu enlace matrimonial, nada menos que com o futuro auctor da *Miscellanea*. Apparecêra elle pretendente á mão de sua formosa prima, e obtivera consentimento, sem que o empecesse a lenda tenebrosa, que (no dizer de um genealogista) pairava sobre o seu nome: nem mais nem menos do que a suspeita de ter sido elle o matador de sua primeira mulher, D. Ignez de Atouguia.

Em quanto a casa de S. Roque celébra as bodas da rica herdeira Brites de Andrade com seu primo Miguel, conversemos um pouco, e examinemos de espaço essa originalissima personagem.

*

A verdade é que de toda a enfunada geração de Andradas, que tão alto remontam a grimpa da sua arvore, e de tão fundo lhe deduzem a raiz, quasi

que se perderam as memorias. Vivem n'algum nobiliario, se é viver esse desterro entre as folhas amarellentas de uns livros que ninguem lê, esse reinar de mumias debaixo de campas armorejadas, esse jazer entre saudades do que foi, á luz crepuscular que vem das chronicas.

Se viver é isso, vivem muitos Andradas nos livros de linhagens d'este Reino, aventureiros da India, padroeiros de capellas, escrivães de chancellarias, capitães de ginetes, homens bons, de peleja e de conselho; vivem estirados como estatuas de tumulo, vivem da vida morta do que lá vai!...

Uns pelejaram; derramaram o sangue nas guerras coloniaes.

Outros, Religiosos professos, foram martyrisados nas missões da China ou do Brazil.

Aquelles fundaram vinculos para perpetuação do nome, alcançaram allianças illustres, e distincções de grande fidalguia.

Aquell'outros escreveram, e em apreciadas chronicas registaram as acções dos seus Reis.

*

D'entre todos porém um conserva ainda, e para sempre, individualidade mais vivaz; chegou intacto ao nosso tempo; traz em si mesmo toda a energia e crença do seu seculo; conversa comnosco, amavel tagarella! e entre sorrisos consegue impôr, pelos seus chistes e donaires, a sua curiosa personalidade. É este; é Miguel Leitão; salvou-o e immortalisou-o um nada: o livro sincero e facil, que elle, sem ati-

nar que nome ao certo lhe daria, intitulou d'esta forma singular:

Frontispicio do livro *Miscellanea*, de Miguel Leitão de Andrada; gravura em cobre do seculo XVII

MISCELLANEA

do sitio de Nossa Senhora da Luz do Pedrogão Grande, apparecimento de suas Imagens, fundação

do seu convento e da Sé de Lisboa, expugnação d'ella, perda d'el-Rei D. Sebastião, e que seja Nobreza, senhor, senhora, vassallo d'el-Rei, rico-homem, infanção, còrte, cortezia, mezura, reverencia, e tirar o chapeo, e prodigios, com muitas curiosidades e poesias diversas.

E andou avisado na escolha do titulo do opusculo, que a final de contas retrata o auctor. Miscellanea é o livro, e miscellanea quem o escreveu; o livro, mixto de bom e mau; o auctor, *salada de varias plantas,* como elle caracterisa a sua obra.

É ler a *Miscellanea*; é correr aquellas paginas desestudadas, onde o bom do escriptor enthesoirou, sem o saber, tanta riqueza; é deixal-o narrar, na forma de dialogos correntios e pittorescos, o que viu, o que foi, o que amou, o que fez, e ver palpitar a sua era, com as suas superstições, a sua força, as suas fraquezas, as suas indifferenças, os seus orgulhos, o seu poder.

*

A *Miscellanea* de Miguel Leitão de Andrada pode dizer-se um grande basar *sui generis* de velharias. Ha ali desde o elmo reluzente, até ao livro de horas. Ha o negligente sombreiro do lavrador senhoril; a valente espada damasquina que pelejou em Alcacer-Kibir; a guitarra dos descantes, companheira fiel das longas noites do captiveiro; sellas e xaireis de ricos jaezes, com que se entrava galhardo nos jogos; deliciosos quadrinhos de genero e costumes; o rosario de pau santo, em que os ca-

valleiros portuguezes coavam orações a grão e grão; os retratos de familia melancolicos e ennegrecidos; o espaldar das séstas do Pedrogam, onde tão bem sonhados somnos se dormiram; ha até a arca empoeirada dos tombos e papeis velhos, d'onde sai um perfume indizivel de saudades.

Na ordem moral, contém o livro de Miguel Leitão a crença em Deus e nos seus Santos, profunda, inabalavel, meticulosa; o orgulho, que em taes cavalleiros se chamava, de paes a filhos, dignidade; o desejo do bem; o afferro ás coisas da familia; e, no seu tanto, a graça portugueza á D. Francisco Manuel, o desenfadado bom humor, a franqueza gazalhadora, a cortezania antiga, os casos galantes para rir; em tudo a satisfação intima do narrar, e ao mesmo tempo, aqui, ali (quem tal diria?), as nostalgias amargas do cantinho natal.

Isto julgo eu a *Miscellanea*.

*

Deixar lá dizer que o auctor não pôz ordem nem systema nas suas praticas, que as suas noticias são minucias de espirito ocioso, que o livreco só cura da genealogia do escriptor. Quem tal diz não o apreciou; falseou-lhe o ponto de vista, e calumniou-o.

Prouvera a Deus tivesse havido em seculos mais antigos outros Migueis Leitões, a contarem á posteridade a vida dos lidadores de Aljubarrota ou dos infanções de Ourique! prouvera a Deus que no geral se quizessse entender o que são e valem memorias intimas, porque de todas as obras as que

melhor sabem no futuro são as que se escreveram sem mira na publicidade, são as autobiographias e memorias, por assim dizer furtadas ao segredo de seus auctores. Lel-as é conversar com elles na intimidade caseira.

Que valia não teem as cartas de Plinio, e as da Marqueza de Sévigné! as de Cicero ou Voltaire, as do Padre Antonio Vieira, as do cavalheiro de Oliveira, e até o diario rol do Sire de Gouberville!

N'essas paginas, como que se surprehende o segredo alheio, inconfidencia inoffensiva que dá um genero de gosto litterario, a que poucos são superiores. Essas obras, apesar de impressas, teem o que quer que seja de manuscriptos, que dá um prazer de novidade, um desfrute de *estreia* á sua leitura e ao seu estudo.

Ora a *Miscellanea* não é d'esse numero precisamente, e comtudo não deixa de o ser. A *Miscellanea* foi publicada por seu auctor, escripta para ser impressa; e assim mesmo captiva-nos na sua espontaneidade facil, e pelo seu pouco ou nenhum preparo attrai-nos como conversação inedita.

*

Miguel Leitão conversa bem. Tem graça, a graça do tempo, mas culta. Deixem-n-o narrar, e dão-lhe a maior das alegrias. Á falta de ouvintes elle a si proprio se escuta. Não se cala; e não acabo de entender como não fez quarenta dialogos em vez de vinte. Leu muito. Pertence ao numero, não escasso,

dos cavalleiros lettrados. Com o seu amigo Camões pode dizer

n'uma das mãos a penna, e n'outra a lança.

Folheia de bom grado as *breviações* dos chronistas portuguezes. Pára a escutar uma velharia, e faz-nos parar depois para lh'a ouvirmos.

Quer muito aos livros de cavallarias; manuseia-os; a sua narrativa o comprova.

He n'elle um *quid* de Plinio velho: naturalista, curioso investigador de porquês, e crendeiro.

Revê-se nos quadrinhos que engenha. Não é á propria um pintor historico; até nem é um retratista. Aquelle sombrio dialogo VII, com ter muitos toques grandiosos, não é alta pintura. E no emtanto, ninguem mais sincero, mais vivaz de côres, e mais acertado no desenho.

Escreve uma prosa arrendada muita vez em arabescos, que lembram as molduras dos azulejos do tempo; bom sabor provinciano portuguez, entresachado a partes de castelhanas louçanias.

Cita Euripides e David, Duarte Nunes e S. Thomaz de Aquino, Cicero e Tertulliano; e cita-os com certo desvanecimento muito desculpavel.

Tange uns versos taes quaes em portuguez e castelhano, versos quasi tão bem medidos como os botes da sua valente espada, poesia monotona como as molopêas da toadilha popular, canções e elegias semi-camonianas, semi-cervantiscas, cheias de mysticismo, e que illumina o devoto amor que lhe merece a Virgem Senhora da Luz do seu Pedrogam.

É bom cavalgador e muito cortesão; brilhou em moço nos estrados das damas, depois de ter sido em menino o mais endiabrado gaiatete, o mais moido de quedas, brigas, e desastres, que pode imaginar-se, e em mancebo um estudante travêsso e arruador, de dar certamente brado em Coimbra, onde começou a cursar a Faculdade de Canones.

Em pequeno foi com os outros de sua edade, por aquelles pomares e hortas da sua villa, um cavalleirosinho descobridor, sempre á beira de peripecias, sempre a correr aventuras. Em homem foi uma creança credula e mystica; entretinham-n-o tanto as tardes de cannas e toiros, e as carreiras desenfreadas em desenvoltos corceis, como os esplendores das festas de egreja, ou a jactancia da sua estirpe galliciana. Decididamente, este homem é uma miscellanea. Crê em Deus, mas crê tambem nos piruns de quatro pernas, e nos passarões com garras de leão, propriedade exclusiva do Duque de Bragança. Tem muita fé em Deus, mas não disfarça a persuasão intima, em que está, da obrigação impreterivel que tem a Virgem Maria de nos auxiliar nos trabalhos da vida. Curiosa theologia!

*

Baste-nos que assim fique estudado Miguel Leitão de Andrada pelo summario que de si proprio nos deixou, sem o saber.

Isso é em duas pennadas a *Miscellanea*, e isso é em dois traços o seu auctor.

Como artista, é um *amador* distincto, e quasi um

mestre. Como pensador, encontro-lhe muito de Miguel de Montaigne, com egual bom senso, mas muito menos cultura e philosophia. Como homem, ha n'elle a altivez lhana de um nobre portuguez, e largas vistas em prol da Patria. Fraqueja uma ou outra vez perante o Usurpador? fraqueja. Dobra os joelhos senís ante o filho de Carlos V? dobra; por que o havemos de dissimular? Mas, Santo Deus! nem todos podem ser um D. Francisco de Portugal, o grande, o gentilissimo Conde do Vimioso. E depois, pergunto: os ares mephyticos d'aquelle tempo nada são? e a opinião geral não é um predominio? e os factos consummados não tiveram sempre uma força irresistivel? e a energia não se gasta? e uma vida tão trabalhada nada vale? Respeito e perdão ao octogenario cavalleiro.

E ainda assim (diga-se bem alto) poucos livros estillam tanto brio communicativo como este que elle deixou. É singular! mas ha cordeaes litterarios.

*

A prosa da *Miscellanea* tem, ao menear-se, um retinir de esporas, e um arrastar de colubrina. Prosa de raça. E se n'esse volume vemos reflectir-se, por um lado, o sol poente de 1578, e o crepusculo da batalha da ponte de Alcantara, já no outro cabo da obra, apesar das nuvens, alvorece o arrebol de 1640.

CAPITULO XIII

Suspeito que o leitor se não deu por satisfeito com os traços em que esbocei, com broxa de scenographo, o retrato moral e litterario de Miguel Leitão, e deseja que lh'o complete com alguns pormenores biographicos. Annuo. Direi o que souber, ainda que isso nos vai fazer sahir um pouco fóra do nosso proposito, que era só o estudo do Bairro alto.

Afinal de contas parece-me tem razão a exigencia. O falarmos de Miguel, typo original da nossa litteratura palaciana e cavalleirosa, não desdiz do assumpto d'estas excursões archeologicas; tanto mais, que, pelo seu casamento com Brites de Andrade, veio o auctor da *Miscellanea* a ser proprietario de uma boa parte do mesmo Bairro; isto é: veio a possuir ali o dominio directo de seis ruas: a *da Rosa*, a *de S. Boaventura*, a *da Vinha*, a *do Loureiro*, a *da Cruz*, a *Formosa*, e mais um casal não sei por onde.

*

Enganar-se-hão porventura os doutissimos escri-

ptores Barbosa Machado e Innocencio, dizendo que Miguel Leitão de Andrada nasceu em 1555? Supponho que sim; creio que os induziu em menos exacção a gravura da *Miscellanea,* o retrato do auctor, cuja data referem ao anno da publicação do livro, 1629. Pode ser que esta estampa, que marca ao nosso cavalleiro setenta e quatro annos, fosse feita em 1627, ou copia de algum retrato a oleo executado no mesmo anno.

O que tenho por certo é que no testamento authentico, visto e citado pelo investigador Manço de Lima, o proprio Andrada declara em 28 de Setembro de 1627 cumprir *setenta e quatro annos;* logo confessa implicitamente ter nascido em 28 de Setembro de 1553.

É verdade que n'outra parte (1) elle tambem declara que ao tempo da morte de seu pae Belchior de Andrada, em 1568, tinha uns treze annos, «ficaria eu de treze annos», o que transtorna a affirmação do testamento, e repõe o anno 1555. Mas é não menos verdade que:

1.º — N'este segundo caso elle fala vagamente, o que pode provir, ou de lapso da sua memoria senil, ou de desejo innocente de se remoçar;

2.º — O testamento é feito com solemnidade, talvez á vista do documento, e tão repoisadamente, que até cita com exacção o mez e o dia.

Logo, julgo militarem em favor da data 1553 mais algumas probabilidades, até por esta derradeira circumstancia:

---

(1) *Miscellanea.* — Dial. VII, pag. 126.

No Dialogo II (1) diz Miguel:

«Eu hoje, que isto escrevo, sou de setenta e cinco.» Pouco antes, refere-se ao Arcebispo então reinante, D. Affonso Furtado de Mendoça (1627-1630). Calculando, por ser isto ainda no Dialogo II, isto é, no começo da sua obra, que o auctor escrevesse essas palavras em 1628, temos pois que elle declara ter nascido em 1553.

*

A sua infancia no Pedrogam natal foi, como elle deixa entrever, muito conchegada e alegre. As recordações d'aquellas edades teem não sei que influencia affectiva, que se exerce pelos annos fóra, e que alguns passos do livro nos communicam.

Do Pedrogam ficou um bello quadro, do pincel de Frei Luiz de Sousa.

«É o assento da villa — diz o inimitavel prosador-poeta — corôa de uma alta e descomposta serra; e fica o mosteiro em meio de uma ladeira, que d'ella desce para o rio Zezere, acompanhada de penedia e arvoredo silvestre; e tão ingreme e dependurada, que, de qualquer parte que se olhe para baixo, faz tremer os joelhos e medo na vista; e cresce o pavor com a corrente de dois rios, que no fundo se ajuntam, que são o Zezere, muito poderoso de aguas, e o Pera........

... E como cada um traz grande impeto, e se vem furiosamente quebrando por entre penhas e lageas,

---

(1) Edição de 1867, pag. 48.

levantam um medonho ruido, que se faz ouvir de muito longe.» (1)

Nada lhe esqueceu, ao chronista da *Miscellanea*: nem as paizagens agrestes á borda do Zezere, com as suas quintas tão verdes (2); nem a xácara

No figueiral figueiredo
a no figueiral entrei,

que elle com lagrimas se recordava de ter ouvido cantar «*muito sentida*» a uma algarvia de avançada edade, sendo elle muito menino (3); nem os pomares sombrios do convento da Luz, tão querido de Frei Luiz de Granada (4); nem o santinho Frei Antonio de Ourem, affectuosamente mencionado no dialogo III (5): nem o outro velho, muito da sua creação, o bom Frei Gonçalinho (6); nem as tropelias da creançada, narradas tão ingenuamente, e de que o leitor erudito certamente se recorda; nada emfim do que nos seus primeiros annos lhe encheu a vida, que tão aventurosa lhe havia de correr.

Belchior de Andrada, seu pae, está se a vêr que era um devoto e bondoso á maneira antiga portugueza (7); d'elle pouco sei; teve a ventura de deixar pequeno rasto pelas genealogias: gosou a felici-

(1) *Hist. de S. Dom.* — P. II. — Liv. VI, cap. V.
(2) Dial. I.
(3) Pag. 25.
(4) Pag. 16 e 103.
(5) Pag. 56.
(6) Pag. 82.
(7) Pag. 81.

dade obscura do lar domestico, e nada mais ambicionou. Contentou-se com succeder, como succedeu, na casa de seu pae, e nas capellas de seus avós Domingos Affonso Barreiros e Domingas Annes, ser Cavalleiro Fidalgo, e mais Juiz dos orphãos na sua villa natal, o que lhe suppõe lettras; mas ignoro quando as cursasse.

Miguel Leitão, que era caçador de minucias, e um tanto supersticioso, como tudo comprova, não deixa de notar que na existencia de seu pae a data de 6 de Janeiro marcou tres épocas importantes: o nascimento, o casamento, e a morte (1).

O casamento foi antes de 1529, como constava das notas do tabellião Diniz Camacho, na Certan, em documento que o genealogista Manço de Lima viu e extratou. A morte foi em 1568 (2). O enterramento, no mosteiro da Luz do Pedrogam, padroado dos seus antepassados e dos de sua mulher: Andradas, e Leitões (3).

Fallecido Belchior, procedeu-se a inventario no juizo orphanologico do Pedrogam em 1569 (4), e por ahi se vê que ficaram dez filhos.

*

Está se a perceber esta gente. A imaginação do escriptor, allumiada dos estudos historicos, é uma

(1) Pag. 99.
(2) Pag. 99 e 126.
(3) Pag. 12.
(4) Manço de Lima.

camara optica, onde as minucias do viver antigo se reproduzem augmentadas no vidro da conjectura.

Entre os moradores do Pedrogam destacavam-se estes Andradas, ou Andrades, por uma certa consideração hereditaria devida aos seus haveres territoriaes, mediocres em qualquer parte, avultados para aquella villa pobre e sertaneja. As capellas, de que era administrador o nosso Belchior de Andrada, e o seu padroado na egreja do convento dos Dominicanos, davam-lhe um certo lustre, que o distinguia dos seus pares, os outros proprietarios ruraes. Os seus bens lavrava-os com creados e escravos.

A casa do Pedrogam, singela e farta, era um ninho de familia, onde presidia a tudo a ideia religiosa e a ideia monarchica. Ambições, nenhumas; a existencia do grupo deslizava desde os avoengos sobre as praxes consuetudinarias, que ninguem se atreveria a alterar.

Na cavalhariça ouviam-se relinchar os murzellos, em que o pae se transportava a uma banda, a outra, na sua faina de lavrador senhoril, ou a alguma comarca proxima em visita a morgados amigos, tão boçaes mas tão bons como elle.

Chefe indisputado da sua descendencia, revia-se n'ella, e a todos os sacrificios chamava dever.

Catherina Leitôa, a santa mãe, herdeira e representante de tradições profundamente piedosas, continuava-as no seu lar, e entre creadas nascidas em casa presidia ao lavor domestico, respondendo em tudo, com respeito filial, ás vontades de seu marido e senhor.

A meza frugal, mantida do granel caseiro e das hortas adjacentes, nada tinha dos requintes cortezãos, mas até aos pobres do logar sabia valer; caridade á portugueza velha, envôlta em delicadezas maternaes para com os desvalidos.

Os divertimentos unicos da parentella eram alguma toirada ou cavalhada no arredor, e algum jantar franco e alegre, em que os amigos chistosos davam com os seus ditos acepipe delicioso ás iguarias.

Esta era a familia antiga do bom Portugal de outr'ora. Esta foi, sem duvida, a de Belchior de Andrada.

*

Por sua morte coube a viuva o encargo pesadissimo da educação da ninhada infantil. Sahiu-se d'elle como quem era a virtuosa Catherina Leitôa, suave figura singelamente desenhada por seu filho (1), e entrevista por nós, os modernos, na penumbra dos livros genealogicos; mulher virtuosa, como ha tantas na lista das mães portuguezas; provinciana cheia de amor do proximo, trasbordando de piedade sincera, e, mais por instincto de coração do que por illustração, talvez, comprehendendo toda a grandeza da augusta missão educativa.

É verdade que a tradição, que tanta influencia tem na virtude hereditaria das familias, impunha a Catherina Leitôa obrigações severas. Não falando da genealogia da estirpe, de que se ufana e apre-

---

(1) *Miscell.* — Dial. V, pag. 96.

senta certidão official o auctor da *Miscellanea*, brilhavam na constellação nobiliaria dos Leitões alguns nomes: cito Paulina Leitôa, tia de Catherina, viuva, fundadora do mosteiro de Santa Clara em Figueiró dos vinhos; Brites Leitôa, tambem parenta, fundadora do mosteiro de Jesus de Aveiro; a santa Freirinha Francisca da Paixão; o Padre Frei Nicolau do Rosario Leitão, depois martyrisado na Ethyopia; e outros.

Tudo isso, essa voz composta de muitas vozes solemnes e tristes, que veem dos tumulos, esses exemplos de abnegação e fé, inspiravam sem duvida a alma da boa mãe, e perfumaram o seu lar de um mysticismo, que ainda ressumbra de todas as paginas de seu filho.

*

Educou-se este no convento da Luz, no Pedrogam (1).

Eram os conventos em toda a parte as melhores piscinas dos estudos de humanidades; o vasto cabedal de sciencia que se accumulava com desvelo em cada casa mystica, repartiam-n-o sem avareza os successivos administradores d'aquelles morgados religiosos. Entre os mestres do menino menciona elle a Frei Manuel de Sousa, a Frei Lopo de Sousa, e a Frei Antonio de Ourem (2).

A creação domestica, e a educação monastica, estiveram a ponto de fazer do futuro aventureiro de

---

(1) *Miscell.* — pag. 2 e 56.
(2) *Miscell.* — pag. 2.

Alcacer-Kibir um monge da Luz (1). Transparece um amor seraphico indizivel nas bellas scenas das conferencias de Miguel Leitão de Andrada com o seu confessor e conselheiro espiritual, o octogenario Frei Nicolau Dias, entre as sombras verdes das latadas da cerca, ao som melancolico das aguas da rega dos pomares (2).

D'aquillo tudo lhe ficou para toda a vida no fundo d'alma uma devoção inabalavel á Virgem da Luz da sua terra natal, como no fundo de uma taça um perfume suavissimo. Essa devoção foi-lhe nos trabalhos o maior conforto, e a melhor esforçadora.

Entretanto, passados os primeiros arrôbos semi-lyricos do mysticismo da infancia, abandonou o projecto de sahir do seculo, e já o leitor vai ver (se é que lhe não estou a repetir o que a sua memoria lhe recorda) como depois da morte de Belchior de Andrada começaram para o nosso gorado noviço as peregrinações pelo mundo.

*

Eram, como disse, dez irmãos ao todo. Mencionemol-os:

I — *Pedro de Andrada*. Este succedeu na casa e nas capellas de seu pae, e instituiu uma com encargo de quatro Missas, a qual nomeou em sua mu-

---

(1) Dial. VI, pag. 110.

(2) Dial. V. — Este Frei Nicolau bem pode ter sido o autor do *Liuro do Rosayro de Nossa Senhora*, e da *Vida da Princeza D. Joanna*, mencionados por Innocencio.

lher. Fez justificação de nobreza, com seus irmãos, em 1571. Falleceu em 3 de Dezembro de 1594. Foi casado com Monica Diniz, do Pedrogam; tiveram geração, que não vem para o caso.

II — *João de Andrada.* Clerigo e Frade da Ordem de S. Bernardo. Parece ter sido muito amigo de Miguel Leitão, que o menciona com affecto respeitoso em varios passos do seu livro. A sua morte rodeou-se de certos prodigios sobrenaturaes, de que trata a mesma obra (1).

III — *Gaspar de Andrada.* Frade de S. Domingos; trocou o nome no de Claudio.

IV — *Miguel Leitão de Andrada,* o nosso heroe, graças a quem nos achamos embrenhados n'esta silva genealogica, d'onde creio não sahiremos mais. Andâmos como os cavalleiros de Wieland, ou como os paladins do Ariosto, transviados nas florestas seculares pelo poder da magia. Vamos andando, e apupando a ver se alguem nos vem valer. No emtanto aqui vai uma observação para matar o tempo:

Manço de Lima, que examinou o inventario orphanologico de Belchior, põe Miguel Leitão em quarto logar, quando elle com certeza não era o quarto filho, mas sim o nono (2). Tal discordancia provém certamente de que o genealogista agrupou para um lado os filhos varões, e para o outro as senhoras.

V — *Lourenço de Andrada.* Este perdeu-se indo para a India na nau Santa Clara, de que era capitão sabe o leitor quem? Luiz de Altero de Andrada, seu

(1) Dial. v, pag. 102.
(2) Dial. vii, pag. 126.

primo, irmão de Brites de Andrada mulher do nosso Miguel Leitão.

VI — *Maria de Andrada*; casou a 10 de Junho de 1552, no Pedrogam, com Jacome da Costa, de quem houve geração, que não interessa mencionar-se aqui. Esta senhora falleceu (tambem com circumstancias sobrenaturaes) em 1596 na quinta que seu irmão Miguel possuia no Carregado (1).

VII — *Catherina Leitoa de Andrada*; casou com Belchior Godinho Pereira, do Pedrogam. Uma filha d'ella, tambem Catherina (o nome da mãe e da avó), mereceu a seu tio Miguel grande affeição; tanto, que em 1622, como veremos logo, elle a dotou por escriptura publica, para poder casar. A um irmão d'esta sobrinha, Antonio Pereira (mas não era o *senhor do Basto*, amigo de Sá de Miranda), rapaz que conjecturo seria estudioso e dado a lettras, escolheu o velho cavalleiro auctor da *Miscellanea* para lhe legar os seus livros e papeis. Dil-o Manço de Lima. Que papeis seriam? a *Miscellanea* imprimiu-se em vida do auctor. Eis ahi pois presumida a existencia de ineditos, que era curioso se ainda algum dia viam a luz.

VIII — *Antonia de Andrada*. Casou duas vezes: a primeira com Manuel Fernandes de Almeida; a segunda com Gregorio Ribeiro Florim. Pouco importa aqui a genealogia dos dois.

IX — *Marqueza de Andrada*. Freira em S. Bernardo de Portalegre.

X — *Violante Leitoa*. Casou em 31 de Dezem-

---

(1) Dial. v, pag. 102.

bro de 1580 com Gaspar de Almeida, da Louzan, a quem Miguel menciona algures (1).

Por sobre todo este grupo brilhava intenso o clarão religioso, pelas tradições de familia, que pareciam perpetuar-se. Vamos a uma.

O convento das Monjas de S. Bernardo de Portalegre cai sobre um espaçoso largo, com seu chafariz ao meio; a entrada reveste-se de bellissimos azulejos; o templo é lindo, com o seu altar todo marmores, e os seus dois córos. Foi n'essa casa claustral que Marqueza de Andrada expirou; e constava, e contava-se, que no momento de render a alma a Deus na sua estreita cella de Monja, foi visto por toda a Communidade, foi visto o irmão da morta, Frei João, revestido como para a Missa, de olhos no ceo e mãos postas, pairando sobre o mosteiro.

Que são estas formosas lendas? são o vibrar d'aquellas eras. Chamem-lhes patranhas anti-scientificas; eu chamo-lhes a Fé.

*

E basta; basta. Sentemo-nos n'esta pedra a descançar. Por mim confesso-me aniquilado com o *autem genuit* genealogico. Saiâmos da ~~metrópole~~ necrópole; amanhan cá voltaremos.

(1) Dial. IX, pag. 192.

CAPITULO XIV

D'aquella irmandade toda, que mencionei no meu ultimo capitulo, sempre o mais buliçoso e inquieto havia de ter sido o menino Miguel. Talvez por isso parece tel-o como que tomado á sua conta, depois da morte do pae, seu irmão Frei João de Andrada, sisudo mancebo, que, não sei se com algum caracter official, veio a achar-se (de certo em annos pouco adiantados) no Concilio de Trento (1).

Em 1568 partiu Frei João para Salamanca, a seguir estudos n'aquella famosa Universidade, que era luzeiro na Peninsula; levou comsigo seu irmão Miguel. Quando lá estavam ambos, ordenou o Cardeal Infante D. Henrique, então Abbade commendatario de Alcobaça, que Frei João viesse doutorar-se em Coimbra (2). Antes que regressasse a Portugal foi porém o Frade (já se sabe com o seu protegido) até Madrid visitar «um parente de valia, que d'este reino

---

(1) Dial. VII, pag. 126.
(2) Dial. VII, pag. 126.

havia ido com a Imperatriz mulher de Carlos V irman d'el-Rei D. João III.» Em Madrid se demoraram alguns mezes (1); d'onde vieram para Portugal: Frei João para Coimbra; Miguel para o seu Pedrogam, e d'ahi, obtida licença materna, appeteceu ir tambem para Coimbra com o pretexto de estudar (2).

Effectivamente encontrâmol-o matriculado em Canones, e cursando o primeiro anno, ali por 1577.

*

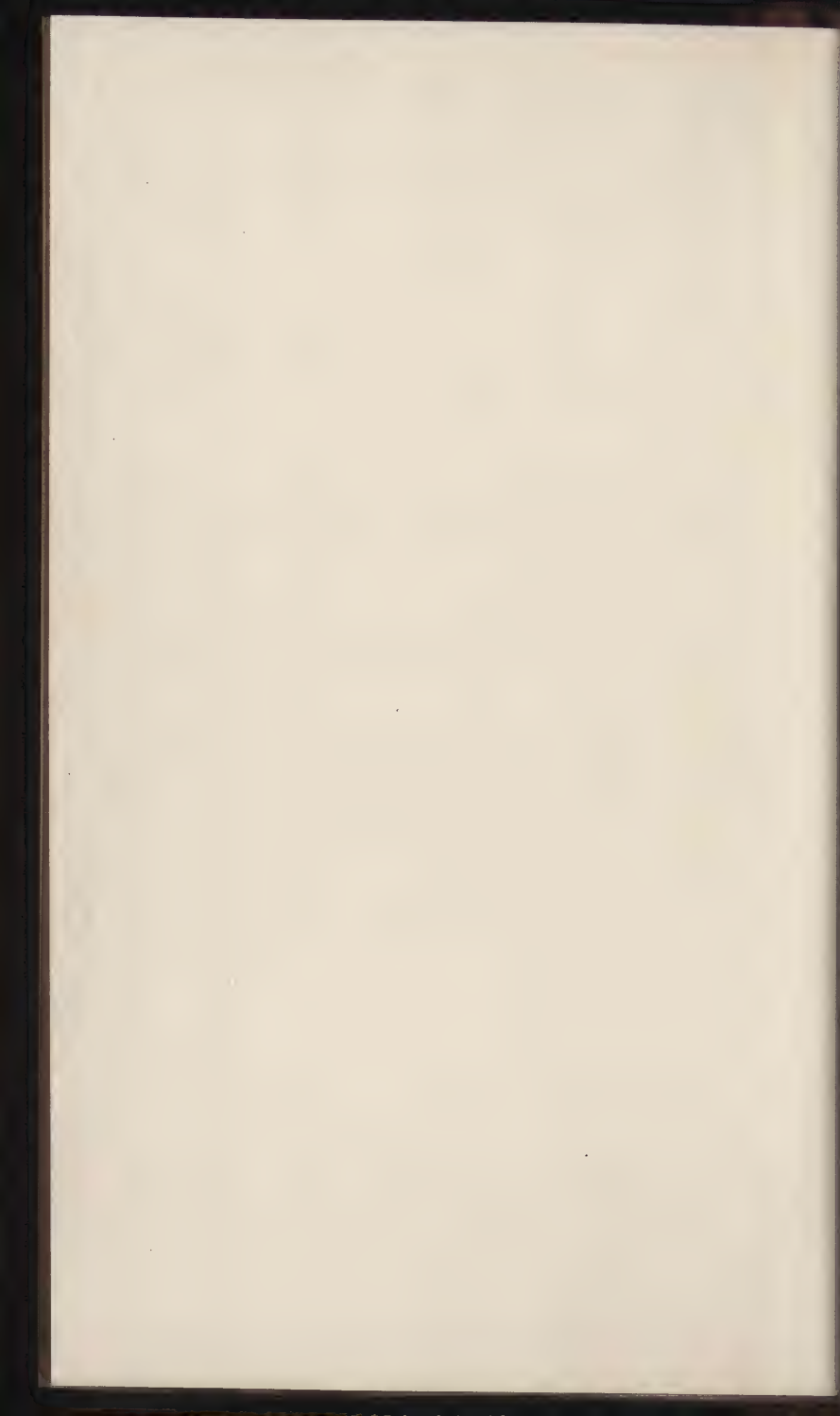
A gloria das armas portuguezas, e o exito da primeira jornada de Africa, inflammaram a tal ponto os brios intempestivos d'aquelle mancebo sem pae, travêsso e infeliz, chamado D. Sebastião, que já nas altas regiões do Paço estava planeada e resolvida a segunda jornada, a despeito dos conselhos de D. Aleixo de Menezes, e até dos de D. Filippe o Prudente. Eccoaram taes novas na mocidade de Coimbra, como eccôam sempre n'essa cohorte as idéas nobres e ousadas.

Era um Rei mancebo como elles, atrevido, singular, com uma lenda de Arthur da Tavola Redonda, com um pensamento grandioso a devoral-o, com um reino aos pés, e com um porvir de Godofredo de Bulhões. Como não havia de acompanhal-o a juventude das escolas? acompanhou-o. Eram acolhidas com ancia as noticias de Lisboa: aprestava-se a ar-

(1) Dial. III, pag. 63 e 65.

(2) Dial. III, pag. 59 e dial. VII, pag. 126.

EL-REI D. SEBASTIÃO

Variações sobre um retrato por Vieira Lusitano; desenho a lapis sanguinho

mada a toda a pressa; a Nobreza porfiava no zelo marcial, que lisonjeava a el-Rei; e para talabartes e cavallos empenhava de ante-mão rendas de muitos annos. Ia faina desusada em todo Portugal.

Entre os estudantes de Coimbra, um dos que mais se commoveram com o rebate foi o nosso aventuroso Miguel. Quem sabe se não teria que vencer alguma admoestação paternal de seu irmão e tutor, o bom Frei João de Andrada? o que é certo é que, mettendo no projecto dois beirões nobres, estudantes tambem, aprestaram todos entre si «o seu fatinho (diz elle), que era pouco mais que de coelho,» e deram comsigo na estrada de Lisboa. Acharam cá o que suspeitavam, ou mais: acharam todo o homem com as esporas calçadas para a jornada, e o nosso porto coalhado de velas.

O como embarcaram n'um navio, que ia por conta do parente de um dos camaradas; o como sahiram n'aquelle dia triste do S. João de 1578, ao som das musicas e dos vivas, com o grosso da Real armada; o como, passando em Cadiz, foi el-Rei recebido do Duque de Medina-Sidonia com grandes festejos e apparatos; o como finalmente chegaram a Arzilla, e o que ahi lhes succedeu, diga-o o auctor da *Miscellanea;* não quero eu tirar a palavra a quem tão honrado uso d'ella sabe fazer.

*

Chegou o dia fatal 4 de Agosto aos campos de Alcacer-Kibir. Aqui recresce o interesse. A obra fugaz e palreira da *Miscellanea* transfigura-se n'este

passo, e eleva-se quasi á altura de Historia. Em toda a narrativa do soldado transparecem as suas qualidades sinceras de christão e de portuguez. O seu estylo, triste e sombrio como um crepusculo, lampeja a espaços dos clarões funéreos da batalha; e, ao longo d'aquellas paginas cahoticas e desfallecidas, entrevê-se a desordem da peleja, o fumo da mosquetaria e da artilharia, percebem-se as grandes massas a moverem-se sem plano, e entreouve-se a grita da soldadesca pedindo morte ou victoria.

Quem relê o Dialogo VII pasma da má estrella sinistra que presidiu ao nosso desbarate. Aquella batalha não se pode estudar a sangue frio em nenhum dos seus narradores, alguns dos quaes Miguel Leitão, boa testemunha que pelejava na vanguarda com os *ventureiros,* rebate e rectifica. Releio sempre cheio de commoção a desventurada jornada, em que as armas portuguezas alcançaram mais um destroço, e uma gloria mais. As paginas de Miguel Leitão de Andrada são um esboço de quadro, cheio de *primera intencion,* como diz o calão artistico, cheio de enthusiasmo. Pelo meio da confusão, desenhada com vigoroso desleixo, atravessam a espaços, ante os nossos olhos estupefactos, as grandes figuras do Duque de Aveiro e d'el-Rei, a galope dos seus ginetes, no delirio da peleja, descompostos e pallidos, quebrantados e sublimes. Pelo sussurro da narrativa entreouve-se aquella voz lamentavel e maldita de *Ter! ter!* que trouxe a confusão e o desanimo ás nossas fileiras. Em summa: a relação do valente soldado é das mais sinceras e arrojadas pinturas, que de tão destroçada loucura nos ficaram.

*

Como Miguel Leitão, com o seu espirito observador e affectuoso, é um escriptor de minudencias (o que é um dos *senões* e um dos encantos da *Miscellanea)* não quero deixar de mencionar um pormenor, que se não pode quasi ler a olhos enxutos; é este:

No fim da batalha, duas vezes ferido na cabeça, e tres na perna esquerda, sentára-se o soldado n'uma pedra a resfolegar um pouco, e eis que avista de repente um pobre Frade de S. Domingos estendido morto no chão; e n'esse minuto, o que lembrou ao nosso aventureiro? lembrou-lhe o convento do Pedrogam, e a sua creação, e os Dominicanos seus mestres, e as ruas do pomar da cerca, e a sua mãe, e a sua meninice morta para sempre!... (1)

A mim, ao folheal-o, vem-me sempre á memoria aquella quadra, que Rebello da Silva me dizia valer uma pagina de Historia:

Em campos de Guadalete
acabado se era o dia;
co'o dia, a grande batalha;
co'a batalha, a Monarchia!

*

Posto o desgraçado ponto final n'esse capitulo de sangue, poude Andrada, apesar de captivo, achar

---

(1) Frei Luiz de Sousa na *Hist. de S. Dom.*os — Part. III, L. VI, cap. XII, pag. 415 lá traz os nomes dos dezanove frades de S. Domingos, que foram com o exercito d'El-Rei D. Sebastião para Africa. Algum d'elles foi o que Andrada viu.

azo de escrever para Portugal; a quem? ao seu querido irmão mais velho, Frei João. Dava-lhe conta de tudo como sabia. A carta chegou ao seu destino; foi mostrada ao Cardeal, a quem a orphandade prematura de um Reino inteiro erguêra a Rei. Segundo parece, por essa missiva é que se soube primeiro a triste nova; e sendo assim, o quadro de Marciano Henriques, que lá está na galeria das Bellas Artes, e representa o Cardeal recebendo a noticia que o traspassa, bem pode referir-se a esta primeira carta de Miguel Leitão. É curiosidade, que não quiz deixar passar despercebida.

*

Fôra Miguel Leitão de Andrada reservado pela Providencia para ser um dos melhores exemplares que se conhecem da desfortuna e da paciencia humana. Por isso lhe diz Galacio no dialogo III: «Parece que todo o discurso da vossa vida foi um continuo perigo!» E assim succedeu. O dialogo VIII é um perfeito romance á moda do tempo, d'aquelles com que muito se aprazia m as leituras populares pelas lareiras de provincia. Compôr taes scenas, achal-as no tinteiro, como as acharia Cervantes, Lope de Vega Carpio, ou Barros no Clarimundo, é para o escriptor grande gosto: mas vivel-as é grandissima desaventura. Pois viveu-as o nosso cavalleiro, e viveu-as com animo, sem fraquejar, sustido das suas crenças religiosas, e sempre com os olhos na Senhora da Luz do seu Pedrogam.

Não quero extratar aqui esse dialogo, nem os es-

tranhissimos successos de captiveiro tão triste e tão cortado de saudades! Oxalá um Camillo Castello Branco, um Arnaldo Gama, um Rebello da Silva, um Andrade Corvo, se tivesse lembrado de o tomar alguma vez para talagarça de qualquer romance!

*

Depois de casos inauditos, perigos imminentes e atrocissimos, temol-o finalmente em Portugal, o nosso aventureiro de Africa, fugido e escapo das cadeias moiras, graças á sua ousadia e ás suas saudades. Chegado a Lisboa, partiu logo logo para Almeirim, onde estava o Cardeal Rei, fugido da peste cruelmente acceza em Lisboa, mas tão mal de saúde, que não poude receber o recem-vindo. D'ahi sahiu elle logo para o Pedrogam. Devia ser isto nos primeiros dias de 1580, visto que el-Rei D. Henrique falleceu em 30 de Janeiro.

Ao passar o nosso viajante em Santarem, na Torruja, aguardava-o uma singular novidade: salta n'um barco para atravessar o Tejo, e quem ha-de encontrar? seu irmão Pero de Andrada, e Gaspar de Almeida futuro cunhado de ambos. Vinham de Lisboa, de fazer compras para as bodas de Gaspar com Violante Leitoa. «Vede agora — diz o escriptor — que alegria seria em todos!» Seguiram juntos, e juntos entraram de surpreza no lar materno. Desgraçado de quem não avaliar o que deveu ser aquella tornada!...

Anno e meio de ausencia, de captiveiro, e de desesperanças, envelheceram o ex-estudante de Coim-

bra. Todos o queriam ver; todos o vinham escutar; ninguem o reconhecia.

Miguel Leitão de Andrada, seu retrato publicado por elle proprio na *Miscellanea*

Satisfeitas as primeiras e anciosissimas saudades, tratou logo de pagar uma divida; que divida? pro-

messa á Virgem da Assumpção, de lhe fazer uma grande festa, caso escapasse. Não sei que demoras houve, que o fizeram protrahil-a até Agosto de 1582. Sua mãe, a piedosa Catherina Leitoa, não fazia senão instigal-o a que pagasse o devido, dando-se por bem contente se depois o Senhor a chamasse para si. Altos juizos! assim foi: durou tres dias a festa: 15, 16 e 17: n'essa noite adoeceu Catherina Leitoa, e durou apenas cinco dias mais, entre a vida e a morte, vindo por tanto a fallecer em 22 ou 23 d'esse mesmo Agosto. Os seus momentos ultimos, tão resignados e christãos, lá os commemora o saudoso filho.

Passados doze annos, ao abrir-se-lhe a sepultura para o enterramento de Pedro, o seu primogenito, encontraram-n-a incorrupta, e expirando suavissima fragrancia. Tornou a dar-se o mesmo, por occasião de quererem sepultar sua neta, filha do dito seu filho.

Não sei ao certo por que foram as demoras no pagamento da promessa, mas conjecturo-as. Primeiro que tudo, a bolsa do triste cavalleiro devia vir menos anafada do que elle, que era de fibra de resistir a todos os trabalhos. Em segundo logar, como vimos pouco acima, preparava-se a boda de Violante Leitoa; e é de crer que isso absorvesse bastante da fazenda do casal, mui cerceada de certo pelos apertos que todo o Reino padecia. Em terceiro logar, finalmente, Miguel Leitão de Andrada, chegado em principios de 1580, via abrir-se-lhe um caminho escabroso, com que não contára: falo das pretenções do senhor D. Antonio Prior do Crato, sustentadas pelas armas perante o Reino todo.

*

De feito, este Pretensor infeliz, Portuguez dos quatro costados, acceito ao Povo, mas desacceito á omnipotencia castelhana, despresára todas as seducções com que o chamára a partido o astuto D. Filippe, e uns quatro mezes depois de fallecido o Cardeal em Almeirim, conseguira, com um troço dos seus sequazes, e com poucas ceremonias, como diz o *Portugal restaurado,* e repete a *Historia genealogica,* fazer-se acclamar na villa de Santarem a 24 de Junho de 1580 (dois annos dia por dia desde a brilhante sahida da armada).

Ora entre esses taes sequazes, mas não entre os mais devotados, encontrou-se, por obrigação de officio, pois era Fidalgo da Casa do Prior do Crato, o aventureiro de Alcacer-Kibir.

N'isto o Duque de Alba marchava sobre Lisboa; entrára por Elvas, sujeitára o Alemtejo, embarcára em Setubal, e subira até Cascaes. Pretende D. Antonio com os seus escassos quatro mil homens mal armados defender Lisboa dos vinte mil veteranos aguerridos de D. Fernando de Toledo. A desastrosa batalha da ponte de Alcantara deu o desengano ao Pretensor.

*

Uma curiosidade agora, que nem todos sabem: destroçado em Alcantara a 26 de Agosto, poude o Prior do Crato acolher-se disfarçado aos suburbios de Lisboa, d'onde seguiu para o norte, e depois teve de fugir para França; ora a casa onde pela ultima

vez pernoitou aquelle Rei sem corôa foi, segundo ouvi, um palacete, de antigo aspecto ainda em 1877, hoje reedificado sob um risco burguez moderno, sito na actual rua *dos Poyaes de S. Bento,* onde era a succursal da loja de papel do fallecido Verissimo José Baptista. Essa casa tinha uma feição nobre, e eu proprio vi antigas pinturas de ornato, como paquifes nos tectos de cupola, e antigos azulejos no que era ultimamente cosinha, o que tudo demonstrava grande vetustez no edificio. Não sei em que se funda a tradição para dar a este predio como o ultimo *estáo* do pobre Principe; transmitto a lenda (se o é) como me chegou (1).

*

Ora voltando ao nosso Miguel Leitão: o que é certo é que, desembarcado em Cascaes o Duque de Alba, se rendeu ao General castelhano o forte de S. Gião; e que fez o cavalleiro do Pretensor? que fez? reflectiu na pouca validade das razões de seu

(1) Consta-me por via fidedigna que nos titulos da casa, quando ella pertencia ao fallecido Manuel Maria Coutinho de Albergaria Freire, havia menção do facto.

O que em boa verdade não affirmarei é que não se referisse á segunda tentativa do mallogrado Rei em 1589. Não pude examinar o ponto, por falta de documentos. Ha outra curiosa tradição, que me contou o meu amigo Conde de Bretiandos. Consta no Minho, que antes de fugir para França o Prior do Crato esteve homisiado no paço de Victorino das Donas, da illustre familia dos Abreus Pereiras Coutinhos, junto a Ponte do Lima, na margem esquerda do rio.

amo, e entendeu, visto que estava perdida aquella causa, apresentar-se como servidor a el-Rei D. Filippe, por quem tinha voz grande parte da Nobreza. Isto não é calumnia da Historia, nem baléla; conta-o o proprio Miguel (1).

Quer elle que eu o defenda da coima de ingrato? não posso. Foi ingrato. Essa nodoa ninguem lh'a tira. A sua posição, o seu nome, impunham-lhe outro comportamento. Mas ao menos, o que não está provado, nem o pode estar, é que para esse desamparo da causa que abraçára fosse comprado, vilissimamente comprado, como tantos outros contemporaneos seus.

Além d'isso, podia ser Fidalgo da Casa do Prior do Crato, e não achar justiça ás suas presumpções a Rei, como succedeu, e succede, a muita gente boa; elle não o esconde em varios passos da *Miscellanea* (2). As opiniões politicas são livres, liberrimas. Não o louvo pois, mas entendo-o.

---

(1) No seu dialogo III, a pag. 63 da edição de 1867.

(2) Por exemplo a pag. 136, 142, 159 da edição citada.

CAPITULO XV

No anno tenebroso de 1580 tinha Miguel Leitão de Andrada seus 27 annos. Não sei quando mudou de estado; o que vejo é que desposou uma D. Ignez de Atouguia, que julgo filha de Francisco de Figueiredo Ribeiro.

Estava essa senhora destinada a trazer ao ex-captivo da moirama a sua mais negra pagina; crer-se-ha? assacaram ao marido a morte de sua propria mulher. Os motivos não constam; consta apenas a suspeita formulada por alguns genealogistas.

Em que se fundava o laborioso Manço de Lima, escrevendo taes asserções a mais de um seculo de distancia? teria visto o processo? teria compulsado documentos particulares coevos do crime? seria o ecco de atoardas authenticas passadas de geração em geração proxima? ou bastou-lhe interpretar com uma hermeneutica pouco benevola certas palavras da propria *Miscellanea?* Não sei decidir de qual d'essas origens brotou a asserção peremptoria e secca do Padre; o que por mim affirmo é que procurei na

Torre do Tombo (1), e debalde, o processo respectivo (que existiu e não devia ser muito magro); que o procurei nas sentenças de Moreira; que o procurei nas sentenças manuscriptas da Bibliotheca nacional; que o procurei no rico archivo do Tribunal da Relação de Lisboa (2), e que em parte nenhuma o encontrei. Arderia? teria ido para Castella? sumir-se-hia por qualquer fórma? pode ser; de não me apparecer não infiro que não esteja ahi algures, e muito á mão.

Vamos ao que importa n'este momento. O passo da *Miscellanea* em que o auctor allude a certos trabalhos e miserias que atravessou, é portanto o unico documento que me é dado seguir. Examinal-o-hei com o microscopio. Das palavras do dialogo x deduzo simplesmente o seguinte:

Foi (não sei quando) imputada uma morte ao Cavalleiro da Ordem de Christo Miguel Leitão de Andrada. Todo o publico falou, e se amotinou. Eram partes contra o reo homens poderosos, alguns até Desembargadores, Corregedores, relacionados em todos os Tribunaes, e no proprio Conselho de Madrid. Que morte lhe attribuiam? quem eram essas partes, que assim pareciam tão directamente interessadas em accusar?

Procedeu-se por ordem de um Corregedor da

---

(1) Graças ás diligencias obsequiosas de João Pedro da Costa Basto, então Official maior do mesmo Real Archivo, e ha poucos annos fallecido.

(2) Agradeço á memoria do Conselheiro José de Menezes Toste, Secretario da Relação, e ao sr. Antonio Carlos de Figueiredo Feyo, Official da Secretaria, os seus bons auxilios.

Côrte a severos exames, com medicos, com cirurgiões, e até com *parteiras*. Ahi rompe um luzeirinho: tratava-se pois de uma mulher, e cumpria averiguar se fallecêra de morte natural, ou se fôra assassinada; mas nada prova por ora que fosse esposa do indiciado matador. Cercaram-n-o de perguntas ardilosas, a ver se o faziam confessar; e elle *confessou* o que quer que fosse, de que depois se justifica.

O Governo central de Madrid deu-lhe uma *carta de seguro*, com a qual o accusado julgou seria respeitado; pois de nada lhe serviu, porque, na propria audiencia a que o chamaram, o prenderam sem mais ceremonias, mandando o Vice-Rei dizer para Madrid que não devia el-Rei D. Filippe livral-o da prisão, porque não era caso aquelle «a que devesse valer nenhum favor das leis.»

Soube d'isto um amigo de Miguel Leitão, e ainda talvez seu parente por affinidade, D. Fernando de Noronha, Conde de Linhares, e foi-lh'o logo dizer. Elle desesperou-se, cheio de razão, com tal abuso de confiança e tamanha deslealdade; e possuido da sua justa indignação, mas sem largar nunca o seu chiste, appellou do Vice-Rei para o Rei, rogando-lhe por grande mercê uma coisa só: que o não houvesse de julgar como a Portuguez vassallo seu, senão como a Turco ou Hollandez, «porque — diziam as palavras textuaes — que Hollandez ou Turco não vem muito seguro a vossas fortalezas com um só escripto de qualquer vosso Capitão em vosso Nome? Pois a mim, senhor, não me prenderam na raia de Castella fugindo, senão na vossa audiencia,

onde fui confiado no seguro que em nome de Vossa Majestade me foi dado. Este mande Vossa Majestade se me guarde, sendo justiça, que não peço favor das leis, senão que não se torçam leis em minha destruição.»

Levantou-se discussão no Conselho Real em Madrid; opinavam uns que se deferisse como pedia o supplicante, e outros que se fizesse o que dizia o Vice-Rei. As partes contrarias a Miguel de Andrada subornaram as Justiças (segundo elle quer deixar entrever), e por fim de contas o Rei decidiu que se fizesse ao preso justiça ordinaria, a cabo de cinco mezes de prisão no Limoeiro de Lisboa.

O preso aggravára da injusta prisão perante a Meza da Consciencia, que era o Juizo dos Cavalleiros das Ordens militares, a que elle pertencia como Cavalleiro da Ordem de Christo. Esse Tribunal representou ao Vice-Rei; ainda sobre isso houve *grandes reluctancias e contradicções;* afinal, e breve, expediu-se uma portaria da Vice-Regencia mandando soltar o indiciado.

Pode calcular-se pouco mais ou menos quando foi o livramento: Miguel diz que quem despachou o seu feito foi já o Marquez de Castello-Rodrigo D. Christovam de Moura; este entrou em 2 de Fevereiro de 1608. Ahi está pois fixada com certa aproximação aquella data.

Como seriam as alegres expansões de uma tal natureza enthusiasta ao ver-se outra vez ao sol de Deus, e livre dos horrores dos carceres do Limoeiro!

«E as partes quasi não falaram mais, — diz elle com jubilo sincero — que deviam ter bem visto e

sabido não haver na devassa coisa alguma; e elles não tinham outra que dizer contra mim, e por isso esfriaram na accusação, que d'antes faziam acerrima.»

Mas o processo continuou, creio, apesar de sôlto o reo. Este contrariou por negação o libello accusatorio, o que parece tel-o feito cahir em contradicção com as confissões a que o obrigaram quando teve *carta de seguro*. Eram usos da rábula do tempo, que Andrada diz foram depois vedados por Lei. Emfim, sahiu a sentença declarando-o innocente, mandando-lhe dar baixa de culpa, e deixando-o ir em paz, sôlto e livre (1).

Eis ahi tudo que diz, na sua linguagem de ir e vir, no seu estylo de azinhagas e altibaixos, a preciosa *Miscellanea,* fonte unica genuina, que pude encontrar, d'esta historia de trevas e lagrimas.

Do arrasoado conclue-se pouco, mas conclue-se que houve caso. Entrevê-se na sombra a mulher morta; junto d'ella um homem, a quem a voz publica (muita vez infame), e a quem as Justiças (muita vez falliveis) indigitam como assassino. Mas aquella mulher, nem depoimentos nol-a pintam, nem genealogias nol-a dão a reconhecer; permanece no escuro, vagamente allumiada, vagamente victima, serena

(1) Tenho á vista o Titulo CXXX do Livro V das Ordenações Filippinas. Ahi se lê, que não seja guardada a carta de seguro dada antes de tres mezes desde o cumprimento do crime; e noto estas palavras: «E isto haverá logar quando o que tomar carta de seguro nega o maleficio, porque *quando confessar, e allegar por si alguma defeza,* que por nossas Ordenações ou Direito lhe deva ser recebida, se lhe dará carta de seguro em todo o tempo, sem aguardar mais algum dia.»

e triste como uma Desdémona, sem se queixar, sem accusar.....

*

O que é lamentavel, e certo, é que, a despeito das crenças religiosas da era, se deram por então varios dramas domesticos, em que o ciume desfechou em assassinio. Encontro (além de outras) a Sentença da Relação de Lisboa contra Bernardo de Vasconcellos de Castello-Branco, degolado por matar sua mulher (Abril de 1684); e a outra do Conselho de Guerra contra Luiz Alvares de Andrade e Cunha, degolado por ter mandado matar a sua por um mulato seu escravo (Outubro de 1734).

*

Seja, ou não, a mysteriosa dona, a que se referem as atoardas, a citada D. Ignez de Atouguia, filha de Francisco de Figueiredo Ribeiro, e primeira mulher do Cavalleiro Miguel, o certo é que não lhe pude por ora authenticar a pessoa.

Affirma que é ella o nobiliarchista Manço de Lima. O auctor da *Miscellanea* diz com effeito algures: «Meu sogro é Ribeiro» (1). Pois em Atouguias, em Ribeiros, e em Figueiredos procurei com affinco, e não encontrei a victimada Ignez; encontrei sim um Francisco de Figueiredo Ribeiro, filho de João Vaz Rabello, e successor de um morgado (2). Ca-

(1) Dial. IV pag. 80 da edição de 1867.
(2) Manço de Lima. *Rabellos*, n.º 251.

sou elle com D. Margarida de Vasconcellos filha de Francisco Pedrosa Rebello, que era dos Pedrosas do Algarve. Na filiação não vejo Ignez, o que pode ser uma d'aquellas omissões tão frequentes nos tombos genealogicos; mas vejo Simão Rabello casado com uma filha do mesmo Francisco de Figueiredo; e Miguel Leitão diz algures na *Miscellanea:* «Simão Rabello meu cunhado»: isso pois me induz a crer que D. Ignez de Atouguia era filha d'este Francisco de Figueiredo, e que por qualquer motivo a omittissem. A ser assim, podia Miguel Leitão gabar-se de ter como outro cunhado um dos maiores perversos (a ser verdade o que d'elle está escripto), um dos arruadores mais acabados, de que resam as memorias, o senhor da casa, João de Figueiredo de Vasconcellos, de quem alguma vez terei de falar, o que n'este momento me levaria longe.

*

Mas vejâmos: que ha de romance, e que ha de historia em tudo isto? Não posso destrinçal-o. Confundiu-me primeiramente o tom peremptorio em que o citado escriptor, que era lá visinho do Pedrogam, e por tanto podia ter recolhido tradições oraes, e que além d'isso era laborioso e investigador de documentos, escreve sem mais rebuço:

«D. Ignez de Atouguia, a qual elle matou, e não devia ser por culpa muito averiguada, pois esteve por essa causa preso muitos annos.»

Por outro lado observo que n'essas poucas palavras ha fel, e ha inexacções. Primeiro que tudo,

Manço de Lima detesta litterariamente o tagarella da *Miscellanea;* não perde occasião de dizer que o livro é mau, futil, pessimo, etc. (1) Mas não é só litterariamente que o detesta; a sua antipathia chega a offender mais do que o escriptor, offende o homem. Chega a duvidar de que Andrada fosse Commendador, e insinua que só foi Cavalleiro. Duvida absurda. Pois o auctor da *Miscellanea* havia de inculcar-se pelo que não era, e em publico, e logo no frontispicio do livro, e depois no Dialogo I? E havia de chamar-lhe Commendador, n'um documento official de 1602, transcripto no Dialogo XX, o Desembargador Luiz Ferreira de Azevedo, Guarda-mór da Torre do Tombo, se não soubesse com certeza que Andrada o era? Ás vezes nas naturezas peninsulares ha uns certos enthusiasmos que arrastam, e tiram ás criticas a sua fleugma; por isso desconfio de que o Padre se deixasse, sem o saber, dominar de alguma lenda provinciana, de alguma tradição malevola de comarca, ao escrever *D. Ignez de Atouguia, a qual elle matou;* e noto que um tal nobiliarchista, que só escrevia á vista de testamentos, escripturas, justificações, accordãos, e mais papelada documental, não adduz para aquella tão grave affirmação uma prova unica.

De mais, que significam as phrases «Não devia ser por culpa muito averiguada, pois esteve por essa causa preso muitos annos»? suppõem *a contrario sensu* que, se fosse por culpas muito averiguadas da esposa, o marido estaria pouco tempo preso, pois

(1) Essas são as idéas, e não as palavras textuaes.

lhe seria como que licito matal-a; o que tudo dá o absurdo. Mas é que não esteve tal preso *muitos annos*, e sim *cinco mezes*, segundo o proprio affirma em lettra redonda, e na presença de todos os seus contemporaneos (questão de facto).

A' vista de todo o exposto, não me atrevo, como jurado em tal pleito, a affirmar: se o bravo Cavalleiro de Alcacer-Kibir fez, ou não, o que um seculo antes fizera o Duque D. Jayme de Bragança. Não, não me atrevo a ver incurso no mesmo crime o pobre Miguel, visto não achar prova juridica documental.

Mas tenho em contrario os seguintes indicios:

1.º — O tom desassombrado e livre com que elle, que podia calar-se, narra os trabalhos do processo, não se limitando a defender-se, accusando até;

2.º — A sua illibação declarada por sentença publica (embora lhe não conheçâmos os fundamentos, e os porquês);

3.º — Os seus ulteriores casamentos, que suppõem que entre os parentes e o publico illustrado seria reputado fabula o caso do assassinio;

4.º — emfim: ter recommendado em testamento aos herdeiros de D. Ignez suffragios por alma d'ella, o que mostra que mantinha ainda relações com esses affins, e que a defuncta merecia ao coração do viuvo o culto da estima, e da saudade.

Descarregue-se pois por ora o Cavalleiro do peso maior da culpa, e illibe-se sobretudo a triste morta. Tenha paciencia Manço de Lima; não lhe accuso as intenções, ainda assim; julgo-o precipitado; e se o não foi, queixe-se de si: apresentasse as provas.

*

Foi durante esta sua primeira viuvez, que se nos deparou, como vimos, n'um dos serões da casa de Nicolau de Altero, como novo pretendente á mão de Brites de Andrada, o primo da casa, a quem, segundo apontei, não prejudicou a lenda tenebrosa que pairava sobre o seu nome. Celebrou-se o matrimonio, que não sei quanto tempo durou, e que foi infecundo como o antecedente. Em virtude d'elle passaram para a posse de Miguel Leitão de Andrada algumas das melhores propriedades do *Bairro alto*. Vinculou-as ao morgado que instituiu em 1627.

Na instituição, que eu proprio vi, nada ha notavel; é sempre a mesma ideia da perpetuidade, e da representação genealogica. Como o fundador não teve filhos, passou o vinculo para sua irman mais velha, Antonia de Andrada, o que mostra que os filhos varões do velho Belchior tinham fallecido todos antes de 1632. Esta senhora, de quem falei no logar proprio, casou com Manuel Fernandes de Almeida, e teve em Condeixa um filho chamado Francisco, o qual, para poder succeder no morgado, usou, conforme a clausula da instituição, os appellidos maternos de Leitão e Andrada. Foi Desembargador do Paço d'el-Rei D. João IV, seu Enviado na Suecia e na Inglaterra, escriptor citado por Barbosa, e pelo eminente Ramos Coelho; teve uma filha herdeira, por quem se perpetuou a linha (1).

---

(1) Manço de Lima; e Manuel Alvares Pedrosa — *Nobiliario de familias portuguezas*, mss. da Bibl. nac. de Lisboa.

Os bens do morgadío eram (além de outros em varias partes do Reino) o dominio directo de seis ruas no *Bairro alto* de Lisboa: a *da Rosa,* a *de S. Boaventura,* a *da Vinha,* a *do Loureiro,* a *da Cruz,* e a *Formosa,* com as suas respectivas travessas e becos, além de uma herdade junto a S. Roque chamada o Monturo (1). Havia mais a herdade dos Cardaes, que mencionei n'um dos capitulos supra; fôra aforada por Nicolau de Altero em 1558 ao ladrilhador Jorge Fernandes; coube em partilha a Brites de Andrada no valor de 150$000 réis, e legou-a esta senhora por sua morte a seu marido Miguel Leitão. Elle por escriptura feita em Lisboa a 22 de Abril de 1622, na casa onde vivia, que era á calçada de Sant'Anna, declara ter contratado com as Freiras de Santa Martha o trocar-lhes a dita herdade por uma capella que possuiam no Pedrogam.

*

A proposito do Pedrogam: noto que, apesar da profunda affeição que sempre mereceu ao Cavalleiro aquella boa villa, teve elle, por qualquer motivo, de fixar em Lisboa a sua residencia, segundo se vê de varios pontos do livro que nos deixou; por exemplo, no dialogo x leio: «Miguel Leitão de Andrada, que hoje vive, morador em Lisboa;» no dialogo II: «Sant'Anna de Lisboa, onde era vivo»; no dialogo XIII: «Lisboa, onde tenho minha vivenda;» e no dialogo III: «morando junto da Sé de Lisboa.» Ha-

(1) *Miscellanea.*—Dial. 10.º

bitou pois Lisboa; habitou-a muitos annos; habitava-a em 1622 ao celebrar a escriptura que Manço de Lima viu; habitava-a ao tempo do seu fallecimento. Por um ou outro fugitivo trecho da *Miscellanea,* vê-se porém que essas conversações noticiosas e eruditas foram escriptas a espaços, e muita vez no Pedrogam.

*

Quer-me parecer que a visinhança das monjas de Sant'Anna, as visitas frequentes ás festas do mosteiro, e o perfume suave e inspirativo que da campa de um morto illustre se derrama, fortaleceriam no valente pelejador de Africa o seu culto de admiração ao immortal cantor das nossas glorias, seu contemporaneo ainda, e talvez conhecido seu, ou antes, provavelmente conhecido seu, apesar da muita differença de edades. Pelo menos, o Camões era relacionado com quasi parentes de Miguel Leitão; haja vista o soneto

Em flor vos arrancou, de então crescida,
ah! senhor Dom Antonio, a dura sorte,
d'onde fazendo andava o braço forte
a fama dos antigos esquecida.

Esse D. Antonio era filho do segundo Conde de Linhares D. Francisco de Noronha, marido de D. Violante de Andrada, prima, segundo alguns julgam, dos Andradas e Leitões. Bem pode ser portanto que um moço tão curioso e applicado, como este Miguel, forcejasse travar relações com o poeta; e bem pode ser que a recordação d'essas relações lhe

ficasse presente no espirito ao longo dos annos, depois de apagado o grande luzeiro.

*

Ao entrar a porta principal da egreja do mosteirinho de Franciscanas, lá no alto do monte de Sant'-Anna, e ao topo d'aquella ingreme calçada que sahia por uma porta da Cidade, quanta vez não deteve Miguel os passos, e não encarou com olhos de tristeza, quasi a meio do templo, uma sepultura raza que desde poucos annos se achava ali, á esquerda, e sob a qual jaziam os restos de um pobre poeta cego e desvalido, que escrevera os *Lusiadas!* quanta vez não considerou aquella pedra singelissima, que além de um longo epitaphio em verso latino, estava dizendo estas palavras melancolicas! :

AQUI JAZ LUIZ DE CAMÕES
PRINCIPE
DOS POETAS DO SEU TEMPO.
MORREU NO ANNO DE 1579.
ESTA CAMPA LHE MANDOU POER D. GONÇALO COUTINHO
NA QUAL SE NÃO ENTERRARÁ NINGUEM.

*

Alguma occasião, tendo talvez a vibrar-lhe n'alma versos do poeta, pensou em erigir a tão illustre conterraneo um pequenino padrão; mandou azulejar uma parte da parede em frente á loisa; mandou pin-

tar no azulejo uma Cruz rodeada de uma tarja; na base da Cruz esta inscripção:

> O GRÃ CAMÕES AQUI JAZ
> EM POUCA TERRA ENTERRADO,
> NAS TERRAS TÃO NOMEADO,
> DE ESPADA TÃO EFFICAZ,
> QUANTO NA PENNA AFAMADO.

A cada banda mandou pintar uma figura; a primeira com um ramo verde na mão; a segunda com um livro, que sustentava um tinteiro e uma penna (1).

Não vemos ahi, n'esse quadro symbolico, o preito sincero do admirador devoto ao grande epico? Não vemos ahi, n'essa manifestação piedosa, um como protesto politico em nome da independencia da Patria? Ha uma intenção sublime n'aquelle brado significativo proferido por um poeta cavalleiro ao ouvido de um morto, o mais cavalleiroso dos bardos de Portugal (2).

*

Não se sabe até que anno viveu Brites de Andra-

---

(1) Frei Fern. da Soledade. *Hist. seraf. da Ordem de S. Francisco.* Tom. IV. pag. 527 e seg.

(2) Quem ler attentamente na edição Juromenha das obras de Camões a descripção minuciosa de todo o epitaphio, descripção que só apresentei por alto, encontrará a confirmação da minha conjectura de que Miguel Leitão tivesse tratado a Camões: é a *gratidão*, que elle encapotadamente dá como motivo do seu emprendimento.

P.I.n.g.r.

Franciscus de Andrada Leitaõ Regis Portugalliæ Sacri Consistorij Consiliarius, Senator Aulicus, Equestris Ordinis D. N. Iesu Christi Miles Cruciferus, ad Regem Angliæ nec non unitos fæderati Belgij Ordines Generales Legatus nuper Extraordinarius, nunc ad Generales Pacis Tractatus itidem Plenipotentiarius — Extraordinarius. etc.

da, segunda mulher de Miguel Leitão. Em 1622 era já fallecida desde muito, e direi o porquê: em 1622 celebrou o seu viuvo a escriptura que citei pouco acima, e n'ella dá já sua prima como morta, sendo certo, pois elle o confessa na *Miscellanea* (1), que d'essa segunda companheira do seu lar se conservára viuvo uns sete ou oito annos.

Depois casou terceira vez com D. Francisca de Sousa, cuja filiação ignoro, como os melhores genealogistas consultados. Esta senhora sobreviveu a seu marido, e ficou por testamenteira, mais seu sobrinho Francisco de Andrada Leitão, de quem ainda agora falei, e que herdou o morgado, já então Desembargador dos Aggravos (2).

---

(1) Dial. x, pag. 194.

(2) Dos casamentos de Miguel Leitão de Andrada diz Braamcamp Freire (*Livro 1.º dos Brasões*, pag. 372.

«Possuo um titulo dos Paes, da lettra de D. Affonso Manuel de Meneses, Desembargador dos Aggravos, que ahi por 1714 escreveu o seguinte, depois de se referir á obra de Miguel Leitão: *O que acho de seus casamentos tambem é uma «miscellanea»; mas escrevo o que acho. Casou com D..... filha de Francisco de Figueiredo Ribeiro, e elle a matou, e devia a culpa* (d'ella) *não ser muito justificada, porque esteve* (elle) *por esta causa preço muitos annos. Casou tambem com Brites Leitão, sua parenta....... Casou tambem com D. Francisca de Sousa, a quem nomeia por testamenteira....... Casou tambem com D. Ignez de Atouguia, a cujos herdeiros deixa oitenta mil reis.*»

Quando a mim, esta D. Ignez mencionada em derradeiro logar devel-o-hia ter sido em primeiro, e é a supposta assassinada. Quanto aos *muitos annos* de prisão, é segunda via do engano de Manço de Lima.

*

O testamento de Miguel é de 28 de Setembro de 1627; documento piedoso, serio, e triste, cheio de legados pios; escripto em Lisboa na casa da calçada de SantAnna.

Falleceu o cançado cavalleiro em 7 de Setembro de 1632, cumprindo setenta e nove annos lidados e aventurosos como os que o são mais (1). Levaram-n-o a enterrar na casa do capitulo do proximo convento de S. Domingos, onde ainda no seculo XVIII o cobria uma lapide com as armas dos Andrades e Leitões.

*

E assim se apagou uma das personalidades mais variadas e coloridas das nossas lettras, um homem notavel pelo que fez e pelo que passou, e mais notavel pelo que podia ter feito e deixado. Para ser grande só lhe faltou a opportunidade das circumstancias, e a firmeza perseverante; mas apesar das suas fraquezas, das suas vulgaridades, das suas maculas litterarias, apparece-nos este curioso aventureiro illuminado de não sei que lampejos, com que se illuminam os heroes.

---

(1) Anselmo Braamcamp Freire, *Livro 2.º dos Brasões*, pag. 520, e nota a pag. 376. Na 1.ª edição d'esta parte da minha *Lisboa antiga* enganei-me dizendo 1630, e dando a Miguel a edade de 77 annos.

CAPITULO XVI

Deixando agora de vez o auctor da *Miscellanea,* tornemos a tomar um fio genealogico partido n'um dos capitulos supra, e mencionemos a

2 — *Bartholomeu de Andrada,* que é, como seu enteado Nicolau de Altero de Andrada, chamado pelos nobiliarios *senhor* das terras onde se edificou o Bairro alto de S. Roque. Ja lá averiguei quem elle era por ascendencia; vejamos a sua prole.

Foi pouca; limitou-se a uma filha herdeira

3 — *Isabel de Andrada,* rica proprietaria, que veio a ser, de grande extensão do Bairro. Casou-a el-Rei D. João III, e bem, escolhendo-lhe para marido um Cavalleiro de tanto merito, como era Vasco de Pina. Observa Miguel, com apparente orgulho de familia, ter el-Rei com um tal casamento querido pagar os serviços do noivo. A ponderação mostra da parte do primo da noiva certa má-vontade, que elle depois confirma, dizendo ter sido o matrimonio muito contra a opinião dos Andradas. Não é já possivel saber, ao certo, em que se fun-

davam essas repugnancias domesticas. Ás vezes prendem n'uma questão de physionomia, de maneiras, n'um dito, n'uma precedencia, n'uma rivalidade pueril; a pobre natureza humana é assim feita. Quanto a estirpe e valia, não versavam por certo as antipathias dos orgulhosos Andradas e Leitões, pois era Vasco de Pina um nobre de linhagem tão boa como a d'elles, ou melhor, com quanto a fama publica rosnasse de alguma leve mácula de sangue judaico; e ahi estaria talvez o motivo das repugnancias.

Era filho de Diogo de Pina, e Capitão que deixou nome pelas chronicas. Damião de Goes menciona-lhe os feitos, e insculpe-lhe o nome. Os Moiros de Africa deviam mencional-os tambem, mas cheios de terror. Foi Commendador do Rosmaninhal na Ordem de Christo, Védor da fazenda dos Infantes D. Affonso e D. Henrique, Alcaide mór de Alcobaça, e Védor dos pinhaes Reaes de Leiria. Acompanhou em 1510 a Nuno Fernandes de Ataíde, Capitão de Safim, e foi dos que tiveram a gloria de rechaçar os cercadores da praça. No anno seguinte, passaram os Moiros de assaltados a assaltantes, e o valoroso Vasco lá se encontrou tambem nas incursões, ou entradas (*razzias* diriamos hoje), com que os Portuguezes varreram oito leguas de territorio turquesco, destruíram vinte e tres aduares, e trouxeram mais de quinhentos prisioneiros.

Seria allongar demasiado este ponto accessorio do livro querer amontoar aqui os muitos recontros, em que brilhou o nome de Vasco de Pina, de-

pois dos quaes recolheu ao Reino, e gosou a sua decente aposentaria na administração dos pinhaes Reaes, e na do casal que recebeu ao desposar Isabel de Andrada, a qual devia ser uma das sortes grandes de Lisboa. Só direi que elle, por mandado de 19 de Novembro de 1521, recebeu 300 cruzados como Alcaide mór e Provedor de Alcobaça (1), e que vivia ainda em 1531, pois em 3 de Outubro lhe mandou el-Rei D. João passar alvará de uma tença de 10:000 reaes em sua vida para manter as filhas que tinha Freiras (2).

*

Agora ponderarei o seguinte:

A respeito da data aproximada do casamento de Bartholomeu de Andrada, pode discordar do que eu escrevi quem ler as genealogias de Manço de Lima (manuscrito da Bibliotheca Nacional) na familia *Pina;* peço licença para me explicar, additando o que disse esse laborioso Padre.

Vejo na Chronica dos Trinitarios que em 1513 Bartholomeu aforou aos mesmos Monges um terreno; conjecturando, com certa probabilidade, que esse terreno adviesse ao directo senhor por cabeça de sua mulher, digo: casou antes de 1513. Podendo seus paes, Gil Thomé Paes e Isabel de Andrada, ter casado em 1490, podia Bartholomeu ter em

(1) Severim de Faria — *Torre do Tombo* citada, P. I, fl. 110.

(2) *Chancellaria* d'el-Rei D. João III, Liv. 9.º, fl. 95 v. Communicações de Anselmo Braamcamp Freire.

1513 uns vinte e dois annos, ser casado, e ter já uma herdeira. N'estas presumpções nada ha inverosimil.

Isabel casou com Vasco de Pina; Manço de Lima diz que em 1527 já havia d'este matrimonio um filho, que, embora muito novo, foi então para a India com 300:000 rs. de tença. Isto viu elle algures; ora, se a data vem certa, um filho já militar em 1527 remonta o casamento de seus paes aos primeiros annos do seculo; mas então, não é verdadeiro o dito de Miguel Leitão, que nos dá o casamento patrocinado por el-Rei D. João III, isto é depois de 1521, a não ser que esse Soberano promovesse o matrimonio quando era apenas Principe, e menino de poucas primaveras, o que é absurdo. Isto de falar sem os documentos á vista é arriscado; não tenho porém a bruxaria de compulsar certidões que não existem.

*

Além das taes filhas que foram freiras, houve do casamento de Vasco de Pina com Isabel de Andrada varios filhos.

4 — *Bartholomeu de Pina* primogenito; attendendo aos serviços de seu pae, teve, por alvará datado de Evora a 5 de Maio de 1537, uma tença de 20$000 reaes (*Chancellaria* d'el-Rei D. João III, Liv. 24, fl. 102 v.) (1).

4 — *Manuel de Pina* foi Moço Fidalgo accres-

(1) Communicação de Anselmo Braamcamp Freire.

tado a Escudeiro Fidalgo com 6:500 reaes de moradia, por mandado de 8 de Julho de 1520 (1).

Se o não confundo com algum homonymo contemporaneo seu, vejo que Manuel de Pina casou com Anna Rodrigues. Apresentou alvará pelo qual el-Rei D. Sebastião lhe fizera mercê a ella, filha de Simão Rodrigues, do officio de Escrivão d'ante os Juizes do Civel de Lisboa, vago por fallecimento do dito seu pae, havendo respeito a elle fallecer na dita cidade do mal da peste (1569), isto para a pessoa que com ella casasse. O alvará é datado de Cintra a 7 de Setembro de 570. Apparece Carta do dito officio a Manuel de Pina, casado com a dita Anna, em Lisboa, 3 de Agosto de 1588 (*Doações* d'el-Rei D. Filippe I, Liv. 19.º, fl. 60) (2). Foi Manuel de Pina Fidalgo da Casa Real, e teve mercê da Capitania das Ilhas de Maldiva por cinco annos, em Lisboa, a 19 de Janeiro de 1527 (*Chancellaria* d'el-Rei D. João III, Liv. 30, fl. 86 (3).

4 — *Gonçalo de Pina* foi tambem Moço-Fidalgo, accrescentado a Fidalgo-Escudeiro em 31 de Janeiro de 1521 com 6:500 reaes (4). No rol dos confessados de 1539, 40, e 41, apparece como Cavalleiro-Fidalgo, com 1:500 reaes de moradia mensal (5). Foi Fidalgo da Casa Real, e teve, por mercê datada de Evora a 30 de Novembro de 545,

(1) Severim de Faria — mss. intitulado *Torre do Tombo*, de que tem copia Anselmo Braamcamp Freire, P. I, fl. 109.

(2) Communicação de Anselmo Braamcamp Freire.

(3) Communicação de Anselmo Braamcamp Freire.

(4) Ibid. — fl. 111.

(5) Ibid. — fl. 116.

a Capitania e feitoria da fortaleza de Arguim por tres annos, com o ordenado conteudo no regimento. (*Chancellaria* d'el-Rei D. João III, Liv. 33, fl. 31) (1).

4 — *Ruy de Pina*, Escudeiro-Fidalgo em 1528 (2).

Dos dois primeiros sabe-se terem morrido na India em edade florescente.

Outra illustração da familia era o chronista Ruy de Pina, que julgo primo-irmão de Vasco, netos ambos de Fernão de Pina, e portanto com bisavós e trisavós communs. Armas e lettras.

*

Por fallecimento de Vasco de Pina, que tão pouco acceito parece ao escriptor da *Miscellanea*, casou sua viuva Isabel de Andrada segunda vez com D. Martinho Vaz da Cunha, filho de D. Ayres da Cunha, 15.º senhor de Taboa. Era Escudeiro Fidalgo, com 2:520 reaes de moradia, e apparece no livro dos confessados de 1539, 40, e 41 (3).

Esse D. Martinho foi pois padrasto de Manuel de Pina, de Gonçalo, e dos mais. Por morte da mãe, metade dos bens coube aos rapazes, e a outra metade ao viuvo. Elles deram gratuitamente algum chão para se edificarem as egrejas das Chagas e de Santa Catherina, e, fallecendo solteiros, deixaram os seus haveres á Misericordia de Lisboa. D. Martinho

(1) Communicação de Anselmo Braamcamp Freire.
(2) Ibid. — fl. 115
(3) Ibid. — P. III, fl. 854

comprou então á mesma Misericordia o quinhão dos enteados, por 9:000 cruzados, ficando portanto sua toda a fazenda de seu opulento sogro Bartholomeu, isto é, como observa Miguel Leitão, passando inteira dos Andrades para os Cunhas; casa importante, pois era segundo a *Miscellanea*, «todo ou quasi todo o Bairro alto», depois de «quasi todo aforado (1).»

Fallecendo D. Martinho sem geração, provavelmente deixou o que tinha ao representante da Casa de Cunha. Se ficou vinculado, não sei; se ficou livre, em breve passaria a outras mãos. Os Cunhas ali moraram; e na proxima egreja parochial de Santa Catherina se via uma sepultura raza, que dizia:

Sepultura de D. Mel Alv'z da Cunha, Commendador da Ordem de Xp.º Chefre da mui antiga e Illustre familia dos Cunhas, que tendo nesta Cidade trez Capellas, por humildade se mandou lançar na sua Parochia, viveo 65. annos e 8. mezes e 13. dias, morreo em 9. de Setembro de 1627. annos (2).

Proveio certamente d'estas partilhas a casa ás Chagas, que no principio do seculo XVIII pertencia a D. Pedro da Cunha senhor da Taboa (3). Era situada entre as travessas *do Sequeiro* e *da Laranjeira*, e creio ter sido quasi sempre a residencia da familia Cunha na Capital. Foi vendida pelos senhores Condes de Cunha não sei a quem, e em seu

---

(1) Essas noticias trazem-n-as os Nobiliarios, e completa-as a *Miscellanea*.

(2) Anselmo Braamcamp Freire.— *Livro 1.º dos Brasões*, pag. 414, citando Sousa, *Memorias sepulcraes*, fl. 180.

(3) *Chorogr.* de Carv. Tom. III, pag. 502.

logar se levanta hoje o opulento palacio moderno dos herdeiros de Gaspar José Vianna (1). Foi ahi mesmo, que em 1647 começou D. Antonio Alvares da Cunha, Trinchante mór, e continuou até 1668, a Academia chamada *dos Generosos*. Interrompeu-se então este congresso, e recomeçou em 1685 e 86. Por morte de D. Antonio, seu filho D. Luiz restaurou a Academia, de que era secretario o Conde de Villar-maior (2).

A proxima rua *da Horta secca* ainda tem relação com Vasco de Pina; essa horta sequiosa e arida, tão visinha do sequeiro que deu nome á travessa, era do Vèdor dos pinhaes de Leiria, e como tal é mencionada nas confrontações do aforamento de um chão ali pelos sitios do actual largo *do Barão de Quintella* (3).

Horta sem agua, casa sem telhado—diz o rifão. Desmentiu-o a horta secca de Vasco de Pina, senhor, como vimos, de casa farta e poderosa.

*

De tudo que fica exposto deduzo a maneira por que a larga propriedade do velho João de Altero foi dividida, conforme indiquei, entre a viuva e os filhos do primitivo dono: coube o alto do monte a

---

(1) Fallecido, se não me engano, em Abril de 1878.

(2) Bluteau — *Vocab.* — verb. Academia.

(3) Indicação obsequiosamente communicada por José Ferreira Chaves, distinctissimo pintor, e zeloso empregado na Camara Municipal. — Agradeço á sua memoria. Chaves é fallecido.

Nicolau de Altero, e a falda á viuva. Assim, achâmos que todos os haveres de Nicolau eram lá por S. Roque, Cardaes, rua da Rosa, etc.; e os de Bartholomeu para baixo da porta de Santa Catherina, pelas Chagas, e por Belver.

*

Já se reconhece pois, que bem dotada foi de fundos territoriaes esta gente, cuja divisa genealogica parece ter sido *união, força*. E além d'estes, outro Andrada, que talvez fosse membro da familia, edificou em Lisboa casa, que deu merecido brado por sua opulencia e elegancia; falo de Fernando Alvares de Andrada, Fidalgo da Casa d'el-Rei D. João III, e do seu Conselho, Escrivão da fazenda e Thesoireiro mór, Cavalleiro da Ordem de Christo, padroeiro do priorado de Santa Maria de Aguiar, e fundador do mosteiro dominicano da Annunciada de Lisboa. Já tratei d'elle, mas direi mais.

Era (segundo parece sem provas) um Hespanhol da mesma Casa dos Condes de Andrada em Galliza, d'onde diziam descender os ramos portuguezes, e por tanto ainda talvez parente de Nicolau e de Bartholomeu de Andrada, de Miguel Leitão, e dos mais, que já conhecemos. Que foi considerado e estimado, tudo o demonstra, até o proprio casamento de sua filha D. Violante de Andrada com o segundo Conde de Linhares D. Francisco de Noronha em 1535 (1).

---

(1) Pode consultar-se a *Hist. gen. da Casa Real.* Tom. v. pag. 257.

A casa a que me refiro, edificada por Fernando Alvares de Andrada, era defronte do mosteiro, lá em baixo, ás hortas do Valle verde, extramuros. Faziam moldura ao vastissimo quarteirão do palacio e suas pertenças as hortas ao poente (depois rua *oriental do Passeio,* hoje *Avenida);* ao norte o terreiro que é o largo *da Annunciada;* ao nascente a rua que sahia das portas de Santo Antão, rua que no seculo XIV se tinha chamado *a carreira dos cavallos* (1); e ao sul a viella que era a prolongação da actual calçada *da Gloria,* e que veio a chamar-se rua *dos Condes.* Essa vivenda senhoril, erguida em 1530, e vinculada, veio a pertencer á Casa da Ericeira do seguinte modo:

Alvaro Peres de Andrada (2), que era filho de Fernão Alvares, casou, e teve por herdeira sua filha D. Isabel de Castro. Esta casou com D. Fernando de Meneses, de quem foram representantes os Condes da Ericeira, senhores do dito vinculo da Annunciada. Tal é a historia da residencia fastuosa, onde as artes e as sciencias se achavam como em solar muito a seu gosto.

Os Meneses, com a sua bizarria e grandeza, fizeram ahi melhoramentos, que tornaram o palacio da Annunciada um dos melhores da Cidade; João

---

(1) Segundo refere Balthazar Telles, que o viu n'uma escriptura do anno de 1400. — *Chron. da Comp.*, part. 1, l. 1, cap. 17, n.º 6, pag. 84.

(2) Encontro-o indicado com essa filiação a pag. 652 do Tom. VI das Provas da Hist. Gen. n'uma lista de Moços fidalgos em 1592; e outra vez a pag. 836 do Tom. II das mesmas Provas.

Baptista de Castro dá-lhe 120 casas, 10 pateos, mais de 200 pinturas (1), etc. Logo os aditos eram magnificos: entrava-se por um claustro de columnas; ao meio repuxava uma fonte, como nos atrios dos regalões romanos. O rez do chão era uma região phantastica, adornada de grutas e fontinhas, e onde não penetrava a calma torrida de Lisboa; ahi se encontrava a celebre livraria dos Condes da Ericeira, que viu tantos doutos, e ouviu tantas conferencias academicas aos primeiros engenhos do antigo regimen; figurava como a melhor de Portugal, dizem, pela quantidade e selecção dos volumes, e não menos pelos adornos adequados, globos, instrumentos de physica, bustos, e medalheiro (2); quatro grandes casas, cheias de volumes raros e excellentes manuscriptos (3). A tão inspirativa bibliotheca deviam muito os estudiosos, n'um tempo em que não as havia propriamente publicas e nacionaes, e em que apenas a hospitalidade proverbial dos conventos abrigava nas suas opulentas livrarias os sabios e estudiosos.

Occorre-me por exemplo a do celebre convento de S. Domingos, ao Rocio; duas grandes e bem sortidas salas, cheias de bons livros, alguns raros, e muitos manuscriptos, que lhe legara o erudito Beneficiado Francisco Leitão Ferreira. O fundador d'esta livraria foi o Padre Frei Manuel Guilherme, que a franqueou ao publico, dando-lhe

---

(1) *Mappa de Portugal*. Tom. III, pag. 170.
(2) Castro. *Mappa de Portugal*. Tom. III, pag. 170.
(3) Moreira de Mendonça. *Hist. dos terremotos*. pag. 130.

dois bibliothecarios, e renda grande para seu augmento (1).

O mesmo acontecia na bibliotheca dos Ericeiras. N'ella, segundo diz um contemporaneo, se achava asylo e direcção, e tinha cada um aquellas riquezas como proprias suas, podendo até levar de emprestimo as obras, sem reserva das melhores e mais raras, e ouvir os conselhos do generoso hospedeiro (2).

Aquelles Ericeiras eram assim; foram devéras gente notavel, em quem o talento se transmittia com o sangue; se até nas senhoras resplandecia! Para honra do patriciado portuguez é preciso dizer-se, que taes casos não foram raros por cá.

Das salas do palacio da Annunciada descia-se para o jardim, sombreado certamente de buxos recortados e arvores, segundo os dictames do rigido Le Nôtre, e adornado de uma fonte esculpida pelo notavel Bernini (3), que era tida pela melhor do

(1) Moreira de Mendonça. *Hist. dos terremotos.* pag. 130.

(2) Sousa. *Hist. Gen. da Casa Real.* Tom. v, pag. 377.

(3) A fonte que ha na quinta de Bellas, e que é do Bernini, era a dos Ericeiras, vendida a um dos senhores da Casa de Bellas. Tenho esta noticia por muito authentica, pois m'a transmittiu em 1878 o proprio Marquez de Bellas, espirito illustrado. Confirmo-a com uma interessante communicação que me fez o meu douto amigo o sr. José Ramos Coelho em 26 de Junho de 1902, e que é a seguinte: o Conde da Ericeira encarregou o seu amigo Frei Luiz de Sousa, Arcebispo de Braga, Embaixador em Roma, para onde partiu nos fins do anno de 1675, de mandar lá fabricar por um bom esculptor uma fonte monumental. Existem sobre o assumpto duas cartas do dito Conde, na collecção da sua correspondencia, em tres volumes, dois originaes na Bibliotheca Real da Ajuda, e um de copias na Torre do Tombo.

Reino. Seguia-se uma grande rua coberta de redes para viveiro, onde chilreavam os melhores passaros cantores. Depois o pomar e as hortas circumjacentes.

A escadaria que levava ao andar nobre era sumptuosa; desembocava em quatro salões aderessados de preciosas telas de Ticiano, Correggio, Rubens, e outros. Esses salões davam de plano para um eirado todo de mosaico, cheio de estatuas de marmore.

Tal era a habitação dos eruditissimos Meneses, como nol-a descreve uma testemunha ocular de tantas elegancias (1).

Tudo isso já lá vai!...

*

O que porém ficou, e tarde poderá apagar-se, é a memoria das reuniões litterarias da livraria.

Em 1665 instituiram-se ali, sob a protecção, e talvez presidencia, do Conde, umas conferencias eruditas, a que não assistiu o meu informador, o grande Bluteau (em cujo *Vocabulario* achei esta noticia) (2), por não se achar ainda então em Portugal. N'um dos meus subsequentes capitulos veremos o renascimento d'essas conferencias em 1696.

*

N'esta casa da Annunciada aconteceu uma grande

---

(1) Carvalho — *Chorogr.* T. III, pag. 438.

(2) Verb. *Abestruz.*

desgraça, de genero pouco commum então graças ás crenças religiosas que illuminavam a vida social: suicidou-se o 3.º Conde da Ericeira, D. Luiz de Meneses, atirando-se em 26 de Maio de 1690 de uma janella sobre o jardim. Porquê? ignora-se.

Já em 1696 encontro esta familia fora do seu solar, e morando de aluguel, talvez desde alguns annos, no palacio do Cunhal das Bolas, ao Bairro alto (1). Pode conjecturar-se que o desgosto do tristissimo acontecimento obrigaria os Ericeiras a esta deslocação.

O palacio da Annunciada, subsequentemente tornado a habitar pelos donos, arruinou-se de todo pelo terremoto.

*

Antes que o sr. Nunes, algibebe da rua de S. Julião, tivesse ali edificado o seu vasto palacio, e os proprietarios limitrophes os seus, era todo aquelle quarteirão historico, entre a rua *Oriental do Passeio* (hoje *Avenida*), o largo *da Annunciada,* a rua *das Portas de Santo Antão,* e a rua *dos Condes,* um acervo semsabor de casebres e ruinas; tudo que restava do esplendor dos Ericeiras! Apenas o theatro da rua *dos Condes* dava ali signal de vida.

Entre os varios telheiros e montões de caliça, que enchiam o perimetro do antigo palacio e dos antigos jardins, uma ou outra vez se anicharam barracas de arlequins, feras, e theatrinhos. Lembro-me apenas do admiravel (e nunca visto em Lisboa)

---

(1) Bluteau — *Prosas academicas,* pag. 1.

Theatro mecanico; sua primeira representação foi em 9 de Janeiro de 1858.

Sete annos andados, já Manuel Nunes Corrêa projectava a sua edificação, riscada e executada (se não me engano) por Cinatti.

Em 8 de Junho de 1865 remettia o Intendente das Obras publicas á Camara Municipal o prospecto para o palacio, pedindo a expropriação de uma pequena porção de terreno para ficar a rua mais larga (1).

(1) *Arch. Mun. de Lisb.* — 1865, n.º 287, pag. 2296.

CAPITULO XVII

Agora vamos correr muito pela rama os sitios mais famosos do *Bairro alto*, e a chronica das suas principaes casas religiosas e particulares. Onde souber noticias ineditas, dal-as hei; onde só tivesse de repetir o que outros apuraram, passarei rapido; e como as fontes são conhecidas, o leitor pode ir em pessoa encher a ellas o seu cantarinho.

Começarei pelo largo *de S. Roque*, um dos trechos lisbonenses de maior interesse historico. Aqui ha palacios, recordações publicas, e uma egreja dignissima de detido exame.

*

Antes de tudo: as vivendas do *Bairro alto* merecedoras de menção seriam mais de trinta. Para não alongar a demasiados volumes este escripto despretencioso, não irei investigar a origem de cada uma d'ellas; mas quer o leitor fazer uma ideia rapida da mina que podia explorar? aqui lhe cito sem ordem

o que me lembra: o palacio que foi dos Condes de Soure, na travessa *do Conde de Soure;* o do Conde de Ficalho, na rua *dos Caetanos;* o que foi dos Marquezes de Niza, em *S. Roque;* o que foi de D. Estevam de Faro, e de D. Henrique de Noronha, defronte da portaria de S. Roque; o do Cunhal das Bolas, na rua *do Carvalho;* o dos Marquezes de Olhão (onde foi o Correio geral) ao *Calhariz;* o dos Marquezes de Pombal, na rua *Formosa;* o dos Duques de Palmella, ao *Calhariz;* o dos Condes do Sobral, ao *Calhariz;* o que foi dos Galvões Mexias, na rua *dos Moiros;* o dos Viscondes da Lançada, na rua *Formosa;* o do antigo negociante Jacome Ratton, na mesma rua; o que foi dos Cunhas morgados de Paio Pires, depois Condes de Lumiares; o do celebre architecto d'el-Rei D. João V Ludovice, em *S. Pedro de Alcantara;* o que foi dos Rebellos, na travessa *da Queimada;* o do *Diario de Noticias,* na rua *dos Calafates;* o que foi dos Marquezes de Vallada, ao *Calhariz,* hoje do Conde da Azambuja; o que foi dos Condes *da Atalaya,* hoje pertencente aos herdeiros de Carlos Relvas; o do Conde de Thomar, Antonio, a *S. Roque,* fundado por Gaspar de Brito Freire; o do *Jornal do Commercio* e typographia de Castro e irmãos, nas ruas *de Belver* e da *Cruz de pau;* o que foi de José Silvestre Ribeiro, na rua *de Belver;* o palacio da esquina da rua *das Chagas* para o *Calhariz,* onde esteve a Legação de Hespanha; o que foi dos Viscondes de Condeixa, na rua *da Horta secca,* onde fôra residencia dos Condes da Torre; o dos herdeiros de Vianna, e que foi dos Condes de Cunha na rua *das*

Chagas; o do Conde de Casal Ribeiro, ás *Chagas*, que foi dos Castros (Novas Gôas); sem falar em palacios transformados ou destruidos, como o dos Condes de Avintes, onde se fundou o convento de S. Pedro de Alcantara; o dos Condes da Feira; o dos Marquezes de Marialva, na praça *de Luiz de Camões;* o dos Condes do Vimioso, na actual rua *do Alecrim,* etc., etc.

É evidente que não havia paciencia para ler tantas noticias; muito menos para as escrever; os Benedictinos de S. Mauro não moram aqui. Iremos por tanto depressa, como quem vai a novos descobrimentos. Começaremos sim pela cabeça do bairro, isto é pelo largo, onde são, ainda assim, taes e tantas as tentações dos assumptos, que duvido se conseguirei pôl-os em ordem.

Tinhamos para volumes; e se não, vejâmos: as tradições do santo Condestavel, cujo nome nobilitava o postigo da cerca; as do Chanceller Alvaro Paes, que parece ter dado appellido á celebre torre; a ermidinha d'el-Rei D. Manuel; a morada ali do celebre Simão Gomes, o *sapateiro santo,* cuja vida escreveu o Padre Jesuita Manuel da Veiga; o olivedo, famigerado pelos desafios que ali iam ter os casquilhos espadachins (1); a casa dos Jesuitas, com todas as suas phases, com o seu nobre papel na sociedade, com os seus homens illustres; a pa-

---

(1) Uma phrase da comedia *Ulysippo* o comprova de passagem; diz uma das personagens: *Guiae-o vós a S. Roque, que é sitio solitario, e levae esta minha espada, que é mais comprida que a vossa, e muito segura.* — Acto II, sc. I.

renése de S. Francisco de Borja; as obras artisticas do templo e da sacristia; o palacio habitado pelos Vidigueiras, e a auréola d'essa casa nobre; o mesmo palacio habitado pelos Cardeaes Patriarchas; as scenas tumultuarias da extincção da Companhia; as scenas agitadas no theatrinho do largo, e a estreia de Garrett; as companhias francezas; a procissão dos Passos, tão popular e concorrida; o monumento ao casamento d'el-Rei D. Luiz; tudo isso condensado n'uma área de poucas braças, tudo a falar, tudo ao mesmo tempo a chamar pela penna de um chronista.

— Tanta coisa no largo de S. Roque? e de que tamanho é elle? — pergunta o leitor maravilhado de ter passado tantissimas vezes por lá, sem suspeitar tal affluencia de phantasmas historicos n'aquelle pequenino Josaphat.

— Sim, tanta coisa — respondo eu; — e mais uma casa de pasto que ali campeou, com o estado maior dos seus cosinheiros, e dos seus gulosos frequentadores, por 1813, em não sei qual d'aquelles predios (1).

«O largo de S. Roque — escrevia no *Diario de Noticias* o mallogrado engenheiro Miguel Paes — é um pequeno rectangulo de 23 metros de comprido na linha norte-sul, por 20 metros de largura; a sua superficie é portanto de 460 metros quadrados, sendo menor a parte a calçar, em consequencia da base da pequena columna central. Fazendo-se uma

---

(1) Traspassava-se em Junho. — *Gazeta de Lisboa*, n.º 127, de 1 de Junho de 1813.

calçada-mosaico poderá importar em 450$000 réis, no maximo, e ficar bonita» (1).

Trago isso para mostrar, que ver tantas tradições e tantos factos historicos em tão pequeno espaço, é quasi metter o Rocio na Betesga.

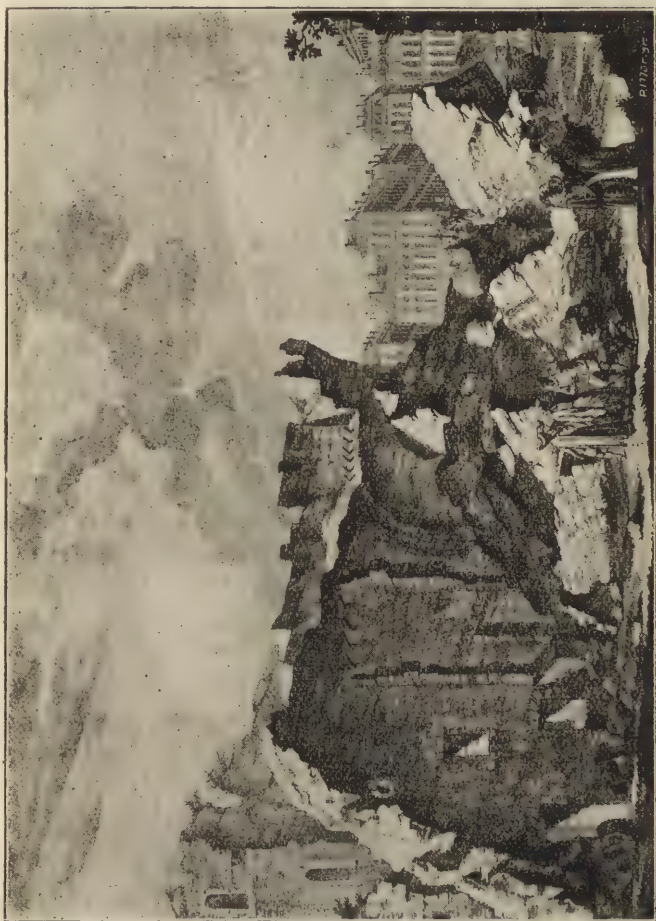
*

Quem d'antes subia a rua que el-Rei D. Sebastião ali abriu (2), a rua que Balthazar Telles chama «de todas a mais formosa, a mais alegre, e por proprio nome a *rua Larga*» (3), a que leva á egreja de S. Roque, e levava á casa da Companhia, tinha da esquerda uma serie de casas, certamente de diversissimos aspectos, e sem a regularidade pombalina que hoje se lhes nota; não lhes conheço a historia, e não me parece podessem dar grande contingente a estas narrativas. Veria da banda direita da rua a egreja do Loreto, de que logo falarei, a sacristia, o palacio contiguo, hoje completamente transformado desde poucos annos, o lado de uma nobre habitação dos Monteiros Pains (onde é hoje o theatro, pouco mais ou menos), o postigo da Trindade, os dormitorios do venerando convento, que tambem nos ha-de dar alguns quartos de hora de conversação, e por fim, no alto, en-

(1) Folhetim *Empedramento das praças*. — *D. de Not.*, n.º 6:267, de Julho de 1883.

(2) Livro 1.º do dito senhor, fl. 60, no Archivo da Cam. Mun. de Lisboa.

(3) *Chron. da Comp.* — Parte II, pag. 102.

contrava, ao desembocar na praça, uma torre historica, do lado direito, «senhoreando ao rez

Ruina da torre de S. Roque em 1755; gravura de Le Bas em 1757

do caminho o populoso largo e a rua larga de S. Roque», segundo informa outro escriptor portu-

guez (1); era a torre *de Alvaro Paes*, já assim chamada no tempo do Mestre, e do proprio Chanceller (ou logo depois), como se vê em Fernão Lopes (2).

Foi Alvaro Paes, conforme o chronista, um cidadão nobre e rico, Chanceller mór d'el-Rei D. Pedro I, e depois d'el-Rei D. Fernando. Era padrasto de João das Regras, como segundo marido de Sentil Esteves, mãe do grande legista (3). Possuia casa em Lisboa. Gosava de tal fama e respeito, que nada se decidia na Vereação, sem elle ser ouvido. Como era gottoso, na sua propria residência muita vez recebia os vereadores em sessão.

Não entendo muito ao certo, devo confessal-o, o que podesse haver de commum entre o honrado cidadão e a torre; não me parece que se usasse ainda impôr nomes illustres a sitios que nada teem com elles. Se o povo chamou *de Alvaro Paes* áquelle cubello, é porque teve motivo para isso: ou o *Chançarel* ali moraria perto, ou contribuiria de seu bolsinho para a construcção, ou daria o terreno, ou coisa assim (4).

O que é certo é que, juntamente com a visinha porta de Santa Catherina, teve aquella torre a grande honra de pelejar, com a vanguarda dos nossos defensores, nas guerras da independencia. «Falava recor-

---

(1) Castilho — Artigos intitulados *Homenagem ao antigo e ao moderno*, na *Revista Universal*, T. II, pag. 80 e seg.

(2) *Chron. d'el-Rei D. João I.* — Cap. XXVIII.

(3) *Hist. gen.* — Tom. XI, pag. 790.

(4) Fernão Lopes chama-lhe algures uma vez, no cap. 114 *torre de Alvaro Pires*, mas creio ser lapso de copia ou de impressão.

dações nobres aos que passavam — exclama um poeta, a quem sempre interessou a causa dos desvalidos e desamparados; — mas a velha torre de Alvaro Paes foi accommettida, e não por Castelhanos (1).»

Não foi pelos Castelhanos, não; foi pela Camara de Lisboa. Os antigos vereadores honraram o Chanceller; os de 1835 e 1836 deshonraram-lhe o singelo e unico monumento, que o recordava aos povos.

Que tiranno cego e surdo não é o camartello demolidor! Triste quasi sempre, vandalica muita vez, é a civilisação feita a camartello.

De 1834 para cá temol-a tido sempre assim nas regiões politicas. A penna de certos ministros tem sido mais damninha que as picaretas.

O velho e bom Portugal, que respeitava a sua Religião, os seus Reis, a sua nobreza vincular, as suas tradições ordeiras, jaz subvertido aos empuchões dos revolucionarios pacificos (os peores de todos).

Supprimiram-se institutos que tinham alta rasão de ser, e para os substituir macaquearam-se as civilisações forasteiras.

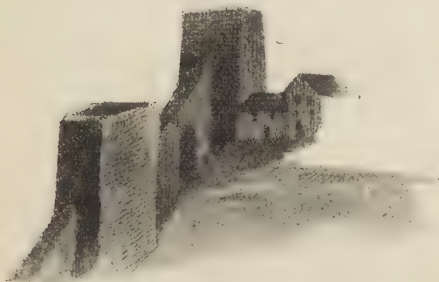
*

Restringindo-me agora ao meu ponto: o que é sinceramente lamentavel, é que na maior parte dos nossos municipios, em todo o Reino, tem avultado de sobra, junto ao elemento illustrado, tolerante, e

---

(1) Castilho. — *Rev. Univ.* citada.

artista, o elemento *bande-noire*, o mais ridiculamente nocivo de todos os elementos administrativos.

E não só a torre; o postigo do Condestavel mereceu tambem sentença de exterminio, em nome de não sei que falsa ideia de embellezamento do sitio. Tudo assim vai. E quando a imprensa grita contra as profanações, as auctoridades riem.

Postigo de S. Roque, ou do Condestavel, no alto da nossa calçada do Duque sobre o nosso largo de S. Roque. Vista-planta de Braunio (seculo XVI).

Ainda em 1866 existia á vista, antes dos predios novos da rua *Nova da Trindade*, a muralha d'el-Rei D. Fernando. Em sessão da Camara Municipal de 22 de Outubro d'esse anno, o Vereador Rodrigues da Camara apresentou o auto da vistoria a que se procedera em 10 «na parte da antiga muralha da rua Nova da Trindade.» Mandou-se intimar o respectivo dono a fazel-a apear por ameaçar ruina (1).

*

Defronte da portaria de S. Roque *(bem defronte*, diz Balthazar Telles) edificaram-se nos dias do mesmo Padre as nobres casas de D. Henrique de Noro-

---

(1) *Arch. Mun. de Lisb.* — 1866 — N.º 357 — pag. 2887.

nha (1), e de D. Estevam de Faro, adquiridas depois pelo Conde Almirante; são os restos d'ellas que habita o *Diario popular,* hoje chamado *O Popular.*

*

No topo da calçada, e com pateo sobre o largo, vê quem sabe ver um resto desconhecivel do palacio dos Condes da Vidigueira e Marquezes de Niza. Tullio escreveu d'elle; além de ser um estudioso applicadissimo, e amante das velharias, redigia o *Archivo pittoresco,* de saudosa memoria, periodico onde tantas lembranças do nosso passado historico se enthesoiraram. Quiz dizer alguma coisa da vetusta residencia; e ninguem melhor do que elle o podia fazer, pois manuseou titulos do predio que ali em baixo edificou seu sogro, Francisco José Caldas Aulete, Contador da Relação. Apesar de todas essas circumstancias favoraveis, e de viver horas por dia na Bibliotheca, entre documentos e alfarrabios, escreveu Tullio n'um interessante artigo do *Archivo:*

«Não sabemos ao certo quando os Condes da Vidigueira, Almirantes da India, ali edificaram o seu grande palacio.»

Se elle ignorava, que direi eu? Ainda assim, guiado por esse mestre, ajuntarei o que podér.

*

Os Gamas, é sabido, possuiam casa na celebre

(1) *Chron.* — Tom. II pag. 93.

Rua Nova. Quem m'o attesta são duas clausulas de um antigo indice dos papeis da Camara conservado na Bibliotheca:

Arcos da rua Nova; a casa por cima era do Conde da Vidigueira; mas o vão dos arcos, isto é a arcada, era serventia publica.

Rua Nova; sabendo el-Rei que a Camara dera licença para se taparem os arcos sobre que estavam as casas do Conde da Vidigueira, perguntou que fundamento tinha.

Bastam essas palavras succintas para nos deixarem entrever alguma pittoresca vivenda dominando as arcadas, dessymetrica, até certo ponto mesquinha, e encarando pelas suas janellas de verga rendilhada a mais opulenta e concorrida das ruas lisbonenses. É pois mais que provavel que o grande Vasco da Gama ali poisasse ao tornar-se da India.

Fosse por que fosse, seu filho desejou melhor, e levantou olhos ao cabeço de S. Roque extra-muros.

Por escriptura de 21 de Julho de 1543 aforou a Camara ao 2.º Conde da Vidigueira, D. Francisco da Gama, um chão, onde se fez um pomar «cercado de parede e muro, junto do mosteiro de S. Roque, entre os claustros e o muro». Esse chão, que pelo poente partia com o terreiro que veio a ser o actual largo, é o mesmo, me parece, onde (não sei em que annos, mas visivelmente meado o seculo XVI) se edificou o enorme palacio (1).

---

(1) Acerca das confrontações, medições, etc., vide os artigos do erudito Silva Tullio no *Archivo Pittoresco,* Tomo VII, pag. 306, col. 2.ª

El-Rei D. Sebastião doou aos Condes da Vidigueira a posse da nobre torre chamada *de Alvaro Paes,* assim como o lanço do muro até ao Rocio; e, ou de uma vez, ou aos poucos, como é mais provavel, ali se foi erguendo, amparado á muralha guerreira, aquelle vasto casarão, regular e grandioso, assente sobre os altos de S. Roque, e pendurado sobre a ribanceira abrupta que dominava o Rocio.

Não ha, que eu saiba, vestigio do que foi aquella serie de salões altos e sumptuosos, com a sua renque de sacadas muito arrogantes, que ainda todos conhecemos, sobre a calçada *do Duque,* e outras ao nascente, descortinando o esplendido pano de fundo do Monte, da Graça, e do Castello. Entretanto, pode affirmar-se ter sido, no seu tanto, um dos edificios mais bellos de Lisboa.

*

Por causa das obras do palacio e seus annexos, parece houve disintelligencias com os visinhos Padres da Companhia de Jesus. Prova-as uma escriptura celebrada em 14 de Dezembro de 1619 entre o Padre Pedro de Novaes, Preposito da casa professa, e o Conde Almirante D. Francisco da Gama, neto do fundador do palacio, juntamente com sua mulher a Condessa D. Leonor Coutinha, n'uma das salas d'essa sua residencia.

Era o caso que, andando o Conde a edificar certos aposentos com uma torre ou miradoiro, e abrindo uns quintaes, teve embargo judicial em

nome dos Padres, por ficarem devassados os terrenos e propriedade d'estes. Correu demanda na Correição do Civel, subiu á Casa da Supplicação, e até se appellou para Roma.

Metteu-se de permeio o Conde de Santa Cruz, D. Martinho de Mascarenhas, e obteve concessões mutuas, que se redigiram na alludida escriptura.

Obrigaram-se os Condes a tapar duas janellas á parte do norte do tal miradoiro, que davam sobre a cerca dos Jesuitas, e a levantar parede «desde o canto da torre que está ao postigo novo de S. Roque — (a torre de Alvaro Paes) — a qual irá em direitura até ficar em correspondencia da primeira columna do alpendre da portaria, e d'ahi irá voltando em direitura na mesma distancia do edificio da Casa de S. Roque, onde o edificio faz um canto que tem uma fresta, e d'ahi em diante irá correndo a dita parede cinco palmos em distancia do dito edificio até entrar pelo jardim d'elle Conde, d...... (sic) palmos de calejamento, de norte a sul, e d'ahi fará um canto até á parede velha, e d'ahi ao longo das suas laranjeiras correrá a parede até á segunda giesteira, tudo em esquadria, tudo conforme a traça de Pedro Nunes, Architecto d'el-Rei nosso senhor.»

Toda esta topographia sem os planos de Pedro Nunes (que não era o mestre de obras d'el-Rei D. Manuel), ou sem ouvir as explicações dos litigantes, é para mim muito confusa; mas inclino-me ao seguinte: a torre sobre a qual o Conde tinha feito o miradoiro, cujas duas janellas septentrionaes teve que tapar, seria uma torre da muralha, lá em baixo, ao nascente, na vertente do monte, hoje mascarada pelas

edificações da Escola Academica. Ainda a conheci, e foi restaurada por Caldas Aulete. D'esse ponto é que podia ser devassada a cerca dos Jesuitas, e não tanto da torre de Alvaro Paes (1).

*

Em 1621, querendo o mesmo Conde D. Francisco fazer certas obras, propôz ao Senado da Camara o seguinte: ceder 60 palmos de comprido e 30 de largo no pateo do palacio, accrescentando-se com esse terreno o largo de S. Roque, então muito concorrido com as festas religiosas dos Jesuitas, e receber em troca diminuição no fôro de 1:600 rs que pagava. A Camara, em consulta de 12 de Maio mostrou-se favoravel, e o Vice-Rei concedeu (2).

*

Seria talvez por occasião d'essas obras que succedeu um caso, que nos conta o grande tagarella Miguel Leitão de Andrada.

Tinha ido procurar o Conde da Vidigueira; mandou-lhe este pedir que o esperasse um pouco, pois se estava erguendo. O visitante preferiu ver o jardim, em logar de se amezendar sentado em qualquer sala. Estava a um portal, e talvez absôrto a contem-

---

(1) A escriptura a que me refiro foi-me obsequiosamente mostrada pelo nosso já notavel investigador, e meu amigo, o sr. Victor Ribeiro, em 21 de Setembro de 1901.

(2) Tullio — *Arch. Pitt.* — T. VII, pag. 320.

plar a linda vista dos bairros orientaes, quando uns pedreiros, que então andavam nos telhados, vazaram de lá um cesto com caliça e pedras grandes; esses projecteis, que o poderiam ter morto, roçaram-lhe pelo fato, mas deixaram illezo o futuro auctor da *Miscellanea* (1).

E' certissimo habitarem ahi longos annos os illustres senhorios. Que ahi estavam, nomeadamente em 1631, diz-m'o certa allusão fugitiva de uma dona da Condessa da Vidigueira, uma tal Brites Peres, viuva de D. Pedro Coronado, allusão que topei n'um documento da Irmandade de S. Chrispim (2).

Segundo Silva Tullio, ainda não estavam concluidas as obras, quando morreu o Conde crivado de dividas. Ia para Madrid, e ao passar na villa de Oropesa, acabou; só foi de lá trazido para a sua villa da Vidigueira em Maio de 1640 (3). Para solução dos seus debitos foi logo penhorado o palacio novo, não vinculado, por um Miguel de Macedo (talvez o onzeneiro que adiantava os milheiros de cruzados ao gastador), e posto em praça. Arrematou-o em 1634 Gaspar de Brito Freire, Fidalgo da Casa Real.

Quatro annos andados, o 5.º Conde, D. Vasco Luiz da Gama, casado em 1632 com uma senhora da Casa da Calheta, e mancebo de vinte e cinco annos, tornou em 1638 a remir o palacio, dando a

---

(1) *Miscell.* Dial. III — Como Miguel morreu em 1633, será arriscado attribuir a sua visita a estes annos?

(2) *Livro de registo*, fl. 43.

(3) *Hist. gen.* — *T. X*, pag. 564.

Gaspar de Brito 5:670$000 réis, preço da arrematação e das bemfeitorias (1).

«De todos os successores de Vasco da Gama — diz o minucioso Silva Tullio — o que pôz o remate a este palacio, e o vinculou, foi o Marquez de Niza D. Vasco Luiz da Gama, do Conselho de Estado e do Despacho do Infante D. Pedro, em quanto Regente do Reino, durante a prisão d'el-Rei D. Affonso VI. Este Marquez, para concluir o palacio de S. Roque, vendeu por 16:000 cruzados, no anno de 1672, uma propriedade de casas que tinha na rua *Nova,* junto ao Chafariz dos cavallos, ficando desde então vinculado, por ser aquella propriedade do morgado da Vidigueira» (2).

*

N'um dos capitulos antecedentes mencionei a selecta livraria dos Condes da Ericeira. Não deixarei de me referir á dos Condes da Vidigueira n'este seu palacio de S. Roque.

Os Gamas tiveram na sua estirpe varões de cunho, até nas lettras. O primeiro Marquez de Niza, D. Vasco Luiz da Gama, além de estadista e diplomata, era homem estudiosissimo; conserva-se-lhe a correspondencia em muitos volumes manuscriptos, infelizmente dispersos na Torre do Tombo, na Bibliotheca Nacional de Lisboa, e na de Evora, correspondencia sem a qual ninguem po-

---

(1) Tullio, ibid.

(2) Ibid. — pag. 320.

derá escrever a historia de parte do nosso seculo XVII.

Foi-me communicado pelo meu amigo e estimado collega o sr. José Ramos Coelho um pormenor interessante: o Marquez possuia bons livros, e andava no verão de 1649 organisando no seu palacio uma optima bibliotheca, para a qual recebia constantemente obras de Italia e de França. Os duplicados vendia-os a seu primo Ruy Lourenço de Tavora. Illustrado como era, e rasgado, tencionava abrir ao publico esse manancial de sciencia, situado n'uma bella sala de nove janellas, e de tecto magnificamente doirado; parece até que chegou a abril-o, se não ao publico em geral, ao menos a certa classe escolhida de leitores, por isso que n'uma das suas cartas elle se queixa de que a livraria fosse pouco frequentada (1).

Julgo que em 1689 já os Gamas não habitavam em S. Roque. Onde estavam, é que não sei dizer. Digo que não habitavam, porque ahi morava n'esse anno o Vidama d'Esneval, Embaixador de França, Robert Le Roux (2).

---

(1) Carta do Marquez ao seu amigo D. Vicente Nogueira, de Lisboa para Roma, em 29 de Junho de 1649 — Bibl. Nac. de Lisb., 3.ª Rep. F. 4 — 5.

(2) Assim se vê nos depoimentos das inquirições de Antonio de Brito de Castro para Familiar do Santo Officio (Torre do Tombo — Familiares — Antonios — M. 26, n.os 711 a 717). Esse Antonio de Brito de Castro, Fidalgo da C. R., etc., morava n'um quarto baixo do mesmo palacio.

Vidama, diz o velho Bluteau, que tambem fala n'este Embaixador de França, e o dá entrado em Lisboa em 1688, era

Verdade é que, sendo o palacio muito vasto, podia morar n'uma parte o Embaixador, e na outra o proprietario; mas não é verosimil, nem me consta houvesse duas entradas nobres, mas sim uma só sobre o pateo.

Abria-se para o largo um portão muito amplo, conduzindo a uma longa passagem, que desembocava no parallelogrammo do pateo. Á esquerda as cavalhariças; á direita o palacio, para o qual se entrava de plano, e sem ter que subir escada.

O que se me figura portanto probabilissimo, é que os Marquezes de Niza desde o 3.º quartel do seculo XVII deixassem de habitar o palacio de S. Roque. Para onde foram? isso é que não sei; que o 1.º Patriarcha de Lisboa, D. Thomaz de Almeida, ahi morreu, é certo; e tão demorada foi essa residencia do Prelado, que o povo passou a chamar *do Patriarcha* o palacio e o pateo.

A maneira brilhante como d'ahi sahia em grande estado o fastuoso D. Thomaz, em caminho para o

---

«titulo que antigamente se dava em França a uns cavalheiros, instituidos para representarem a pessoa do Bispo em quanto senhor temporal........... Com o andar do tempo se fizeram os Vidamas proprietarios dos seus officios, dos quaes fizeram feudos dependentes dos Bispos, mas hereditarios; d'onde nasce que tomaram o nome do Bispado do qual dependem; v. g. *Vidama de Amiens, de Chartres, de Laon,* etc. Só os Vidamas de Esneval dependem immediatamente d'el-Rei de França. No anno de 1688 Roberto Le Roux, Vidama d'Esneval veio a el-Rei de Portugal D. Pedro II, com o titulo de Embaixador d'el-Rei de França; e d'este Reino, tambem com o titulo de Embaixador, passou para Polonia, onde falleceu, anno de 1693.»

Paço, ou para algum pontifical na Sé, descreve-a *de visu* um estrangeiro antigo:

Ia a diante a dobre-Cruz patriarchal empunhada por um famulo a cavallo; seguia o Prelado n'uma rica liteira rodeada de vinte creados a pé; depois quatro coches magnificos, cada um a seis muares; o 1.º era vazio, os outros levavam o sequito (1).

---

(1) *Description de la ville de Lisbonne* — Paris, 1730 — pag. 18.

CAPITULO XVIII

Em 1754 aqui falleceu o Patriarcha, vindo para a mesma residencia seu successor D. José Manuel. Estava reservado a este Prelado assistir ahi ao temeroso 1.º de Novembro de 1755, fugindo a toda a pressa para o palacio que a sua familia possuia na proxima rua da Atalaya.

Em 1757 cahiu a Casa de Niza na de Unhão, pela morte do 5.º Marquez de Niza, a quem succedeu seu irmão uterino D. Rodrigo Xavier Telles, 6.º Conde de Unhão, e depois 6.º Marquez de Niza (1).

D'ahi em diante, está averiguado morar esta illustre familia no seu soberbo palacio, antigo paço Real, em Xabregas, hoje Asylo. Ficaram em completo desprezo os meio arruinados casarões de S. Roque. O que restava d'elles, que todavia não era pouco, alugou-se em parte, em parte cedeu-se para alber-

---

(1) — Anselmo Braamcamp Freire — *Livro 1.º dos Brasões* — pag. 255.

gue e aposentadoria de creados velhos da Casa de Niza.

Das alterosas paredes, com sacadas muito nobres sobre a calçada *do Duque,* todos vimos arrear algumas por 1862 ou 64; e o que lá permanece é quasi nada. Depois de derruidos pela catastrophe de 1755, desaristocratisaram-se os fragmentos restantes, e perderam a feição. Lá por cima, no pateo, e sobre o largo, edificaram-se por abuso casebres e cabanas.

*

N'um palheiro principiou nos principios do seculo XIX a funccionar, com licença da Intendencia geral da Policia, um *Theatro pintoresco* publico. O emprezario não atino bem quem foi. Direi o que soubér.

Em 1812 Roberto Xavier de Mattos arrendou isso para um theatro de sua direcção. Era á entrada do pateo grande, com duas janellas de sacada para a calçada do Duque, com outras duas janellas de bandeira por cima das mesmas. Mattos tomou a casa de traspasse ao inquelino, que era dono do dito *Theatro pintoresco.* Este deu á sala de espectaculo forma mais regular, e a empreza corria por conta de uma sociedade, gerida por Henrique José Monteiro (1). O architecto da nova sala reformada foi Joaquim da Costa (2).

---

(1) — Torre de Tombo — Documentos do Ministerio do Reino — Theatros; masso 133 — Obsequiosa communicação do meu amigo José Ramos Coelho.

(2) Ciryllo Wolkmar Machado — *Memorias,* pag. 227.

A *Gazeta de Lisboa* de 4 de Janeiro de 1813 annuncia o seguinte:

«O Director do Theatro pintoresco e macanico (sic) faz saber a este respeitavel e illuminado publico, que elle estabeleceu a sua machina na sala do palacio velho da Patriarchal, junto á egreja de S. Roque. Este espectaculo é novamente reconhecido na Europa, e tem merecido os maiores elogios pela naturalidade das suas vistas e seu primoroso machinismo. Adverte-se que o dito divertimento se principia todos os dias ás 6 horas e meia da tarde, e todos os dias santos haverá dois divertimentos, o primeiro principiará ás 4 horas da tarde, e o segundo ás 7 horas. Os preços são os seguintes: assignatura 320 réis, geral 240, varandas 160.»

Cinco annos depois em 1818, annunciava a *Gazeta:*

«Hoje sexta feira 25 de Setembro, no Theatro do Bairro alto, haverá um elogio dramatico, um drama de um acto, dança pantomimica, tudo por figuras inanimadas, rematando o espectaculo José Esbucier com admiraveis jogos de physica e mecanica.»

No verão de 1819 ainda o theatro funccionava; e foi n'esse recinto, já agora historico, hoje officina ou deposito da Companhia das carroagens lisbonenses, que varias obras dramaticas presenceou o *illuminado* publico. Sirva de exemplo um nome illustre: Garrett ahi representou o seu Catão em 1821.

Não posso exarar aqui a chronica muito completa d'este popular theatrinho. Remetto o leitor ao *Archivo Pittoresco,* e tambem ao *Diario de Noticias,* aos artigos em que o fallecido Paulo Midosi compôz

com muita verdade um quadro historico cheio de retratos celebres, que muito interessam aos enthusiastas do passado, e com que, portanto, fez bom serviço ás nossas Lettras. Oxalá seguissem outros escriptores o mesmo exemplo.

Em Janeiro de 1823 ali esteve uma companhia franceza até 9 de Março; em 1827 uma companhia ingleza.

Oiço tambem, que, por escrupulos da sr.ª Marqueza de Niza, D. Eugenia, dona do predio e do theatro, foi desmanchada a sala em 1836; e sei finalmente que hoje ninguem sabe d'estas coisas, que tão de perto interessam a arte, a litteratura, os costumes, e em summa: a Historia (1).

*

N'outras dependencias do grande palacio Niza, que se alugavam a inquelinos, justamente por baixo do theatro, moraram dois notaveis sujeitos, que me constam: Francisco Coelho de Figueiredo, que lá falleceu, irmão e editor do poeta dramatico Manuel de Figueiredo; e na mesma parte do predio, o alfarrabista Antonio Henriques.

Antonio Henriques tem nome na nossa litteratura; conheceram-n-o e trataram-n-o de perto os pri-

---

(1) — Silva Tullio — *Arch. Pittoresco*, T. VII, pag. 832.

Paulo Midosi — Serie de artigos publicados em Outubro de 1878 no *Diario de Noticias*, sob o titulo de *Os ensaios do Catão.*

Pinho Leal — *Port. ant. e mod.* — T. IV, pag. 196.

meiros engenhos. O seu armasem ficava no alto da calçada do Duque.

«No cimo da calçada do Duque n.º 48 — palavras textuaes de um documento coevo — entrando por um corredor em um pateo pequeno, e subindo á esquerda por uma escada, se acha estabelecida a casa de livros de Antonio Henriques, que compra e vende livros de todas as qualidades, de que tem bom surtimento» (1).

D'esse tal deposito conservo noticia por meu Pae, que em pequeno ahi concorria com seus irmãos a comprar livros (de que ainda possuo alguns). Muita vez lhe ouvi descrever os tres avantajados salões onde era a feira-da-ladra bibliographica. Nada hoje na nossa Lisboa, onde abundam bibliophilos intelligentes, e livreiros illustrados, pode dar ideia d'aquelle mar immenso, revôlto, acachoado, de volumes truncados de todos os feitios, generos, e idiomas, alastrado pelo chão. Os freguezes andavam á pesca (mas litteralmente á pesca) pelas profundezas do abysmo; desentranhava-se aqui o 2.º volume, além o 8.º, acolá o 1.º, e amanhan ou depois os outros, de alguma obra importante entre milheiros de inutilidades. Encontrava-se, a bem dizer, tudo; o essencial era perseverança. Rebolcavam-se juntos, n'uma especie de saturnal, os folios mais graves, com os oitavinhos mais aventureiros; a theologia, com as viagens; a alta sciencia, com a poesia; as odes de Anacreonte, com os quartos de Larraga. Se jámais

---

(1) *Gazeta de Lisboa* n.º 85 de 9 de Abril de 1811.

houve republica nas lettras, na calçada *do Duque* a deveram procurar.

Quem menos ideia tinha do seu haver, me dizia Innocencio, que julgo ter conhecido ainda o alfarrabista, era elle proprio. O homem parecia, mal comparado, com a Sibylla de Cumas: as folhas revôltas do seu antro, nem já tentava pôl as em ordem. *Nec ponere in ordine curat.*

Fiava-se, com uma boa fé sem egual, na probidade dos rebuscadores; nada mais inoffensivo e mais honesto que o bibliómano; as paixões innocentes melhoram a alma. O homemzinho deixava levar por baixo preço aos freguezes o que elle por baixissimo tinha adquirido. Tal era o estado descurioso da Capital.

Que diriam a isso os manes errabundos do applicado Marquez de Niza, a quem me referi pouco acima, collector da magnifica livraria d'aquella mesma casa, hospitaleiro biblióphilo d'aquelle solar!

CAPITULO XIX

Em Dezembro de 1835 a Camara Municipal, usando das attribuições que pelas Leis da inspecção lhe competiam, mandou intimar a Casa de Niza a proceder á demolição do palacio, por ameaçar a segurança publica (1).

Creio que a intimação não teve seguimento, porque em Março de 1837 (o anno *bota-abaixo)* se repetiu, para no praso de oito dias (2).

Não se limitou a estas ordens motivadas pela segurança do povo o Municipio; planeou derrubar o antigo *Passo* da procissão dos Passos. Essa edificação, que nada estorvava, foi reputada empaxo; e em Julho de 1837 a Camara, conhecendo ser seu o terreno em que se achava o dito oratorio, por estar encravado na muralha da Cidade, e ter o Senado somente concedido á Irmandade a posse

---

(1) *Synopse dos principaes actos administrativos* da C. M. de L. em 1835, pag. 24.
(2) *Syn.* em 1837, pag. 4.

d'aquelle sitio *emquanto lhe conviesse*, officiou ao Arcebispo de Lacedemonia requisitando-lhe a remoção dos objectos do culto ali existentes, a fim de *aformosear* o largo (1).

Em Agosto officiou a mesma Camara á Irmandade dos Passos da Graça para fazer remover os objectos que lhe pertencessem (2).

Em Novembro ordenou que o seu meirinho fizesse constar aos proprietarios das barracas situadas no largo de S. Roque, junto ao Passo, *entre o pateo do Patriarcha e a calçada do Duque*, que deviam intimar os seus inquelinos para despejarem as casas até ao fim do anno (3).

N'esse mesmo mez tornava a Camara a instar com o Arcebispo de Lacedemonia para a remoção dos objectos do culto (4); e á Commissão administrativa da Misericordia para que os recebesse (5).

*

Em Maio de 1842 (ou fins de Abril) deu-se no largo um achado que despertou a curiosidade.

Vou transcrever da antiga *Revista Universal Lisbonense* (6) um interessante artigo de Castilho sobre o assumpto. Começava a nascer no nosso jornalismo o noticiario; quer dizer: começava em let-

---

(1) *Syn.* em 1837, pag. 15.
(2) *Syn.* em 1837, pag. 16.
(3) *Syn.* em 1837, pag. 34.
(4) *Syn.* em 1837, pag. 34.
(5) *Syn.* em 1837, pag. 32.
(6) Tom. 1, pag. 374.

tra redonda a conversação geral sobre novidades. O noticiario é um signal de vida, é a Historia viva, é a chronica nacional a retalho. Não lhe peçam litteratura, nem estylo, nem exacção; peçam-lhe movimento, pittoresco, drama e comedia, tragedia e farça; isso tudo elle tem, e tudo isso dá. Conta com enthusiasmo, embora se desminta no dia seguinte; espalha boatos que se não confirmam, mas do que diz fica um sussurro vago, que é a voz da população. Essa voz, escutada pelos nossos vindoiros, ha-de ser para elles um indizivel encanto. Oxalá o conhecessemos nós outros relativamente aos seculos antigos!

Em 1842 começava o noticiario, disse pouco acima; e quem mais o coloriu e melhor o desenhou, foi o redactor da *Revista*. Eis aqui, pois, o que elle escrevia sob o titulo

UM ENIGMA PARA ANTIQUARIOS

«No largo, e á esquerda de S. Roque de Lisboa, defronte da porta da Misericordia, e não distante muitos pés d'onde fôra a capella dos Passos, encontraram os obreiros, que ahi andam despejando e anediando terreiro para praça, uma casa, que ainda se não acabou de desentulhar, mas cujo conteudo já descoberto não deixa de suscitar curiosidade. Do espaço d'esta casa não se pode por ora fazer conta, conhecendo-se comtudo que era ampla: a sua face externa, isto é a que olhava para o que hoje é rua publica, era guarnecida de boa cantaria liza; a interna, ainda a partes se reconhece haver

sido rebocada e caiada; o pavimento, mais baixo uns dez ou doze palmos que o pizo actual da rua, está calçado de pedra ordinaria; porta ou janella, ainda se lhe não descobriram; mas telhas, caliças, e fragmentos de madeira, completam a demonstração de haver sido casa.

«Eis aqui agora o principal que d'ella tem sahido, e por onde alguma conjectura se pode aventurar acerca da profissão do seu morador: 76 ferraduras de diversos tamanhos, algumas das quaes inculcam seu uso; varias porções de corrente de ferro, e uma, que, apesar de não ter mais de tres fusis, deita dois palmos avantajados; um martello; um puchavante; uma torquez; um ponteiro; uma chapa de ferro do comprimento de cinco palmos, e largura de mão travessa, com duas grandes argolas nas extremidades, o que (presumem) faria parte de manjadoira; mais duas argolas, ainda com o chumbo que as ligava á pedra; uma bigorna, com parte do cepo.

«Até aqui, nada ha que pareça extraordinario; mas o simples aspecto de algumas d'aquellas ferraduras cria de repente aos olhos da imaginativa mais fria e perguiçosa um romance historico do mundo velho, digno de figurar distinctamente na archeologia zoologica de M. Boitard. A' officiosa amisade do sr. Francisco José Caldas Aulete, curioso collector, e proprietario d'estes achados, devemos o tel-os hoje em nosso poder.

«E, na verdade, ferraduras, algumas das quaes teem enorme comprimento e largura, e ainda, depois de tão carcomidas da ferrugem, pezam arra-

teis, suppõem uma dimensão de casco, e proporcionalmente uma corpolencia de animal, que excedem prodigiosamente a todas as medidas de que em tal materia havemos noticia. Alguns ossos de cavallo, taes como canellas e dentes, que se encontraram n'aquelle sitio, e, por ignorante descuriosidade dos trabalhadores, se desbarataram e perderam, pessoa que os ouviu nos affirma, que eram de marca descommunal. Alguns dos trabalhadores os compararam na grossura com os cabos das suas enxadas.

«Houve pois, segundo parece, em antigas eras, aqui onde hoje se levantam um templo e casarias soberbas, um homem provavelmente gigante, ferrador de cavallos gigantes, para cavalleiros tambem gigantes. O retintim da sua bigorna atroava as então selvaticas solidões dos sete montes, onde mais tarde se veio assentar a nossa Lisboa. Moiros, Godos, Romanos, Carthaginezes, e Phenicios, são modernices, são coisas de hontem comparadas com as da edade em que elle viveu. As arvores que davam sombra diante da sua poisada, e cuja casta já tambem lá vai, deveriam (se ainda agora existissem) olhar para baixo, e com lastima, para o cume da torre de S. Roque, e uma só d'ellas cobrir ao meio dia, com a sua sombra, desde o Rato até ao Caes do Sodré, e desde a Estrella até ao Castello. Mas em que lingua falava este singular personagem com os freguezes que á sua tenda vinham? E para que jornadas ou guerras, e com que trajos e armas, cavalgavam estes? A que bisavô do deus Endovélico adorava? Que ensino dava aos seus filhinhos, mais altos que os nossos homens altos de hoje? E em

que historias ou esperanças praticava, ao vasto lume dos espaçosos serões de inverno, com a descompassada companheira de sua trabalhosa e enfarruscada vida? Eis ahi o que ninguem saberá nunca.

«E' o mundo um livro, em que pouco mais se conhece do que a pagina aberta; das innumeraveis que já lá ficam para traz, só por alguma ruptura, que em suas folhas fazem o tempo ou o acaso, se chega a enchergar, e bem confusamente, alguma syllaba. Com uma desconsolação nos consolemos d'isto, e seja o cuidar que tambem algum dia as coisas que de nós resurgirem á flôr da terra, poderão ser egualmente indecifravel enigma para os que então existirem, como hoje o são para nós as dos tempos antediluvianos, e muitas menos apartadas.

«Taes eram as nossas profundas phantasias, depois de manusearmos todos estes objectos, depois de havermos, com pena, sabido que alguns outros foram pelos trabalhadores sonegados e vendidos a curiosos, como certas moedas cunhadas, de que nem uma podémos haver á mão; depois, finalmente, de havermos ido no dia 2 d'este Maio, á meia noite, com as nossas lanternas na mão, visitar devotamente aquelle jazigo do mundo velho, e meditar muitas tristezas no fundo d'aquelle fojo, sentados sobre algumas peças de silharia desmantelada.

«O pobre fidalgo Tressilian, se já lestes o *Kenilworth* de Sir Walter Scott, e do sr. Ramalho (1), não

---

(1) Allusão ás traducções portuguezas de Scott pelo Conselheiro André Joaquim Ramalho e Sousa.

J. de C.

deveu de estar mais do que nós absorto e maravilhado, em quanto ao pé do espinheiro, no meio de um deserto, ouvia estar-se ferrando o seu cavallo por mão do ferreiro mysterioso e invisivel.

«Aqui havia de findar o nosso artigo, para que todos os jornaes da Europa o transcrevessem, todos os sabios o commentassem, e todas as academias proposessem como assumpto de premio dobrado a sua explicação. Mas o que logo depois descobrimos veio desfazer em grande parte as nossas visões poeticas.

«Entre as coisas encontradas n'estas ruinas appareceram (além de outras moedas, que, já dissemos, nos foi impossivel conseguir) umas trinta das portuguezas de tres réis, que em sua antiguidade não excediam de seculo! Então nos occorreu o grande terremoto de 1755, e o nome, que ao terreno proximo se conserva, de *pateo do Patriarcha*. Esta casa podia portanto haver pertencido á vasta residencia do Prelado da provincia. Alguma bem lavrada cantaria, que da terra tem sahido, e por lá está arrimada contra a parede da Misericordia, confirma, ou pelos menos ajuda, esta presumpção. As grandes ferraduras seriam pois dos urcos, que arrastavam o pesado e eminentissimo coche, ora ao Paço, ora á Cathedral. Entretanto, se é licito chicanar um poucochinho a probabilidade em favor da poesia, sempre diremos que tão desmesurada grandeza de patas de urco, ninguem até agora, por mais viajante que fosse, e por mais amplamente que do seu direito de viajante se servisse, se atreveu a affirmar-nos havel-a encontrado em parte alguma.

«— *Terça feira ao meio dia.* – Continuam de apparecer instrumentos de ferrador; mais uma bigorna; alguns centos de cravos encrustados uns com os outros; quatro ponteiros de atarracar ferraduras; duas torquezes; quatro puchavantes; uma groza; outro martello; longos pedaços de cadeia grossa e forte, alguns dos quaes ainda se alongam pela terra dentro contra a Misericordia, e um chumbado na calçada do pavimento; e um farpão de ferro com tres dentes, dos que se usam para arrastar estrume..........

«— *Uma hora e um quarto.* — N'este momento acaba de morrer o nosso romance do mundo velho. Appareceram quatro craneos, com as suas competentes ossadas; e no devido logar restos de solas de calçado. Nada sai das medidas ordinarias. Estas quatro pessoas, assim como a casa, foram pois certamente victimas do terremoto. Nos fragmentos de vestido, que se encontram junto aos ossos, não ha já adivinhar a côr, nem conhecer a materia. Apparece uma pequena fivella redonda de calção; não se distingue o metal de que é feita; ao examinarem n-a desfaz se.......

« — *Uma hora e cincoenta minutos.* — Pedaços de caveiras, e alguns ossos cavallares, tudo de marca avultadissima.

«— *Seis e meia.* — Para o lado da Misericordia uma serie de telhas enfileiradas; deve ser telhado abatido, por junto e sem grande desconcerto; está apenas cinco para seis palmos superior ao pavimento.

«— *Quarta feira ás 9 horas da manhan.* — Continuam a apparecer argolas chumbadas na calçada,

e prezas a algumas d'ellas pedaços de correntes. Estas argolas são em duas fileiras, que distam, uma da outra, obra de tres passos. Não sabemos se ainda hoje cá se usa de taes prisões para cavalgaduras; mas consta-nos que assim as teem nas admiraveis cavalhariças Reaes do Hannover.

«—*II e meia.*—Arrancam algumas pedras da calçada, e excavam para baixo. Apparece entulho. Estas ruinas já assentam provavelmente sobre outras ruinas.»

*

Em 12 de Maio tornava Castilho a escrever na mesma folha:

CONTINUAÇÃO DO ENIGMA PARA ANTIQUARIOS

«Prosegue a excavação de S. Roque, sendo objecto de curiosidade e visitas de muitas pessoas. Todas ellas, umas pelo proprio testemunho de seus olhos, outras pela relação que os trabalhadores lhes teem feito, conhecem já a escrupulosa verdade, com que n'esta parte vamos historiando.

«Hoje, terça feira, pelas onze horas da manhan, por de baixo dos alicerces da frontaria da casa destruida, isto é nos 13 para 14 palmos a baixo do nivel actual da rua, appareceram duas sepulturas abertas em terreno virgem, cada uma com 3 palmos de largura, e 8 de comprimento. Em cada uma d'estas sepulturas havia, ao de cima, obra de tres cestos de cal em pó, assente, humida, facil de desfa-

zer, posta como de ha pouco, e ainda em estado de servir. N'uma jazia um esqueleto muito gasto, e um boião; na outra, um esqueleto, segundo parece, de mulher, com todos os dentes mui inteiros e alvos, e com elle um panellão de barro. Do calçado e vestido de ambos estes individuos nada se pode dizer nem presumir, porque os fragmentos que apparecem, ao minimo toque se desfazem. Em cada uma d'estas covas havia de mais alguns poucos vazos, uns de loiça, outros de vidro, uma especie de covilhete de barro vidrado e pintado, uma como bacia funda, uma tijella, ou malga, um prato, que parece da India, mas grosseiro, um copo de calix de vidro, mui tenue e leve, e com o pé vazado.

«Não deixarão estas particularidades pressupôr alguma costumeira hoje abolida? Povos ha gentios, por essa Africa, onde com o morto se dão á sepultura os utensís de caça e de comida, de que em vida se servia. Possivel é tambem, e até mais verosimil, que fossem aquellas sepulturas de apéstados, ou gente morta de alguma outra enfermidade, cujo contagio se temesse, e que assim enterrassem juntamente com o cadaver a sua loiça. Esta presumpção adquire alguma força, quando se adverte em que, assim na panella como no boião, se acharam restos de um pó negro, que não era terra, e que, se o houvessem aproveitado para o submetter a uma analyse chimica, talvez se conhecesse que poderia ter sido destinado a combater a infecção.

«Para confirmar o que dizemos, não é fora de proposito um resumo do que acerca d'este largo, onde se fundou a ermida (depois egreja) de S. Ro-

que, escreveu o Padre Telles na sua *Chronica da Companhia de Jesu:*

«*O sitio que se escolheu foi um monte, que está fora das portas da Cidade, e cai para a parte d'Oeste; estava n'aquelle tempo todo coroado de formosas oliveiras........ N'este grande campo havia um logar mais junto á porta da Cidade, que hoje chamamos a porta de S. Roque, no qual estava o adro e cemiterio, em que se enterravam os que morriam de peste. Era o logar, por este respeito, temeroso, porque a contagião da peste ainda em caveiras seccas e em ossos mirrados se conserva, como aqui mesmo succedeu com uma trabalhosa experiencia; porque, abrindo-se os alicerces para umas mui nobres casas, que ahi fundou em nossos dias D. Henrique de Noronha, bem defronte da portaria de S. Roque, se acharam os ossos de um corpo morto, e subitamente se pegou uma febre maligna nos officiaes da obra, que em breve morreram; e o mesmo mal abrangeu ao fidalgo que fazia as casas, o qual, posto que por então escapou da malignidade da febre que lhe deu, sempre ficou sujeito a grandes achaques, com os quaes finalmente acabou; e acho por mui bem fundado o discurso dos que ajuizavam que aquelles ossos eram de algum empestado, nos quaes depois da morte ainda vivia tão perigosa contagião.*»

*

Demolido o Passo, demolidos alguns casebres, arreada a torre de Alvaro Paes, que o terremoto de 1755 parece ter consideravelmente arruinado, a

crermos o que nos mostra uma das bellas gravuras da collecção gravada por Le Bas (1), dada uma feição vulgar e banal á pequenina praça, encontro em 1860, a 16 de Agosto, a seguinte proposta do vereador Severo de Carvalho aos seus collegas:

«Chamo a attenção da Camara sobre o estado em que está o largo de S. Roque. Parece-me que conviria regularisar aquelle largo, que, estando no centro da Cidade, e junto á Real Casa dos expostos, precisa de uma forma regular, fazendo desapparecer uma porção de casebres que ali existe.»

Ficou para ser discutida n'outra sessão (2).

Depois, em 1862, erigiu-se a palmatoria, commemorativa do casamento d'el-Rei D. Luiz; e em 8 de Janeiro de 1863 resolveu a Camara arborisar o largo (3).

A Companhia das carroagens edificou a sua frontaria sobre o pateo, e todos os restos historicos desappareceram.

O que lá vemos não tem presumpções, nem as pode ter; é a expressão mais simples da architetura lisbonense moderna, em estylo economico.

A Companhia não pensava em Arte, quando encommendou aquelle tabique enganador, que se inculca frente de predio, e pouco mais é que muro de pateo. Ainda assim, não é grotesco.

---

(1) *Collecção | De algumas ruinas de Lisboa causadas pelo | terremoto e pelo fogo do primeiro de novemb.ro (sic) do anno 1755. | Debuxadas na mesma Cidade por M. M. Paris et Pedegache | E abertas a o boril em Paris por Iac. Ph. Le Bas........ 1757.*

(2) *Archivo Mun. de Lisboa.*—n.º 34, pag. 267.

(3) *Arch. Mun. de L.* 1863, n.º 159 p. 1270.

Frontaria do pateo da Companhia das Carroagens sobre o largo de S. Roque, no sitio do antigo palacio Niza

*

Projectou a Camara Municipal, em 1836, estabelecer no largo de S. Roque um mercado de flores. Pena é que se não tivesse podido realisar. Lisboa, encravada entre jardins, e entremeada de flores, devia abastecer uma feira de tal genero.

E' curioso aproximar d'este gorado alvitre uma antigualha quinhentista: houve por cá ha quatro seculos essa mesma venda de *boninas* todo o anno á porta da Misericordia, e n'outras partes da Cidade (1). A coincidencia é galante: á porta da nova Misericordia em S. Roque ia pois estabelecer-se o tal mercado das boninas, que, hoje principalmente, bem rendoso podia ser. Era bonito, não pegou. Que havia mais proprio de que uma feira de flores em proveito dos pobres, ali, onde se exerce (e tão bem!) a caridade de Vicente de Paulo!

*

O meu amigo o sr. Alberto Pimentel renovou a proposta em 1900 (salvo erro) quando Vereador, mas o sitio escolhido foi a *Avenida da Liberdade*.

---

(1) Nicolau de Oliveira — *Grandezas de Lisboa*, pag. 181.

CAPITULO XX

Se do alto do monte de S. Roque olharmos para baixo, para a banda do nascente, das janellas da Misericordia, vemos a *Escola Academica,* edificio levantado no verão de 1863, no sitio onde, ainda em 1834, jazia «um informe cahos de ruinas», segundo um bom guia d'essas paragens (1).

«Eram — diz elle — começando pelo alto, o muro velho de D. Fernando, e os paços dos Condes da Vidigueira;......... e............ descahindo já para o valle do Rocio, terrenos quebrados e perdidos, para onde nem já lançavam olhos os fidalgos seus senhores. N'essa porção da Cidade.......... enxameava, em pardieiros immundos e doentios, em beccos enladeirados, em pateos encantados, e quasi incognitos á propria Policia, tudo que a sociedade tem de fézes.»

---

(1) Castilho — *Rev. Univ.* — T. II — *Homenagem ao antigo e ao moderno.*

*

A nossa Lisboa, que tantas e tão desencontradas revoluções convulsaram sempre, achava-se desde o terremoto cheia de empachos grosseiros, contra os quaes não bastavam os trabalhos e empenhos constantes das vereações. Havia, nos sitios mais centraes, accumulações de casebres ridiculissimos, menos que aldeões. Hesitava-se em dizer se eram ruinas deixadas de derruidas opulencias, se desde o principio cabanas de pastores e cavernas de troglodytos.

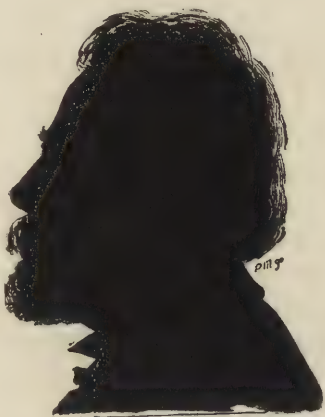
Exemplos:

Na carcassa do paço dos Duques de Bragança, ao *Thesoiro velho,* nas ruinas do palacio dos Marquezes de Marialva, ao *Loreto,* nas da sumptuosa residencia dos Condes de Soure, á rua *da Rosa,* aninhára a miseria uma alluvião de casebres parasitas, baiúcas esfomeadas, trôpegas, e cegas, accumuladas a esmo. Nas abas do convento do *Espirito Santo* (ao topo do Chiado, palacio Barcellinhos, onde eram em 1880 o hotel Gibraltar e o dos Embaixadores), o mesmo; e ahi nem signaes havia dos predios grandes que orlam as ruas *Novas do Almada* e *do Carmo* pelo lado do nascente; eram, ainda em 1834, umas ribanceiras, segundo me informam, cheias de herva, onde pastavam durante o dia os rebanhos convencionaes dos idyllios de Virgilio, Watteau, ou Pillement!

Pois o sitio que estudâmos, este de S. Roque, era do mesmo desalinhado teor da Lisboa de nossos paes.

Ao cima, como vimos, o velho palacio Niza; mais a baixo, costeando a muralha, pardieiros de todos

os feitios, junto aos quaes colleava a custo a viella tortuosa e ingreme chamada calçada *do Duque*.

Foi Francisco José Caldas Aulete, sujeito energico e activo, Contador da Relação, sogro que veio a ser de Antonio da Silva Tullio, quem tomando de aforamento á familia Nisa o palacio arruinado

ANTONIO DA SILVA TULLIO
Retrato em sombra tirado a 15 de Novembro de 1875

de S. Roque, começou com certo bom gosto o despejamento e arborisação do pequenino largo que fica no topo da rua *da Condessa*, e a edificação do palacio, hoje afogado nas informes construcções da Escola Academica. A' iniciativa de Caldas se deve a completa metamorphose d'aquella encosta. Das obras d'elle pouco se pode já apreciar, porque a Escola demoliu em parte, e em parte recobriu, o que encontrou.

Caldas aforou, como disse, o palacio arruinado, o chão em que estava a Torre de S. Roque, e todas as barracas que se alastravam no largo, ali feitas a pouco e pouco desde o terremoto. Mas a Camara, que planeava desobstruir aquelle concorrido sitio, intimou-o a demolir, dando-lhe, para o indemnisar, a pedra e alvenaria da demolição, e mais os sobejos do chafariz do Carmo para elle encanar para a sua casa.

Em Maio de 1837 andava Caldas muito accezo na sua edificação, e começava n'esse verão a demolir as baiucas do largo, ao passo que a Vereação erguia a picareta contra a veneravel torre de Alvaro Paes. Quiz elle salval-a, apresentou offerecimentos, mas não foi attendido. Que fez então? restaurou, reparou com todo o carinho, o lanço da muralha. Este lanço descia ao longo da calçada do Duque, e ia passar ao fundo do pateo de Caldas, a cavalleiro do seu palacio novo. O palacio era abarracado para a banda d'esse pateo, e dominava para o nascente a ribanceira sobre o Rocio. Na muralha, conscienciosamente reparada, embebeu Caldas uma lapide, que dizia:

ESTE LANÇO DO MURO, QUE
EL-REI D. FERNANDO ACABOU
EM 1413 FOI CONSER-
VADO E REPARADO POR
FRANCISCO JOSÉ CALDAS AULETE
EM 1840

Aquella data 1413 é o anno christão 1375 reduzido á era de Cesar.

Foi então que na sua *Revista Universal* commemorou o fino espirito de Castilho este acto patriotico, dedicando-lhe o artigo *Homenagem ao antigo e ao moderno* (1).

Lembro-me bem de tudo isso, que ainda conheci, e que os meus curiosos e attentos vinte e tres annos viram mascarar ou demolir.

Acudi-lhe a tempo; e uma bella manhan (foi por signal a 3 de Maio de 1863), abalei de casa com a minha pasta de desenho, e postado a um canto copiei o que existia.

Começavam talvez n'outras partes do edificio as demolições, mas ainda não tinham mascarado com camaratas de collegiaes os lanços da historica muralha.

Nos grandes platanos enfézados chilreavam passaros saudosos de campo; a muralha falava-me nas guerras do seculo XIV; na rua uma varina apregoava, vindo do Rocio.

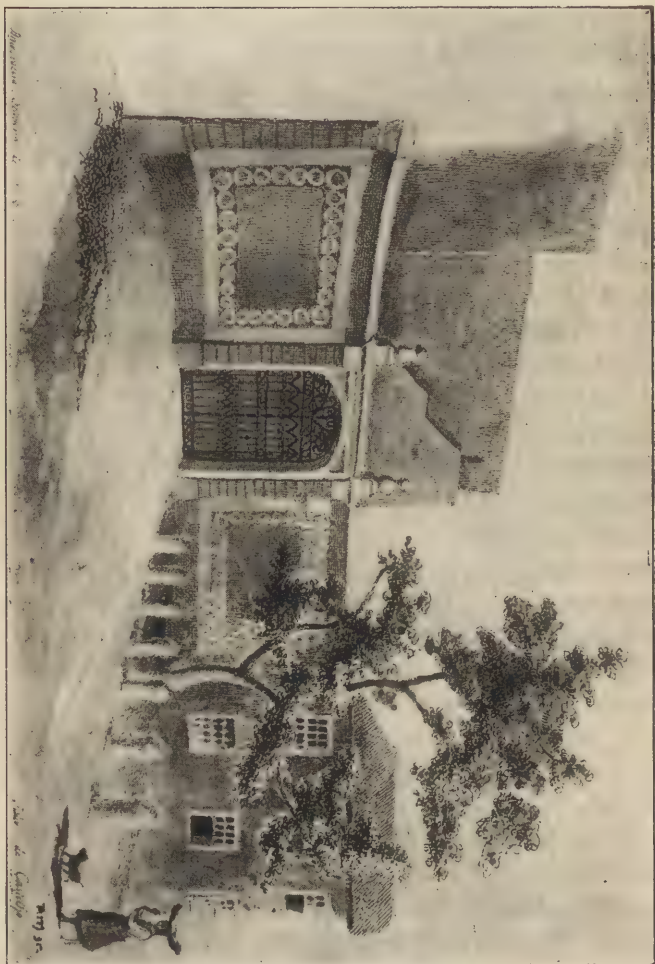
Eu tratava de enfeixar um derradeiro ramalhete de saudades... e desenhava.

*

O largosinho a meio da calçada *do Duque*, aonde desemboca a rua *da Condessa*, era um sitio lindo (quem tal crerá hoje?) com um *quid* de nobreza e distincção, que em poucas paragens de Lisboa se

---

(1) Tomo II.

encontrava. A' esquerda a muralha colossal do pa-

Fragmento da muralha d'el-Rei D. Fernando sobre o que é hoje pateo da *Escola Academica* no largo da calçada do Duque em frente da rua da Condessa A casa que se vê á direita occupava grande parte do pateo foi demolida

lacio Niza com o seu cunhal e embazamento de lioz.

Ao fundo, com umas heras pendentes, aqui, ali, um farto lençol da muralha militar d'el-Rei D. Fernando. Lembra-me que se abria lá no alto uma pequenina porta ogival, pura *edade média,* no topo de uma estreita escadaria de pedra com anteparo, em lanços, ao réz do paredão. Aquella linha extravagante e inesperada quebrava a monotonia do tisnado muro, e compunha.

O pateo, ajardinado e sombrio, para o qual se entrava por um bello portão, era o digno atrio de tão recatada residencia, sumida á banda do nascente, e dominada pelas ameias pittorescas da muralha.

Aos lados da entrada da casa, dentro no pateo, dois leões colossaes de pedra, outr'ora pertencentes á quinta do Marquez de Ponte do Lima em Mafra. Todo o muro exterior junto ao portão, sobre a rua, tinha sido pintado pelo nosso insigne e phantasioso Cinatti (1); eram rosaças, e ornamento a claro-escuro e azul, do mais apurado gosto.

Por dentro, que vivenda luxuosa e elegante! Os bellos salões e os magnificos terraços cahiam sobre uma densa matta chilreada, e disfructavam, como pano de fundo, atravez da rôta cortina verde florída dos arvoredos, a nobre vista da Alcáçova, e sobre a esquerda a matta do Duque do Cadaval. Foi ar-

---

(1) Fallecido no verão de 1879. Aproveito a occasião para tributar á memoria do grande scenographo a homenagem da minha admiração e da minha saudade. Poucas almas de artista haverá, e terá havido, no mundo, tão nobremente dotadas como aquella.

chitecto o scenographo italiano Luigi Chiari, já então velhissimo, domiciliado em Lisboa, e em 1820 um dos emprezarios da Companhia do Real Theatro de S. Carlos (1).

O vestibulo de entrada, que era oitavado, pintou-o o nosso André Monteiro, assim como a casa de jantar, adornada de caçadas e paizagens. Finalmente, foi o brilhante pincel de José Francisco de Freitas, que encheu de flores as paredes das salas, cujos magnificos espelhos tinham pertencido á Rainha a senhora D. Carlota Joaquina de Bourbon, e provindo do Ramalhão.

*

No palacio do Caldas varias pessoas conhecidas habitaram, além dos proprietarios, que ali estiveram muitos annos.

Sei do Ministro de Hespanha Conde de Colombi, de Costa Lobo, Par do Reino, do Visconde da Praia, do Conde de Claranges-Lucotte, e lembro-me de lá ter ido com meu pae varias vezes visitar o eloquente Alcalá Galliano, Ministro da Rainha Isabel II.

---

(1) *Gazeta de Lisboa.* — N.º 313 — de 30 de Dezembro de 1820. Vi d'este mestre uma pintura a tinta da China na casa do despacho da egreja do Loreto, representando as exequias de um Papa no seculo XVIII, celebradas n'aquelle templo; e possui duas magnificas aguarellas d'elle, de grandes dimensões, peregrinamente tocadas, e assignadas L. C.; representava uma o Arco de Tito, em Roma, e a outra uma escadaria monumental. Bellissimas paginas, onde corriam parelhas o desenho e a côr.

*

Sobre o pateo, ao lado do portão, no sitio onde hoje é a gradaria, alvejava uma elegante casa independente, clara, pintadinha, (hoje demolida) onde viveu em 1838, 39, 40 e 41, o poeta dos *Ciumes do bardo,* e onde se escreveram os *Quadros historicos de Portugal.*

*

No verão de 1863 começava o activo e honrado Antonio Florencio dos Santos, proprietario e director do afamado collegio Escola Academica, a reforma completa do sitio e do palacio, que era seu por compra. Tudo mudou, conforme as exigencias do augmento do collegio. O pateo accrescentou-se com a demolição *solo tenus* da casa onde morou Castilho; a muralha da cerca fernandina desappareceu mascarada de novos paredões; o proprio palacio, com a superposição de varios andares, perdeu o cunho, e amesquinhou-se. O que lá vemos hoje é a negação da architectura e da poesia.

Consta-me que o architecto d'esta reedificação foi Miguel Evaristo de Lima Pinto, aliás homem de talento e saber.

CAPITULO XXI

Uma das egrejas de que mais gósto em Lisboa é o templo de S. Roque, no largo do seu nome.

Quem abrir o tomo II da *Chronica da Companhia de Jesus na provincia de Portugal,* encontrará a descripção minuciosa da casa professa; quem comparar o estado actual do templo com o que diz no seu estylo quente e florído o Padre Balthasar Telles, verá a probidade, a elegante singeleza, com que o auctor tratava o assumpto.

Não admira. Balthasar Telles era intelligencia culta, vivia ali, tinha tudo aquillo por seu, copiava com lazer, e, para coroar tantas circumstancias propicias, era artista; o Bello seduzia-o.

Varios auctores teem tratado d'esta egreja; por isso, nada tendo que dizer a mais, não me alargarei descrevendo-a. Repito, antes de começar, que teve a fortuna de não ser muito deturpada, em tres seculos e tanto de existencia, pela broxa dos caiadores, nem pelo colherim dos estucadores.

Ha talvez, em certos sitios, doirados de mais,

me parece; a talha em pau Brazil ou em cedro é tida por pouco artistica, se não esconde sob uma camada de oiro os seus tons quentes de sépia, que, realçados por uns sobrios filetes doirados, são (a meu vêr) tão nobres, e tão adequados á ornamentação religiosa!

Os accrescentos que successivamente se teem feito á primitiva traça, foram comtudo dignos d'ella: paineis de Avellar Rebello, André Reinoso, Bento Coelho, Vieira Lusitano; azulejos preciosos, dos melhores que tenho encontrado; finalmente uma joia como a celebre capella de S. João, obra de Vanvitelli, e onde não se sabe escolher entre a valia dos quadros de Miguel Angelo, Guido Reni, e Raphael, reproduzidos em mosaico, e a dos candelabros, lampadarios, e columnas, de bronze e porfido, de ametista e lapis-lázuli. Em summa: é tudo aquillo um conjuncto de optimo e finissimo sabor, para quem se deleita com os regalos da Arte.

Já ouvi falar em demolir esta egreja historica. Fóra com tantas demolições! Os antigos bem grandes foram, e respeitaram as memorias. As nullidades modernas, inchadas e balôfas, só cabem em avenidas, e para isso arrazam tudo.

*

A egreja velha de S. Roque apparece-nos figurada na vista-plano de Braunio (seculo XVI). E' um pequeno templo de frontaria bicuda, com uma janella, ou fresta, circular em cima, e uma só porta; torre ao poente. Por traz vêem-se annexos em volta de

dois claustros, ou terreiros. Foi essa talvez a forma primitiva da casa professa. A' esquerda, um pouco

Egreja de S. Roque no seculo XVI, ampliação de um fragmento da vista-planta de Braunio. A' esquerda vê-se uma habitação nobre, que deve talvez figurar a dos Alteros de Andrada. Mais á esquerda os moinhos de vento

em segundo plano, vê-se uma edificação nobre, com feição rural, e que será talvez a habitação quintaneira dos Alteros. Mais longe os Moinhos de vento.

Estas indicações graphicas das vistas antigas não devem porém ser tomadas á risca. Acceitemol-as apenas como documentos conjecturaes.

Pergunto:

As gravuras e lithographias modernas, modernissimas, do *Universo pittoresco,* do *Archivo pittoresco,* e outras publicações, podem acaso ser acceitas como depoimentos de irrecuzavel authenticidade? tanto, como muitos retratos de pessoas contemporaneas, ahi espalhados em livros e periodicos. E o curioso é que os vindoiros teem de acceital-os, como nós acceitâmos os dos *Varões e donas,* e os das pedras tumulares. Mas a maioria d'essas physionomias são tão semelhantes, como os desenhos de edificios antigos. Esses desenhos, feitos cá, sabe Deus como, eram mandados lá para fora. As inexacções do desenhista accrescentavam-se com as do gravador. Nas minhas collecções tenho bastas provas do que digo; é indispensavel pois, repito, a maior cautella no estudo artistico d'estes depoimentos graphicos.

A melhor maneira de legarmos aos pósteros materiaes, seria haver nas Camaras Municipaes grandes albums, onde se fossem arrecadando photographias bem exactas, e variadas, dos edificios publicos e particulares, antes de qualquer demolição ou restauração, conservando-se tambem as suas plantas e os seus alçados, sem querermos saber se se trata de edificios celebres, ou não. Tudo interessa á Historia. O sr. José Ignacio Dias da Silva, ha poucos annos Vereador, propôz isso tudo, com muito criterio, mas não foi ouvido.

Basta por agora; voltemos a S. Roque.

*

Sobre o largo apresenta hoje esta egreja a sua frontaria singela, estylo dorico de mestre de obras portu-

Frontaria da egreja de S. Roque, e monumento ao casamento d'el-Rei D. Luiz

guez. Nada a recommenda. Temos a casca modesta de um riquissimo fructo, colorido, saboroso, perfumado.

O adro gradeado é mesquinho e semsabor. Os

adros antigos tinham em geral umas linhas horizontaes grandiosas, que harmonisavam bem com as verticaes das pilastras, e serviam de base á frontaria. O successivo augmento da população das ruas, o movimento crescente da Cidade, teem obrigado as municipalidades a reduzir quasi todos os adros dos templos de Lisboa.

Este de S. Roque foi incomparavelmente maior do que é; occupava talvez um terço da praça ha algumas dezenas de annos. Pouco se perdeu com o corte; o que me assusta é que algum dia o adro do mosteiro da Estrella e o de S. Vicente se amesquinhem tambem, á voz de um qualquer demolidor das Obras publicas; e isso é que seria lastima.

*

Por baixo do antigo adro corria um vasto carneiro com uns respiradoiros estreitos sob os degraus.

Uma vez... (contou-me isto meu Pae, em cuja meninice, creio, se deu este caso) levaram para ali a enterrar uma pobre mulher que julgavam morta, e que estava apenas cataleptica. Passados dias, vão a entrar no carneiro com outro morador, e que hão-de vêr? a pobre mulher, que, tendo acordado do ataque, e reconhecido nas trevas todo o horror da sua situação, conseguira a poder de exforços sahir do caixão mal cerrado, e se arrastára até uma fresta, por onde coava um raio de luz e um bafejo de ar. Fartára-se talvez de chamar, com a sua debil voz de moribunda, e a final, sosinha com as suas lagri-

mas, apagára-se de vez. Ali a encontraram, pallida, hirta, embrulhada na mortalha como quem tiríta de frio, e na postura mais resignada que se pode imaginar, encostada ás mãos, ralada e desfeita de padecer só comsigo.

Esse carneiro, fabricado em principios do seculo XVIII, ou fins do XVII, era jazigo da Irmandade de Nossa Senhora dos Agonisantes. O adro que o recobria tinha tres degraus acima da linha do solo (1).

*

A proposito: não são demasiadas todas as attenções que a estes enterramentos prematuros consagre a medicina legal. Estão-me lembrando as judiciosas considerações que no assumpto escreveu o douto Feijóo no *Theatro critico,* e tambem n'uma das suas *Cartas eruditas,* e os casos que elle narra, veridicos, e authenticados com a sua palavra honesta. São dramas, são tragedias de arripiar as carnes. Cuidado pois, mil cuidados n'essas melindrosissimas conjuncturas!

Em Santarem enterraram vivo um Vèdor da Rainha Santa Isabel; costumava ter uns accidentes, que lhe duravam vinte e quatro horas; e isso é que enganou o coveiro. Abrindo-se depois a cova, encontraram o morto collocado de ilharga; consternada a Rainha mandou-o levar para a sua egreja de Santa Clara a velha, em Coimbra, onde se via o tumulo,

---

(1) *Historia de Lisboa.* — Mss. A-4-11 da Bibliotheca de Lisboa, fl. 115 v.

com a estatua jacente, armada, e deitada para a banda (1).

E ultimamente, na Graça, não se encontrou o cadaver mumificado de uma Marqueza de Angeja sahîdo fora do caixão, e arrumado a uma porta do jazigo, aonde a levou o seu desesperado acordar amortalhada?

*

Era a 7.ª Marqueza, D. Maria do Carmo de Noronha de Camões e Albuquerque, creança de vinte annos, dada por morta a 15 de Julho de 1833 por occasião da cholera-morbus, e enterrada viva!

Foi o meu amigo Julio Carlos Mardel d'Arriaga quem, dirigindo na Graça pesquizas relativas a Affonso de Albuquerque, a encontrou, diz o *Diario de Noticias* de 22 de Outubro de 1900, «na escada do carneiro, em posição que denota os grandes esforços, que a desditosa dama empregou para levantar a pesada lousa que a separava do mundo dos vivos.»

Isto entra n'este logar como simples accessorio. As buscas na Graça hão-de a seu tempo ser relatadas e discutidas em alguns dos subsequentes volumes. E' esse outro triste capitulo da historia do nosso desleixo, já de seculos, no que se refere ás cinzas de homens illustres.

Em sessão de 25 de Setembro de 1863 mandou

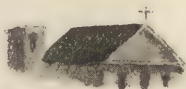
---

(1) Luiz Montez Mattoso—*Memorias sepulcraes*—mss. em poder do sr. Conselheiro Venancio Deslandes.

a Camara Municipal fosse remettido ao Provedor da Misericordia o projecto para um novo adro, formulado segundo as exigencias da commodidade publica pelo habilissimo engenheiro, meu saudoso amigo, Pedro José Pezerat. Para essa obra deu a Camara 50$000 réis (1).

*

Segundo disse, a frontaria sobre o largo é simples e pobre, como a roupeta. O timpano é ridiculo; renascença de cal e areia. Já assim nol-o deixa vêr

S. Roque no seculo XVIII segundo um trecho da gravura de Lemprière

S. Roque modernamente, segundo photographia

a gravura de Lemprière, seculo XVIII, e pouco differe, ou nada, da actual feição.

O campanario não apparece; era isso moda jesuitica; não a sei explicar, mas vejo-a quasi sempre seguida no debuxo dos templos da Companhia.

Sabe-se porém pelo antigo Padre Duarte de Sande, no seu curioso escripto *Lisboa em 1584,* que esta egreja possuia «uma torre de admiravel altura», a qual se avistava de quasi toda a Cidade, e tinha magnificos sinos (2). Abateu.

---

(1) *Arch. Mun. de Lisb.*—1863—n.º 197, pag. 1572.
(2) *Arch. Pitt.* — T. IV, p. 92.

*

Vejamos o que, por sua parte, dizia da egreja de S. Roque o antigo viajante francez Monsieur de Monconys:

«Não será fóra de proposito — escreve elle — fa lar da casa dos Jesuitas; edificio novo e todo de cantaria. Nos dormitorios para onde dão as cellas vêem-se capellas revestidas de oiro. O templo é assaz vasto, ornado de muitos e grandes quadros emmoldurados, representando a vida de Santo Ignacio. E' pequena a sacristia, mas bella, com a abobada de oiro e azul e boas pinturas; em volta, junto ás janellas, vêem-se paineis da vida de Santo Ignacio, e mais a baixo a de S. Francisco Xavier em molduras de ébano (1).

---

(1) *Voyages* de M. de Monconys, T. IV, p. 33.

CAPITULO XXII

Quem penetra no templo de S. Roque, vê um edificio de uma só nave, largo, extenso, facilmente comprehensivel no seu conjuncto logo á primeira inspecção, e grandioso apesar de modesto.

A impressão que se experimenta é um certo agrado, uma influencia de pensamentos puros, um equilibrio nas faculdades estheticas.

Aquelle todo não nos arrebata, como os Jeronymos; domina-nos.

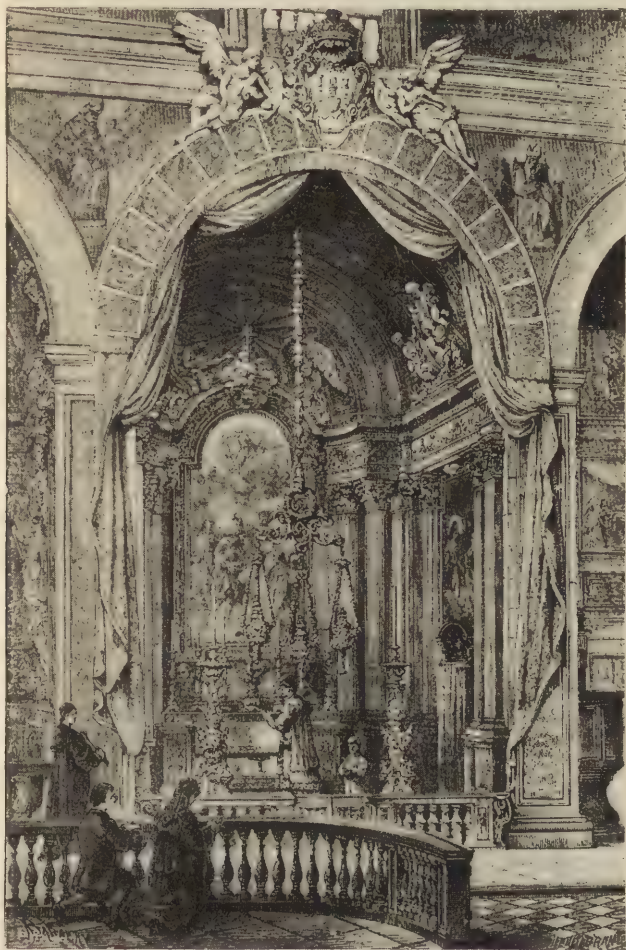
Examinemos.

*

São quatorze as capellas. Começando por cima temos a principal, em plano superior ao corpo do templo.

Para baixo as duas collateraes, a saber: do lado do Evangelho: a dos Santos Martyres, e a de Santa Rita; do lado da Epistola: a de Nossa Senhora do Populo, e a de Santa Quiteria.

Depois as do corpo de egreja.

Começando de cima, do lado do Evangelho: a de

Capella de S. João Baptista em S. Roque

S. João Baptista, a da Senhora da Piedade, a de

Santo Antonio, e a de Jesus Maria Jose; do lado da Epistola: a do Santissimo Sacramento, a de S. Roque, a de S. Francisco Xavier, a de Nossa Senhora da Doutrina.

*

Na sacristia admiram-se, sobre os caixotões da parte direita, quadros de André Reinoso representando passos da vida de S. Francisco Xavier (1).

N'essa mesma sacristia existem hoje dois formosos quadros em ponto pequeno, retratos d'el-Rei D. João III e de sua mulher a Rainha D. Catherina. Ha divergencias de opinião quanto ao auctor: o Abbade Castro no seu opusculo attribue-os a Christovam de Utrecht (2); Raczynski duas vezes declara serem de Antonio Moor.

*

Muitas e interessantes sepulturas se encontram n'este piedoso edificio.

Para as descrever deveria chamar em meu auxilio o meu estudioso e honrado amigo, e compadre, o sr. Antonio Cesar Mena Junior, a quem coube ha annos a honra de restaurar o templo, por incumbencia do Provedor, que então era, o talentoso D.or Thomaz de Carvalho. Thomaz de Carvalho, um dos espiritos mais sagazes que tenho conhecido, adivinhou no sr. Mena, Conductor de Obras pu-

---

(1) Cyrillo — *Memorias*, pag. 74.

(2) Pag. 256.

blicas e minas, um verdadeiro Engenheiro, em quem sobrava o zelo, o conhecimento technico, e o respeitoso amor da antiguidade. O que ali realisou este digno commissionado do Provedor, desde 12 de Outubro de 1893 até 18 de Junho de 1894, explica-o lucidamente o seu folheto *Memoria justificativa e descriptiva das obras executadas na Egreja de S. Roque.*

Oxalá todos os Conductores e Engenheiros motivassem ao publico as suas tarefas, e o podessem sempre fazer com tanto desassombro e tanta consciencia do dever cumprido!

Sim, o opusculo do sr. Mena, tão conscienciosamente elaborado, deveria servir-me de fanal, assim como outro livro, em via de publicação, a *Historia da Misericordia de Lisboa,* pelo sr. Victor Ribeiro, tambem amigo meu, escriptor já erudito, e digno empregado da Contadoria da Santa Casa. As obras d'esses dois guias, se me fosse licito reproduzil-as na integra, contentariam os mais exigentes. O sr. Mena percorreu o templo com olhos de technico, mas limita as suas considerações ao seu ponto de vista; o sr. Ribeiro encarou o assumpto pelo lado historico, e, depois de compulsar centenas de documentos, traça a monographia do edificio e suas dependencias. Eu não diria tanto como estes dois estudiosos moços; prefiro pois passar de leve sobre a materia, remettendo aos trabalhos d'elles os leitores curiosos. A obra do sr. Mena corre impressa ha annos; a do sr. Ribeiro está para sahir dos prelos da Academia Real das Sciencias (1).

(1) Maio de 1902.

Entretanto, ainda com o perigo de me encontrar com o que já está dito, e bem, accrescentarei algumas noticias.

*

A meio do cruzeiro, em frente do arco da capella-mór, jazia D. Thomaz de Almeida, 1.º Patriarcha de Lisboa. O sitio da sepultura conhecia-se apenas por um apainelado ou moldura de pau santo com faxa de espinheiro. Por causa das obras do novo côro da capella mór, foi necessario levantar a campa. O sr. Mena achou uma pequena cova revestida de tijolo, e n'ella um caixão de chumbo com as armas dos Almeidas e este epitaphio:

DOM.
THOMAS
S. R. E.
PRESBYTER CARDINALIS
PATRIARCHA LISBONENSIS I.
VIXIT ANNOS LXXXIII
MENSES V. DIES XVII
OBIIT DIE XXVII FEBR.
MDCCLIV
REQUIESCAT IN PACE

Tudo foi cuidadosamente restaurado, revestida de cimento a cova, concertado o ataúde, cuja face inferior se achou inteiramente destruida pela humidade; e o antigo epitaphio da lapide sepulcral

em lettras de bronze lá ficou pregoando emphaticamente os feitos d'esse fastuoso e activo Patriarcha. Por muito extensa não se transcreve aqui a inscripção, que o sr. Mena conservou na sua *Memoria justificativa* (1).

*

Na capella do Santo Crucifixo jaz o Padre Luiz Gonçalves da Camara, confessor d'el-Rei D. Sebastião, e irmão do celebre Escrivão da puridade, Martim Gonçalves da Camara (2).

*

N'uma sepultura raza do cruzeiro foi em 1746 sepultado o virtuoso Bispo de Leiria, D. Alvaro de Abranches, cuja morte aos 85 annos parece ter-se revestido de circumstancias notaveis e extraordinarias (3).

E onde (perguntam o patriotismo e a saudade) onde podemos venerar a campa do benemerito Jesuita e escriptor Padre Balthazar Telles, fallecido n'esta casa a 20 de Abril de 1675 (4)?

> «Onde jaz, Portuguezes, o moimento,»
> que do grande Chronista as cinzas guarda?

Fica o brado sem resposta.

---

(1) Pag. 34.
(2) Barb. Mach.—*Bibl. Lusit.*, Tom. III, pag. 104.
(3) *Gazeta de Lisboa* n.º 17, de 26 de Abril de 1746.
(4) *Anno historico*—T. I, pag. 495, n.º IV.

*

A egreja, respeitou-a o terremoto. A portaria, a cimalha do frontão da egreja, a torre antiga do relogio, e poucas mais officinas aluiram, ou ficaram muito damnificadas (1).

N'essa mesma tristissima occasião estabeleceu-se na cerca de S. Roque, como em varias outras partes, um hospital para os feridos (2).

*

Quando subo a rua *Larga de S. Roque,* e vou mais accezo em recordações da Lisboa que desappareceu, lembram-me as devoções de nossos maiores, e nomeadamente as dos nossos Soberanos.

Um dia, a 3 de Dezembro de 1729, dirigiu-se a Rainha D. Maria Anna de Austria com a Princeza D. Marianna Victoria, mulher do Principe D. José, e a Infanta D. Maria Francisca, á egreja da Casa professa. Assistiram á festa, e commungaram. Quando os coches desciam a rua *Larga,* encontraram-se com o cortejo do Sagrado Viatico levado pelo Vigario da proxima freguezia da Encarnação. Apearam-se logo as Pessoas Reaes, ajoelharam todas na calçada com a comitiva, e acompanharam depois a pé até á parochia (3).

Estes exemplos, vindos de tão alto, são a melhor

---

(1) Moreira de Mendonça, *Hist. dos terrem.* pag. 131.
(2) Mor. de Mend.—*Hist. dos terrem.* pag. 125.
(3) *Gazeta* n.º 49, de 8 de Dezembro de 1729.

das prédicas. Reis sem muito sentimento religioso..... não são Reis.

Sua Majestade o actual Imperador da Allemanha, Guilherme II, pensador coroado, que tanto a serio toma o seu pesado officio, esse bem alto proclama nos seus discursos e nos seus actos toda a importancia que dá ao culto. Protestante por sangue e educação, venera o Imperador ao Augusto Chefe espiritual dos catholicos, e inclina-se (elle tão grande!) áquella Majestade soberana.

A sua attitude tolerante, respeitosa, dedicada, não glorifica só o Supremo Pontificado de Roma; eleva e glorifica o Imperador e o seu poderoso Imperio.

CAPITULO XXIII

As festas em S. Roque foram sempre, por antiga tradição, das mais frequentadas e queridas do alto publico de Lisboa. Que o diga com os seus toantes uma cançoneta, cuja linda melodia popular os campanarios não esqueceram, e que remonta aos annos em que era elegantissimo trajo dos *faceiras* e *franças* o lusitano capote de pano com seu cabeção; toga peninsular de que nem vestigios restam. Cantavam assim as nossas trisavós dedilhando na viola:

Passarinho trigueiro,
põe-te no ramo;
quando vires que é noite
vem-te chegando.

Toque! toque! toque!
vamos a S. Roque!
vamos ver os peraltas
se teem capote.

Se aquellas paredes podessem falar, ellas nos con-

tariam o esplendor das festividades admiraveis ali celebradas, e onde o espirito dos populares e dos nobres tinham o mais suave refrigerio. N'um discurso por mim proferido na séde da benemerita Associação da mocidade catholica, descrevi minuciosamente uma d'essas solemnidades, em que a Religião e a Arte refulgiam em commum.

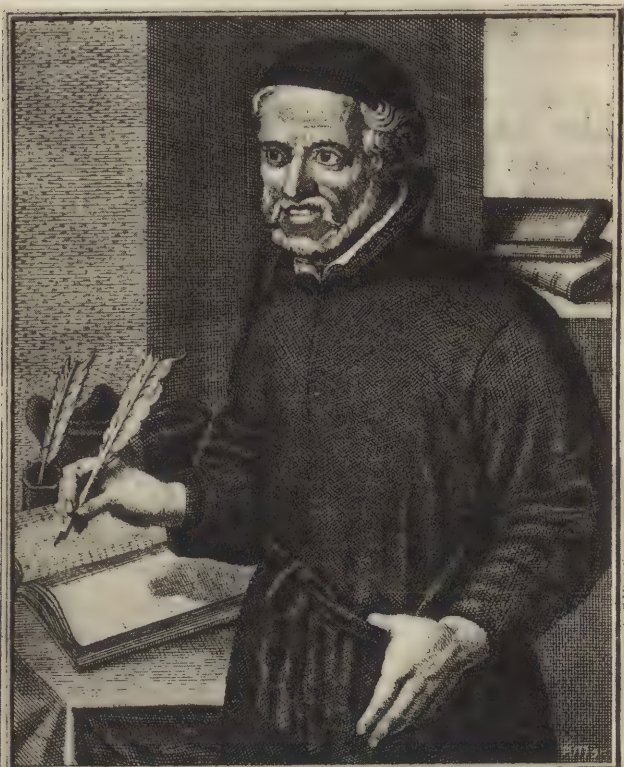
Em 22 de Novembro de 1772 assistiu ahi á festa de Santa Cecilia o viajante inglez Twiss. Conta que a ceremonia durou tres horas; a musica era de Jommelli, nada menos; a orchestra estava disposta no côro por cima da porta; eram dez sopranos masculinos da Real Capella; de um lado dezasseis rabeccas, seis rabecões, tres contrabaixos, quatro violas de arco, dois oboés, uma trompa de caça, e uma trombeta; ao meio quarenta cantores em côro; do outro lado a mesma coisa. O 1.º rabecca era Grœnmann, um Allemão; e dirigia toda a manobra o celebre David Peres (1).

Além dos bons executantes que vinham de fora, tinha a casa professa boa prata de seu; o Padre Christovam da Fonseca, fallecido em 1728, foi insigne contrapontista, mencionado e elogiado por Barbosa Machado (2).

*

Se muita vez a boa musica ressoou na abobada de S. Roque, tambem a sagrada eloquencia a fez vibrar; ali se elevou a grande altura a voz eloquentissima

(1) *Voyage en Esp. et en Port.* en 1772 et 1773, pag. 9.
(2) *Biblioth. Lusit.*

do nosso primeiro orador, o Padre Antonio Vieira.

Padre Antonio Vieira

Em 1642 ali prégou o sermão das quarenta horas.

CAPITULO XXIV

Hospedes notaveis da casa professa dos Jesuitas, ha muitos.

*

El-Rei D. Sebastião muitas occasiões visitou esta casa. Uma vez, na guarda de um Missal que offereceu aos Padres, escreveu de seu punho estas palavras:

«Padres, rogae a Deus me faça muito casto, e muito zeloso de dilatar a sua Santa Fé por todas as partes do mundo» (1).

Outra vez, «sendo muyto menino foy achado com lagrimas em huma Capella da Igreja de S. Roque de Lisboa — diz Antonio de Sousa de Macedo (2); — e perguntado por que chorava, respondeu que estava pedindo a Deus que o fizesse seu Capitão.»

---

(1) *Gabinete historico* — T. II, p. 284.
(2) *Dominio sobre a fortuna* — citando a dois auctores.

*

Quando, em 1679, depois da sessão inaugural, começaram as antigas Côrtes do Reino os seus trabalhos, cada um dos tres *braços* (Clero, Nobreza, e Povo) celebrava as suas conferencias separadamente. A casa professa de S. Roque foi escolhida em Dezembro para o corpo da Nobreza (1).

*

Aqui mesmo foram hospedados em 1722 tres Embaixadores do Rei Theocaufo de Tulanac, o mais poderoso da ilha de S. Lourenço de Madagascar (2).

*

Muitas outras Pessoas Reaes ahi estiveram, já em festividades religiosas, já em visitas sem apparato, de que tenho apontamento; citarei apenas a já mencionada Rainha D. Maria Anna de Austria a 29 de Agosto de 1714, offerecendo a Deus o recemnascido Principe D. José, depois Rei (3).

*

N'estes sitios de S. Roque, não se sabe em que predio, nem em que rua, nem sequer para que ban-

---

(1) *Hist. gen. da C. R.*—Provas—T. V, pag. 337.
(2) *Hist. gen.*—T. VIII, p. 268.
(3) *Hist. gen.*—T. VIII, pag. 337.

da, morou Manuel de Sousa Coutinho (Frei Luiz de Sousa) com sua mulher D. Magdalena de Vilhena. Quem descobriu tão preciosa noticia, e pela primeira vez a deu a publico, foi o infatigavel e fecundo investigador e escriptor o sr. Dr. Francisco Marques de Sousa Viterbo, na sua obra sobre os dois conjuges, só felizes em terem inspirado a Garrett a sua obra monumental.

«O primoroso fidalgo — escreve o sr. Sousa Viterbo — (1) vivia com sua mulher nas suas casas de Lisboa, a S. Roque, freguezia do Loreto.»

O documento que diz isso, e que o auctor traslada sob o n.º XIV, é um contrato celebrado em Almada a 10 de Julho de 1595.

Ditoso quem podesse um dia authenticar a residencia do eminente prosador da *Historia de S. Domingos!* e ditosos nós, como nação, se um dia conseguissemos vencer a nossa indifferença por todas as glorias, assignalando-as em quanto é tempo!

*

Depois da barbara expulsão dos Jesuitas pelo Marquez de Pombal, foi a casa de S. Roque, com todas as suas officinas e pertenças, doada por Carta regia de 8 de Fevereiro de 1768 á Santa Casa da Misericordia (2). As rendas da Confraria de S. Roque foram não menos doadas á Misericordia por Alvará de 31 de Janeiro de 1775 (3).

(1) Pag. 16.
(2) Manuel Fernandes Thomaz — *Repertorio.*
(3) Manuel Fernandes Thomaz. — *Repertorio.*

*

Em 29 de Maio de 1842 deu-se na egreja de S. Roque um curioso descobrimento. Foi isto:

Mandando a Commissão administrativa da Santa Casa remover um grande retabulo da capella collateral da banda da Epistola, descobriram-se por traz umas portas, que se abriram, e revelaram, com maravilha dos assistentes, um espaçoso vão, ou nicho, cujos lados, fundo, e abobada, se achavam guarnecidos de reliquias e imagens.

Suspeitando-se que na capella collateral correspondente houvesse deposito analogo, fez-se a busca, e egual thesoiro se encontrou.

Castilho noticía este facto na sua querida *Revista Universal* (1), e accrescenta:

«Recorrendo ao Padre Balthazar Telles, Chronista da Companhia de Jesus, para tomarmos alguma luz sobre estas antigualhas (que visivelmente o eram, e mui subidas), achámos que o Conde de Ficalho fôra peregrinar por quasi todas as partes da Christandade á colheita de reliquias; as quaes, em grande copia obtidas, voltando a Castella mandára engastar custosamente. Receando porém que, por algum successo, se viessem por sua morte a perder tantas preciosidades, traçou pelo seguro deixal-as a algum convento, e preferiu a casa de S. Roque. A 22 de Outubro de 1553 se effectuou o donativo, havendo por essa occasião festas publicas por oito dias, nos quaes os moradores da Cidade concorre-

---

(1) T. 1, pag. 420.

ram a adorar aquelles veneraveis objectos. Se é este, ou não, o famigerado sanctuario do antigo Conde de Ficalho, eis ahi o que, supposto o presumâmos, ainda nos não atrevemos a afiançar. Estudaremos a materia, e a seu tempo a repetiremos.» (1)

Visivelmente está erradissima a data 1553 estampada na *Revista Universal;* e direi o porquê, ou antes *os porquês.*

O Condado de Ficalho (antigo) data de 23 de Outubro de 1599; uma carta d'el-Rei D. Filippe II concede esse titulo a D. Francisca de Aragão, já Condessa de Maialde, mulher do Conde D. João de Borja, do Conselho de Estado e Mordomo mór da Imperatriz D. Maria, podendo elle *em vida d'ella* intitular-se Conde (2). Em 1607 já elle era fallecido (3); e diz-nos o seu epitaphio que desde 3 de Setembro de 1606. Logo, entre Outubro de 1599 e Agosto de 1606 se deve collocar a doação das reliquias, e não em 1553. Esta data poderia admittir-se só no caso de Balthazar Telles se referir a D. João

---

(1) Veja-se a minuciosa descripção dos objectos, de pag. 147 em diante do Tomo II da *Revista Universal.*

(2) Torre do Tombo — *Doações de D. Filippe II,* L. 7, fl. 65.

(3) Por alvará de 8 de Março de 1607, no qual se declara ter sido feita mercê do titulo de Conde de Ficalho de juro a D. João de Borja, mas não se lhe ter passado alvará nem carta por elle fallecer, foi concedida licença a D. Francisca de Aragão, Condessa de Ficalho, *minha sobrinha* (diz el-Rei), para renunciar o titulo em D. Carlos de Borja Barreto seu filho.

Doações de D. Filippe II, L. 19, fl. 12 v. — Informações estas dadas por Anselmo Braamcamp Freire, que as extrahiu da Torre do Tombo.

de Borja antes de Conde, chamando-lhe Conde por escrever muito depois a sua Chronica.

Mas ha argumentos mais concludentes sacados da propria analyse das reliquias:

1.º — O n.º 2 tem a data de 1615, e a declaração de ter sido encommendado por D. Maria Rolim, mulher de D. Luiz da Gama, que era filho de D. Vasco, 3.º Conde da Vidigueira.

2.º — O n.º VII do n.º 3 e outros referem-se a S. João Francisco Regis, nascido em 1599, fallecido em 1640;

datas em que o Conde se achava morto e enterrado.

O que se vê portanto é que as reliquias achadas em 1842 não são as que doou D. João de Borja, ou se acham misturadas com outras muitas.

*

Por todas as circumstancias historicas e artisticas apontadas, deve merecer ao lisboeta genuino singular predilecção o templo de S. Roque. As capellas são um conjuncto de objectos de alto apreço, dignos do melhor museu; o tecto, onde foi cuidadosamente restaurada em 1862 aquella complicada composição monumental, do genero a que os Italianos chamam *di sotto in sù*, é um bom especimen da nossa arte antiga; até as gelosias das tribunas collateraes, coisa já rara hoje, dão um aspecto monastico ao templo, de todo secularisado. Por muitos outros pormenores que ainda não pereceram, que seria impossivel enumerar aqui, mas que saboreia o estudioso lido em

livros empoeirados, o penetrar n'aquelle santuario é surprehender quasi intacta a vida antiga da notavel casa professa da Companhia de Jesus.

Ha, quanto a mim, uma desusada serenidade, um repoiso singular n'aquella architectura austera e grande, onde, pela muita largura do templo, de uma só nave e todo desobstruido, prevalecem as longas parallelas horizontaes, affirmadas ainda, segundo as regras estheticas, pelas series verticaes das varias capellas e prumadas de alvenaria. Sente-se o espirito dominado logo de uma ideia accessivel de ordem, subjugado por não sei que symetria compassada, fria sem duvida, mas de um indizivel caracter de ascetismo, e de um encanto que nos conchega, se nos não eleva, para a oração. Não ha os raptos ideaes e apaixonados da ogiva, mas uma serena confiança, que restaura.

Mora ali o pensamento classico da Renascença, mui succintamente expresso, sem marmores fastuosos, sem archaismos pagãos, e sem os devaneios italianos dos Borrominis, que sempre me parecem fiorituras de mau gosto, enroladas na singeleza de uma melopêa religiosa.

Na sobriedade da Arte antiga ha um eloquente silencio, pelo meio do qual se ouve só o que se deve ouvir. Nas variações da Arte moderna decadente ouve-se como uma confusão aspera de vozes gárrulas que se cruzam e neutralisam.

Artisticamente, a egreja de S. Roque estava de todo no caracter da casa a que pertencia. Filippe Tercio, o architecto, revelou bem a sua intelligencia, e a sua sagacidade. Impera ali o desapego das gran-

dezas, a lucidez da consciencia, e a linha recta e resignada da disciplina claustral.

*

A cerca da Casa professa, o annexo rustico d'este edificio celebre por tantos titulos, era vasto. Em plena Lisboa tinha dimensões de quinta; tomava desde o largo *de S. Roque* até ao que é hoje a praça *dos Restauradores*.

Extincta a Companhia, passou tudo, urbano e rustico, para a Misericordia, menos o fragmento onde os Condes de Castello Melhor edificaram o seu bello palacio e a sua cerca arborisada, por se lhes ter arruinado e queimado o solar no outro lado da nossa Avenida na esquina da chamada rua dos Condes. (*Dos Condes,* por ser ao sul a casa dos Condes de Castello Melhor, ao norte a dos Condes da Ericeira, e em frente, na rua *das Portas de Santo Antão,* a dos Condes de Povolide).

A quinta dos Jesuitas, aforada e vendida, foi-se retalhando nos predios que hoje orlam as calçadas *do Duque* e *da Gloria*. Em quanto habitaram no seu bello palacio, chamado do Passeio, os Marquezes de Castello-Melhor, a quinta era um lindissimo bosque, que trazia ao centro da Cidade as frescuras opacas de Cintra. Um dia entenderam dever arrendar essas sombras senhorís, e deixal-as desbastar, estabelecendo-se lá em baixo, junto ao largo *do Passeio,* os theatros, as barracas, as esplanadas, e os cafés dos Recreios Whittoyne.

Tristissima transformação! Onde só divagavam,

de Breviario em punho, os doutos Padres da casa professa, acotovelou-se toda Lisboa nos alegrissimos concertos a que todos assistimos ha vinte annos, por 1879 e 1880, ouvindo estrondear as fanfarras e os bailes infantis na esplanada dos Recreios. Onde só penetrava a lua por entre ramarias, rutilaram as borboletas de gaz e as vistosas filas de balões de mil côres. Onde só chilreavam em doce paz os passaros mysticos do arvoredo, gorgeavam entre applausos *jotas* aragonezas, *malagueñas* e *seguidillas* andaluzas, uns rouxinoes que se chamavam a Moriones e a Nadal.

A historia subsequente do palacio dos Marquezes de Castello-Melhor até hoje fica para outro volume.

CAPITULO XXV

Passemos á rua *dos Calafates.*

Poderia dizer-se aqui alguma coisa do Collegio Real dos cathecumenos, fundado em 1579 pelo Cardeal Rei D. Henrique «por causa de quatorze Moiros que vieram de Berberia movidos de Deus — como narra Balthazar Telles (1),— a pedir o santo Bautismo, aos quaes logo acudiram alguns Padres, buscando-lhes esmolas para os sustentar, e dandolhes a doutrina necessaria.»

Mas repetir servilmente o que diz tal narrador, não o farei. Basta mencionar o seguinte:

*

Com o Collegio dos cathecumenos dispendia annualmente el-Rei D. Filippe I a quantia, alta para o tempo, de 258$000 réis (2).

---

(1) *Chron. da Comp.* — P. II, pag. 182 e seg.

(2) Frei Nicolau de Oliveira—*Grand. de Lisb.*—ed. de 1804, pag. 342.

Vi na collecção da legislação o alvará de 8 de Junho de 1604, referente á administração do Real Collegio. Logo depois veio a carta Regia de 28 de Fevereiro de 1605 extinguindo-o, e mandando distribuir os alumnos pelos mosteiros. Essa provavelmente levantou opposição e celeuma, pois foi suspensa por Aviso de 16 de Setembro do mesmo anno. O Collegio continuou. A Carta regia de 4 de Março e o novo Regimento de 10 de Agosto de 1608 o demonstram. José Silvestre Ribeiro trata detidamente estes assumptos na sua *Historia dos estabelecimentos*.

*

Este Collegio dos Cathecumenos tinha uma ermida; era seu orago a Senhora da Conceição (1). Nada sei d'este pequenino templo, nem sequer o destino das suas imagens e alfaias; mas parece-me que só serviria para as orações diarias dos neophytos, porque os sacramentos do Baptismo, da Penitencia, da Communhão, eram-lhes ministrados fora, e com a possivel pompa.

Sabbado 15 de Junho de 1726 foram baptisados na Sé dois Moiros galeotes; um ficou *Pedro,* e o outro *Manuel;* de um foi padrinho o Marquez de Marialva, e do outro Nuno da Sylva Telles, do Conselho geral do Santo Officio (2).

---

(1) Castro — *Mappa,* freg. do Sacramento, mihi pag. 241 do T. III.

(2) *Gazeta de Lisboa* n.º 25, de 20 de Junho de 1726.

*

Eram bastos em Lisboa os Moiros, porque as nossas continuadas pelejas em Africa nol-os traziam por escravos.

Quem quizer ler as proezas de varios Portuguezes em lucta com a Moirama de Mequinez, nomeadamente as dos Coutos Valentes, veja a *Gazeta de Lisboa* em diversos numeros (1). Reprezalias que eramos constrangidos a exercer contra a insubordinação dos infieis.

Em 3 de Julho do citado anno 1726 aproveitaram-se elles das trevas da noite, e atacaram Mazagão; foram pressentidos, tocou-se a rebate, e acudiu o Governador em pessoa, Antonio de Miranda Henriques (avô do 1.º Visconde de Souzel), e tanto elle como Manuel de Sousa de Meneses, D. José Joaquim da Silveira e Albuquerque, o Adail Antonio Diniz do Couto, e Gonçalo Fernandes Banha, obrigaram o inimigo a retirar (2). Valorosos soldados, que é dever de justiça commemorar aqui.

*

Não era só na sua Berberia; a insolencia dos Moiros era tamanha, que até nos incommodava em Portugal. Querem ouvir os meus leitores de Vianna do Minho e do Porto uma narração que cheira a romance, e lembra as incursões normandas

---

(1) De 25 e 31 de Julho, e 1 e 8 de Agosto de 1726.
(2) *Gazeta* n.º 9, de 27 de Fevereiro de 1727.

dos seculos x e xi? Oiçam o que nos diz um contemporaneo d'el-Rei D. João V:

«Os corsarios da Berberia teem frequentado muitos dias esta costa, e captivaram na de Vianna 37 pessoas, que colheram pescando fora do tiro das fortalezas.

«Em 4 do corrente, sahindo ao nascer do sol ás muralhas do Castello de S. João da Foz o Tenente Governador d'elle Antonio de Almeida de Carvalhaes, e divisando por entre uma nevoa tres navios, dois para o Sul, e um para o Norte, reconhecendo, com o piloto da barra, serem de guerra, e Turcos, e que a lancha de um d'elles andava já entre os nossos pescadores, e podia fazer n'elles uma grande preza, mandou dar fogo a uma peça sem bala, para signal de que andava inimigo na costa, e logo lhe fez assestar duas com bala, a que elle mesmo pôz a pontaria, com tão bom successo, que uma lhe lançou agua dentro, o que bastou para elles suspenderem a voga e se fazerem alguma coisa ao mar. Os pescadores que já estavam debaixo de tiro de mosquete dos infieis, animados com este favor começaram a remar com tanta força, que muitos renderam, e outros lançaram sangue pela bocca; mas escaparam da escravidão, abrigando-se com a nossa artilheria, que não cessou de laborar contra os Moiros.

«Os barcos que estavam para a banda do Sul, e com a nevoa não podiam ver a lancha, seriam sem duvida preza dos infieis, se o mesmo Tenente não mandára passar soldados e gente da terra a outra parte do Cabedello para lhes assistirem; porque,

como d'ali se achavam os Moiros sem receio da nossa artilheria, podiam sem difficuldade chegar a captival-os junto da terra.» (1)

Estas resistencias á mão armada eram, como se vê, indispensaveis; mas a modesta Casa dos Cathecumenos, da rua dos Calafates, tinha mais condão do que os ribombos da nossa artilheria. Repellir um inimigo é necessario; desarmal-o em nome da civilisação religiosa, convertel-o, transformal-o, é melhor. O missionario é mais util que o soldado; a espingarda moderna, com todos os seus diabolicos aperfeiçoamentos, não vale o velho Crucifixo.

*

Concluirei dizendo que, extincto o Real Collegio pelo regimen constitucional, na sua mesma casa, onde durante seculos se deu o baptismo religioso aos convertidos, existe desde 1834, por iniciativa de uma grande Princeza, a Imperatriz Duqueza de Bragança, D. Amelia de Leuchtenberg, o primeiro dos Asylos de infancia desvalida, onde se ministra com proverbial carinho o baptismo da instrucção á pobreza da Capital. Os relatorios das successivas Direcções dos Asylos são um dos capitulos mais brilhantes da historia da instrucção primaria em Portugal.

Sobre a porta do pateo de entrada lê-se esta inscripção gravada em pedra, que as Direcções dos Asylos tiveram o optimo juizo de não mandar pi-

---

(1) *Gazeta de Lisboa* n.º 35, de 28 de Agosto de 1727.

car, pelo que lhes devem agradecimento os amadores de antiguidades lisbonenses:

E ESTE COLEGIO ORDENOU SVA MAGESTADE PARA NELE SERM (sic) INS TRVIDOS OS CATHECVMENOS Q SE VEM CONVERTER·A·N.S. FEE CAT

Dentro no pateo sobre a primeira porta á esquerda lê-se:

ESTA CASA . ORDENOV. S.M.DE PA NELLA SEREM

INSTROIDOS . OS CATHECVMENOS . Q SE VEM

CONVERTER . A . N . SANCTA FEE CATHOLICA

*

Proximo d'este asylo, e na mesma rua existe o palacete que faz esquina para a travessa *do Poço*, e onde são hoje os escriptorios e officinas do *Diario de Noticias*, o jornal mais activo e influente da imprensa portugueza, e aquelle, talvez, a quem a beneficencia publica mais deve. E' singular a attracção que tem para taes paredes a arte de Gutenberg!

No seculo XVIII ali manteve o seu estabelecimento o nosso Francisco Luiz Ameno, que era um erudito, uma especie de Didot e de Elzevier em formato reduzido, traductor de muita peça estrangeira, e enthusiasta da sua nobre arte. De 1820 a 1835 ali funccionou a imprensa do conhecido João Baptista

Morando (1); ahi se imprimiu o jornal *A Guarda avançada,* que foi o primeiro periodico vendido avulso pela rua; depois esteve na mesma casa a imprensa de Aguiar Vianna; em 1853 a do emprehendedor e intelligente Eduardo de Faria associado com Jorge Cleiffe; depois a de Albano Anthero da Silveira Pinto, associado (se me não engano) com o illustre Rebello da Silva; finalmente, passado tempo, a de Thomaz Quintino Antunes, proprietario do *Diario de Noticias* juntamente com o meu fallecido amigo Eduardo Coelho, redactor principal.

*

Na esquina sudoeste da rua dos Calafates e da travessa da Queimada havia um bello palacio seiscentista, muito vasto, de sobrelojas e um andar nobre, e em cujo portão principal sobre a travessa se viam as Armas puras dos Rebellos: tres faxas com tres flores de lis em banda. Pertenceu a uma familia de creados da Casa Real, descendentes do D.or Manuel Jacome Bravo, Conservador da Casa da Moeda, e Guarda-mór da Torre do Tombo desde 1632 a 1634, casado com D. Paula da Silveira, filha de Diogo da Silveira.

Foi seu 3.º neto Antonio José da Silveira Rebello, Fidalgo Cavalleiro, e Estribeiro da Rainha (2).

N'este palacio morava em 1877 e 78 o Marquez

---

(1) Indicações ministradas pelo fallecido Thomaz Quintino Antunes.

(2) Vide as Arvores no fim do volume.

de Vallada. No Domingo 5 de Maio de 1878, ás 7 horas da noite, offereceu o Marquez um sumptuoso banquete ao Duque de Avila, de quem foi sempre dedicado admirador.

Entre os muito numerosos convidados d'essa esplendida festa, assistiu o auctor d'este livro.

Conservarei aqui, como curiosidade para os vindoiros, o

MENU

Potage à la Royale

HORS D'ŒUVRE
Petits pâtés à la Reine

RELEVÉS
Turbot, sauce aux crevettes
Filet de bœuf aux raviolis

ENTRÉES
Suprêmes aux truffes
Côtelettes de cailles à la financière
Foie gras à l'aspic

PUNCH Á LA ROMAINE

LÉGUME
Asperges, sauce à la Russe

RÔT
Pintades au cresson
Salade

ENTREMETS
Gelée à la Californienne
Pudding aux fruits glaces
Biscuits à la Royale
Nougat à la Parisienne

GLACE

*

Em 1900 fizeram-se obras no palacio, que alteraram completamente o risco interior e o aspecto exterior da vivenda.

CAPITULO XXVI

Vamos agora outra vez dar uma vista de olhos ao sitio onde foi o solar da quinta dos Alteros, segundo indiquei n'um dos meus primeiros capitulos.

Fica o palacio defronte da calçada *da Gloria*, na rua *de S. Pedro de Alcantara*, e forma o quarteirão emmoldurado entre essa rua e as *da Boa Hora, dos Calafates*, e *da Agua de flor*. Já se vê que é uma vasta mole, imponente pela sua arrogante extensão; é tambem, no seu tanto, pela sobriedade e nobreza das linhas, specimen bem conservado da architectura particular lisbonense do seculo XVIII no seu principio.

Os nossos palacios não teem, por via de regra, o porte garboso de muitos lá de fóra, os dos nobres da Italia, por exemplo, onde a tradição das *villas* de Mecenas, Lucullos e Plinios, se perpetua. Faltalhes a linha, a ousadia, o imprevisto, a harmoniosa consonancia da dessymetria, o calculo das massas equilibradas com o pormenor, todo aquelle conjuncto sabio, que faz de muitos palacios de Roma, de

Florença, e de Milão, obras de verdadeiro cunho. Nunca se deu grande apreço por cá aos primores da ornamentação da habitação particular; são raras as *Berjoeiras;* somos pouco artistas em geral, e depois não temos a educação que suppre a indole.

Este é uma reconstrucção dos primeiros annos d'el-Rei D. João V; na seccura da apparencia bem o indica. Pertencia então a avoengos dos srs. Condes de Lumiares. O que o reedificou foi o Morgado Manuel Ignacio da Cunha e Meneses, ou antes sua mãe e tutora D. Leonor Thomazia de Tavora, viuva de Tristão Antonio da Cunha, filho de Manuel da Cunha e de D. Francisca de Albuquerque.

Bem mostra esta senhora, D. Leonor, ter sido uma zelosa administradora dos bens do filho menor que lhe ficou; viu as suas *casas nobres sitas ao relogio de S. Roque,* onde residiam, carecerem de arranjo e concerto; não tinha de contado somma disponivel; pois por escriptura de 3 de Fevereiro de 1703 tomou-a de emprestimo, e logo depois, representada por seu procurador e capellão o Padre José da Silva Nogueira, celebrou contrato com o mestre pedreiro Manuel da Silva, obrigando-se este a determinadas condições, e a tutora a entregar-lhe annualmente 600$000 réis até final pagamento.

Fez-se a obra, e ficou bem feita, porque resistiu ao terremoto, padecendo comtudo alguma coisa (1).

Ha dezenas de annos que a familia Lumiares não reside ali. Aquillo por dentro é uma grande colmeia de aluguel para muitos inquelinos, com escadas va-

(1) Mor. de Mend.—*Hist. dos terrem.,* pag. 134.

rias sobre os quatro lados; a antiga entrada principal, com um atrio vasto, está toda approveitada e alugada em lojas.

*

Como o palacio viesse a pertencer no fim do seculo XVII ao morgadinho Manuel Ignacio, não o direi ao certo; mas, visto que esse ponto nos interessa mais que muito, por se referir á casa solar do Bairro alto, e antiga residencia da familia Andrada, verei se posso dar a algum curioso mais feliz do que eu o fio que me guiou nas conjecturas.

Era Manuel Ignacio senhor de dois morgados, que eu saiba: um denominava-se das Cachoeiras; fôra fundado por Luiz Ribeiro, e sua mulher Izabel Pacheca, com acrescentamentos de Bernardim Ribeiro Pacheco, Moço Fidalgo da Casa d'el-Rei D. Sebastião, accrescentado a Fidalgo Cavalleiro, e ainda vivo em 1595 (1).

A filha herdeira de Bernardim casou com Luiz da Cunha senhor do morgado de Payo Pires, juntando-se assim os dois vinculos (2); o outro morgadio fôra instituido por Fernão Alvares de Andrada (de quem tratei no capitulo XVI) com acrescentamentos de seu filho Alvaro Pires de Andrada.

Ora evidentemente a esta linha Andrada pertencia o palacio do relogio de S. Roque; o que não percebo é como esta posse derivou do ramo da geração de Nicolau de Altero, para o outro ramo da

---

(1) *Hist. gen.*—Tom. VI, pag. 640 e 646.
(2) *Hist gen. da C. R.*—Tom. X, pag. 622.

Annunciada, Andradas tambem, do mesmo tronco talvez, mas menos proximos que outros. É ponto que o registo dos vinculos podia esclarecer.

Manuel Ignacio da Cunha casou com D. Josepha de Meneses, filha de D. José de Meneses, e tiveram José Felix da Cunha. D'este foi filho outro Manuel Ignacio, que veio a ser Conde de Lumiares pelo seu casamento com a 3.ª Condessa herdeira de Lumiares, senhora do morgado de Carneiro.

*

Como quer que fosse, a casa de S. Roque foi onerada ha muito mais de um seculo com um grave compromisso, de que nunca se viu livre, em quanto não foi allodial.

O bisavô do actual Conde tomou de emprestimo a juros á Santa Casa da Misericordia, por escriptura de 25 de Janeiro e 12 de Maio de 1754, e de 31 de Outubro de 1755 (na vespera do terremoto!) uma avultada somma de mil cruzados. Para pagamento de juros e amortisação foram em 27 de Julho de 1779 dados pelo dito senhor os rendimentos d'este palacio. Por fallecimento d'elle os filhos responderam nobremente por todos os encargos paternos, que, por motivos independentes da vontade do honrado mutuario, se não tinham solvido. O primogenito era Manuel da Cunha e Meneses. A este succedeu seu filho, o Conde de Lumiares, José Manuel da Cunha e Meneses, continuando umas entaboladas demandas e pendencias com a Misericordia.

Em 26 de Março de 1816 foi ratificada judicialmente a consignação dos rendimentos do palacio, para amortisação da divida.

Extinctos os vinculos, o ultimo administrador vendeu a casa de S. Roque, em 1875, ao abastado negociante Antonio Eduardo Guimarães.

D'este foi filha herdeira a actual proprietaria.

*

Tenho noticia de varias familias habitantes do palacio.

Por 1850 ali moraram os paes do meu velho amigo Manuel de Macedo e de seu irmão 2.º, o actual Conde de Macedo; eram o Digno Par do Reino Antonio de Macedo Pereira Coutinho, e sua mulher, da Casa dos Viscondes de Maiorca.

Até 1870, Alexandre Magno de Castilho, Capitão Tenente da Armada, e auctor do *Roteiro da costa occidental de Africa* em 2 volumes; a entrada era por uma vasta loja sobre a travessa *da Boa Hora,* onde hoje se vê uma taberna; o inquelino occupava uma parte do andar nobre, e do andar de cima.

Já n'este anno de 1902 ahi falleceu, depois de prolongada enfermidade, o respeitavel ancião José Perestrello de Vasconcellos, cuja familia occupa ainda o andar nobre sobre a rua *de S. Pedro de Alcantara.*

Pouco antes tinha fallecido n'outra parte, sobre a travessa *da Agua de flor,* o ultimo representante de varias familias antigas, D. Thomaz José de Noronha Ribeiro Soares.

Com entrada pela mesma travessa ahi moraram em 1880 e tantos, até 1890 talvez, os Condes de Macedo. Assisti a muitas das suas agradaveis e brilhantes reuniões, a que presidia com a sua graça habitual a senhora Condessa, e onde se ouvia musica muito boa, e conversação ainda melhor. D'essa casa partiram os Condes para a Legação da Belgica, deixando saudade aos seus amigos.

CAPITULO XXVII

Ha n'este bairro, que os transeuntes não suspeitavam tão interessante, um casarão, sobre que pairam lendas ha já seculos. Todos as mencionam, e ninguem as sabe ao certo; todos prestam ouvidos para as escutar, e ninguem as ouve; todos as perguntam, e ninguem as explica. Falo do palacio chamado do *Cunhal das bolas,* nas ruas *do Carvalho* e *da Rosa.* E' um predio enigmatico, e, ha poucos annos ainda, de quasi lugubre aspecto, hoje porém, desde 1866, convertido n'um alegre pombal da beneficencia franceza, e portanto perfumado de bemquerença pelas bondosas irmans. E' hospital, e escola; o corpo e a alma ahi encontram o seu remedio.

N'um manuscripto quinhentista encontrei, logo depois da rua *dos Fieis de Deus,* uma denominada *das Bolas,* que de certo tinha relação com o palacio, e conseguintemente lhe remonta a origem a muito mais de tres seculos (1).

---

(1) E' a *Estatistica* de 1552, pertencente á Bibliotheca Na-

Segundo José Ribeiro Guimarães no seu *Summario*, obra noticiosa, feita com amor de antiquario, e que é bem pena não continuasse, é tradição que o palacio «fôra fabricado por um judeu muito rico, que pretendêra figurar pomos de oiro» no cunhal que ainda lá se conserva. Quem fosse o israelita phantasioso, não sei; o que se lhe podia affirmar é não ser seu o invento.

Não são raras na Arte estas exhibições architectonicas. Em Lisboa tivemos pelo mesmo tempo a celeberrima casa dos Bicos, que lá está, toda ouriçada de pyramides de pedra com o vertice para fóra; e lembro-me de que a porta fortificada de Provins, em França, tem as suas duas torres revestidas de bicos de pedra, como a fundação de Braz de Albuquerque.

Fosse, ou não fosse, reminiscencia, ou imitação, o que é innegavel é que, se o judeu não conseguiu figurar muito exactamente os pomos de oiro do jardim das Hespérides, como Albuquerque os *diamantes* da conquista, conseguiu pelo menos uma popularidade, que zombou do tempo.

Disse-me um amigo, que no cartorio do Loreto jazia escondido não sei que documento, de que elle ouvira falar vagamente, relativo á casa do *Cunhal das Bolas;* procurei-o, mas, sem fio que me guiasse, não o topei. E'-me pois difficil investigar estas origens, a não ser pelo que outros disseram.

---

cional, e muitas vezes citada por mim e por todos os que manuseiam estes assumptos. Ribeiro Guimarães analysa e aprecia esse precioso codice no seu *Summario de varia historia* e fal-o com a sua costumada erudição.

A casa pertencia a um morgado da familia Mello e Castro.

Francisco Manuel Bernardo de Mello e Castro, Capitão de mar e guerra, senhor da casa dos Mellos do Cunhal das Bolas, em Lisboa, casou com D. Leonor de Ataíde. Tiveram filha unica:

D. Maria Rosa de Mello e Castro da Costa Mendonça e Sousa, que nasceu a 31 de Dezembro de 1811, e casou em 1.as nupcias a 3 de Fevereiro de 1830 com D. Pedro da Cunha de Mello e Meneses, que nasceu a 18 de Março de 1810, filho dos 2.os Marquezes de Olhão. Falleceu Pedro da Cunha; e a snr.a D. Maria Rosa de Mello, bem conhecida da alta sociedade lisbonense, passou a 2.as nupcias com o General Rufino Antonio de Moraes.

Em 1866 tinha já esta amavel senhora vendido ao Governo Imperial francez o palacio do *Cunhal das Bolas,* onde, como acima disse, se estabeleceu, sob a inspecção do Ministro plenipotenciario de França, e direcção do Superior dos Lazaristas de S. Luiz, o *Asile Saint-Louis,* onde se ensinam, com um carinho notavel, as disciplinas da instrucção primaria. Faz gosto entrar ali; ha um bem estar communicativo, que só se poderia encontrar n'uma escola bafejada, como aquella, pela Religião.

*

Um relance de vista ao passado do palacio:

Em 1696 morava ahi, de aluguer, o Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Meneses.

O por que esses Condes, ricos e senhores do ma-

gnifico palacio que descrevi, na Annunciada, deixassem a sua residencia hereditaria, e viessem ser inquelinos de outrem, já lá o deixei suspeitado com bom fundamento (1). Que na nova casa continuaram a entreter-se em coisas puramente intellectuaes, é certo. Estes Ericeiras, que de paes a filhos professavam o culto do bello, communicavam o seu fogo sagrado a quem os frequentava.

Aos Domingos á noite ahi se reunia, diz Bluteau, membro obrigado de todas as reuniões litterarias do seu tempo, «a mais illustre e erudita Nobreza do Reino, ... a examinar e resolver questões physicas e moraes; e para maior elegancia da sua prosa e poesia nacional — continua o mesmo incançavel polygrapho — decidia as difficuldades que se propunham sobre a propria significação dos vocabulos da sua lingua (2).»

A 1.ª d'estas *conferencias discretas,* como lhes chama Bluteau, foi no Domingo 12 de Fevereiro de 1696. Encommendaram-se a tres academicos tres discursos sobre lingua portugueza: um ao Conde de Villar-mayor, outro ao Padre D. Raphael Bluteau, e o terceiro a Luiz do Couto Felix, tudo gente applicada, de quem Barbosa Machado e Innocencio darão rasão ao leitor (3).

Na 2.ª conferencia, a 19, ouviram-se então os discursos, e commentaram-se.

---

(1) Pag. 218.

(2) *Vocabulario* — verb. *Academia.*

(3) O discurso de Bluteau vem a pag. 3 do Tomo I das suas *Prosas portuguezas.*

A 3.ª foi a 26 de Fevereiro; a 4.ª a 4 de Março; a 5.ª a 11; a 6.ª a 18; a 7.ª, 8.ª, 9.ª, 10.ª, 11.ª e 12.ª não trazem data na enumeração d'ellas a paginas 16 e seguintes do mesmo Tomo I, mas facilmente se adivinham.

Os eruditos frequentadores eram:

Manuel Telles da Sylva, Marquez de Alegrete;

D. Francisco de Sousa, Capitão da Guarda Real;

José de Faria, Embaixador em Côrtes estrangeiras;

Luiz do Couto Felix, Guarda mór da Torre do Tombo; (1)

Manuel Gomes da Palma, Jurisconsulto afamado.

Ignacio da Silva, poeta latino.

Secretario era o dono da casa, o mencionado Conde D. Francisco.

Parece terem-se interrompido alguns annos Conferencias tão *discretas*. Estes desfallecimentos são vulgares; morte de uns, sahida de outros, desanimos inevitaveis, cortam muita vez fios que pareciam calabres.

Em 1717 renovaram-se em casa do mesmo Conde da Ericeira as sessões interrompidas da Academia dos Generosos, instituida em 1647, mas já não foi no Cunhal das Bolas; foi no palacio da Annunciada, para onde os Meneses se tinham transferido outra

---

(1) Este Guarda mór tinha casa na freguezia de S. Christovam; por elle, ou por algum avô do mesmo nome, chamava-se *Pateo de Luiz do Couto Felix* um sitio da mencionada freguezia. D.ahi á Torre do Tombo, estabelecida desde seculos no castello de S. Jorge até 1755, não era longe.

vez. Tudo isso se deprehende do *Preambulo breve na renovação da Academia dos Generosos,* por Bluteau (1).

Frequentadores:
o Marquez de Alegrete;
o Conde de Villar-mayor;
o Visconde da Asseca;
D. Francisco Manuel de Mello;
Julio de Mello;
José Soares da Silva;
Lourenço Botelho;
Manuel Pimentel, Cosmographo mór;
Antonio Rodrigues da Costa;
Ignacio de Carvalho;
o Padre Antonio de Oliveira, Prior de Sacavem;
Jeronymo Godinho;
Manuel de Azevedo Fortes;
José do Couto Pestana;
José Contador;
D. Manuel Caetano de Sousa;
D. José Barbosa;
D. Jeronymo Contador de Argote;
D. Raphael Bluteau (2).

«Estes e outros muitos alumnos de Minerva — diz Bluteau — logravam todos os Domingos umas noites Atticas, a que não ousára Aulo-Gellio preferir as suas. Passado algum tempo n'estes louvaveis exercicios, cançaram os Academicos; ou, para dizer melhor, descançou a Academia; e como na milicia

(1) *Prosas Academicas* — T. 1, pag. 22 e 23.
(2) *Prosas Academicas* — T. 1, pag. 341.

da vida humana não ha descanço perfeito, começou Bellona a inquietar os potentados da Europa; intentou Marte profanar os sacrarios da sciencia, dos collegios e universidades, refugios dos scientes, e valhacoutos dos lettrados; tratava-se de tirar soldados para a guerra. Durou alguns doze annos esta bellica perturbação; até que finalmente, fechadas as portas de Jano, serenou a paz os animos, tornou Pallas a reinar, e no anno de 1717, no seu solar da Annunciada, refloresceu a Academia dos Generosos, da qual é hoje excellentissimo Secretario o mesmo Conde da Ericeira, assistido de alguns vinte mestres, que todas as quintas feiras successivamente lêem em duas cadeiras orações sobre as materias que elles escolheram.»

Faz *saudade* esta descripção, que ainda desejariamos mais minuciosa. Ha saudades ás vezes do que não conhecemos. Aquelle synédrio de bem falantes, aprumados, respeitosos, pinta uma epoca.

Bello assumpto para um quadro! a livraria do Conde da Ericeira!

*

A convivencia com sujeitos instruidos é um dos prazeres da vida; muito mais, quando são instruidos e bons. Ora esses frequentadores pertenciam aos dois grupos, começando pelo dono da casa, que era uma piedosa creatura, de um genero que tem escasseado muito nos nossos dias. Exemplo dos sentimentos religiosos do Conde:

Um seu filho tomou o humilde habito de Ecclesiastico da Missão, com o nome de Frei Antonio da

Piedade. Ouvindo-o seu illustre pae prégar, enterneceu-se, e compôz o seguinte

SONETO

Dei-te um ser fragil; mas, com nobre uzura,
hoje um ser immortal me restituiste.
Da culpa te gerei na sombra triste;
e a tua Lei a Graça me procura.

Segundo pae a educação te apura,
que ao meu exemplo mau firme resiste.
Se por mim na innocencia antes te viste,
a innocencia por ti busco mais pura.

O effeito a sua causa está formando,
pois eu vou do meu filho renascendo,
e elle a seu proprio pae regenerando.

Mas como transformado estou nascendo!
eu te formei para nascer chorando;
tu me reformas p'ra chorar vivendo (1).

---

(1) Tenho estes versos a fl. 279 v. do volume de Miscellaneas manuscritas n.º 220 da minha *Olisiponiana*. Pertenceu á livraria de meu Pae.

CAPITULO XXVIII

Não ficam n'isto as tradições litterarias do palacio do Cunhal das Bolas. Sei de outra.

No seculo XVIII e no primeiro quartel do XIX foi ahi o chamado *Geral do Cunhal das Bolas*, estabelecimento official de instrucção secundaria; havia varios em Lisboa; uma especie dos nossos Lyceus; e eram sujeitos á Junta da Directoria geral dos Estudos.

Entre outros condiscipulos, cursou ahi, de Outubro de 1810 a 1815 um alumno cego chamado Antonio Feliciano de Castilho.

*

Outra interessante tradição, tambem litteraria: Pelos annos de 1848 ahi se achava o afamado collegio da bondosa e illustrada Madame Lima, sogra do Digno Par do Reino Joaquim Larcher, que então morava ás Chagas. Não conheci Madame Lima; chegaram me comtudo as mais elevadas referencias

a seu respeito. No seu collegio, que era antigo, e estivera no largo de S. Roque, tendo sido fundado em 1814 ao Poço Novo (1), educaram-se pessoas da nossa melhor sociedade; a illustração da digna directora tornava-se proverbial, e Garrett, amigo de Larcher, era um dos frequentadores da familia.

Quando o collegio se achava no Cunhal das Bolas, em 1848, planeou-se lá uma representação da comedia de Garrett *A sobrinha do Marquez*, que havia de celebrar-se nas salas de Larcher ás Chagas. Chegaram-se a tirar papeis, e a fazer alguns ensaios, mas parece-me que não se realisou a recita a valer (2).

*

Houve tambem n'este Bairro alto, no agitado se-

(1) Aviso. — «Viuva Lima e filhas, desejando servir o Estado na educação moral e civil da mocidade feminina, em quanto não acha casas sufficientes para hospedar e nutrir educandas com decencia e proveito, propõe-se receber em sua casa todas as meninas que concorrerem para aprender a ler e escrever conforme as regras da Orthographia e Grammatica portugueza, o Cathecismo, elementos de Arithmetica, de Geographia, da Historia Sagrada, profana, e patria, a lingua Franceza e Ingleza, Costura, e toda a qualidade de bordado. Qualquer pessoa que quizer servir-se do prestimo e desvelo que offerecem ao Publico, pode falar-lhes em sua casa no largo do Poço Novo n.º 23, para convir de condições arrazoadas, e conformes ás circumstancias privativas de cada uma das educandas.» *Gazeta de Lisboa* n.º 51 de 1 de Março de 1814.

(2) Informação de um amigo meu, que pela sua menor edade era então alumno d'estas boas senhoras, e m'o contou em 18 de Novembro de 1886 n'uma reunião em casa do Conde de Macedo, na travessa da Agua de Flôr.

culo XVIII, outra erudita reunião, denominada Academia de Alveitaria, a qual teve principio em 23 de Agosto de 1723, em casa do fundador, José Gomes, professor da mesma arte. Não sei onde era essa casa; que era no Bairro alto dil-o a *Gazeta* (1).

Eram quinzenaes as conferencias. Não pude deixar de mencional-as, em homenagem aos snrs. animaes, que tenho na conta de meus bons amigos.

*

Na casa que forma a esquina meridional fronteira em diagonal á do Cunhal das bolas, havia uma curiosidade, que ha alguns annos prendia a attenção de todos os transeuntes: era uma videira, nascida dentro de casa, e que, atravessando uma abertura feita de proposito na parede, ia, serpeando, e estendendo-se, no comprimento de muitos metros, expandir a sua verdura e os seus cachos nas varandas do segundo e terceiro andar da casa fronteira. Custava a crer como aquelle pobre vegetal vivia ali, e se desenvolvia em tão apertadas condições. Conheci-o desde creança; um bello dia morreu, e deixou de lembrar ao Bairro alto a quinta velha.

*

Não devo ommittir o palacio da rua *da Barroca,* esquina sudoeste da travessa *dos Fieis de Deus,* que pertenceu á casa da minha saudosa amiga, a sr.ª Ba-

---

(1) N.º 36, de 3 de Setembro de 1723.

roneza de Almeida, D. Constança de Meneses Jacques de Magalhães Lobo do Torneio. Graças á muita bondade de s. ex.ª pude examinar os titulos, que infelizmente nada me esclareceram quanto á fundação e outras circumstancias. Sei porém de um inquelino, cujo nome basta só por si para dar fama áquellas paredes: o Visconde de Almeida Garrett, ainda parente da senhora Baroneza, habitou ali por 1839 e 40, no primeiro andar. Com a affabilidade propria d'elle recebia n'aquellas mesmas salas o laureado poeta da *D. Branca* os mancebos principiantes, e animava-os, e aconselhava-os. Foi nos ultimos mezes de 1839 que o joven D. Pedro da Costa, depois o meu amigo Conde de Villa Franca, já infelizmente fallecido, a 7 de Dezembro de 1901, ali procurou com seu pae o Conde de Mesquitella, os conselhos do restaurador do nosso Theatro nacional. Foi ali que o imberbe auctor leu a sua estreia dramatica *Os dois Campeões,* peça tão applaudida no theatro da rua *dos Condes* em Janeiro de 1841, e que tanto contribuiu, ao par das primeiras tentativas romanticas de Mendes Leal, coripheu da geração nova, para vulgarisar e enraizar as doutrinas do regenerador da scena portugueza. Sinto prazer em deixar consignados estes factos, que, se honram o mestre, não honram menos os seus dignos e aproveitados discipulos.

A casa da sr.ª Baroneza de Almeida era, ha quinze annos ainda, uma das pouquissimas em Lisboa, que todas as noites recebiam; um centro, onde se reuniam, como a descançar em terreno neutro, os homens de lettras e os homens politicos. Diante da

proverbial bondade das amaveis donas da casa não havia partidos, não havia escolas antagonistas, não havia odios; todos ali eram irmãos, todos encontravam, entre os fingimentos da Capital, uma boa amostra da franqueza leal do Portugal antigo, e abençoavam aquelle oasis delicioso, onde, como em poucas partes, a boa conversação e a boa muzica se entremeiavam muita vez com a melhor poesia. Tudo isso hoje são saudades.

*

Na rua *da Atalaya,* aqui ao pé, tem a familia Relvas um grande palacio antigo, que se distingue pela sua physionomia nobre seiscentista. Infelizmente os titulos nada me deram. Os condes da Atalaya possuiam residencia n'aquella rua; era esta.

Objectos de arte não se encontram lá; nem esculturas, nem azulejos. Disse-me o sympathico e intelligente Carlos Relvas, ha annos fallecido, que uma capella arruinada que havia no interior da casa, se desmanchou; que nada continha de notavel senão obra de talha em carvalho. Fez presente d'isso tudo a um amigo d'elle.

*

Não deixarei de mencionar a estada que fez n'um predio da rua da Vinha, sito n'uma especie de largosinho que a rua forma, o Desembargador Antonio Diniz da Cruz e Silva, talentoso auctor das *Pindaricas* e do *Hyssope.* Conjecturo seria por 1790. No seu eruditissimo estudo sobre o *Hyssope,* o meu dilecto poeta José Ramos Coelho diz:

«Morava então (isto é por 1790) o nosso poeta n'um segundo andar da rua da Vinha, ao Bairro alto, freguesia das Mercês, casa hoje n.º 43, no mesmo andar em que habitou em 1822 a familia do Doutor José Feliciano de Castilho» (1).

*

Na historia da vida do mesmo celebre Antonio Diniz da Cruz tambem esta rua entra como residencia do seu professor de Grammatica, João Rodrigues Rocha. Diz Ramos Coelho, lamentando a falta de noticia dos primeiros estudos do cantor do *Hyssope*, o seguinte:

«Reina completa obscuridade sobre este ponto. Só podémos apurar que, habilitado com a Grammatica portugueza, que lhe ensinou o professor João Rodrigues Rocha, o qual tinha então aula d'essa disciplina na rua da Vinha, e em 1779 ainda era vivo, com oitenta annos de edade, estudou Grammatica latina particularmente, e depois Philosophia, com os Padres da Congregação do Oratorio na Casa do Espirito-Santo» (2).

---

(1) *O Hyssope*, pa [illegible].
(2) Pag. 3.

CAPITULO XXIX

Descendo de S. Roque para o sul, e seguindo sempre por fora da muralha, encontrava-se, como disse, outra porta ou postigo. Não era do tempo do Rei fundador da fortificação, mas posterior a ella uns duzentos annos.

Defronte da face principal do convento do Carmo, abria-se um largo, bastante mais estreito que o de hoje na direcção leste-oeste. Desembocavam n'elle sete ruas; a saber: pelo norte a calçadinha *do Carmo* (hoje calçada *do Carmo)*; pelo poente a calçadinha *da Trindade* (hoje rua *da Trindade)*, a travessa *do Arco de D. Manuel* (que não existe, e ficava ao centro do quarteirão fronteiro ao templo), e a travessa *da Marquezinha* (hoje, pouco mais ou menos, a travessa *nova do Carmo)*; pelo sul a travessa *nova do Sacramento* (hoje calçada *do Sacramento)*; e pelo nascente, encostada ao lado meridional da egreja, e passando-lhe por baixo dos gigantes, a travessa *das Escadinhas do Carmo* (hoje o pateo arborisado entre as ruinas e o palacio onde

esteve o Club Lisbonense, e funcciona o Lyceu Nacional de Lisboa, pateo onde desemboca presentemente (desde Junho de 1902), a ponte metallica do ascensor da travessa *de Santa Justa* para o largo *do Carmo*.

A calçadinha *da Trindade* era, pela differença de nivel, muito mais empinada do que é a rua que a substituiu, e que tem pouca elevação; levava ao largo *da Trindade* (hoje *da Abegoaria)*, sobre o qual deitava ao norte o lado e a frontaria da egreja dos Trinitarios. Ora uma curta rua, que da frente d'esta egreja conduzia á muralha, foi aberta em 1560 n'um quintal, para melhor serventia do povo, que até então havia de dar uma grande volta para sahir para os lados occidentaes, quer pela porta de Santa Catherina, quer pelo postigo de S. Roque.

Essa nova rua (1) ia dar á estrada que subia para os olivaes de S. Roque e para a recente casa professa da Companhia (hoje rua *larga de S. Roque)*. Ao *postigo* aberto no muro militar deu o povo, por memoria de uma antiga ermida que ali houvera, o nome de Santa Catherina, como já dera egual denominação á grande *porta* que se abria mais a baixo, no eixo do actual largo *das duas egrejas*. Mas aquella invocação mudou-se em breve, e o postigo *de Santa Catherina* passou a chamar-se *postigo da Trindade*.

Ficava, sem tirar nem pôr, no meio do hoje chamado impropriamente largo *da Trindade*, passagem inclinada que liga a rua *larga de S. Roque*

---

(1) S. José — Tom. 1, pag. 170.

com a *nova da Trindade*. Do lado direito vemos o theatro, edificado nas ruinas de um palacio da Casa de Alva; do lado esquerdo os predios que formam a esquina ressahida sobre a *rua larga;* e em frente uma habitação que marca o sitio da egreja dos Trinos.

D'esse mencionado postigo *da Trindade*, derrubado por ordem d'el-Rei D. Pedro II (1), nem vestigios existem; pois existiam ainda em 1750, que o diz um investigador fidedigno. Frei Apollinario da Conceição (2).

*

Tenho n'estes confusos paragraphos derradeiros falado muito do convento celeberrimo da Trindade, e ainda o não estudei com o meu leitor. Vamos a isso.

Começou-se a fundar esta casa religiosa em 1218, reinando el-Rei D. Affonso II; para o que, deu a Cidade aos Frades uma antiquissima ermida, de Santa Catherina, a cuja edade se perdeu a conta, (situada entre S. Roque e o Loreto, segundo diriamos hoje). Alastraram-se as dependencias e officinas da casa em volta da ermida, fabrica humilde, com sua alpendrada de quarenta palmos de fundo e vinte de largo, o que, menos de um seculo depois da fundação, já não bastava ao povo que de todas

---

(1) Cartorio do Municipio, *Livro 7.º d'el-Rei D. Pedro II*, fl. 183.

(2) *Dem. hist. da par. de N.ª S.ª dos Martyres*, cap. XXIV, num. 247.

as bandas concorria. A ermida sumiu-se, absorvida nas reconstrucções e ampliações do convento; elle proprio desappareceu; mas o seu nome vive n'uma rua e n'um theatro (!), e o d'ella no titulo official da travessa *das portas de Santa Catherina,* entre a *do Secretario de guerra* e o largo *da Abegoaria.*

Não sei (e ninguem sabe) dizer se merece fé a vista que traz uma das estampas de Braunio, d'este convento no seu primitivo estado. Com as cautellas devidas aqui a apresento á meditação dos curiosos.

Convento da Trindade — fragmento ampliado da vista-plano de Braunio (seculo XVI)

Vê-se o templo, cuja frontaria tem um portal, e janella por cima, e cuja empena remata n'uma pequenina sineira. Ao nascente ha um resumido edificio com porta, que bem pode ser a sacristia communicando com a egreja. Ao poente começam os dormitorios, enquadrando um vasto claustro; e em frente do lanço do sul parece ver-se outro claustro menor, com uma torrinha á esquina sueste.

Dos seus humildes principios, em que essa estampa me parece querer figurar a habitação dos Trinitarios,

até ao que veio a ser no volver de reinados successivos, ha um abysmo. A Trindade, segundo passo a demonstrar, teve grande e merecida fama em toda Lisboa, quer na sociedade alta, quer nas classes plebêas; a influencia d'estes Frades foi muita, graças ao papel dedicado e valoroso que lhes coube na execução de uma das obras de Misericordia, a redempção dos captivos; e as sympathias nacionaes desfecharam em valiosas doações, com que o edificio a pouco e pouco se foi transformando n'um dos brasões artisticos da Capital.

CAPITULO XXX

Sim; correspondia este instituto monachal a uma urgente necessidade publica.

Em tempo de luctas asperas e constantes com os Moiros, eram innumeraveis os combatentes que perdiamos, e que lá ficavam gemendo no captiveiro, chorando lagrimas de sangue, e muita vez morrendo de nostalgia. Pensar n'esses desgraçados, angariar donativos para elles, juntar essas esmolas, leval-as a Africa, negociar o resgate, e libertal-os, sem o minimo interesse temporal, e apenas com os olhos em Deus, era isso o que se propunham estes Frades Trinitarios, á custa de fadigas e sacrificios sem nome.

Realisavam verdadeiros actos de dedicação, e realisaram-n-os seis seculos a fio. Os Trinos *da redempção dos captivos* (como os denominavamos) eram o fanal da esperança de muitas familias orphanadas, e na sua missão durissima viam-se acompanhados de sinceras orações de todo um povo.

Entraram pois em Lisboa, bemvindos de toda a gente.

*

Os fundadores do convento de que tratamos vieram do que já existia em Santarem, e foram Frei Martim Annes, Frei Estevam de Santarem (ou de Santa Catherina), Frei João Franco, e Frei Mendo. Com o auxilio de algumas bolsas generosas, principiaram pois em volta da ermida a levantar os seus dormitorios e officinas, tudo muito mesquinho, até que a Rainha Santa Isabel reedificou a casa primitiva, ou, pelo menos, contribuiu para as obras com mão larga.

Sendo a Rainha devotissima da Conceição de Maria, instituiu ahi uma capella com essa invocação da Virgem; fallecida esta Princeza, deu seu filho el-Rei D. Affonso IV a mesma capella ao Almirante Manuel Peçanha por provisão de 17 de Abril de 1342 (era 1380), para jazigo d'elle e dos seus; capella que em 1656, quando Frei Francisco Brandão escrevia a *Monarchia Lusitana* (1), e já em 1642, quando D. Rodrigo da Cunha redigia a sua *Historia da Egreja de Lisboa* (2), pertencia aos herdeiros de André Soares, isto é aos Soares, Morgados da Cotovia, de quem a diante tratarei, a proposito de um interessantissimo descobrimento que fiz.

Ficava esta capella, explica D. Rodrigo, da banda da Epistola, e collateral á capella mór, na egreja velha, e ainda assim se conservava, apesar das reedificações, em 1642.

---

(1) Tomo VI, pag. 396.
(2) P. II, fl. 231.

Ao mesmo mosteiro deixou el-Rei D. Diniz em testamento 300 livras para obras (1).

Continuaram as doações a este cenobio, cabeça da provincia trinitaria de Portugal, na qual vieram a crear-se outros: em Coimbra, em Cintra, na Louzan, em Alvito, em Lagos, e em Ceuta, além do de Santarem, que foi o primeiro, e do de Alcantara (Livramento) que foi o ultimo.

Em 1401 Francisco Domingues, e sua mulher Constança Esteves, legaram-lhe uma herdade com seu olival e um campo, o que tudo veio a ser aforado em ruas, chamadas *do Olival* (e subsequentemente *da Oliveira), da Condessa* (que foi uma de Cantanhede, segundo li não me lembro onde), e *de Alvaro Paes* (que era o Chanceller do Rei de Boa-Memoria), até ao postigo de S. Roque (2).

*

Acabo de falar da rua *do Olival,* ou *da Oliveira,* aberta nas terras de Constança Esteves. E' curioso notar que no tempo de Balthazar Telles, isto é dois seculos e meio depois de traçadas essas serventias publicas, ali se conservava, em terreno do povo, uma oliveira das antigas, como *testemunha abonada,* diz o Padre, de que o monte fôra todo coroado de copioso e formoso olivedo (3). Ficava na mencio-

(1) *Hist. Gen. da C. R.* — Provas — T. 1, pag. 101.

(2) S. José — Tom. 1, pag. 179, e Torre do Tombo — *Livro da fazenda que tem este convento da S.S.ma Trindade de Lisboa, feito no anno de 1763* — fl. 452.

(3) Balth. Telles — *Chron. da Comp. de Jesu,* 2.ª parte, pag. 92.

nada rua *da Oliveira;* e os moradores tratavam o venerando Nestor vegetal com especial cuidado, como reliquia do tempo antigo. Fossem lá hoje fazer isto! entravam logo os jornaes a clamar que era um *empacho,* e que era coisa *anachronica!* e se a pobre arvore não tivesse por si algum influente de eleições, que a apadrinhasse junto do snr. Vereador Fulano, do snr. Jornalista Cicrano, e do snr. Ministro Beltrano, ia a baixo com toda a certeza.

O bom Padre Balthazar Telles falleceu em 1675; pois, quarenta annos depois da sua morte, ainda vivia a notavel oliveira, como attesta Carvalho da Costa, fallecido em 1715 (1).

Hoje (desde quando não sei) só resta o nome d'esse vegetal illustre no sitio de S. Roque. Quem passar pela *rua da Oliveira* (ou rua *da Oliveira do Carmo,* nome que lhe deu, e muito bem, o edital de 1 de Setembro de 1859) recorde-se, uma vez ao menos, d'aquelle verde symbolo da paz, nascido n'um dos recantos mais lidados e guerreiros da nossa tumultuosa e sangrenta Lisboa. O mesmo farão sem duvida os Madrilenos, mais conservadores e artistas do que nós, ao passarem na *calle del Olivo,* cujo nome lhes traz á mente, segundo Montpalau, uma das muitas oliveiras que por lá verdejaram (2).

---

(1) *Chorogr.* — T. III, pag. 474.

(2) *Las calles de Madrid* — pag. 315, por Capmani y Montpalau.

CAPITULO XXXI

Parte dos campos do arredor do nosso convento dos Trinitarios pertenceu á casa do celebre Almirante Misser Carlos Manuel Peçano. Elle trocou-os com os Religiosos por varios bens; e em 1410 vendeu a el-Rei D. João I outro chão que ainda ali possuia, para se abrirem ruas, desde o convento do Carmo até ao sitio onde hoje passa a rua *larga de S. Roque* (1).

A Pero Esteves e Maria Annes, sua mulher, paes da conhecida Ignez Pires (que deu ao citado Rei D. João I o filho D. Affonso, Conde de Barcellos) doou este Rei de aforamento em tres vidas

---

(1) S. José — Tom. 1, pag. 177 e 179.

No *Reportorio* manuscrit. que existe na Bibl. Nac. de Lisb. de documentos do Municipio lê-se: Rei D. João I *mandou ao Thesoureiro da Cidade, que das rendas d'ella pagasse 200 libras ao Almirante Carlo Pasanha* (sic) *pelas quaes tinha o dito senhor comprado um chão ás Portas de Santa Catherina, e ficar á Cidade.* — Livro dos pregos, fl. 193.

um praso constituido n'umas casas que tinham sido armasens, n'este populoso bairro do Almirante (1).

Basta a confrontação das datas para se vêr quanto, até então, tudo isto ficava extra-muros. Quando el-Rei D. Fernando fez a sua muralha, ficou o mesmo convento pertença da Cidade. Ora como a cortina da cerca lhe passava rente, apossaram se os Frades do lanço e das torres com que entestavam; do que se originaram com a Camara de Lisboa taes demandas, que só em tempo d'el-Rei D. João III e D. Sebastião terminaram, por composição entre as partes (2).

*

O certo é que, pertencessem, ou não, aos Trinitarios a muralha e os cubellos, dos seus terrados praticaram os trinta monges (3), que viviam em tempo de D. João I, prodigios de valor durando os longos quatro mezes e vinte e sete dias do cerco de Lisboa (4). Acceitaram os Clerigos e Frades, como então a Egreja admittia n'estes casos extremos, o duro officio de defensores da Cidade; a armadura revestiu a estamenha; e as dextras que usavam suster o calix da Eucharistia ergueram sem tremer o montante patriotico. Ao primeiro rebate acudiam armados os Religiosos com as melhores armas que podiam haver; alternavam-se na vela nocturna dos eirados, e rondavam em quadrilhas

(1) *Hist. gen.* — Tom. II, pag. 56.
(2) S. José — Tom. I, pag. 179.
(3) Idem., pag. 191.
(4) Idem., pag. 180.

todo o seu lanço, desde a porta de Santa Catherina até á torre de Alvaro Paes (1) (os antigos nunca mencionam o postigo da Trindade, pela simples razão que só existiu, como disse, desde 1560). As setenta e sete torres da muralha estavam bem bastecidas de pedras, dardos, béstas, e virotões para os tiros; e, segundo o chronista, tremolavam d'entre as ameias os estandartes, ora com a figura de S. Jorge, ora com as armas da Cidade ou do Reino, ora com as dos senhores e capitães.

*

Uma vez... (ahi vai um dos muitos episodios d'aquella guerra, copiado para esta vinheta do quadro gothico original de Fernão Lopes). Acabava el-Rei de Castella de chegar junto de Lisboa; estanceava n'um monte ao norte, chamado então *Monte Olivete*. Começavam os preparos do arraial, o corte do arvoredo, o arrazamento das vinhas e sementeiras. Era geral a angustia, a indignação nas phalanges sitiadas.

Um troço de temerarios, a quem ferve o sangue perante as provocações do Castelhano, presenceadas de longe, pede venia ao chefe, e sai em tropel pela porta de Santa Catherina direito ao inimigo. El-Rei de Castella, ao vêr acercarem-se aquelles destemidos, pergunta raivoso aos seus:

---

(1) Fernão Lopes — *Chron. d'el-Rei D. João I.* — Part. 1, cap. 116 — S. José, Tom. 1, pag. 180. — Duarte Nunes — *Chron. d'el-Rei D. João I*, cap. XXIX.

—«Vós outros não vedes? como aquelles villões andam fóra da Cidade sem se temerem de nós? a elles! a elles! façamol-os recolher, que villãos são todos.»

Arma-se, encavalga, ordena ao Mestre de Santiago que o preceda com o pendão, e avança. Os seus eram muitos, e os Portuguezes poucos; facil foi aos invasores o ennovelal-os, o accossal-os até á muralha.

O nosso Mestre de Aviz, que velava sempre, o Mestre de Aviz, que era o primeiro e o mais bravo dos seus soldados, observava do eirado da torre de Alvaro Paes todo o manobrar da escaramuça; prevê imminente a irrupção dos inimigos, já pela porta proxima á torre, já pela porta de Santa Catherina, ao entreabrir-se qualquer d'ellas para os foragidos. Desce, cerra uma por sua propria mão, manda cerrar a outra, e tornado ao seu miradoiro, ergue aquella voz vibrante como um clarim de batalha, e grita aos Portuguezes, que por serem tão minguados sustinham mal o pesado impeto da arremettida castelhana:

—«Eu vos farei que sejais bons, ainda que o não queirais.»

Foi então o mais renhido. Batiam-se de parte a parte como leões. Os bésteiros desfechavam contra as cimeiras aonde acudira grande mó de povo armado, e entre elle sem duvida os nossos fradinhos da Trindade. De cá respondia-se com ancia ás investidas. Ia alto arruido por Lisboa. Todos os sinos tangiam a rebate.

Durou a porfia grande espaço; cahiram mortos, cahiram feridos. Aos sobresaltos primeiros succedera o enthusiasmo.

E bastou. Deixaram o campo livre os assaltantes, e tornaram-se n'um prompto ás estacadas, logrando os Portuguezes manter Lisboa illeza n'esta estreia de optimo auspicio.

Oh! terra da patria!...

*

Findo o cerco dos Castelhanos, e expulsos elles na mais triste debandada que pode imaginar-se, festejou-se tão fausto successo com altas demonstrações populares e cortezans de regosijo; solemne procissão de acção de graças atravessou a Cidade em direcção ao convento dos Frades Trinos, escolhido por ter sido, como vimos, aquella paragem theatro das pelejas mais sangrentas; e á festa que ahi celebraram os Grandes da Egreja assistiram com o Mestre todos os Grandes de Portugal.

*

Dois seculos depois, volvia guerra á mesma parte da muralha. Foi na Regencia do Cardeal Archiduque Alberto. Acordou outra vez com as suas pretensões o mallogrado Prior do Crato. Trazia uma pequena armada, que lhe emprestara a Rainha Isabel de Inglaterra. Desembarcou em Peniche, e caminhou sobre a Capital sem achar opposição, mas sem já levantar enthusiasmo (1).

Eram 3 de Junho de 1589, um sabbado. Foram

---

(1) Ericeira.— *Port. restaur.* Tom. 1, pag. 38.

os seus de parecer que se accommettesse Lisboa pela porta grande do poente. Os cercados fortaleceram os cubellos, e para desembaraçarem o campo da peleja lançaram fogo ás casas que já então orlavam por fóra a muralha, desde a porta da Trindade até á de Santa Catherina (1). Deu o animoso Prior do Crato o maior assalto que poude, mas pouco alcançou, e foi para logo rechaçado. Novo e cruel desengano!

*

Está por estudar, e collocar em toda a sua luz, essa figura sympathica do Prior do Crato. Em quanto desabava a sociedade portugueza, em quanto succumbia a dynastia velha na pessoa de um Rei-cavalleiro, e na de um virtuoso e infeliz Cardeal, em quanto se vendiam a Castella tantos nomes illustres, em quanto Portugal ia vergando amargurado de todas as dores moraes, aquelle bastardo sublime empunha a espada dos heroes, e representa o principio nacional (se não o legitimo). Entre a corrupção da sua era é elle o Portuguez de antes quebrar que torcer, é o amigo do povo, é o dedicado e destemido paladim da independencia. Basta essa sua attitude para o lavar de todas as leviandades dos seus annos de mancebo.

E depois... os annos tristes do seu exilio! pobrissimo, mas de cabeça levantada! embalado de promessas, escarnecido, mas sempre Rei no porte e na dignidade. O seu trajar é o de um cançado

---

(1) Frei Ap. da Con. — *Dem. hist.*, cap. XXIV, num. 147.

cavalleiro de magra tença; os seus livros são de orações e de historia; os seus pensamentos ulti-

O SENHOR DOM ANTONIO PRIOR DO CRATO
copia de uma antiga gravura hollandeza

mos são saudades de uma Patria que o não quer. Exemplo triste, desconsolador, mas exemplo grande.

*

Assim, figuremos na mente quanto aquelle sitio, hoje coração da Cidade nova, hoje pacifico e festival, encerra de memorias piedosas e guerreiras! Tudo ali são recordações; e por pouco que detenhamos o espirito, avultam aos nossos olhos mil façanhas herculeas praticadas n'aquella ladeira, em prol dos direitos offendidos do Mestre de Aviz, dos do infeliz e tenaz D. Antonio, e dos da Patria ultrajada pela invasão.

*

Por estas e outras circumstancias, foi crescendo em fama e em haveres o mosteiro d'el-Rei D. Affonso II.

*

El-Rei D. Affonso V a 15 de Julho de 1451 deu ao mosteiro da Trindade 4:000 reaes de esmola (1).

No mesmo esteve hospedado o tribunal da Inquisição, em quanto não passou definitivamente para o palacio dos Estáos no Rocio.

No tempo de Christovão Rodrigues de Oliveira (1551) tinha o mosteiro da Trindade dezoito Frades. Havia n'elle quatro Capellas administradas, todas com Missa quotidiana, e mais outras duas, uma da Cruz, e outra das Chagas; mais tres Confrarias: a da Trindade, dos cordoeiros; a de Santa Catherina,

---

(1) Torre do Tombo — *Misticos* Livro 3.º — fl. 167 v.

de officiaes mecanicos; e a de Santo Antão, de pessoas nobres (1).

Em 1553 o convento, que então constava apenas de quinze Frades, como se vê na *Estatistica* manuscrita da Bibliotheca, vendeu ao Secretario Antonio Carneiro uns pardieiros junto á porta principal do mesmo convento, onde o Secretario queria edificar uma casa (2).

Com esta noticia, de todo o ponto authentica, veem concordar outras que do cartorio da Camara Municipal extrahiu, e me offereceu, Braamcamp Freire (3); eil-as:

I

«Freguesia da Trindade (4).

«Casas á porta de S.ta Cat.na — formaes palavras — na 3.a travessa que vai da rua direita da porta de S.ta Cat.na para o mosteiro da Trindade, subindo pela dita travessa á mão esquerda, que por outro nome se chama rua do Secretario (5). As quaes

---

(1) *Summario* de Christ. Rodr. de Oliv. — pag. 73.

(2) Cartorio do extincto mosteiro, Doc. n.º 43, em pergaminho, visto pelo sr. José Ramos Coelho quando andou recolhendo para a Fazenda o cartorio dos Frades. Communicação obsequiosa do mesmo meu amigo.

(3) Livro 1.º do *Tombo das propriedades foreiras á Camara*, feito depois de 1562 — fl. 468 v.

(4) Nunca houve em Lisboa freguesia d'esta denominação; mas como a freguesia do Sacramento teve muitos annos a sua séde n'este mosteiro, o povo chamava-lhe ás vezes freguesia da Trindade; é frequente isso com outras parochias.

(5) Era chamada *travessa do Secretario de guerra*, até que foi chrismada em rua Nova da Trindade em 1863.

tem por baixo uma loja grande em que está feito um hospital de pobres que se chama dos Cordoeiros (1), e por cima da dita loja vai um sobrado com seus repartimentos......»

«Confrontações: Norte, casa de Pero da Alcaçova, Secretario (2), 11 varas; levante, rua publica que vem das casas do Secretario para a rua direita da porta de S.ta Cat.na, 5 varas; sul, casa de Miguel Cabreira, escrivão da cozinha da Ra., 11 varas; poente, azinhaga de Gil Vicente, cordoeiro, 5 varas e 3 palmos.»

II

«Casas na 3.a travessa que vai da rua direita da porta de S.ta Cat.na para o mosteiro da Trindade, e tem umas atafonas dentro, e por cima são casas de um sobrado..... e estão á mão direita indo de baixo para o mosteiro, e teem face para a dita 3.a travessa, e a serventia d'ellas para a travessa que da dita 3.a travessa vai sair á 4.a travessa que vai da dita rua direita da porta de S.ta Cat.na para o mosteiro da Trindade. As quaes trazia Pero da Alcáçova Carneiro, Secretario, aforadas por mão da cidade, e lhe paga d'ellas de foro 674 reaes... Confrontações: Norte, pateo e estribarias do dito sr. Secretario, 12 varas e 1 palmo; levante, casas

---

(1) Os Cordoeiros, aggremiados em Confraria com séde na egreja do proximo convento da Trindade, tinham aqui o seu pequenino hospital privativo. As *Cordoarias*, a nova e a velha, eram perto.

(2) É o neto de Pedro de Alcaçova Carneiro.

do dr. Gaspar de Figueiredo, des.^{or} do paço, 5 varas; S., travessa publica que vai da 3.ª travessa que vai da porta de S.^{ta} Cat.^{na} para o mosteiro da Trindade sair á 4.ª travessa que da dita porta vai para o dito mosteiro, 12 varas e 1 palmo; poente, com a dita 3.ª travessa, 5 varas e 3 palmos. Medição feita pela banda de fora» (1).

III

«Um quintal, que antigamente foi travessa, junto de umas casas forras de D. Brites de Medeiros, viuva do dr. Jorge do Amaral, na 3.ª travessa que vai da rua direita da porta de S.^{ta} Catherina para a Trindade, á mão direita, a qual travessa foi aforada pela cidade a Pero da Alcaçova Carneiro, conde da Idanha, por 20 r. por escript.ª de 28 de fevereiro de 1587, e por seu fallecimento veio a travessa ao visconde D. Lourenço de Lima, o qual, e sua mulher D. Luisa de Tavora (2), vendeu o quintal á dita D. Brites de Medeiros, por escript.ª de 7 de março de 1600. Confrontações: Norte, casa de Anna Camacha, 8 1/2 varas; levante, serventia publica, 4; S., casas d'elle P.º de Alcaçova, 8 1/2; poente, rua publica, 4 (3).»

*

D'estes extratos se conclue, que tanto Antonio

---

(1) Ibid., fl. 472 v.

(2) Neta do Conde da Idanha.

(3) Ibid. fl. 473.

Carneiro como Pero da Alcaçova Carneiro moravam á Trindade, com quanto o primeiro appareça em 1514 residindo á porta da Alfofa.

Voltemos aos Trinos.

Planta de Lisboa entre o antigo convento da Trindade e a rua das portas de Santa Catherina (1755)

CAPITULO XXXII

Em 1560 procedeu-se no vetusto edificio a obras consideraveis; o templo ficou com 231 palmos de comprido, 122 de largo, 148 de altura, e muitas capellas, diz o grande João Baptista de Castro.

Quando o Arcebispo de Lisboa D. Jorge de Almeida instituiu a nova freguesia do Sacramento, pelos annos de 1584, deu-lhe como matriz a Capella da Eucharistia, na Trindade, e como pertença a area tirada ás duas proximas freguesias de S. Nicolau e dos Martyres. Essa capella era a primeira á mão direita de quem entrava no templo dos Trinitarios.

*

Causou certamente pena e cuidado á Vereação de Lisboa o estado de grande ruina em que já se achava o tecto da egreja no segundo quartel do seculo XVII; a ponto de resolverem os Vereadores em 6 de Outubro de 1640, «vistas as necessidades em que estava a religião da Trindade, e estar prestes

a cahir o tecto da egreja», dar aos Frades 300 cruzados (120$000 réis, que hoje equivaleriam a uns 500$000 réis) pagos em tres annos (1).

*

Da narrativa do eminente Arcebispo D. Rodrigo da Cunha se deprehende que em 1642 ou 43, quando se imprimia a *Historia ecclesiastica,* andava em obras a egreja. Elle proprio diz:

«Pouco ou nada dura hoje no edificio novo do antigo; tudo se foi melhorando e renovando; com que, veio a ficar por todas suas peças obra de grande primor e lustre; e no tocante á egreja, não ha duvida será, acabada, das melhores e mais capazes de Lisboa.»

E ficou sem duvida. Tinha por banda, segundo esse optimo informador, seis capellas, quatro no cruzeiro não contando a mór, «que por si faz um grande templo». Em todas havia confrarias, jazigos de familias nobres, devotissimas Imagens.

A nave no seu conjuncto havia de ter perdido a antiga feição ogival, em janellas, columnas, e altares; mas devia certamente ser uma bella amostra do estylo classico portuguez, com as suas pilastras de marmore da Arrabida, a volta inteira de abobadas e arcos, e as symetricas proporções da sua vasta capella mór.

Reduzidos a conjecturas, examinemos o possivel. Oxalá nos restasse debuxo ou descripção de tão venerando templo!

---

(1) Snr. Freire de Oliveira — *Elementos* — T. IV, pag. 410.

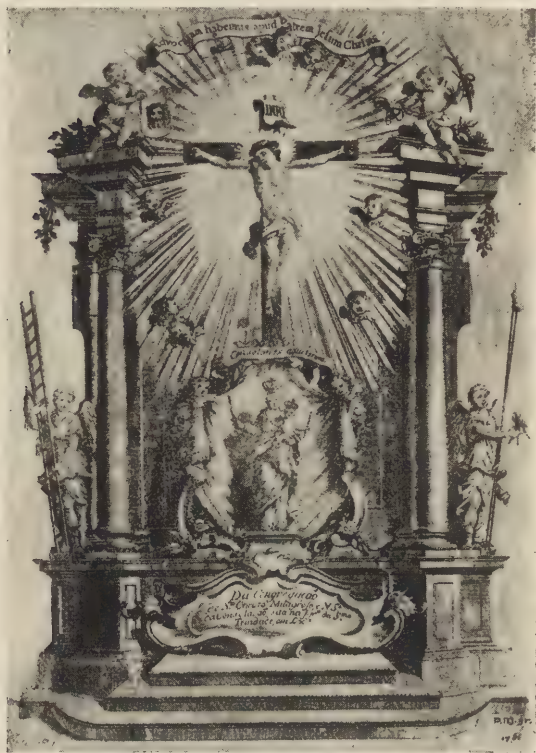
*

Possuo nas minhas collecções algumas antigas gravuras de Imagens aqui veneradas. Apresento ao leitor duas: Santa Barbara, e mais os Santos do altar da congregação do Santo Christo milagroso e Nossa Senhora da Conceição.

SANTA BARBARA
Imagem outr'ora venerada no convento da Trindade

A primeira estampa é uma gravura de Debrié, não se pode saber se pae ou filho; chapa de menos que mediocre execução.

Quantas lagrimas sinceras não veriam, quantas orações não ouviriam, essas esculturas! Sirva-lhes de sepultura o meu livro, e de epitaphio a minha prosa.

A segunda, assignada por Carpinetti, e datada de 1776 representa o altar, que era de veras elegante: a obra de buril é nitida e graciosa.

Altar do Senhor Santo Christo Milagroso que se venerava no convento da Trindade

Da minha collecção de centenas e centenas de *registos*, saem estes agora á luz, como abonadas testemunhas de passadas grandezas.

*

Estes Frades Trinos, que tantos, tão assignalados, e tão desinteressados serviços prestaram a milhares de christãos, livrando-os a pezo de oiro esmolado, e muita vez a preço do proprio sangue, do duro captiveiro entre a Moirama, foram verdadeiros heroes, cujo valor pessoal egualava a Fé religiosa.

Não pensavam só nos captivos de Africa; no seculo XIII, quando em Barcelona se fundaram os Redemptoristas, gemiam aqui, na propria Hespanha, captivos de mussulmanos!

Mas ainda ha mais: um simples Crucifixo tinha ficado preza dos infieis. Não soffreu o animo aos bons e valentes Frades desampararem a Imagem em mãos profanas; e tanto fizeram, que a resgataram.

Possuo, de lettra do seculo XVIII, uns versos allusivos ao facto. Se o generoso empenho dos Trinos foi digno da antiga piedade, o soneto parece-me a baixo do mediocre; ainda assim quero conserval-o n'estes meus livros de miscellaneas mais ou menos significativas.

Não só o optimo tem physionomia; o mediocre e o pessimo tambem n'estes estudos alcançam cotação elevada. Quando (como agora) nos chega a travez das edades o esquecido testemunho de um morto em favor dos valorosos Redemptoristas, o expungil-o enfeixaria duas ingratidões n'uma só.

Ninguem tem obrigação de ser poeta grande, mas todos teem de venerar a virtude, como faz o soneto.

Eil-o; escreveu-o o conhecido Academico dos Pro-

blematicos Victorino Victoriano Xavier do Amaral Pinel, fallecido em Setubal, sua terra, em 1739, segundo Innocencio:

RESGATAM OS PADRES DA REDEMPÇÃO

Do poder dos Mouros a uma imagem de Christo S. N.
por preço de 30 patacas;
faz-se reflexão nos 30 dinheiros.

SONETO

composto pelo Dr. Victorino Victoriano Xavier

Do Amor e do Odio o desegual alento
egual se viu na desegual contenda,
pois sendo do Odio tão humilde a venda
não quiz o Amor vencer-lhe o pençamento.

Compra o Odio a Jesus; barbaro intento!
Porém o Amor a restaurar a prenda
dando o mesmo valor, quer que se entenda
que só pode pagar-se o atrevimento.

Se ao vel-o o Amor nas mãos da iniquidade
excedêra do Odio a vil quantia,
no excesso acreditára-lhe a impiedade;

e, para castigar-lhe a aleivosia,
foi mysterio egualar-lhe a atrocidade
por não ficar com premio a tyrannia. (1)

---

(1) Tenho este Soneto a fl. 72 de um livro de Miscellaneas manuscritas, n.º 220 da minha *Olisiponiana*.

CAPITULO XXXIII

A' capella mór da egreja ligava-se uma circumstancia interessante: foi edificada justamente no logar onde tinha sido o primitivo poiso das Freiras de Santa Clara, depois mudadas para o Paraiso (hoje Campo da Santa Clara) (1).

*

No templo notavam-se quadros de valia; exemplos:

Francisco de Hollanda no seu manuscripto (que oxalá appareça á luz alguma vez) menciona um Senhor prezo á columna, obra de Nuno Gonçalves, antiquissimo artista, cujo nome por si só é uma reliquia (2).

---

(1) Frei Apollinario da Conceição — *Claustro Franciscano* — pag. 133.

(2) Cyrillo — *Coll. de mem.* — pag. 17.

No claustro viam-se pinturas de Bento Coelho da Silveira (1), o eminente mestre do seculo XVII, de quem diz Cyrillo ter tido (como Tintoreto) tres maneiras: a de oiro, a de prata, e a de ferro; e aponta exemplos, mas nenhum dos quadros da Trindade. Raczynski, sempre renitente ao enthusiasmo, não trata muito bem a Bento Coelho, sem querer attender ao tempo e á terra em que nasceu, e ás circumstancias em que se arrastou.

Venerava-se tambem uma Imagem de Santo Onofre, em madeira, e outra do Santo Christo, producção do esculptor José de Almeida (2), grande estatuario em madeira, e tambem em pedra, e cujas obras, com todos os predicados e senões do seculo XVIII, em que viveu este auctor, tão apreciadas são hoje dos entendedores. Não possuo estampas d'ellas nas minhas collecções.

*

Correrei agora algumas das sepulturas que me constam.

*

Ahi jazia o Almirante Ruy de Mello, na capella mór, á parte da Epistola, em «mui honrada e bem lavrada sepultura»; com o seguinte lettreiro, que no

---

(1) Conde de Raczynski — *Les arts en Port.* — citando e transcrevendo o *Abecedario pittorico* de Orlandi accrescentado por Guarienti.

(2) Cyrillo — *Coll. de mem.* — pag. 254.

seu Nobiliario manuscripto traz o grande genealogista Xisto Tavares (1).

A TODOS SEJA MEMORIA ESTA SEPULTURA SER DO MUITO GENEROSO FIDALGO E FAMOSO CAVALLEIRO RUY DE MELLO, SENHOR DA CASA DE MELLO, O QUAL EM VIDA DO MUITO ALTO E MUITO EXCELLENTE E MUITO PODEROSO PRINCIPE EL-REI D. AFFONSO O V FOI ALMIRANTE DE SEUS REINOS, E SEU FRONTEIRO MÓR NO REINO DO ALGARVE, O QUAL POR BONDADE DE SUA PESSOA E VALENTIA DE SUAS ARMAS FEZ MUITOS ASSIGNADOS SERVIÇOS AO DITO SENHOR REI E REINOS, SEGUNDO AOS VIVOS É MANIFESTO ATÉ EM ELLES PRENDER MORTE, A QUAL FOI AOS 25 DE FEVEREIRO ANNO DO SENHOR 1467, A QUAL SEPULTURA MANDOU FAZER A MUITO GENEROSA SENHORA D. BRITES PEREIRA SUA MULHER PARA ELLE E PARA SI, E PARA MISSER LANÇAROTE FILHO DOS DITOS SENHORES, OUTROSIM ALMIRANTE QUE FOI, A QUAL SENHORA FOI SOBRINHA DO MUITO MAGNIFICO, PODEROSO, E VIRTUOSO D. NUNO ALVARES PEREIRA, CONDESTABRE QUE FOI D'ESTES REINOS. — REQUIESCANT IN PACE. AMEN. — QUI LE MAL NE PEUT SOUFFRIR À GRAND HONNEUR NE PEUT VENIR (2).

*

Com o volver dos annos, o padroado d'esta capella mor pertencia aos avós de Roque Monteiro Paim, Secretario d'el-Rei D. Pedro II. Ahi jazia em nobre mausoleo seu pae Pedro Fernandes Monteiro (3), e elle proprio (4).

Roque era filho-segundo de Pedro Fernandes Mon-

---

(1) Codice precioso em poder de Anselmo Braamcamp Freire, na sua quinta da Aldeia, junto a Sacavem. O mesmo amigo me fez esta communicação em 31 de Julho de 1893.

(2) E' clarissimo que a orthographia não é a antiga.

(3) Barbosa — *Bibl. Lusit.* — T. III, pag. 576.

(4) Barbosa — *Bibl. Lusit.* — T. III. pag. 658.

teiro, do Conselho dos Reis D. João IV, D. Affonso VI, e D. Pedro II, Desembargador do Paço, etc. Foi Collegial de S. Paulo, Desembargador dos Aggravos, Juiz e Presidente da Junta da Inconfidencia, Conselheiro da Fazenda de capa e espada, Lente de Leis na Universidade de Coimbra, do Conselho d'el-Rei D. Pedro II, a quem foi muito acceito, senhor do morgado da casa d'Alva, e da villa e honra de Cahís, Commendador de Santa Maria de Campanhan na Ordem de Christo, e senhor dos concelhos de Refoyos e Maia. Comprou para seu jazigo a capella mór da Trindade. Casou com D. Joanna Francisca de Meneses, filha de Lourenço de Mello e Sá, e de D. Bernarda Michaella da Silva (1).

Sua filha herdeira, D. Constança Luisa Paim, nascida em 1703, casou com D. João Diogo de Ataíde, Conde de Alva (2).

A Casa de Alva, de que era progenitor este Roque Monteiro Paim, que ahi dormia, possuiu junto ao velho cenobio, como já indiquei, uma propriedade no sitio exacto do actual theatro. Tinha de frente 167 palmos. Havia annexos um quintal, e um jardim; e ao longo de uma das frentes uma varanda de 10 palmos de largura, e 67 e 3/4 de comprimento, em cujo topo se abria uma pequenina capella, ou casa de Oratorio (3).

---

(1) Manço de Lima — genealogia dos *Monteiros*, mss. da B. N. de Lisboa, § 3.º n.º 90.

(2) Barbosa — *Bibl. Lusit.* — T. III, pag. 658.

(3) *Tombo da cidade* — copia por José Valentim de Freitas, hoje na *Bibl. Nac. de Lisb.* — O Bairro alto, pag. 2 in fine.

*

No cruzeiro d'este templo celebre estava sepultado Jorge Ferreira de Vasconcellos, o festejado auctor da *Eufrosina*, e sua mulher D. Anna de Sousa (1). Elle falleceu em 1585.

*

D. Magdalena de Mendonça, mulher do Armeiro mór, fallecida em fins de Outubro de 1717, foi enterrada tambem n'esta egreja (2).

Passados seis annos, foi reunir-se-lhe seu marido, D. Antonio Estevam da Costa, Armeiro mór, Commendador de S. Vicente da Beira, e Thesoureiro do Hospital Real de Todos os Santos, logar que exercia gratuitamente, e com grande caridade. Fallecido em 23 de Dezembro de 1723, sepultou-se provavelmente junto de sua saudosa mulher (3).

---

(1) Barbosa — *Bibl. Lusit.* — T. II, pag. 806.
(2) *Gazeta* — n.º 44, de 4 de Novembro de 1717.
(3) Vide *Gazeta de Lisboa* — n.º 2, de 13 de Janeiro de 1724.

CAPITULO XXXIV

Duas cisternas possuia o convento, uma das quaes notavel pela sua abundancia; e era tanto o liquido, que não só servia para os gastos da communidade, mas abastecia o Bairro alto, onde havia geral carencia de agua; todo o anno servia, e nunca se esgotava (1).

*

A casa da livraria, magnifica em todo o sentido, mandou-a edificar, e ornal-a de livros selectos, um Trinitario zeloso, Frei Manuel de Lemos, fallecido em 1654; (2) isso deu-se durante o governo do Provincial Frei Christovam da Fonseca, eleito em 1589, e que tambem concorreu com boa somma de livros (3).

---

(1) *Aquilegio medicinal* — pag. 284.
(2) Barbosa — *Biblioth. Lusit.* — Tom. III, pag. 294.
(3) Barbosa — *Biblioth. Lusit.* — Tom. I, pag. 575.

*

A affeição publica a esta vetusta casa dos Trinitarios era geral. Em seu testamento de 21 de Agosto de 1665, Simão Leitão de Gouvêa, viuvo, legou os seus bens a esse Mosteiro; e na casa em que elle morava, na rua do Loureiro (predio que não sei qual fosse), desejava o doador se estabelecesse um Collegio da Ordem. Se o Mosteiro não quizesse acceitar o encargo, passaria o predio para a Misericordia, como provavelmente passou (1).

*

Parece que ás sextas feiras de manhan costumava o povo concorrer, com mais ou menos devoção, a este convento (2).

*

Por este tempo, depois do anno 1664 (conta o auctor do *Mappa de Portugal*) desintelligencias dos Frades Trinos com os Irmãos do Santissimo da freguesia do Sacramento hospedada no templo, segundo notei, obrigaram a séde da dita freguesia a sahir, e a estabelecer-se, tambem por emprestimo, na egreja das Convertidas, fazendo-se os baptisados nos Martyres. Logo falarei das Convertidas.

---

(1) Torre do Tombo — *Livros do convento da Trindade* — Testamentos — vol. 71, fl. 342.
(2) *Anatomico jocoso* — Tom. 1, pag. 18.

Mas esse estado de perpetua dependencia não convinha; pensou a Irmandade muito á séria em edificar casa sua, e não sei que operação fez, que a habilitou a começar ali perto a construcção de uma egreja.

Foi lançada a primeira pedra em 26 de Novembro de 1667, n'um terreno que ficava defronte do Carmo, no largo, pouco mais ou menos na esquina occupada hoje pelo grande predio dos srs. Pintos Coelhos. Do outro lado da calçadinha da Trindade era o palacio dos Marquezes de Arronches, na esquina da rua *da Oliveira,* no sitio muito aproximado onde vemos hoje a esquina sudoeste d'essa rua para o largo do Carmo.

Achava-se a obra bastante adiantada, quando o Marquez a mandou embargar. Por quê? não sei; talvez o vulto do templo lhe tirasse a vista das janellas e o aspecto do mar; o caso é que o já edificado se demoliu, ficando a parochia de D. Jorge de Almeida outra vez na rua.

Foi então que outro visinho mais tolerante, o Conde de Valladares, offereceu aos Mezarios um bom terreno na ladeira em frente do seu enorme palacio, e ahi se recomeçou a edificação em 1671, concluindo-se em 1685, e transferindo-se para lá a Sagrada Eucharistia n'esse mesmo anno; ahi se conserva (1).

*

Em 22 de Setembro de 1708 devorou um incen-

(1) Castro, citando varias fontes.

dio varios lanços do convento da Trindade, mas o templo escapou.

Existe um *Sermão na occasião que se queimou o convento da Trindade de Lisboa, prégado na egreja do mesmo convento a 30 de Setembro de 1708. — Coimbra — 1709 — 4.º* — O prégador foi D. Frei José Delgarte.

*

Não foi este o unico desastre. Em 19 de Novembro de 1724 foi Lisboa toda varrida por um vendaval, d'aquelles que ficam memoraveis, e de que os auctores coevos nos dão noticia aterrada. Foram muitos os estragos; hei-de mencional-os ao tratar de diversos palacios e templos. Aqui só direi, seguindo a Frei Claudio da Conceição, que na Trindade cahiu a Cruz da grande torre, que se via de toda a parte, e que tinha de roda uma grade de resguardo, e desabou a garrida sobre o tecto da magnifica livraria dos Frades (1).

*

Quarenta e sete annos andados, desabava sobre o convento, sobre Lisboa, sobre o Reino, a calamidade medonha do terremoto grande.

A egreja, com os seus dezoito altares, em quatro dos quaes se veneravam muitas reliquias devotissimas, taes como os corpos inteiros de S. Liberato e S. Bono, um Santo Lenho de meio palmo de

---

(1) *Gabinete historico* — T. VII, pag. 176.

comprido e uma polegada de largo, um espinho da Corôa, e um Sudario tocado no verdadeiro; a sacristia com as suas opulentas alfaias; o coro com os seus dois famosissimos orgãos; mais de cem imagens de vulto, muito bellas, entre as quaes o Santo Christo milagroso; a bibliotheca, avaliada em 200 mil cruzados (80 contos de réis); esculturas, pinturas, grandezas de todo o genero; tudo isso... «em breves minutos se viu prostrado — diz o Padre Castro — e reduzido a uma montanha de confusa penedia, acabando de transformar tudo em cinzas o implacavel incendio».

«O grande templo dos Religiosos Trinos — accrescenta uma *Narração* contemporanea, manuscrita e inedita, que possuo — com o primeiro terremoto logo a machina d'elle se principiou a aluir e desfazer, e com o segundo cahiu inteiramente convertendo-se em um horrivel montão de pedras, causando a sua vista pasmo e admiração, acompanhada de uma grande magua. N'aquelle templo se celebrava em o sobredito infausto dia (1.º de Novembro) a festa de Todos os Santos pela sua Irmandade dos Nobres; dentro n'elle se haviam de achar mais de quatrocentas pessoas de um e outro sexo; estavam muitos Religiosos confessando, e outros dizendo Missa. A maior parte de toda esta gente, vendo mover-se o templo, sem accordo não sabiam eleger meio de escapar ao evidente perigo de morte em que se viam; muitos tomaram a resolução de fugir logo que a egreja entrou a tremer, e assim livraram; mas não foi em grande numero; poucos escaparam; tudo mais morreu. Dos seculares não se pode averiguar

a quantidade; sómente dos Religiosos é certo que nos altares, confessionarios, e outras partes da egreja, falleceram dezassete, entre os quaes foi o Mestre Frei Manuel de Santo Thomaz, Religioso egualmente virtuoso e litterato, o Provedor geral Frei Antonio de Almeida, Religioso perfeito. D'este templo se não poude tirar o Santissimo Sacramento, que já se achava na custodia e throno para se expôr, nem alguma imagem, nem coisa alguma. O resto da communidade se retirou, desamparando o convento, ao qual o fogo acabou de destruir» (1).

*

Eis a lista, que nos dá o sempre citado *Mappa*, dos Religiosos mortos na catastrophe:

o Padre prégador geral Frei Luiz de Salazar, de 90 annos, excellente homem; dizia Missa no altar de Sant'Anna, quando morreu;

o Padre prégador geral Frei João de S. Felix, de 76 annos, homem eloquente, grande compositor musico, e tocador insigne de orgão e rabecão;

o Padre Presentado Frei José de Gouvêa, duas vezes Ministro no seu mosteiro do Livramento, de 58 annos de edade; dizia Missa na capella do Resgate;

o Padre Mestre Frei Manuel de Santo Thomaz, de 50 annos, sujeito cheio de virtude, grande erudito;

o Padre Frei Antonio de Almeida, de 51 annos,

---

(1) Pag. 18 e 19.

Procurador geral da Provincia; achava-se confessando;

o Padre Frei Thomaz de S. José, de 55 annos, bom theologo e homem de vida exemplar; pereceu quando passava da sacristia para a egreja;

o Padre Frei Vicente Ferreira, de 55 annos, ex-Prelado em Lagos e em Setubal; achava-se no confessionario;

o Padre Frei José da Expectação, bom prégador e homem de virtude;

o Padre Frei Manuel Ferreira, de 32 annos, pessoa profundamente estudiosa; acabava de dizer Missa, e recolhia á sua cella para recordar um sermão que havia de prégar no dia seguinte, quando a queda da alterosa torre do convento o sepultou; achou-se depois queimado o seu triste corpo;

o Padre Frei Domingos de Sant'Anna, de 32 annos, Cantor mór da casa, excellente muzico; dizia Missa na capella da Conceição, acima referida;

o Padre Frei José Cabral, de 31 annos, prégador; cahiu do côro, e veio morrer no pavimento da egreja;

o Padre Frei Felix de Sousa, estudante theologo, de 24 annos, moço de grandes esperanças; achava-se ministrando a Communhão; fechou ainda o vaso das Sagradas Particulas, e fugiu com elle pela sacristia, onde acabou, e o desenterraram mezes depois, com o sagrado deposito unido e apertado ao peito;

o Padre Frei Bernardo de S. Luiz, estudante;

o Padre Frei Joaquim de Sant'Anna, organista e optimo cantor;

Frei Geraldo da Luz, Religioso leigo, de 50 annos, sineiro da casa; cahiu com o desabar da torre!

*

Do que foi antes d'este horror do 1.º de Novembro o convento da Trindade, ha vestigio nas quatro pequeninas estampas que apresento.

Haverá quem julgue prolixidade excusada publicar, além da gravura que já lá ficou a cima, mais estes pobres testemunhos artisticos. Não creio tenha rasão quem assim pense.

Convento de Trindade segundo Serrão na vista do livro de Lavanha (1.º quartel do seculo XVII)

Como se referem a periodos tão diversos, vão dando conta das successivas alterações architectonicas, e offerecendo-nos á vista o espectaculo que tanta vez contemplaram nossos avoengos.

Se para muitos esses desenhos são quasi mudos, quantas coisas não diriam aos quinhentistas, aos seiscentistas!...

Conservar, conservar, é a minha norma.

O livro de Lavanha, onde se admira a bella gravura de Domingos Vieira Serrão, mostra-nos entre um massiço de edificios a soberba torre, com uma ventana e um alto corucheo coroado de grimpa.

Essa torre varía de forma na vista hollandeza denominada de 1650, e parece mostrar-nos um corpo quadrado com altas janellas, duas a cada face, e sobre cada duas um mezanino circular. No alto corre balaustrada, e d'ahi destaca o vulto oval de um corucheo a modo de zimborio, sobrepujado de lan-

Convento da Trindade segundo uma gravura do meio do seculo XVII

ternim acoruchado, terminando em grimpa de catavento.

Pelas suas proporções elevadas, pelo seu porte esbelto, e certamente pelo mavioso dos sinos que vibravam sob os dedos peritos de Frei Geraldo da Luz, tinha entre nós grande fama a torre da Trindade. A vista que d'ahi se disfructava devia ser deslumbrante, e devassar os quatro pontos cardeaes: o Tejo, e a Banda d'além; os bairros orien-

taes, o Castello, a Graça; a vasta Cotovia e Campolide; o Bairro alto, a Estrella, Buenos-ayres, até á barra.

Estou a phantasiar e a sentir esse lindissimo panorama.

A vista ingleza de Lemprière quer indicar essa torre, e conforma-se quasi exactamente com o desenho antecedente; differenças de lapis, apenas. Ao lado avulta com muitas janellas, em tres andares, o corpo dos dormitorios. A' direita vê-se o Carmo.

Conventos da Trindade e do Carmo, segundo a gravura de Lemprière (seculo XVIII, no principio).

*

Não me consta quando fosse reedificado o convento dos Trinitarios; sei que o foi sob um risco inteiramente novo. No mez de Maio de 1834, porém, padeceu, como todas as outras casas claustraes, terremoto mil vezes peor do que o de 1755. A casa, desamparada e triste, durou até 1836, em que as obras intentadas pela Camara, e a abertura da rua *Nova da Trindade,* parallela á *de S. Roque,* arrancaram ao sitio as ultimas lembranças do convento d'el-Rei D. Affonso II e da Rainha Santa.

O terreno vendeu-se, e muitos proprietarios por ali levantaram predios.

Em Novembro de 1837, mandou a Camara Municipal intimar a Joaquim Ferreira Basto, Manuel Alves Martins, Joaquim Peres, e Valentim José Lo-

pes, para darem principio a edificar, como se tinham obrigado, na 2.ª, 3.ª, 4.ª, 5.ª, e 7.ª divisões do terreno do convento, notificando de despejo os inquelinos, que (segundo o costume) por ali se tinham aninhado (1).

Rompeu-se a rua *Nova da Trindade,* que ligava o largo *de S. Roque* com o chamado largo *da Trindade,* e tudo por ali mudou.

Em sessão de 19 de Março de 1857 determinou a Camara vistorisar o largo de S. Roque, para dar o alinhamento devido á mencionada rua; (2) e o edital de 6 de Julho de 1863 encorporou na mesma denominação de rua *Nova da Trindade* a parte nova e o seu seguimento até ao largo *das duas Egrejas,* que se chamava travessa *do Secretario de Guerra* (3). Logo estudaremos essa travessa, e a causa do seu antigo nome.

*

Por uma ironia cruel da sorte, o titulo da nobre e vetusta casa claustral dos Trinos da redempção dos captivos... apegou-se hoje a um theatro de operetas e facecias! A Trindade é uma casa de espectaculos.

---

(1) Syn. dos princ. act. adm. da C. M. de L. em 1837 — pag. 34.

(2) *Ann. do Mun. de Lisb.* — n.º 32 — pag. 252.

(3) *Arch. Mun. de Lisb.* 1863 — n.º 185 — pag. 1478.

CAPITULO XXXV

Posto que sai um tanto fóra do nosso proposito, lancemos uma vista de olhos á admiravel egreja tão visinha da Trindade, ás historicas ruinas de um dos templos mais interessantes de Lisboa e da peninsula: o Carmo. Não é já propriamente o Bairro alto, mas liga-se tanto com a indole perscrutadora e quasi religiosa d'estas memorias, que não resisto a levar o meu leitor, ainda que só de relance, a contemplar comigo um dos melhores padrões de glorias portuguezas.

Não o deterei muito tempo. Aquellas arcarias merecem volume sobre si. Não lhe direi pois as circumstancias e os motivos da fundação. Não lhe pintarei a nobre figura melancolica e sombria do santo Conde, tão popular e tão grande; a sua ancia de despir, como Amadiz de Gaula, a armadura das batalhas, e envergar o borel de penitente; a sua caridade; a sua perseverança no agro caminho que soubera escolher.

Direi apenas (visto que se liga com o que pouco acima expuz da casa da Trindade) que de duas fon-

tes principaes proveio o terreno obtido pelo Condestavel para a sua fundação verdadeiramente realenga: uma compra, e uma troca. Foi a compra feita aos Trinitarios: uma herdade e um olival na encosta que se empinava sobre o Rocio. Foi a troca feita com o Almirante Carlos Peçano, cunhado de D. Nuno: a sua casa e *bairro* pegados com a dita herdade, por outra casa que n'outra parte possuia o mesmo Condestavel.

Da compra da herdade não acho vestigio documental. Do *escambo* com o Almirante existe traslado de escriptura (1). Pela tal casa que deu em troca obteve o santo fundador o serro e campo, doado por el-Rei D. Diniz, com os senhorios de Unhos, Camarate, e Friellas, ao avô do dito Almirante, o genovez micer Manuel Peçano. Chamava o povo ao campo em que se erguia a casa hereditaria dos Almirantes, o *bairro do Almirante,* isto é, a sua quinta com honras de couto, que era o que se entendia por *bairro,* e havia varios em Lisboa (2); e este mesmo conservou a sua denominação depois de já não pertencer aos Peçanos ou Peçanhas (3).

---

(1) *Chron. dos Carmelitas,* por Frei José Pereira de Sant'Anna. Tom. 1, pag. 803.

(2) Christovam Rodrigues de Oliveira. Summario, pag. 9, 12, etc.

(3) N'uma antiga carta de emprasamento passada por D. Jorge, arcebispo de Lisboa, a Joanne Annes em 15 de Junho de 1468, diz-se da casa emprazada, sita *na rua publica que vai para a porta de Santa Catherina* (o nosso Chiado), que tinha o portal *em frente do bairro do almirante,* quando já propriamente o bairro era cerca do Carmo. É manuscripto de pergaminho, em poder do auctor d'este livro.

Depois vieram Affonso Eannes, Gonçalo Eannes, e Rodrigo Eannes, tres estremados architectos, talvez tres irmãos, e tomaram a si o risco do grande edificio. João Lourenço, official dos pedreiros, Lourenço Gonçalves, lavrante da pedra, e outros, celebraram contrato com o poderoso Condestavel, e não tardou que esse oiteiro despovoado, que ainda no seculo XVII era falado pelas suas bellas perspectivas de terra e mar, entrasse a alvejar com as altas e rendilhadas edificações de Nossa Senhora do Vencimento.

As doações Reaes affluiram; concorreu a piedade popular; e o templo ficou uma verdadeira maravilha artistica. Pedro de Frias, celebre em obras de talha, ornamentou em 1510 o retabulo da capella mór, novamente reformado em 1592 pelo zeloso Frei João da Silveira, que tambem fez a casa da livraria, enfeitada de pinturas e cheia de livros raros. Frei Francisco da Silva mandou lagear a capella mór, e plantar um alegre jardim no claustro.

Foi uma porfia geral ao longo dos seculos, apesar dos esforços da politica filippina.

Os livros do côro illuminou-os a capricho Frei Bento de Contreiras; e o Fundador, que por humildade tinha ordenado o lançassem em sepultura raza, aquelle mesmo de quem os coevos encarecem os milagres posthumos, mereceu a seu neto o Duque D. Jayme o vistoso moimento que o terremoto destruiu.

Ora das arvores que vestiam essa encosta (hoje calçada *do Sacramento* e rua *nova do Carmo)* per-

severaram seculos muitas oliveiras na cerca do convento, como aconteceu mais acima, segundo apontei, na rua *da Oliveira*. Dil-o o chronista carmelitano, reportando-se ao que lhe contavam por 1740 religiosos muito velhos.

Interior da arruinada egreja do convento do Carmo,
antes da sua occupação pela Real Associação dos Architectos e Archeologos

E basta. Despeço-me do Carmo. Está bem entregue hoje a pobre ruina. A Sociedade dos archeologos tem a peito o defendel-a de mais vandalismos. Honra lhe seja! Dizem que não é bom ter *telhado de vidro;* embora! vá pedindo sempre; algum Governo lh'o concederá.

*

Mas é triste. Do Carmo restam umas naves solitarias; da casa proxima resta o nome imposto a um palco de opera comica.

O convento da Trindade, que por mais de seis seculos figurou nobremente na historia de Lisboa; o mosteiro, cuja torre era uma maravilha, cujos claustros dominavam grande terreno em volta, cuja livraria e cujos archivos eram dos mais famigerados do Reino; a vivenda monachal, que se ufanava com varões de grande fama; o ninho piedoso, cuja dedicação se empregava em remir captivos, sem baquear jámais na sua perseverança proverbial; a nobre fundação de Affonso II, derruida á porfia pelos incendios, pelos terremotos, pelo camartello brutal dos legisladores, e pela picareta incançavel dos municipios, sumiu-se para sempre; que digo eu? vive ainda, a despeito de tudo, n'um proloquio popular, d'onde se pode apreciar até certo ponto a sua magnificencia. *Cahir o Carmo e a Trindade* significa hoje (hoje que a Trindade cahiu, e o Carmo se transformou) um completo derrocar, um inesperado esfacellar de grandezas.

É que, se a egreja de Izabel de Aragão foi, dezenas de annos, a mais formosa da Capital e seus arredores, só achou rival, até certo tempo, na grande fabrica arrogante e sumptuosa ali perto levantada pelo avô de Monarchas; templo e mosteiro cujo traçado era espantoso para aquellas eras, cujo nome e cuja causa eram sublimes, e que em suas fidalgas ogivas, erguidas para o ceo e cortinadas de hera,

ainda hoje attesta a passada opulencia das suas tres naves collossaes.

A Trindade teve larga historia; foi, como vimos, um dos campeões da nossa independencia; com a Fé, lá por fóra, na moirama; com as armas, aqui, sempre que era mister.

O Carmo não teve menos larga historia, mas de outro genero. O Carmo, sobranceiro á casaria vulgar da Baixa, tem muito do antigo cavalleiro; entrevê-se a cota de armas sob o manto; ha n'aquelle alto bastião feudal um mysticismo, que se não confunde. O espirito melancolico de Nuno Alvares ali é que habita.

Depois, em tempos de grande cultura artistica, veio a erguer-se lá em baixo, na Ribeira, a Misericordia com as suas archivoltas imaginosas, todas realçadas de efflorescencias classicas e moiriscas; e bastou essa nova creação do Rei feliz para desbancar como novidade as outras duas maravilhas.

Nada mais digno de vêr-se — diz um antigo estrangeiro — do que o templo da Misericordia. *Nihil spectatius templo Misericordiæ* (1). E escreveu o bom Padre Manuel Bernardes na sua *Nova Floresta* (IV, 176):

«A Santa Casa da Misericordia de Lisboa é uma das mais notaveis grandezas que illustram e acreditam esta Real Cidade, com maior rasão do que o colosso a Rhodes, as pyramides a Memphis, o labirinto a Creta, e os amphitheatros a Roma».

---

(1) Adriano Romano — *Urbium præcipuarum descriptio generalis*.

O *Compromisso* da Misericordia, do qual ha varias edições, a *Estatistica* da Bibliotheca Nacional, o citado opusculo de Damião de Goes, as *Grandezas de Lisboa* de Nicolau de Oliveira, o *Agiologio Lusitano*, e outros livros, dirão aos mais exigentes que papel brilhante e dedicado coube a esta fundação da Rainha D. Leonor e de Frei Miguel de Contreiras. Antonio de Sousa de Macedo nas *Flores de España* conservou um quadro rapido das rendas e dos encargos do instituto relativamente ao anno de 1627 para 28. Pela leitura de todos esses trechos se vê que nenhum dos preceitos evangelicos era esquecido ali. Pois bem: se commovia a todos os corações bem formados o piedoso exemplo que assim dava a Santa Casa, o que é certo é que todos os espiritos cultos e artisticos se enlevavam a contemplar o vasto edificio que á Misericordia levantára o fundador do mosteiro de Rastello; e ainda hoje aquella sua formosa e eloquente porta lateral, resto quasi unico de passadas opulencias, nos attrai, e nos assombra.

*

Foi sempre cioso e ufano da sua linda Cidade o lisboeta popular. Quer-lhe muito; estremece-a. Lisboa para elle é um mundo; os seus monumentos são o protótypo do Bello. Assim como no seculo XVI veio a ser para elle a celebre *casa dos bicos*, na Ribeira velha, a expressão proverbial da elegancia e do requinte, já a egreja e a torre da Trindade, mais as ogivas e botaréos do Carmo, eram até ali aos seus olhos, o supra-summo da arte e do poderio humano.

Pois tudo se perde, lisboeta amigo! tudo; até a casa dos bicos. Pois tudo cai, Santo Deus! tudo, tudo; até o Carmo, e a Trindade.

*

Do celebre convento historico do Carmo ha varios desenhos antigos, que todos differem.

Não apresento aqui, por muito conhecidas, as vinhetas da Chronica dos Carmelitas; escolherei, com as devidas cautellas, nas minhas fartas collecções, estampas menos vulgares, recommendando sempre aos estudiosos não lhes attribuam a exacção que estamos habituados a dar ás photographias, (exacção ás vezes discutivel).

Convento do Carmo segundo a vista-plano de Braunio (seculo XVI)

Basta uma leve alteração no ponto de vista, para alterar o quadro todo.

E quem nos pode abonar a pericia dos antigos desenhadores anonymos, a sua paciencia, a sua pratica?

A vista-plano de Braunio (seculo XVI) mostra-nos o edificio sobre o sul. Percebem-se altos gigantes entre cinco janellas. Na frente em bico vê-se a portada que ainda lá está, com as suas duas janellas superiores lateraes, e a sua grande rosaça. Ao pé

continúa a fachada, que parece ter tres portas, e janellas em dois andares. A cabeceira do templo continúa sobre as ribanceiras do Rocio, e ao sul divisa-se perfeitamente a escadaria que descia lá do alto.

A outra vista panoramica do mesmo Braunio apresenta um edificio com uma elevada janella ogival em empena de bico, uma leve torre sineira ao fundo, e sempre a affirmação vertical dos gigantes.

Convento do Carmo segundo a vista panoramica de Braunio (seculo XVI)

Vieira Serrão no livro de Lavanha (1619) apresenta-nos uma alta edificação inintelligivel, com elevadas janellas, e (o que é deveras interessante) deixou campear no angulo das asnas o vulto escuro do *Anjo do Carmo,* figura de ferro que se avistava de toda a Cidade.

Convento do Carmo segundo a vista de Serrão no livro de Lavanha

A vista de Lemprière parece querer representar a frente sobre o largo do Carmo, com a sua rosaça e as suas janelles, e deixa vêr ao fundo uma torre sineira, que bem pode ser a que ainda lá vemos. Já o leitor tem essa vista, com a do Carmo, a pag. 367.

*

Quem quizesse fazer a chronica do largo do Carmo

referida a poucos annos atraz, encontraria já consideraveis differenças. As obras emprehendidas no interior da profanada egreja, desde que a entregaram aos Architectos e Archeologos, fizeram da vasta capella mór um bello salão: e o corpo do templo, e as capellas lateraes, reunem hoje preciosissimas reliquias architectonicas e epigraphicas, que estão enchendo de gloria o fallecído e nunca olvidado Possidonio da Silva.

O palacio do Conde de Valladares, onde desde 1834 a 1880 e tantos esteve o Club Lisbonense, e onde tantos bailes ruidosos se celebraram, é hoje o Lyceu Nacional.

O espaço entre o Lyceu e o templo é o caminho da ponte do ascensor de Santa Justa.

A fachada do quartel está sendo reformada (1).

No terreno entre as ruas da Oliveira e da Condessa foram antigamente umas casas de Antonio Fernandes d'Elvas, por elle vinculadas com outros bens.

O chafariz central da pequena praça, emfim, já o vejo mencionado por um viajante francez em 1796 (2), mas parece-me que tinha outro feitio. «É este largo — diz o auctor — de mediana extensão, e tem ao centro um chafariz que se ergue acima de uma grande bacia de marmore.» Hoje, não sei desde quando, recobre-o um baldaquino de pedra composto de quatro arcos redondos sobre pilares.

Este manancial de *aguas-livres* abdicou muita da

---

(1) Verão de 1902.

(2) *Voyage en Portugal en 1796* pag. 26.

sua importancia desde que o gallego aguadeiro perdeu a sua. A Companhia das aguas desthronou-o.

Convento do Carmo. — Frontaria sobre o largo, chafariz, e palacio do Conde de Valladares, em 1840 e tantos

Do parlamento rumoroso, que ali se reunia em volta do baldaquino de pedra, d'aquella turba-multa

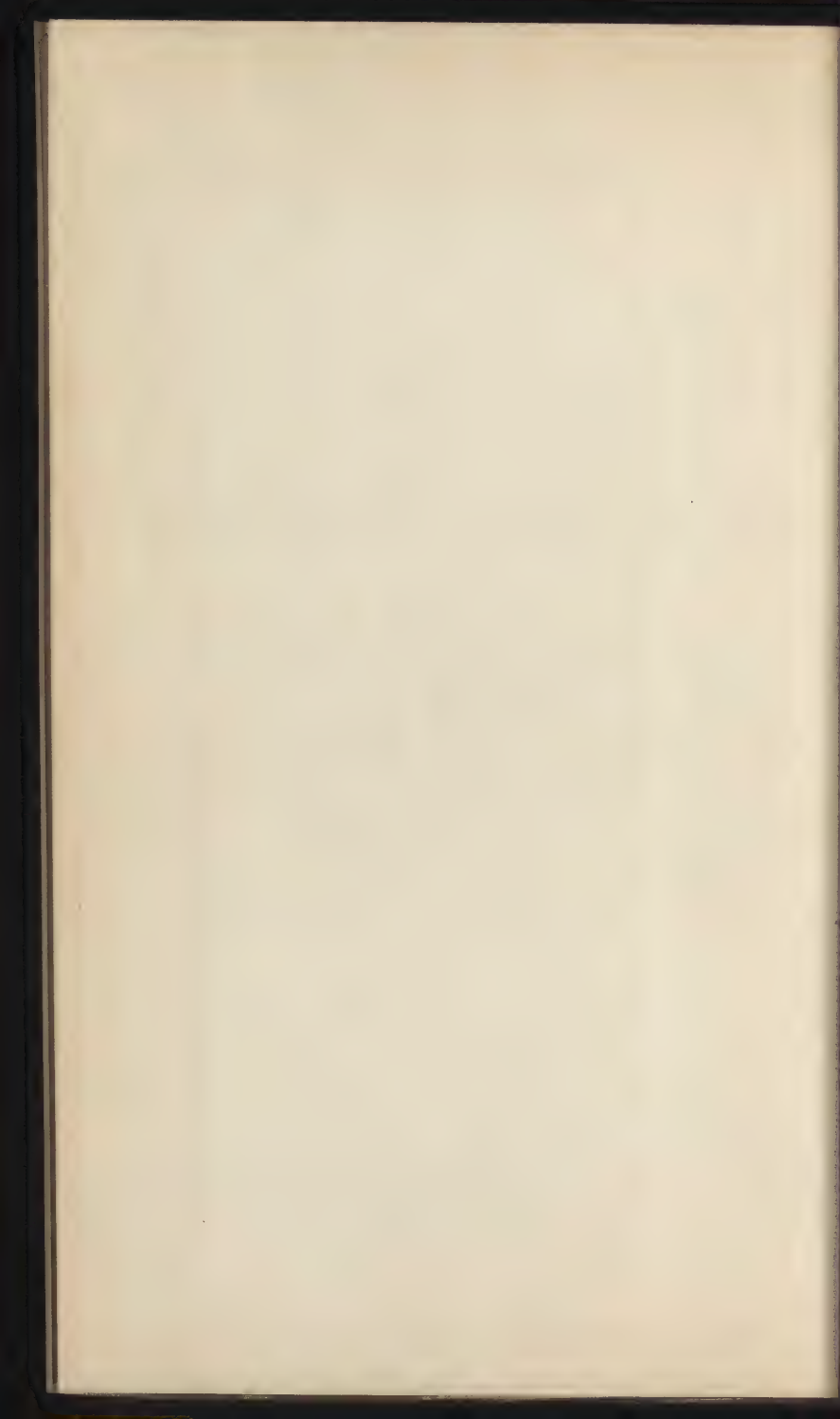
que ali discutiu tantos annos com a sua eloquencia de agua doce, nada resta.

O peor de tudo é que as ogivas do Condestavel, o magnifico cenobio que elle fundou e que elle tanto amava, o templo venerando onde jaziam tantas e tantas pessoas notaveis, como attesta a Chronica do Carmo, todo esse conjuncto archi-historico e archi-interessante, é um phantasma semsabor a attestar a nossa incuria. A egreja destelhada não passa de uma ruina pittoresca. Os claustros, corredores, e officinas, militarisados e deturpados pelas Obras publicas, são o especimen da banalidade.

A cella onde habitou o *senhor Santo Conde,* avô dos nossos Soberanos, amigo do Mestre de Aviz, pelejador em nome da Religião e da Patria, progenitor de todas as Casas Reaes da Europa, a sua cella de monge, onde elle fugiu ás grandezas mundanas, onde elle meditou, onde elle orou, essa habitação quasi sagrada..... oh! antes mil vezes a esquecessem as tradições! Insultaram-n-a de modo, que o insulto nem sequer se pode narrar em publico. A letra redonda repugna-o.

FIM DO VOLUME I

NOTAS

Nota I. — Pag. 21.

1 — Vasco Martins de Altero (?) c. c. N.........

2 — João de Altero de Andrada c. c. sua parenta Helena de Andrada, filha de Ruy Paes de Andrada e de... Helena passou a 2.as nupcias com Bartholomeu de Andrada. *(Vide nota II)*..............

3 — Nicolau de Altero de Andrada c. c. Martha de Andrada, filha de Pero de Andrada e de Catherina Coelho (Andradas do Pedrogam).........

4 — João s. g.

4 — Luiz de Altero de Andrada s. g.

4 — Antonio de Andrada de Altero c. c. D. Anna de Almeida, filha de João Gomes de Moura.

4 — Helena de Andrada, Freira.

4 — Joanna do Espirito Santo, Freira.

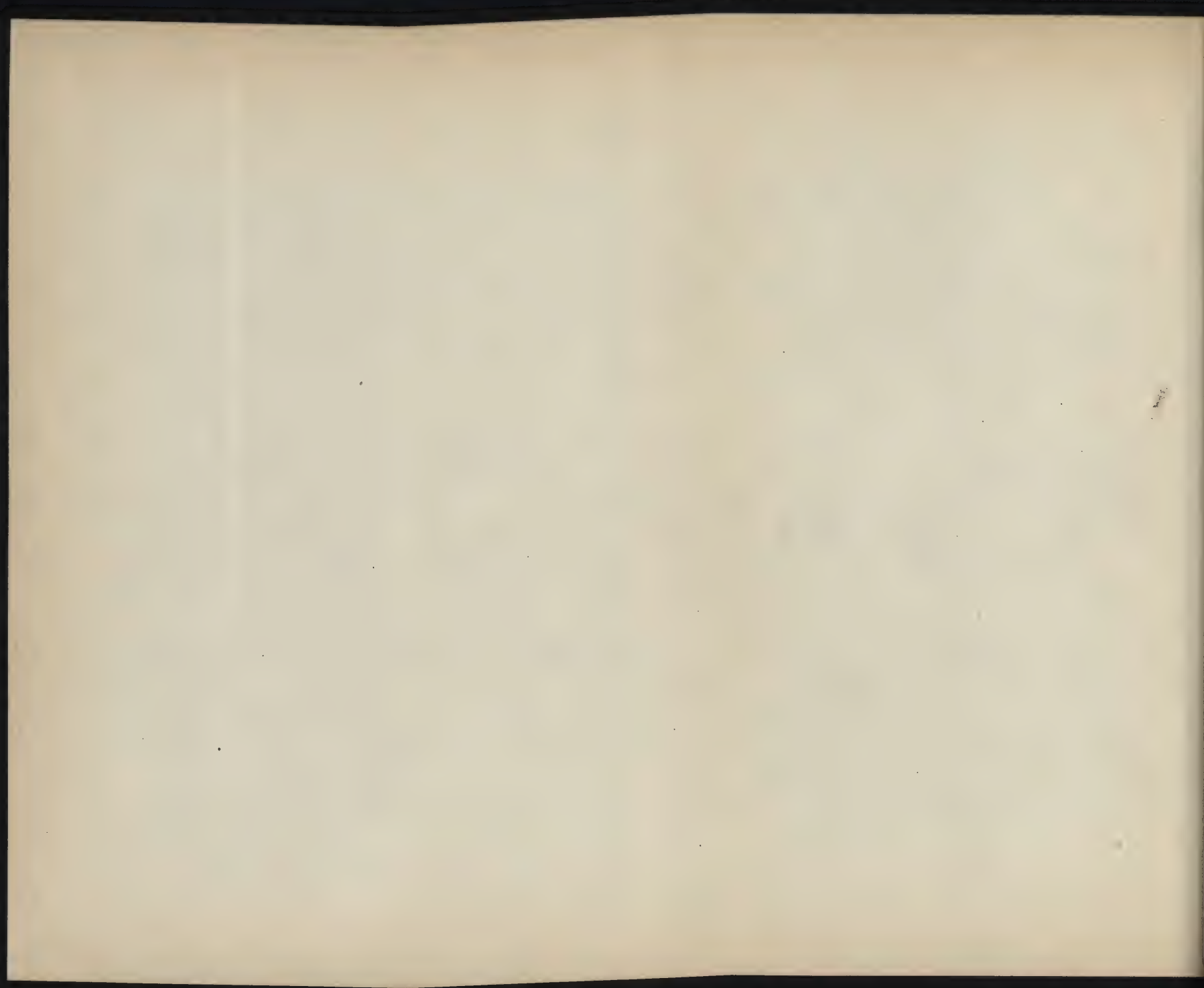
4 — Brites de Andrada c. em 1.as nupcias com Balthazar de Seixas, e em 2.as com seu primo Miguel Leitão de Andrada. — *(Vide nota IV)*......

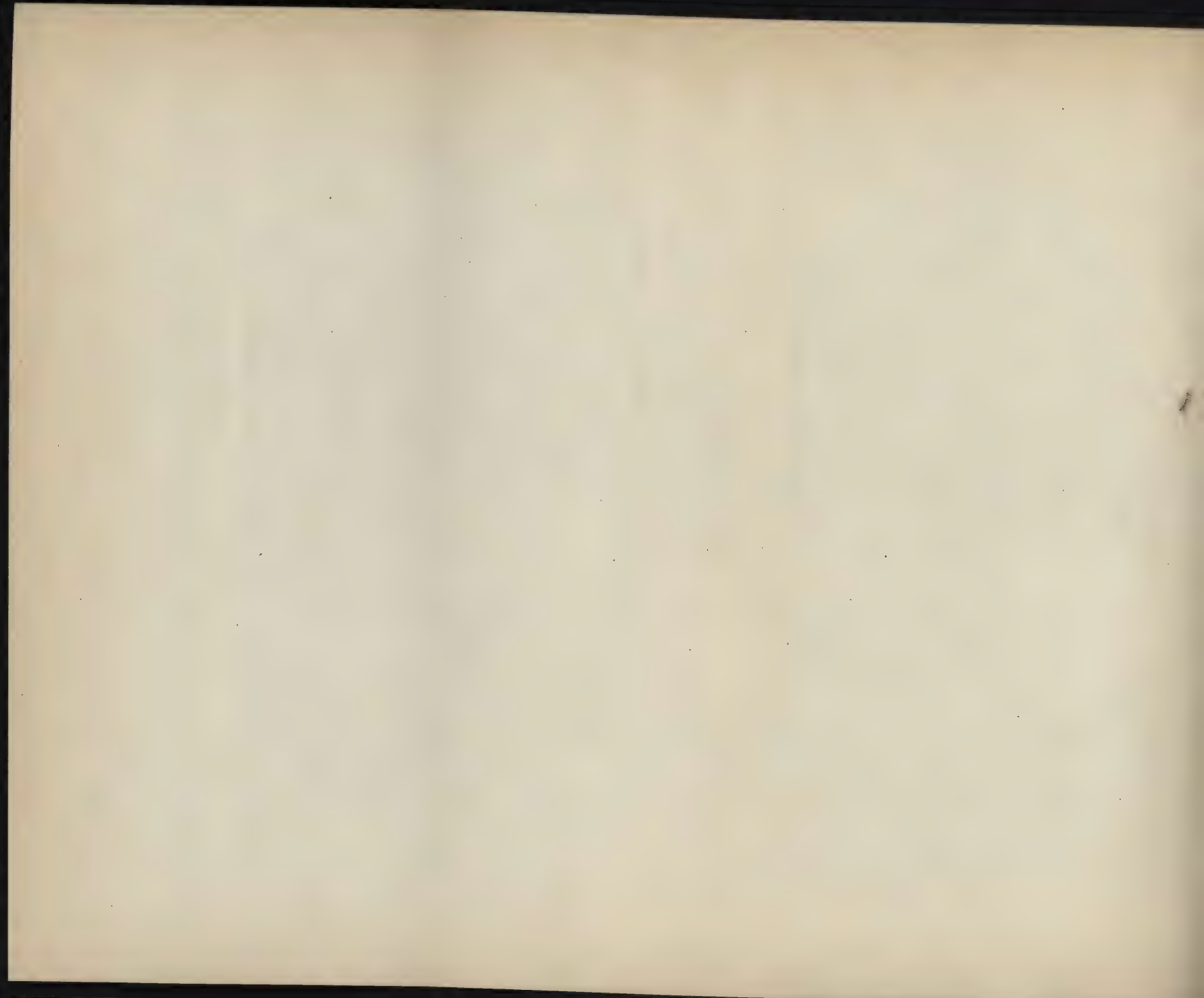
3 — Francisco de Andrada de Altero s. g.

3 — Brites de Andrada, mulher c. g. de Bastião da Costa.

NOTA II. — Pag. 25.

- 1 — Ruy Freire de Andrada, instituidor do morgado da Torre da Sanha.
  - 2 — Linha dos morgados da Torre da Sanha até o Conselheiro João de Andrade Corvo.
  - 2 — Gil Thomé Paes c. c. Isabel Affonso de Andrada, filha de Rodrigo Affonso de Andrada e de N. da Fonseca (?)—*(Vide nota III)*.............
    - 3 — Nuno.
    - 3 — Bartholomeu de Andrada c. c. sua parenta Helena de Andrada, viuva de João de Altero de Andrada.............
      - 4 — Isabel de Andrada c. c. Vasco de Pina, c. g.; casou em 2.as nupcias com D. Martinho Vaz da Cunha, da Casa dos senhores de Taboa, depois Condes de Cunha, c. g.

Nota III. — Pag. 27.

1 — Rodrigo Affonso de Andrada, chefe d'este ramo, e senhor de uma quinta em Montemór, c. c. N. da Fonseca (?)....

- 2 — Ruy Paes de Andrada, senhor de um vinculo em Ceiça, etc., c. c. Leonor Vaz de Novaes, filha de Vasco Lourenço....
  - 3 — Diogo de Andrada, c. g.
  - 3 — Gaspar da Fonseca e Andrada, progenitor de uma familia nobre de Montemór-o-Velho, hoje representada pelo sr. D. João de Alarcão.
  - 3 — Ruy Paes de Andrada 2.º do nome, progenitor de uma nobre casa representada hoje pelos Viscondes de Mayorca.
  - 3 — Helena de Andrada, mulher de João de Altero, casada em 2.as nupcias com Bartholomeu de Andrada.
- 2 — Isabel Affonso de Andrada c. c. Gil Thomé Paes. — *(Vide nota II).*

Nota IV. — Pag. 49

Testamento do macho ruço de Luiz Freire por D. Diogo de Monsanto.

Engano de penna. O testamento do macho ruço não tem auctor conhecido; D. Rodrigo (e não *D. Diogo*, como escrevi) não o compôz. Cai ás vezes n'estas inexacções quem se mette a citar de cór. Imprudencia grave, a que é bom fugir.

Nota V. — Pag. 57

A lettra da cantilena dos alumnos do bom Padre Mestre Ignacio, encontrei-a na *Historia de S. Domingos* por Frei Luiz de Sousa, Livro III. capitulo VIII:

«...... toada ordinaria da Doutrina christan, que os meninos aprendem e cantam nas escolas de Portugal:

> Todo o fiel christão
> é mui obrigado
> a ter devoção
> á Santa Cruz.»

Nota VI. — Pag. 164

Acerca da semelhança vaga entre Miguel Leitão de Andrada e o seu homonymo de Montaigne replica-me Anselmo Braamcamp Freire no seu Livro 1.º dos *Brasões:*

«Encontra Castilho em Miguel Leitão, como pensador, muito de Miguel de Montaigne, com egual bom senso, mas muito menos cultura e philosophia.

«E' verdade. Ha semelhanças entre os dois em alguns pontos, mas n'outros não. Ambos elles eram de condição singela e gazalhadora, de genio feliz e alegre. Ambos elles atiraram para o seu livro com o que viram, e como o viram; com as impressões que sentiram, e que traduziram como sabiam, cada um consoante a sua intelligencia, educação, e meio em que

viveu. Mas que differença no espirito e na vida! Miguel Leitão, de mediocre cultura litteraria, de imaginação cheia de crendices, procurando aventuras e ajuntamentos, viveu na côrte, buscando a sua aldeia unicamente quando n'ella havia festas, barulho, folguedos.

«Montaigne recebeu uma educação esmerada, a que os auctores antigos e a poesia serviram de fundamento; educação que o seu extraordinario bom senso corrigiu, no que podia ter de demasiado ideal e poetico, guardando d'ella unicamente a ditosa faculdade de tudo dizer e escrever com mimo e alegria. Logo que podia, fugia do bulício, escondendo-se na sua torre de Montaigne, n'aquelle terceiro andar, onde viveu o melhor da sua vida, absorto nos seus pensamentos e reflexões, e entregue a uma certa preguiça laboriosa, que tão querida lhe era.

«Miguel de Montaigne preconisava, e queria para si, *une vie glissante, sombre, et muette;* um ideal! Miguel de Andrada, quando não tinha melhor, repicava os sinos e deitava os foguetes no seu Pedrogão.

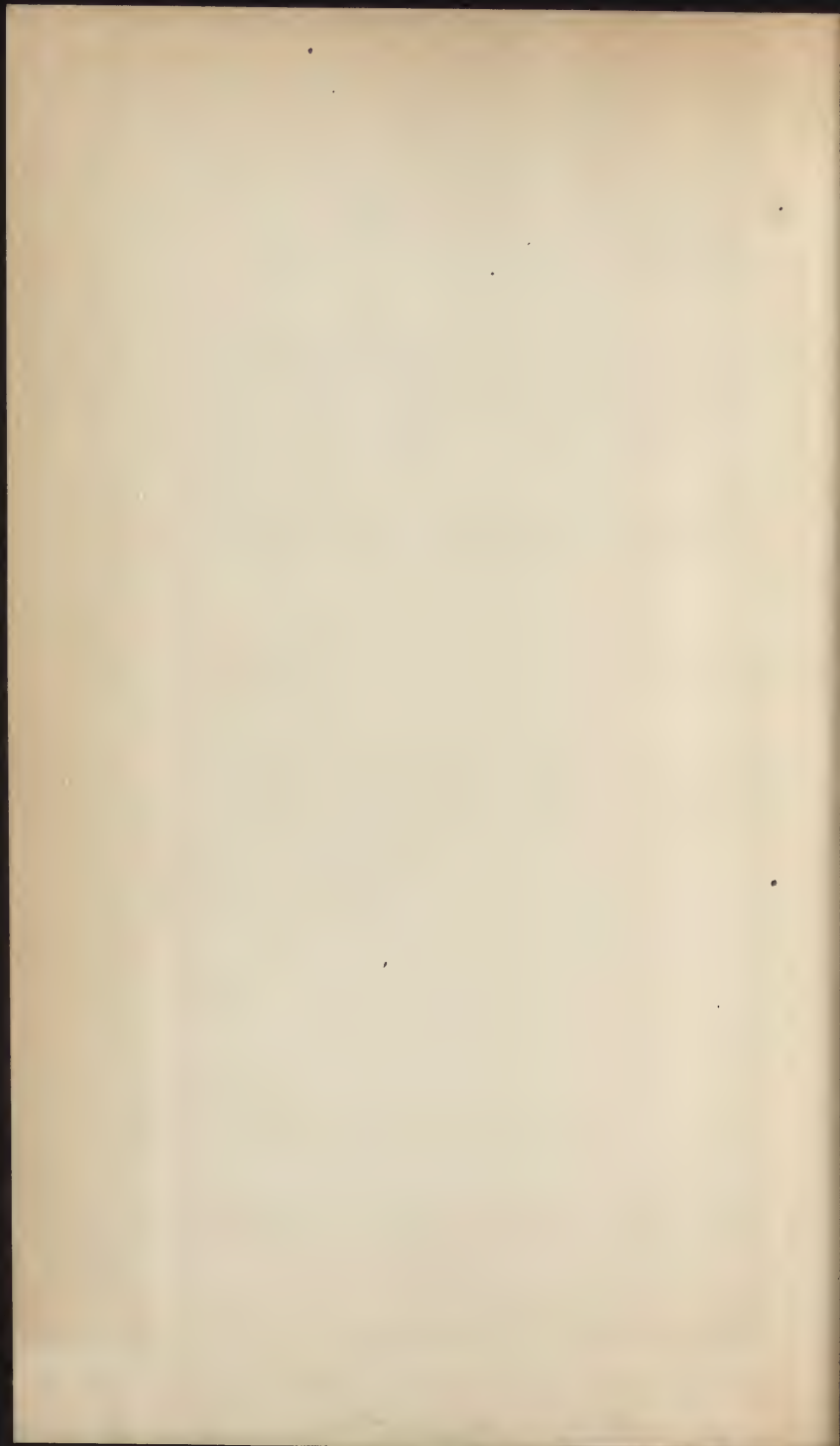
«Comtudo ha entre os dois um grande ponto de semelhança, que é o terem-se, cada um d'elles, retratado no seu livro; com a differença porém, que Montaigne com os seus *Essais* está nas cristas da serra, emquanto Andrada com a sua *Miscellanea* apenas galgou as faldas.

«Eu tenho por Miguel Leitão uma grande amisade, mas não me impede ella de ser justo; e, ainda que a affeição fosse tão grande, que me obcecasse o espirito, parece-me que nunca me atreveria a pensar d'elle o que o illustre critico Sainte-Beuve diz de Montaigne. Eu não poderia chamar a Leitão o nosso Horacio, dizendo que o era, tanto na substancia como no modo, e até na expressão, que muitas vezes se eleva ás alturas de Seneca.

«Miguel Leitão denomina modestamente o seu livro uma salada; e ainda que elle é de certo mais do que isso, comtudo nunca senhora nenhuma portugueza se lembrou de lhe chamar *mon bréviaire, ma consolation, et la patrie de mon âme et de mon esprit,* como ao livro de Montaigne chamou a Condessa d'Albany..................................

. . . .

«Egoistas eram ambos os Migueis, mas não tiveram conhecimento um do outro, ainda que o Cavalleiro de Christo sobreviveu trinta e oito annos ao de S. Miguel, que morreu em 1592, tendo nascido em 1533, vinte annos antes de Miguel Leitão. E ainda que desde a primeira apparição dos *Essais*, que é de 1580, até ao anno de 1630, em que o auctor da *Miscellanea* morreu, se tivessem feito mais onze edições do livro francez, não creio que Miguel Leitão jamais o lesse, mesmo até porque o não entenderia.»

. . . .

- 1 — Isabel Affonso de Andrada (filha do Conde de Andrada?) c. c. Gil Thomé Paes, Capitão-mór das fronteiras da Galliza...............
  - 2 — Pero de Andrada, Alcaide-mór de Penamacor, c. c.... .... e tiveram ....
    - 3 — Belchior de Andrada n. a 6 de Janeiro de 15... falleceu no Pedrogam, onde vivia, a 6 de Janeiro de 1568, tendo casado a 6 de Janeiro de 15... com Catherina Leitoa. — *(Vide nota VIII)*
      - 4 — Pero de Andrada fall. em 1600, c. c. Monica Diniz...................
        - 5 — Agostinho de Andrada c. c...................
          - 6 — Miguel de Andrada.
          - 6 — Diogo de Andrada de Magalhães
        - 5 — Pero de Andrada.
        - 5 — Catherina de Andrada.
      - 4 — Padre João de Andrada, Frade Bernardo, estudou em Salamanca, e foi Doutor por Coimbra.
      - 4 — Gaspar de Andrada, que foi Dominicano, com o nome de Frei Claudio.
      - 4 — Marqueza de Andrada, Freira em S. Bernardo de Portalegre.
      - 4 — Maria de Andrada fallecida na quinta do Carregado, de seu irmão Miguel, em 1596, e casada com Jacome da Costa, do Pedrogam.
      - 4 — Lourenço de Andrada falleceu indo para a India.
      - 4 — Catherina Leitoa de Andrada c. c. Belchior Godinho Pereira ......
        - 5 — Antonio Pereira.
        - 5 — Catherina.
      - 4 — Antonia de Andrada casou 1.º com Manuel Fernandes de Almeida, 2.º com Gregorio Ribeiro Florim..........
        - 5 — Francisco de Andrada Leitão, Desembargador, fallecido a 17 de Março de 1655.
      - 4 — Miguel Leitão de Andrada, n. no Pedrogam em 1553, Commendador na O. de Christo, c. 1.º com D. Ignez de Atouguia, 2.º com Brites de Andrada, 3.º com D. Francisca de Sousa.
      - 4 — Violante Leitoa c. c. Gaspar de Almeida, da Louzan.
  - 2 — Bartholomeu de Andrada, senhor do bairro de Villa Nova de Andrada pelo seu casamento com Helena de Andrada, viuva de João de Altero de Andrada.
    - 3 — Isabel de Andrada c. 1.º com Vasco de Pina, 2.º com D. Martinho Vaz da Cunha. Do 1.º casamento teve ....
      - 4 — Manuel de Pina morreu na India s. g.
      - 4 — Gonçalo de Pina morreu na India s. g.
  - 2 — Francisco de Andrada, progenitor de um ramo de Andradas de Lisboa e Villa Franca.
  - 2 — Antonia de Andrada c. em Chellas com F. Juzarte, progenitor dos Andrades das Beiras.
  - 2 — Fulana, mulher de Fulano de Betancor, progenitor dos muitos Andradas que ha nos Açores e na Madeira.

NOTA VIII — Pag. 185.

- 1 — Antonio Gonçalves, chamado «o das forças» pelas suas valentias. C. c.
  - 2 — Christovão Leitão, Commendador na O. de Christo. Teve filho bastardo................
    - 3 — Christovão Leitão, morador n'uma sua quinta em Villa Nova de Gaya, a qual por morte não deixou aos seus parentes, e sim a extranhos.
  - 2 — Paulina Leitoa, fundadora do mosteiro de Freiras de Figueiró.
  - 2 — F. c. c. Christovão Caldeira, de um ramo antigo de Caldeiras, Alcaides-móres da Certan e Pedrogam pequeno....
    - 3 — Christovão Leitão, Commendador na O. de Christo, c. c. sua prima Joanna Caldeira, filha de Christovão Caldeira, Alcaide-mór da Certan...
      - 4 — Ruy Leitão, Commendador na O. de Christo.
      - 4 — Christovão Leitão, Commendador na O. de Christo.
      - 4 — Manuel (ou Miguel) Leitão, captivo em Fez.
      - 4 — Nuno Leitão c. c. Isabel de Andrada, do Pedrogam, filha de Rodrigo Eannes Sutil e de F.
        - 5 — Francisca Leitoa (ou Soror Francisca da Paixão), Freira no Pedrogam.
        - 5 — Violante Leitoa c. c. Christovão da Motta ..
          - 6 — Maria de Andrada c. c. F., e tiveram..........
            - 7 — Belchior de Andrada, Secretario dos filhamentos da Mordomia-mór, vivo em 1628.
      - 4 — Vicente Caldeira c. c. Auta de Moraes.......
        - 5 — Francisco Caldeira, partidario do Prior do Crato, Enviado a Côrtes estrangeiras.
        - 5 — Gabriel Caldeira.
        - 5 — Vicente Caldeira de Brito, Desembargador do Paço, c. c. Helena de Mello........ ....
          - 6 — Jeronymo de Brito Caldeira, Fid. da C. R.
  - 2 — Brites Leitoa, fundadora do mosteiro de Jesus de Aveiro.
  - 2 — Violante Leitoa c. c. João Madeirão........
    - 3 — Catherina Leitoa c. c. Belchior de Andrada ..
      - 4 — Miguel Leitão de Andrada (o da *Miscellanea*), e seus irmãos. — *(Vide nota VII).*

NOTA IX. — Pag. 216

Resta, segundo parece, uma calada testemunha de tantas magnificencias: é a fonte de Bernini, pouco acima referida. Eu explico:

O fallecido Marquez de Bellas, D. Antonio de Castello-branco, disse-me uma vez, em 1880 ou 81, que tinha lido a nota de pag. 135 do 1.º volume da *Lisboa antiga*, onde eu escrevi estas palavras:

«Não sei, nem posso verificar, se a fonte que ha na quinta de Bellas, e que é do Bernini, seria a dos Ericeiras.»

Segurou-me elle ser a mesma; e, como prova, accrescentou possuir no seu cartorio as contas do preço que seus avós Pombeiros tinham pago á herança dos Ericeiras. Bastou-me a honrada palavra do Marquez, e não procurei sequer vêr esses preciosos papeis, que aliás deveriam ser interessantissimos. Hoje não sei onde param.

No *Diario de Noticias* de 13 de Fevereiro de 1893 lê-se um erudito artigo, que julgo da penna do sr. Dr. Sousa Viterbo, intitulado *Artistas e obras de artistas estrangeiros em Portugal.* — BERNINI. Depois de varias considerações geraes, diz o auctor:

... «Vamos referir-nos agora mais particularmente a Bernini ....

Caldas Barbosa, na sua pomposa descripção da quinta de Bellas, diz que a estatua de Neptuno, que adorna um lago, é de Bernini. Se não houve mudança, ninguem se atreverá, cremos nós, a fazer tal affirmativa.»

Por aqui se vê que o articulista duvída de que a fonte do palacio da Annunciada seja a mesma que se vê na quinta de Bellas.

No *Diario* de 23 declara ter recebido uma extensa carta, em que um amavel anonymo discute o outro artigo, e se inclina á identidade, sendo de parecer que «a fonte do Conde da Ericeira foi trasladada para a quinta do Conde de Pombeiro em Bellas».

Falando do insigne esculptor e consciencioso critico Francisco de Assis Rodrigues, diz o Conde Raczynski (1):

«Conforme a opinião do citado professor, parece existir em Bellas uma fonte, que deve ser obra de Bernini.»

Pinho Leal no seu *Portugal antigo e moderno,* artigo *Bellas,* não duvida escrever:

«Ha tambem aqui uma magnifica estatua de Neptuno, do celebre esculptor Bernini, que nasceu em Napoles em 1598.»

Vilhena Barbosa, meu saudoso mestre, estampou em certo artigo do *Archivo Pittoresco* o seguinte:

«Avultam... duas obras de arte n'esta parte plana da quinta; uma curiosa pela sua forma singular, outra pelo nome illustre de seu auctor. A primeira é uma cascata, que ora (1862) vemos descuidada dos homens, e maltratada do tempo, mas que, ainda assim, é original e grandiosa, deixando ajuizar da sua belleza de outr'ora. A segunda é uma estatua de Neptuno, devida ao cinzel do celebre Bernini, que illustrou, como escultor, architecto, e pintor, a cidade de Napoles, onde nasceu em 1598.» (2)

Á vista de tantos depoimentos, que poderiam certamente accrescentar-se, não me parece (com a devida venia ao sr. Dr. Sousa Viterbo) dever pôr-se em duvida que é de Bernini o Neptuno da fonte de Bellas, apesar de ter esse sabio critico declarado de si isto:

«Vai para quatro ou cinco annos que visitámos pela ultima vez a quinta de Bellas; e a impressão que nos deixou a fonte é que ella não poderia de modo nenhum attribuir-se a um artista da justa nomeada de Bernini. É possivel que uma nova visita modificasse a nossa opinião, mas não o achamos provavel.» (3)

N'outra parte diz:

«É provavel que Caldas Barbosa confundisse esta fonte com outra que adornava os jardins do palacio do Conde da Ericeira.» (4)

(1) *Dict. hist. art.* — pag. 28, artigo *Bernini.*

(2) *Arch. pitt.* — T. v, pag. 290.

(3) *Diario de Noticias* de 23 de Fevereiro de 1893.

(4) *Diario de Noticias* de 13 de Fevereiro de 1893

Perdão, mas não devia talvez haver confusão da parte de Caldas Barbosa; era um amigo, um frequentador, um intimissimo commensal e apaniguado da casa Pombeiro; havia de saber bem o que dizia.

Conclusão: fica para mim acceito:

1.º — que os Condes da Ericeira (ou representantes d'elles) venderam aos de Pombeiro a fonte que tinham no seu jardim da Annunciada; prova: a affirmação do Marquez de Bellas;

2.º — que essa fonte era de Bernini; prova: as opiniões de Assis Rodrigues e de outros;

3.º — que essa fonte existiu até ha pouquissimos annos, ou existe ainda (1902) na quinta de Bellas.

Quanto ao desenho e feitio d'este interessantissimo objecto de arte, dá-nos o sr. Sousa Viterbo uma noticia de primeira ordem. Querem ouvir?

A pag. 280 do livro de Antonio Rodrigues da Costa *Embaixada que fez o Excellentissimo Conde de Villar-maior (hoje Marquez de Alegrete) ao Serenissimo Principe Filippe Willelmo, Conde Palatino do Rhim, Eleitor do Sacro Romano Imperio; conducção da Rainha Nossa Senhora a estes Reinos, festas e applausos com que foi celebrada na feliz vinda*, etc. — 1694 — topou o mesmo pesquizador sagaz com uma indicação altamente valiosa. Descreve este folheto as corridas de toiros e os fogos de artificio no Terreiro do Paço.

«Na segunda festa de fogos — narra o sr. Dr. Viterbo — o Terreiro representava os jardins do Conde da Ericeira, adornado com vinte figuras de pedra de elegante esculptura. No meio estava uma fonte, reproduzindo *a ultima fabrica do insigne Estatuario Romano o cavalhier Bernine.*»

Segue a descripção:

«Esta fonte se forma em um grande tanque de excellente lavor, e n'elle quatro tritões voltados para um jardim, sustentando cada um d'elles na mão direita um buzio, por onde lançam agua com grande força, e nas esquerdas diversas tarjas Entre os tritões estão outros delphins, que ficam mais inferiores, e com as gargantas abertas mostram tragar a agua que deitam os tritões.

«No meio do tanque se levanta um pedestal sustentado de

outros quatro delphins, que, com os rostos para o ar, lança cada um d'elles tres esguichos em grande altura, e levantadas as caudas sustentam uma concha, e saem fora d'ella e formar um assento, em que se firma uma excellente estatua de Neptuno, com manto e tridente, de cujos pés arrebentam quatro canos de agua, que, com grande força, sobem ao alto.»

NOTA X. — Pag. 225

Extractos de um artigo de Castilho na *Revista Universal Lisbonense* de 1842-43 (Tomo II).

Descrevendo a vertente oriental do monte de S. Roque em 1834 e 1835, diz o auctor:

«... Eram, começando pelo alto, o muro velho de D. Fernando, e os paços dos Condes da Vidigueira........; e aos pés d'estes desenganos de grandeza, descahindo já para o valle do Rocio, terrenos quebrados e perdidos, para onde nem já lançavam os olhos os fidalgos seus senhores. N'esta porção da cidade, onde a lima surda do tempo, e o desleixo dos homens consumára a obra do terremoto, enxameava em paredeiros immundos e doentios, em becos enleiados, em pateos encantados e quasi incognitos á propria policia, tudo que a sociedade tem de fézes, a prostituição, a embriaguez, o roubo, a nudez, e a fome........ Grande parte d'estas ruinas passaram successivamente para o dominio util de um particular emprehendedor e perseverante. Ninguem lhe invejou a aquisição........ O sr. Caldas Aulete dentro em poucos annos metamorphoseou tudo. Quasi que nada existe já de quanto pejava esse espaçoso e singular terreno, que intervalava as duas casas de mais opposta indole que na cidade havia: a Misericordia e a Inquisição.

«... O Pateo do Patriarcha, ás abas da Misericordia, era a cabeceira d'esta encosta. Um theatrinho ali edificado havia 30 annos, (1804?) escrupulos da piedosa Marqueza de Nisa D. Eugenia, senhoria do terreno o haviam feito demolir; e no logar de uma comedia má, e de comicos ainda peores (não obstante serem pelo commum estrangeiros) não ficaram mais

do que mendigos, ratoneiros, alquiladores de alimarias e roubos, de trapos e enfermidades, que aglomerados para aquelle seu centro de attracção procuravam abrigo...

«... Esse covil foi despejado, essas paredes e tectos traidores apeados; o pateo cessou de ser defezo e temeroso.

«Seguia pouco adiante a torre historica do velho Alvaro Paes, ainda em pé sobre o lanço do muro de D. Fernando, a que haviam estado arrimados esses mesmos paredeiros.

«A torre senhoreava ao rez do caminho o populoso largo e rua larga de S. Roque. Fallava recordações nobres aos que passavam; a torre não abrigava ladrões, nem ameaçava queda........ E a velha torre de Alvaro Paes foi accommettida, e não por Castelhanos!

«... A Camara para conquistar a gloria de abrir uma pobre e superflua rua, que nem todos os do bairro conhecem, e se chama *Rua nova da Trindade,* a Camara, ou antes a vereação do anno de 1835, havia já mandado aterrar outro lanço contiguo do mesmo muro, e n'elle o postigo do Condestavel, a quem o lettreiro e o povo já previamente desauctorisara, chrismando-o em Arco de S. Roque........

«Demolida a Torre de Alvaro Paes, o postigo do Condestavel, e, entre esses dois monumentos, a Capella do Passo, que se acostava ao mesmo muro de D. Fernando, urgia que o ampliado largo de S. Roque se convertesse, prestamente, em uma bella praça, e que vistosos e uteis edificios modernos, quando não podessem apagar-nos as saudades das velhas glorias, d'ellas ao menos nos divertissem........

«Arrimado ao muro d'el-Rei D. Fernando, cujo cubelo deixamos em terra no largo de S. Roque, se vê ainda hoje o decrepito palacio dos Condes da Vidigueira, pertencente á Casa de Nisa, o qual fazia ponta n'um elevado cunhal, olhando para a rua da Condessa.

«No meiado anno de 1835 condemnara-o a inspecção da cidade a ser apeado até ao meio.»

....

Referindo-se ás edificações do proprietario Caldas Aulete, diz tambem Castilho a respeito do pequenino largo da rua da Condessa:

«N'elle fenece a antiga edificação, que desce desde o muro Real, e começa a moderna, que se estende até ir parar no pateo do Penalva. A uma ladeira ingreme, engasgada, lodosa........ succedeu um largo espaçoso, limpo, suave no piso, nobre nos edificios, regalado pelo nascente com uma tela amplissima de horisonte, em que avulta como pintura rica a vista da montuosa Lisboa antiga. E' sitio onde já hoje se deteem os que sobem e descem, folgando de se repousar nos assentos que o hospedeiro innovador lhes estendeu como canapés. Arvores postas por sua mão, e cujo numero será ainda accrescentado, augmentam a seducção do convite; e uma fontinha, que ella ahi tenciona para o publico, o rematará...... Ahi, entre essas arvores novas, ahi, onde (não ha ainda muito) apenas se enxergava um estreito portal, que dava para um barracão podre, e ruinas inextricaveis, abre-se hoje ás carroagens um portão coroado com as Armas d'El-Rei de Sardenha, e que por um amplo e formoso pateo dá entrada ao palacio que o seu Embaixador n'esta Côrte com rasão preferiu para residencia.

«Este palacio, que certo não desmerece o nome, é, pelas muitas e incomparaveis circumstancias que reune, não o maior, não o mais rico, mas sem nenhuma contradicção o mais agradavel, o mais delicioso da cidade. Situado no coração d'ella, a dois passos do bairro alto, a outros dois do bairro baixo e novo, disfructa entretanto, entre o seu pateo e o seu jardim, o mais profundo retiro, o silencio mais imperturbavel, os ares mais puros e suaves. A terra de suas dependencias é diffusa, variada em exposição, prendada com a vista de quadros todos diversos, repartida e aproveitada com o mais selecto gosto. Jardim e jardins enriquecidos das mais peregrinas flores e estatuas; escadarias de marmore, communicando os diversos planos; hortas frescas, regadas e viçosas; pomares espessos e fecundos; abundancia de todo o genero de arvores fructiferas, sem exceptuar as de alheios climas, que ali até as bananeiras alardeiam já as suas vestes largas, lustrosas e roçagantes; quinta em summa, que se extende desde o largo de S. Roque até ao pateo do Penalva, e desde a calçada do Duque até á da Gloria. Como se tanta posse ainda fosse pouco

para no centro de uma cidade populosa, de qualquer parte que os olhos se esgarrem para o norte cuidam vêr até muito mais longe dilatar-se os seus dominios. As quintas do Duque do Cadaval e do Marquez de Castello-Melhor, e a cerca da Misericordia, lhe estão contiguas, e se representam continual-os; até que o Passeio publico, com sua copiosa matta, e o de S. Pedro de Alcantara, com o seu gracioso jardim, e arvoredo já adulto, orlam e rematam o quadro, quasi continuo de vegetação. Mais ao longe, para todos os lados, ceo espaçoso, e multiforme panorama de povoação, por onde o artista pende indeciso na escolha de objectos que primeiro traslade para credito do seu album..............................»

Nota XI. — Pag. 230

Edificação do palacio Niza a S. Roque

Diz Anselmo Braamcamp Freire *(Livro II dos Brasões*, pag. 446) que foi o 2.º Conde da Vidigueira, D. Francisco da Gama, quem «começou a edificação do palacio no largo de S. Roque, para o que D. João III lhe fizera mercê em 1543 do uso e serventia do muro, e das duas torres, que estavam ao postigo de S. Roque, para poder n'ellas edificar casas, ou fazer outras quaesquer bemfeitorias, o que foi confirmado, por se haver perdido a primitiva, por outra carta de 5 de Março de 1563. *(Doações de D. Sebastião e D. Henrique,* Liv. 12, fl. 125). Por então começaram as obras, por isso que, por alvará de 3 de Maio de 1565, foi approvado por el-Rei o contrato celebrado entre os officiaes da Camara de Lisboa, o Prior e Frades da Trindade, e o Conde Almirante, com a declaração de que a torre que estava no centro do muro, defronte do mosteiro de S. Roque, esteja sempre tapada, de maneira que por ella se não sirva o Conde, para de lá não descobrir os mosteiros de S. Roque e da Trindade *(Doações de D. Sebastião e D. Henrique,* Liv. 16, fl. 290). Morreu o Conde a 8 de Janeiro de 1567.»

Preciosas noticias, que tenho pena de ter deixado de incluir no logar competente.

Nota XII.— Pag. 237

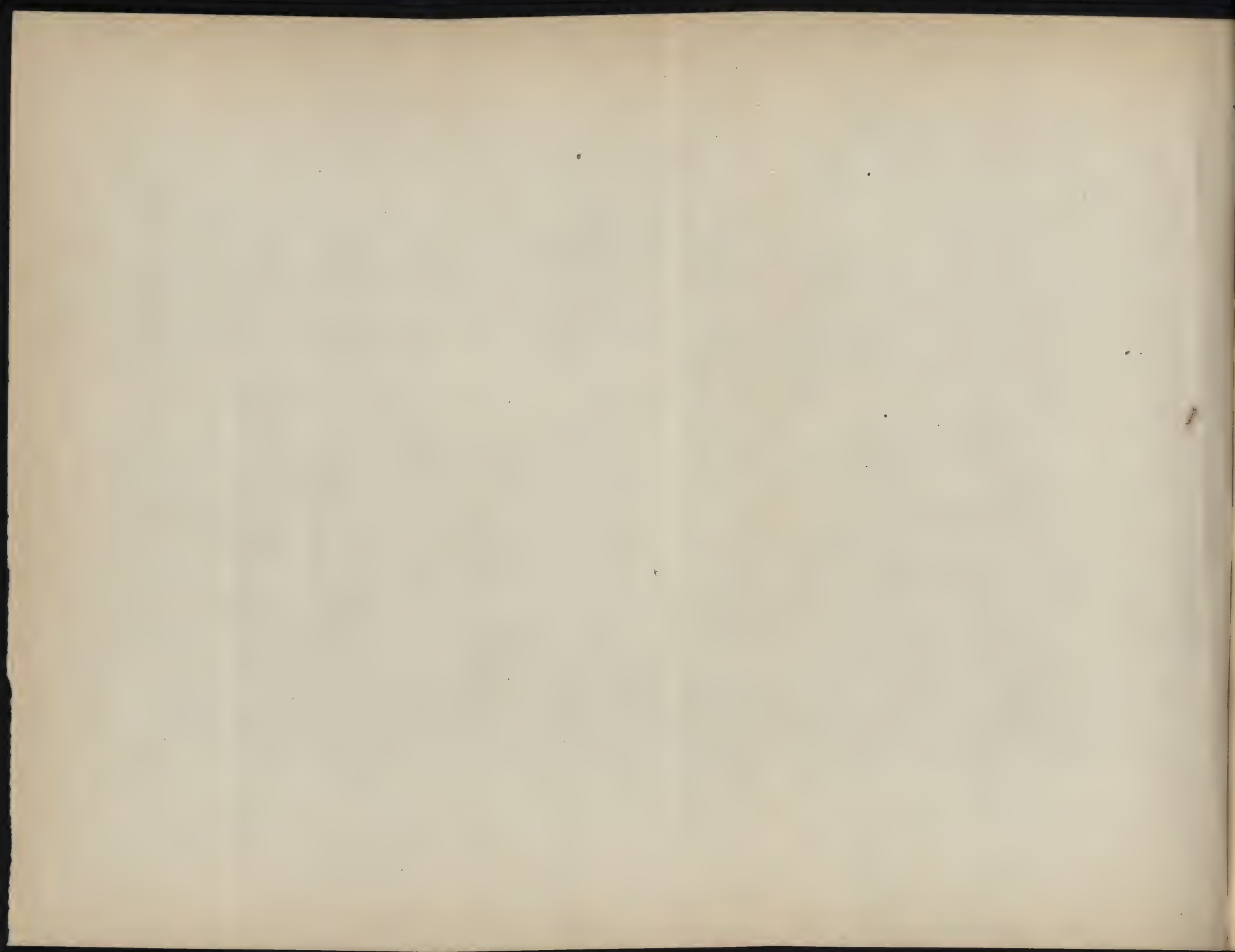
Apparato em que sahia o Patriarcha de Lisboa

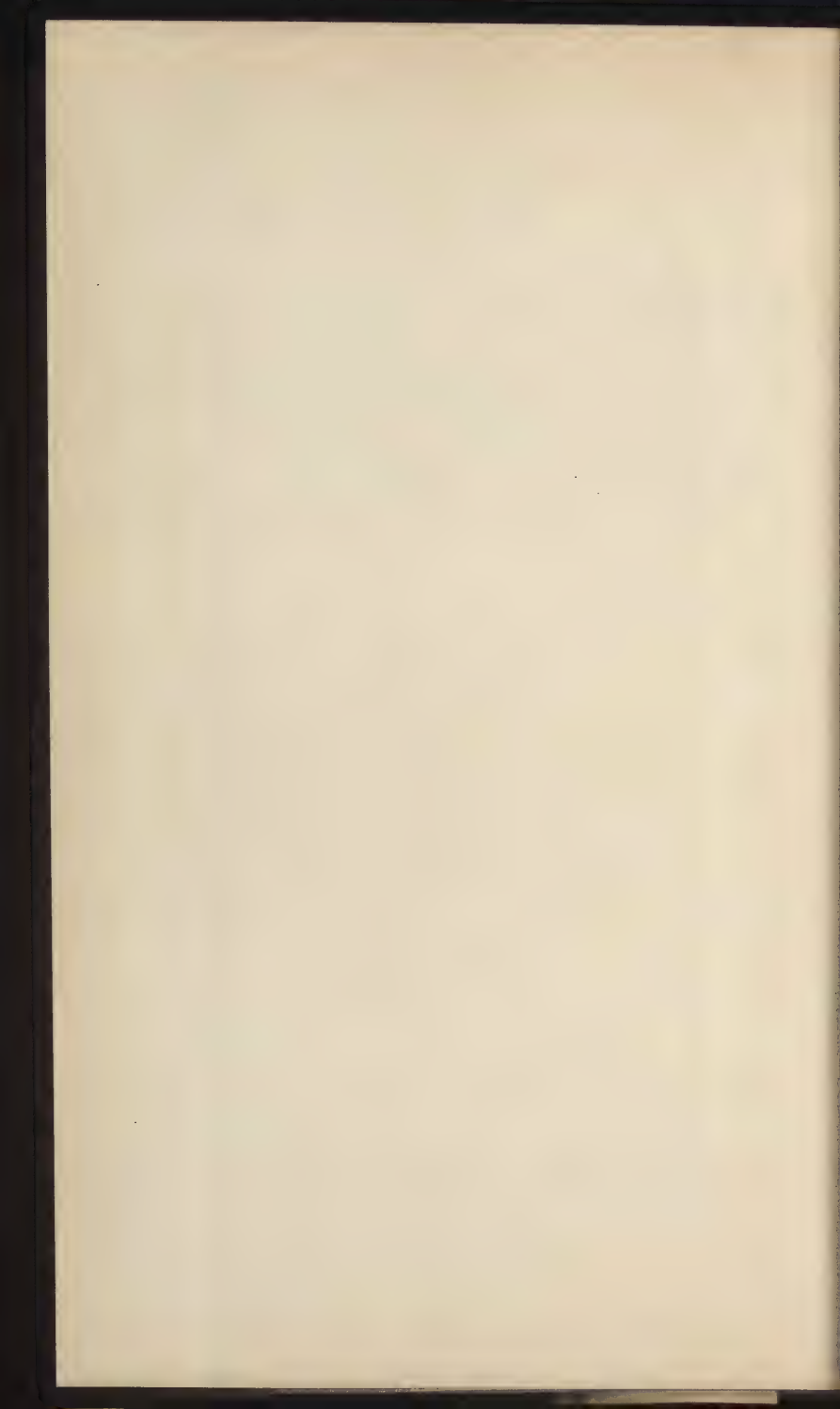
«Na segunda feira pela manhan (12 de Janeiro de 1728) teve audiencia publica de S. S. M. M. e da senhora Princeza das Asturias o senhor Patriarcha, havendo sido conduzido pelo Conde de Pombeiro, Capitão da Guarda Real, e por D. Lourenço de Almada, Mestre sala de S. S. M. M. Foi o senhor Patriarcha a esta funcção com a sua magnifica equipagem, que constava de uma liteira, e um coche, novos e magnificos, cobertos de velludo carmezi, guarnecido de galões de oiro, e quatro coches com os seus creados todos, a seis cavallos frisões ruços, e varios cavallos á dextra da mesma côr.»

Gazeta de Lisboa n.º 3, de 15 de Janeiro de 1728.

NOTA XIII. — Pag. 304.

NOTA. — A essa illustre familia dos Rebellos Palhares pertencia D. Marianna Rebello Palhares; casou com Antonio Xavier de Mello Carneiro Zagallo. Essa senhora foi filha herdeira de José Rebello Palhares, senhor do vinculo de que era solar este palacio. A familia Zagallo vendeu-o ultimamente (1900?), e o actual proprietario transformou a feição antiga do edificio. As Armas de Rebello, que adornavam o grande portão da loja de entrada, foram mandadas para o museu do Carmo.

Haverá uns quarenta annos ahi esteve o afamado collegio inglez de Mrs. Mac-Auliffe, e, além de muitos outros moradores, acha-se desde annos a redacção e typographia do *Diario Illustrado*.

Nota XIV

Na 1.ª edição d'este livro acompanhava cada exemplar uma gravura em madeira representando uma vista *geral de Lisboa*. Já me parece escrevi algures que não perfilhava os letreiros que se lêem na parte inferior da dita vista. O meu editor de então, o bom Antonio Maria Pereira (pae) obteve-a por emprestimo de outro editor, e sem me consultar mandou-a estampar; quando lhe fiz notar os enganos e anachronismos das rubricas, já não era tempo de os alterar. Resignei-me, e protesto agora.

RESENHA

DAS

ILLUSTRAÇÕES D'ESTE VOLUME

Pag. 6 — **Retrato do Duque de Avila e de Bolama** — É reproducçã photographica da lithographia annexa á collecção de versos do f lecido Conselheiro Guilhermino de Barros, *Cantos do fim seculo*. Admiravel como semelhança.

Pag. 17 — **Cabeça de pagina** — Prospecto de uma parte de Lisboa, comprehendendo desde Santa Catherina até ás Chagas; vista tirada do alto da rua do Quelhas em 20 de Dezembro de 1859 por J. de C. Ainda se vê perfeitamente á esquerda a arruinada egreja de Santa Catherina com a sua torre oriental, de cupula redonda. Segue o palacio grande, hoje pertencente aos herdeiros do Conselheiro Gomes Lages. Junto á egreja das Chagas vê-se o palacete que foi do talentoso 1.º Conde do Casal Ribeiro. O emmolduramento é composto de motivos tirados do titulo da celebre gravura de Lisboa por Schorquens sobre desenho de Domingos Vieira Serrão, no livro de Lavanha (1622).

Pag. 108 — **Fragmento do Bairro alto** — A 1.ª estampa é tirada da mais antiga planta que se conhece de Lisboa, pelo architecto João Nunes Tinoco (1650). A 2.ª é da planta levantada em 1807. O exame comparado de ambas mostra que poucas alterações tem tido o Bairro.

Pag. 111 — **Retrato em sombra (silhouette) de Innocencio Francisco da Silva** — Foi tirado em 9 de Janeiro de 1866 por J. de C. uma vez em que o insigne bibliographo visitava Castilho na casa da rua Nova de S. Francisco de Paula.

Pag. 113 — **Quinhentista em trajo de passeio** — Copia aproximada do antigo figurino de uma collecção iconographica franceza, por J. de C.

Pag. 115 — **Senhora quinhentista** — Idem.

Pag. 127 — **Paço dos Estáos, no Rocio** — Na vista-planta do *Theatrum Urbium* de Braunio vê-se perfeitamente o Rocio a vôo de passaro. O paço, ampliado a tinta da China por J. de C., é reproduzido aqui.

Pag. 128 — **Paço dos Estáos** — Reproducção a aguarella por J. de C. de uma gravura da interessante obra de Alvarez de Colmenar *Annales d'Epagne et de Portugal.*

Pag. 158 — **Frontispicio da Miscellanea** — Reproducção em photogravura, tamanho reduzido, do frontispicio, gravado em cobre, da interessantissima obra de Miguel Leitão de Andrada. No alto vê-se o brasão das Armas de *Andrade* e *Leitão* esquarteladas e sem brica alguma. Aos dois lados os retratos de dois heroes religiosos, parentes do auctor do livro: Frei Nicolau Leitão (linha materna), e Frei Diogo de Andrada (linha paterna), martyrisados, o 1.º em 1592, o 2.º em 1570.

Pag. 178 — **El-Rei D. Sebastião** — Reproducção reduzida de um retrato do Soberano a lapis sanguinho por J. de C. em 20 de Março de 1901.

Pag. 184 — **Miguel Leitão de Andrada** — Reproducção, reduzida, do seu retrato; no trajo de Cavalleiro de Christo, com manto branco, offerece o seu livro á Virgem. Desenho muito caracteristico, precioso por nos mostrar os vigorosos 74 annos do Andrada, e o vestuario de um nobre quinhentista; devoto e arrogante; altivo e humilde ao mesmo tempo.

Pag. 203 — **Francisco de Andrada Leitão** — Gravura por Pontius, apreciadissimo artista.

Pag. 225 — **Ruina da torre de S. Roque** — Reproducção da gravura por Le-Bas.

Pag. 228 — **Postigo de S. Roque** — no alto da calçada d'esse nome, hoje chamada *do Duque*. E' visto da banda da calçada, isto é, *intra-muros*, entre duas torres da fortificação. Reproducção de uma aguarella, copia ampliada por J. de C. de um trecho da vista de Lisboa por Braunio.

Pag. 257 — **Companhia lisbonense de Carruagens** — Frontaria do pateo na esquina da calçada do Duque. Reproducção de gravura em madeira.

Pag. 261 — **Antonio da Silva Tullio** — Sombra tirada por J. de C. em sua casa na travessa do convento das Bernardas em Lisboa, na noite de 15 de Novembro de 1875. Quem conheceu o bom Tullio encontra ali a sua physionomia aberta e franca.

Pag. 264 — **Largosinho a meio da calçada do Duque** — Fica no topo da rua da Condessa. Ao fundo via-se a muralha velha de Lisboa, que hoje está mascarada por edificios da Escola Academica O pateo accrescentou-se pela demolição de um predio que ahi havia, e onde Castilho morou annos. Reproducção de uma aguarella a côres feita por J. de C. em 3 de Maio de 1863.

Pag. 270 — **Egreja antiga de S. Roque** — Reproducção de uma aguarella por J. de C. copia ampliada da vista de Braunio.

Pag. 272 — **Egreja actual de S. Roque** — Ao meio da praça vê-se o monumento commemorativo do casamento d'el-Rei D. Luiz com a senhora D. Maria Pia de Saboya. Reproducção de photographia.

Pag. 276 — **Egreja de S. Roque no seculo XVIII** — Copia a aguarella por J. de C. de um fragmento da estampa de Lemprière. A mesma egreja (parte superior) na actualidade.

Pag. 279 — **Capella de S. João Baptista, em S. Roque** — Reproducção de gravura.

Pag. 288 — **O Padre Antonio Vieira** — Reproducção algum tanto reduzida de uma bella gravura de G. F. I. Debrie em 1705.

Pag. 329 — **Convento da Trindade** — Reproducção ampliada de um fragmento da vista de Braunio, copiado por J. de C. a aguarella. Imagino que a orientação do eixo maior do templo ahi representado é leste-oeste; por consequencia os dormitorios, ou outras dependencias, que ahi vemos seguirem até á torrinha da esquina, tomam pouco mais ou menos a linha do quarteirão que hoje faz esquina para a rua larga de S. Roque. A rua Nova da Trindade segue entre esse annexo e a frente do templo.

Pag. 341 — **O senhor D. Antonio Prior do Crato** — Copia por J. de C. a tinta da China de uma antiga gravura hollandeza.

Pag. 346 — **Da Trindade ao Loreto** — Planta de varias ruas. Aguarella por J. de C.

Pag. 349 — **Santa Barbara** — Imagem do convento da Trindade. Gravura de Debrie.

Pag. 350 — **Altar do Santo Christo** — no convento da Trindade. Gravura de Carpinetti.

Pag. 365 — **Convento da Trindade** — Reproducção a aguarella por J. de C. de um fragmento da gravura de Serrão no livro de Lavanha (seculo XVII).

Pag. 366 — **Convento da Trindade** — Reproducção a aguarella por J. de C. de um fragmento da gravura chamada de 1650.

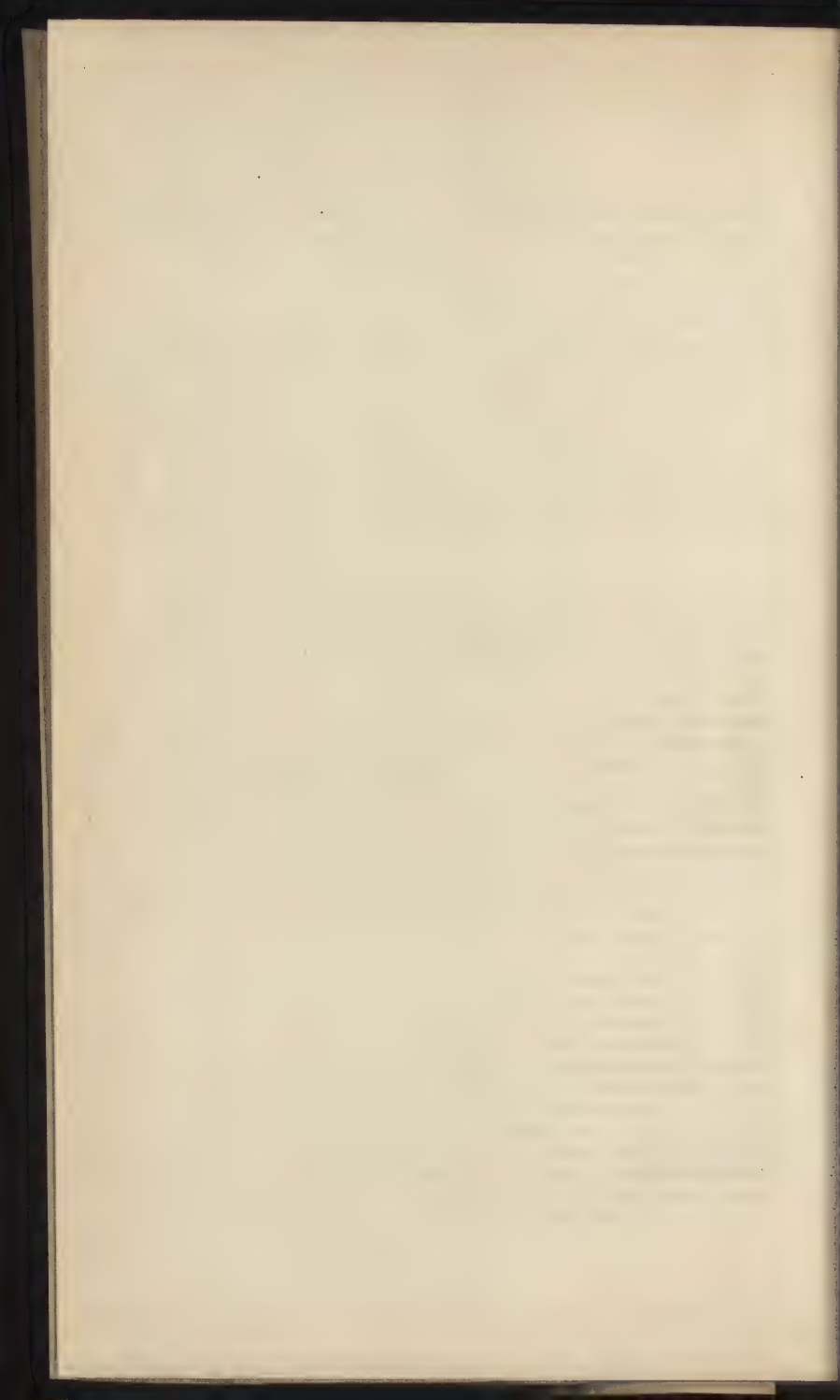
Pag. 367 — **Conventos da Trindade e do Carmo** — Reproducção a aguarella por J. de C. de um fragmento da estampa ingleza de Lemprière (seculo XVIII).

Pag. 374 — **Convento do Carmo** — Interior da egreja antes da sua occupação pelo Museu. Era um triste recinto, de chão terreo, porque as antigas lapides desappareceram! Reproducção de gravura em madeira.

Pag. 376 — **Convento do Carmo** — Reproducção da estampa de Braunio.

Pag. 377 — **Convento do Carmo** — Idem.

Pag. 377 — **Convento do Carmo** — segundo a notavel estampa do livro de Lavanha. Sobre uma empena avista-se um enorme Anjo de ferro, a que o povo chamava o *Anjo do Carmo*, e a que allude burlescamente o *Anatomico* (T. II. pag. 242).

Pag. 379 — **Chafariz do Carmo** — Reproducção de uma lithographia. Ao fundo vê-se a frontaria da arruinada egreja; á direita uma esquina do palacio do Conde de Valladares.

INDICE

D'ESTE VOLUME I

A

Abegoaria — Largo da — Chamou-se largo da Trindade. 327
Abranches — D. Alvaro de — Bispo de Leiria. Jaz em S. Roque.......... 283
Abreu — D. Catherina de — Parenta do P. M. Ignacio... 55
Academia de Alveitaria. Fundada em 1723............ 322
Academia dos Generosos. Começa em 1647..... 212
—— Renovada em 1717.......................... 316
Acenheiro — Vide *Rodrigues Acenheiro (Christovão).*
Adro de S. Roque. Tinha por baixo um carneiro. 273
—— Triste caso ahi acontecido....................... 273
—— Projecto do novo em 1863..................... 275
Adros demolidos pelas Camaras..................... 273
Advertencia d'esta edição......................... 13
Affonso II — El-Rei D. — Começa o convento da Trindade. 328
Affonso IV — El-Rei D. — Dôa uma capella ao Almirante Peçanha.................................... 332
Affonso V — El-Rei D. — Doação ao mosteiro da Trindade. 342
Affonso — José — Creado da Casa de S. Vicente........ 89
Agiologio Lusitano — Fala na Misericordia............ 375
Agonisantes — Vide *Senhora (Nossa) dos Agonisantes.*

Aguiar — Vide *Teixeira de Aguiar (Nicolau).*
Aguiar Vianna — Onde tinha a sua typographia........ 304
Alarcão — D. João de — Representante de Gaspar da Fonseca e Andrade.................................. 28
Alardo — Vide *Barba Corrêa Alardo (Gonçalo).*
Alba — Vide *Duque de Alba.*
Albuquerque — Vide *Silveira e Albuquerque (D. José Joaquim da).*
Albuquerque — D. Francisca de — mulher de Manuel da Cunha....................................... 307
Alcacer-Kibir — Vide *Batalha de Alcacer-Kibir.*
Alcaçova Carneiro — Pero da — Casas suas á Trindade. 344
Alcalá-Galiano — D. Antonio — Ministro de Hespanha. Habitou o palacio de Caldas...................... 266
Alcantara — Vide *Batalha de Alcantara.*
Almeida — Vide *Baroneza de Almeida — Fernandes de Almeida (Manuel) — Silva de Almeida (Luiz).*
Almeida — D. Anna de — Filha de João G. de Moura ... 29
Almeida — Frei Antonio de — Sua morte em 1755...... 363
Almeida — Gaspar de — Marido de Violante Leitôa..... 176
—— Cunhado de Miguel.................................. 183
Almeida — José de — Auctor de um S.to Christo na Trindade.. 354
Almeida — D. Thomaz de — 1.º Patriarcha de Lisboa. Habita no palacio de S. Roque...................... 237
—— Maneira brilhante por que sahia em grande estado. 238
—— Seu epitaphio...................................... 282
Almeida de Carvalhaes — Antonio de — Governador do Castello da Foz em 1727.......................... 301
Almeida Castel-Branco — Vide *Braamcamp de Almeida Castel-Branco (José Francisco).*
Almeida Garrett — Vide *Visconde de Almeida Garrett.*
Almenáras — Usaram-n-as os Castelhanos cercadores de Lisboa.. 80
Altero — Vide *Martins de Altero (Vasco).*
Altero de Andrada — João de — Quem era; onde ficava a casa cabeça da sua quinta....................... 21
—— Ignora-se-lhe a ascendencia......................... 21

Altero de Andrade — João de — Casou com sua parenta Helena de Andrada 21
Altero — Luiz de — Capitão. Filho de Nicolau de Altero de Andrada........................ 29
Altero — Nicolau de — Filho de João de Altero e de Helena de Andrada........................ 22
—— Seus titulos nobiliarios........................28, 29
—— Casou com Martha de Andrada........................ 29
Alteros — Seu palacio. Onde era, e por quê........................ 306
Altos de S. Roque. Ribanceiras ao nascente, ainda em 1835........................ 259
Alva — Casa de — Possuia um predio á Trindade...... 356
Alva — Vide *Conde de Alva.*
Alvares de Andrada — Brites — Mulher de Fernão Pinheiro........................ 36
Alvares de Andrada — Fernão — Filho de Gonçalo Rodrigues?........................ 33
—— Quem era; seus cargos........................ 213
—— Pae de D. Violante de Andrada 213
—— Pae de Alvaro Peres de Andrada 214
—— Sua opulenta residencia á Annunciada 214
—— Institue um morgado........................ 308
Alvares de Andrada — Luiz — Manda matar sua mulher 194
Alvares de Andrada — Pedro — Capitão de Infanteria.. 93
Alvares da Cunha — D. Antonio — Em 1647 dá principio no seu palacio das Chagas á Academia dos Generosos. 212
Alvares da Cunha — D. Manuel — Seu epitaphio em Santa Catherina........................ 211
Alvaro Paes — Vide *Torre de Alvaro Paes.*
Alvaro Paes — Rua de — á Trindade 333
Alveitaria — Vide *Academia de Alveitaria.*
Alves Martins — Manuel 367
Amaral Pinel — Vide *Xavier de Amaral Pinel (Victorino Victoriano).*
Amelia — Imperatriz D. — Vide *Duqueza de Bragança (D. Amelia).*
Ameno — Francisco Luiz — Onde tinha a sua typographia........................ 303

Amparo — Vide *Ermida do Amparo.*
Anatomico Jocoso — Citam-se d'essa obra palavras sobre o Bairro alto 106
—— Outras citações — passim.
Andrada — Vide *Alvares de Andrada — Costa de Andrada (Antonio da) — Freire de Andrada — Leitão de Andrada (Francisco) — Leitão de Andrada (Miguel) — Paes de Andrada (Ruy) — Peres de Andrada (Alvaro).*
Andrada — Antonia de — Irman de Miguel 175
—— Mulher de Manuel Fernandes de Almeida 198
—— Herda o vinculo de seu irmão Miguel 198
Andrada — Bartholomeu de — Filho de Gil Thomé Paes e de Isabel de Andrada 23
—— Afora um chão aos Trinos .... 2[illegible]
—— Desposa sua prima Helena de Andrada, viuva 23
—— Teve filha unica Isabel de Andrada 28
Andrada — Bartholomeu de — Em 1513 afora um terreno aos Trinos 207
—— Sua descendencia 205
—— Foi Cavalleiro-fidalgo. Onde militou. Já fallecido em 1521 26
Andrada — Belchior de — Administrador de varias capellas, e Cavalleiro-fidalgo. Quando nasceu, casou e morreu 169
—— Morre em 1568 166
Andrada — Brites de — Filha de João de Altero e de Brites de Andrada. Mulher de Bastião da Costa. Seu fallecimento; seu jazigo. Um filho 22
Andrada — Brites de — Mulher de Miguel Leitão de Andrada. Falleceu em 1622 203
—— Filha de Nicolau de Altero de Andrada. Mulher de Balthazar de Seixas, e depois de Miguel Leitão de Andrada, seu primo 29
Andrada — Catherina de — Sobrinha de Miguel 175
Andrada — Diogo de — Filho de Ruy Paes e de Leonor Vaz de Novaes 27
—— Teve Brasão em 1522 27

Andrada — Frei Gaspar de — Irmão de Miguel 174
Andrada — Helena de — Freira. (Filha de Nicolau de Altero de Andrada.............................. 29
Andrada — Helena de — Filha de Ruy Paes de Andrada. Mulher de João de Altero de Andrada............. 21
—— Desposa Bartholomeu de Andrada..............23, 28
Andrada — Isabel de — Filha unica de Bartholomeu de Andrada e de Helena 28
—— Mulher de Vasco de Pina 205
—— Passa a 2.as nupcias com D. Martinho Vaz da Cunha 210
Andrada — Isabel de — Não descendia dos Condes de Villalba. Irman de Ruy Paes. Filha de Rodrigo Affonso de Andrada 27
Andrada — Frei João de — Irmão de Miguel........... 174
—— Vai em 1568 para Salamanca..................... 177
—— Volta a doutorar-se em Coimbra................ 177
Andrada — Maria de — Irman de Miguel. Mulher de Jacome da Costa................................. 175
Andrada — Martha de — Chama-lhe um Margarida Ribeiro de Vasconcellos. Filha de Pero de Andrada e Catherina Coelho. Mulher de Nicolau de Altero de Andrada 29
—— Filha de Francisco Lopes de Andrada, ou Mendes de Andrada 29
—— Mãe de Brites.................................. 145
Andrada — Marqueza de — Irman de Miguel........... 175
—— Caso sobrenatural na sua morte em Portalegre... 176
Andrada — Nuno de — Filho de Gil Thomé Paes e de Isabel de Andrada................................ 25
Andrada — Pero de — Irmão primogenito de Miguel.... 173
Andrada — Pero de — Encontra seu irmão Miguel na volta de Africa.. 183
Andrada — Rodrigo Affonso de — Tinha solar em Montemór 27
Andrada — D. Violante — Condessa de Linhares pelo seu casamento 213
Andrada de Altero — Antonio de — Filho de Nicolau de Altero de Andrada; marido de D. Anna de Almeida. 29

Andrada de Altero — Francisco de — Filho de João de Altero e de Helena de Andrada.................. 22
Andrada e Andrade — São o mesmo appellido......... 20
Andrada Leitão — Francisco de — Um dos testamenteiros de Miguel Leitão de Andrada 203
Andrada e Villalba — Vide *Conde de Villalba e Andrada.*
Andradas da Annunciada.......................... 33
Andradas. As suas propriedades passam para os Cunhas. 211
Andradas. Familia nobre da Galliza 20
Andradas de Camarido e Bobadella................30, 31
Andrade — Vide *Alvares de Andrade (Luiz) — Alvares de Andrade (Pedro) — Caldeira de Andrade (D. Antonia Isabel).*
Andrade — Vide *Fonseca e Andrade (Gaspar de) — Gonçalves de Andrade (Manuel) — Marques de Andrade (Francisco) — Mendes de Andrade (Maria) — Nunes de Andrade (Mecia) — Robalo de Andrade (Manuel) Rodrigues de Andrade (Vicente) — Silveira e Andrade (Joaquim da).*
Andrade — Catherina de — Mulher de Antonio Pires Pinheiro 36
Andrade — Christovão de — Cavalleiro; testemunha n'um processo.. 36
Andrade — Francisco de — Marido de Maria de Oliveira e Mello — 41
Andrade — Isabel de — Filha de Vicente Rodrigues de Andrade, e mulher de Alvaro Mendes de Cast.º B.co. 34
Isabel de — Mulher de Thomé Furtado de Mendonça.. 37
Andrade — Jeronyma de — Mulher de Pero de Andrade Telles 37
Andrade — Jeronyma de — Mulher de Antonio do Olival de Carvalho................................. 41
—— Mãe de Maria Telles............................ 46
Andrade — João de — Marido de Maria de Andrade.... 39
—— Filho de Pero de Andrade do Couto............. 41
Andrade — Leonor de — Filha de Fernão de Andrade Calvo.. 41
—— Mulher de Manuel Gonçalves de Andrade......... 43

Andrade — Lourenço de — Irmão de Miguel........... 174
Andrade — Manuel de — (dos de Monsanto) Marido de Antonio Caldeira Pestana.......................... 43
Cavall.º fid.º; testemunha n'um processo........... 36
Andrade — Maria de — Mulher de João de Andrade, 39, 41
Andrade — Paula de — Mulher de Manuel Robalo de Andrade.. 37
Andrade — Pero de..................................... 34
—— Alcaide-mór de Monsanto, irmão de Guiomar Lourenço.. 45
Andrade — Ruy de — Irmão de Sebastião de Andrade de Castello Branco 35
Andrade Barba — Vide *Giraldes de Andrade Barba (Fernando Affonso).*
Andrade Caldeira Canellas — Isabel de — Mulher do Capitão Manuel Ribeiro 43
Andrade Calvo — Fernão de — Menção do seu Brasão.. 40
—— Marido de Mecia Nunes, e pae de Maria de Andrade.. 39
—— Sua descendencia 41
Andrade Calvo — Vasco de — Marido de Maria do Olival Telles.. 41
Andrade de Castello-branco — Ruy de — Marido de Catherina Ferreira 34
Andrade Corvo — João de — Ultimo administrador do vinculo da Torre da Sanha 25
Andrade Corvo de Camões e Neto — Francisco Maria de — Fidalgo da Casa Real........................ 92
Andrade do Couto — D. Brites Maria de — Mulher do Desembargador Francisco Affonso Giraldes........ 39
Andrade do Couto — Pedro de — Marido de Francisca Saraiva.. 38
Andrade de Mendonça — Isabel de — Mulher de Silvestre de Andrade de Moraes...................... 37
Andrade de Mendonça — Paula de — Mulher de Martinho de Mendonça de Pina.......................... 37
Andrade de Moraes — Silvestre de — Marido de Isabel de Andrade de Mendonça 37

Andrade Telles — Vide *Monteiro do Olival de Andrade Telles (Luiz José).*
Andrade Telles — Pedro de — Marido de Beatriz do Couto 46
—— Marido de Jeronymo de Andrade, pae de Maria Telles 46
—— Descendentes seus 38
—— Neto de outro 37
—— Sua descendencia desde o seculo XVI 37
Andrades — Ha muitos sepultados na egreja do Salvador da villa de Monsanto 42
Andrades destroncados 46
Andrades portuguezes. Possuiram todo o terreno do Bairro alto 20
Andrades Caldeiras, de Monsanto 42
Andrades Calvos, de Monsanto 40
Andrades, da Idanha, Marquezes da Graciosa 38
Andrades, de Monsanto 36, 43
Andrades Telles, de Monsanto 37
Andrades, de S. Vicente da Beira, Aldeia de Joannes, e Portalegre 33
Andrades, de S. Vicente da Beira 45
Angeja — Vide *Marqueza de Angeja.*
Anna — Vide *Sant'Anna.*
Annes — Maria — Mãe de Ignez Pires 335
—— Mulher de Pero Esteves 335
Annes — Frei Martim — Frade Trino 332
Annunciada — Era ahi a magnifica residencia de Fernão Alvares de Andrada 214
Annunciada — Palacio da — Ahi tornam em 1717 a habitar os Condes da Ericeira 316
Antonio — Prior do Crato — O Senhor Dom — Suas frustradas pretenções á Corôa 185
—— Sua ultima poisada em Lisboa 186
—— Sua ultima poisada em Ponte do Lima 187
—— Seu rapido retrato moral 340
—— Seu retrato physico 341
—— Desembarca em Peniche em 1589 339
—— E' rechaçado 340

Antunes — Thomaz Quintino — Onde teve a sua typographia ... 304
Aragão — Familia alliada dos Andrades de Monsanto... 40
Aragão — D. Francisca de — Condessa de Maialde. E' feita Condessa de Ficalho ... 293
Araujo Botelho — D. Josepha de — Mulher de Manuel de Moraes Telles do Olival ... 38
Arcebispo de Lacedemonia — Insta com elle a Camara para a remoção das Imagens do Passo de S. Roque. 246
Architectos e Archeologos — A sua Associação domiciliada no Carmo ... 378
Arco de D. Manuel — Travessa do — Desapparecida.... 326
Arcos do Hospital do Rocio — Eram 35 ... 129
Argote — Vide *Contador de Argote (Jeronymo).*
Arriaga — Musico quinhentista ... 146
Arronches — Vide *Marquez de Arronches.*
Ascensor de Santa Justa ... 327
—— Desemboca no Carmo ... 378
Asseca — Vide *Visconde da Asseca.*
Assis Rodrigues — Francisco de — A proposito de azulejos cita-se o seu Diccionario ... 120
Asyle Saint-Louis, no palacio do Cunhal das bolas..... 314
Asylo da rua dos Calafates — Inscripções antigas lá conservadas ... 303
Ataide — Vide *Fernandes de Ataíde (Nuno).*
Ataíde — D. João Diogo de — Vide *Conde de Alva.*
Ataide — D. Leonor de — Mulher de Francisco Manuel Bernardo de Mello e Castro ... 314
Atalaia — Vide *Condes da Atalaia.*
Atalaia — Rua da — Conjectura historica sobre essa denominação ... 72
Atouguia — D. Ignez de — Seria filha de Francisco de Figueiredo Ribeiro? ... 194
—— 1.ª mulher de Miguel Leitão de Andrada 156, 189
Aulete — Vide *Caldas Aulete (Francisco José).*
Aveiro — Vide *Duque de Aveiro.*
Avellar Rebello — Tem pinturas em S. Roque. 269
Avila — Vide *Duque d'Avila.*

Ayamonte — Vide *Marquez de Ayamonte.*
Azevedo — Vide *Ferreira de Azevedo (Luiz).*
Azevedo Fortes — Manuel de — Academico em 1717.... 317
Azorechos — Vide *Azulejos.*
Azulejos — Considerações historicas...............117 e seg.
—— Bellissimos em S. Roque........................ 269
—— Optimos no hospital de S. José, no paço patriarchal de S. Vicente, na antiga parochia da Ajuda, em S.to André, etc................................ 119

B

Badajoz — musico quinhentista........................ 146
Baêna — Vide *Visconde de Sanches de Baêna.*
Bairro do Almirante — Conservou-se muito tempo esta denominação..............................370 (nota 3)
Bairro alto — São modernos os seus fastos genealogicos. 17
—— Começa a construir-se na quinta dos Alteros..... 60
Banha — Vide *Fernandes Banha (Gonçalo).*
Baptista — Verissimo José — Menção de uma loja sua.. 187
Barba — Vide *Giraldes de Andrade Barba (Fernando Affonso).*
Barba Corrêa Alardo — Gonçalo — Marido de D. Anna Joaquina de Carvalho e Meneses, paes de D. Ignez de Vera Barba de Meneses............................ 39
Barba de Meneses — Vide *Vera Barba de Meneses (D. Ignez de).*
Barbara — Santa — Imagem antiga na Trindade....... 349
Barbosa — Vide *Vilhena Barbosa (Ignacio de).*
Barbosa — D. José — Academico em 1717.............. 317
Barbosa du Bocage — Manuel Maria — Indevidamente se lhe attribue certo pasquim........................ 87
Barbosa Machado — Diogo — Menciona o Desembargador Francisco de Andrada Leitão........................ 198
—— Dá Miguel Leitão nascido em 1555................ 166
Baroneza de Almeida, D. Constança de Meneses Jacques de Magalhães. As suas salas........................ 323
Barros — João de — Fala na peste de 1506............. 48

Basto — Vide *Ferreira Basto (Joaquim).*
Batalha de Alcacer-Kibir—Descripção d'ella por Miguel Leitão de Andrada........................179 e seg.
Batalha de Alcantara........................ 186
Bellas — Vide *Marquez de Bellas.*
Bernardes — Padre Manuel — Palavras suas sobre a Misericordia........................ 374
Bernini — Auctor de uma estatua no jardim do Conde da Ericeira, hoje em Bellas........................ 216
Bertiandos — Vide *Conde de Bertiandos.*
Bibliotheca — Vide *Livraria.*
Bispo do Gran-Pará—D. Frei João de S. José—Menção das suas Memorias........................ 84
Bispo de Lisboa—D. Martinho. E' deixado no Rocio o seu cadaver........................ 130
Bluteau — D. Raphael — Não assiste ás conferencias da Annunciada em 1665. Porquê........................ 217
—— Frequentador das *Conferencias discretas*.......... 315
—— Discursa sobre lingua portugueza........................ 315
—— Academico em 1717........................ 317
Bocage — Vide *Barbosa du Bocage.*
Bolas — Vide *Cunhal das bolas.*
Bolas — Rua das — Antiga rua do Bairro alto.......... 312
Borralho — Vide *Esteves Borralho (João).*
Borralho — Vide *Esteveannes*........................ 34
Botelho — Vide *Araujo Botelho (D. Josepha de).*
Botelho — Lourenço — Academico em 1717.......... 317
Braamcamp de Almeida Castel Branco — José Francisco — Manda lithographar a planta grande de Lisboa... 108
Braamcamp Freire — Anselmo — Informações numerosas que dá ao auctor........................21, 25, 26, 28, 29
—— O que diz sobre o casamento de Miguel Leitão de Andr.ª........................ 203
—— Possue o Nobiliario de Xisto Tavares.......... 355
—— Citam-se os seus *Livros dos Brasões da sala de Cintra*........................ 28
—— Esclarecimentos sobre o Condado de Ficalho (antigo)........................ 293

Braamcamp Freire — Anselmo — Do cartorio da Camara extrai noticias sobre umas casas á Trindade 343
Bragança — Vide *Duque de Bragança D. Jayme — Duqueza de Bragança D. Amelia.*
Braunio — Jorge — Cita-se o seu *Theatrum Urbium*.... 63
Bravo — D.or Manuel Jacome — Guarda-mór da Torre do Tombo.. 304
—— Marido de D. Paula da Silveira.................... 304
Brederode — Vide *Teixeira Homem de Brederode (Fernando).*
Brigadeiro — Travessa do — Hoje do Poço 70
Brito — Vide *Canellas de Brito (Maria) — Homem de Brito (Vasco) — Peixoto de Brito (Antonio).*
Brito da Costa — Paulo de — General na guerra da Acclamação, descendente dos Andrades de S. Vic.te da Beira.. 46
Brito Encerrabodes — Antonio de — Marido de D. Theresa Juzarte Moniz............................... 35
Brito Fialho — Francisco de — Marido de Isabel Ferreira Encerrabodes.................................... 34
Brito Freire — Gaspar de — Arremata em praça o palacio dos Vidigueiras em 1634........................ 234
—— Vende o palacio aos antigos donos............... 234
Brito Homem — Francisco de — Marido de Maria Telles. 46
Brito Rebello — Lê *Gibetaria* em vez de *Gibraltar*..... 67

C

Cabral — Ignacio José — Alferes de Cavallaria......... 92
Cabral — Frei José — Trinitario. Sua morte em 1755.. 364
Cachoeiras — Vide *Morgado das Cachoeiras.*
Caes dos soldados — Ahi foi a residencia dos Condes de S. Vicente 84
Caiollas, de Campo Maior. Familia nobre, mencionada de passagem 43
Calafates — Rua dos — Seria arruamento dos mestres d'esse officio?.. 100
—— Era ahi o Collegio Real dos Cathecumenos....... 298

Calçada do Duque — Varios nomes que teve........ .. 18
Caldas Aulete — Francisco José — Sogro de Silva Tullio 229
—— Contador da Relação. Executa melhoramentos na encosta de S. Roque............................ 261
—— Inscripção que põe no muro restaurado em 1840.. 262
—— Descripção de seu palacio da calçada do Duque... 265
Caldeira — Catherina — Mulher de Pedro Vaz Pestana. 42
Caldeira — Francisco José — Filho natural de Pedro Vaz Caldeira de Sequeira.......................... 42
Caldeira — Leonor — Mulher de Francisco Caldeira Pestana... 42
Caldeira — Manuel — Juiz ordinario em Gáfete, e Familiar.. 43
Caldeira — Maria — Mulher de Diogo Fernandes Canellas. 43
Caldeira — Rodrigo — Marido de Maria de Sequeira.... 42
Caldeira de Andrade — D. Antonia Isabel — Mulher de D. Francisco Grande y Metello................... 43
Caldeira Canellas — Manuel — Marido de Theresa Mendes.. 43
Caldeira Pestana — Antonia — Mulher de Manuel de Andrade.. 43
Caldeira Pestana — Francisco — Sua ascendencia e descendencia....................................... 42
—— Marido de Leonor Caldeira........................ 42
Caldeira de Sequeira — Vide *Vaz Caldeira de Sequeira (Pedro).*
Caldeiras, da Aldeia da Matta, gente nobre........... 43
Caldeiras, de Portalegre. Foi chefe d'esta familia (seculo XVIII) Pedro Celestino de Castello branco...... 43
Calvo — Vide *Andrade Calvo (Fernão de) — Dias Calvo (Francisco).*
Calvo — Antonio — Marido de Leonor de Andrade. Sua descendencia 41
Camara — Vide *Gonçalves da Camara (Luiz).*
Camara — Vide *Rodrigues da Camara.*
Camara Manuel — Vide *Pinheiro da Camara Manuel (Gaspar).*

Camara Municipal — Manda em 1835 intimar demolição de parte do Palacio Niza 245
—— Deveria conservar planos e desenhos do que tem de demolir 271
—— Derruba a torre de Alvaro Paes 262
—— Projecta em 1836 um mercado de flores em S. Roque 258
Camarido — Vide *Condessa de Camarido.*
Camões — Luiz de — Cita-se um soneto seu 200
—— O seu epitaphio em Sant'Anna 201
Camões e Neto — Vide *Andrade Corvo de Camões e Neto (Francisco Maria de).*
Campo grande — Arborisado em tempo da Senhora D. Maria I 126
Campolide — Etymologia que dá o auctor 73
—— Grande extensão dos sitios assim chamados antigamente 76
Canalles — Isabel — Mulher de Gaspar Pires 34
Canalles — Maria — Mulher de Antonio Peixoto de Brito 34
Canellas — Vide *Andrade Caldeira Canellas (Isabel de) — Dias Canellas (Pedro) — Fernandes Canellas (Diogo) — Martins Canellas (Braz).*
Canellas — Catherina — Mulher de Pedro Dias Canellas 34
Canellas — Isabel — Mulher de João Dias Canellas 34
Canellas de Brito — Maria — Mulher de Manuel Mendes Mexia 35
Capella de S. João, em S. Roque. Vista d'ella 279
Capmani y Montpalau — D. Antonio de — Auctor de um valioso livro sobre as ruas de Madrid 101
Captivos — Sua redempção pelos Trinitarios 331
Cardaes — Rua dos — 69
Cardaes de S. Roque junto á rua Formosa. Herdade que ahi possuiam os Andrades 143
Cardoso Giraldes — Vide *Nunes Cardoso Giraldes (Bartholomeu José).*
Carlota Joaquina — Rainha D. — Tinham sido seus os espelhos que para o seu palacio adquiriu Caldas ... 266
Carmo — Vide *Convento do Carmo.*

Carmo — Calçada do — Chamou-se calçadinha do Carmo.. 326
Carmo e Trindade — Os dois celebres conventos...... 373
Carneiro — Vide *Alcaçova Carneiro (Pero da) Morgado de Carneiro.*
Carpinetti — Gravador de certa estampa.............. 350
Carreira dos Cavallos — Impropriamente chrismada em rua de Gomes Freire.............................. 126
Carroagens — Vide *Companhia Lisbonense de carroagens.*
Carvalhaes —Vide *Almeida de Carvalhaes (Antonio de).*
Carvalho — Vide *Olival de Carvalho (Antonio do).*
Carvalho — Rua do — 70
Carvalho — Antonio Pedro de — Cita-se o seu precioso opusculo *Das origens da escravidão*............... 104
Carvalho — Ignacio de — Academico em 1717......... 317
Carvalho — Severo de — Proposta sua á Camara para regularisação do largo de S. Roque 256
Carvalho — Thomaz de — Ordena certas restaurações em S. Roque.................................... 280
Carvalho da Costa — Antonio — Cita-se muita vez n'esta obra a sua *Chorographia.*
Carvalho da Costa e Silva — Vide *Pereira de Carvalho da Costa e Silva (Joaquim).*
Carvalho e Meneses — D. Anna Joaquina de — Mulher de Gonçalo Barba Corrêa Alardo 39
Casa dos Alteros — Ficava defronte do relogio da torre de S. Roque 53
Casa professa dos Jesuitas. Hospedes illustres......... 273
Castel-branco — Vide *Braamcamp de Almeida Castelbranco (José Francisco).*
Castelhanos — O arraial dos seus exercitos cercadores de Lisboa...................................... 78
Castello-Branco — Vide *Andrade de Castello-Branco (Ruy de) — Mendes de Castello-Branco (Alvaro) — Vasconcellos de Castello-Branco (Bernardo de).*
Castello-Branco — Camillo — Annota e prefacía as Memorias do Bispo do Gran Pará...................... 84

Castello-Branco — Pedro Celestino de — Testemunha n'um casamento.................................... 43
Castello-Melhor — Vide *Conde de Castello-Melhor.*
Castellos-Brancos, de Portalegre. Foi chefe d'esta familia (seculo XVIII) Pedro Celestino de Castello-Branco 44
Castello Rodrigo — Vide *Marquez de Castello Rodrigo.*
Castilho — Alexandre Magno de — Capitão Tenente da da Armada. Morador a S. Pedro de Alcantara...... 310
Castilho — Antonio Feliciano de — Cursa de 1810 a 1815 no Geral do Cunhal das bolas.................... 320
—— Epigraphe d'esta obra tirada de um livro d'elle.... 5
—— Palavras suas sobre a Torre de Alvaro Paes....... 227
—— Artigo seu sobre o apparecimento de objectos varios em S. Roque.................................. 246
—— Artigo *Homenagem ao antigo e ao moderno*..... 259
—— Habita na calçada do Duque; predio hoje demolido 267
Castilho — O Doutor José Feliciano de — Habita na rua da Vinha.. 325
Castro — Vide *Mello e Castro (Francisco Manuel Bernardo de).*
Castro — Abbade — Cita-se.................................. 280
Castro — D. Isabel de — Filha de Alvaro Peres de Andrada, e mulher de D. Fernando de Menezes........ 214
Castro — Padre João Baptista de — *Mappa de Portugal,* citado passim.
Castro da Costa Mendonça e Sousa — Vide *Mello e Castro da Costa Mendonça e Sousa (D. Maria Rosa de).*
Cathecumenos — Vide *Collegio Real dos Cathecumenos.*
Catherina — Rainha D. — Seu retrato em S. Roque.... 280
Caudelarias — Legislação sobre ellas...............135 e seg.
Cavallos — Providencias sobre a sua propagação em Portugal..133 e seg.
Cego — Assim era designado certo organista do tempo de Garcia de Resende.................................. 146
Cemiterio feito em 1523 para as bandas do Paraizo.... 53
Chafariz do Carmo. Vista.................................... 379
Chafariz do Rocio, com a estatua de Neptuno......... 130

Chagas. Ahi perto possuia no seculo XVIII um palacio D. Pedro da Cunha 211
Chagas velhas — Travessa das — 70
Chaves. Vide *Ferreira Chaves (José)*.
Chiari — **Luigi** — Foi o architecto do palacio de Caldas na calçada do Duque 266
Christo milagroso. Imagem na Trindade 350
Cicero. Menção das suas cartas 161
Cinatti — **José** — Pinta algumas coisas no palacio da calçada do Duque 265
Claranges Lucotte. Vide *Conde de Claranges Lucotte*.
Coelho. Vide *Ramos Coelho (José)*.
Coelho — **Bento** — Tem pinturas em S. Roque 269
Coelho — **Eduardo** — Socio de Quintino Antunes 304
Coelho de Figueiredo — **Francisco** — Habita uma parte do palacio Niza 242
Coelho da Silveira — **Bento** — Auctor de pinturas na Trindade 354
Cœur — **Jacques** — Celebre argentario, thesoireiro de Carlos VII de França 116
Colleginho. Foi o primeiro poiso da Companhia de Jesus 51
Collegio Real dos cathecumenos. Quatro noticias, 298 e seg.
—— Inscripções antigas que ainda lá se lêem 303
—— Algumas providencias administrativas a seu respeito 299
—— A sua capella era da Conceição 299
Colombi — **Conde de** — Ministro estrangeiro morador no palacio do Caldas 266
Combro. Antiquissima denominação local 79
Companhia de actores francezes e inglezes no theatro de S. Roque 242
Companhia de Jesus. Entra em Portugal em 1540 51
—— Toma em 1553 posse da ermida de S. Roque 52
—— Verdadeira fomentadura da edificação do Bairro alto 61
Companhia lisbonense de carroagens. Fachada dos seus escriptorios 256

Compromisso da Irmandade de S. Roque.................. 50
Conceição — Frei Apollinario da — Menção de uma sua obra.. 84
Conceição — Manuel da — Ampliador do livro de Oliveira.. 77
Conde de Alva, D. João Diogo de Ataíde............... 356
Conde de Bertiandos. Informação preciosa que dá ao auctor sobre o Prior do Crato...................... 187
Conde de Castello Melhor. É-lhe dada parte da cerca de S. Roque...................................... 296
Conde de Claranges Lucotte. Habitou no palacio do Caldas.. 266
Conde de Santa Cruz, D. Martinho de Mascarenhas. Compõe dois litigantes.............................. 232
Conde da Ericeira. Seu soberbo palacio á Annunciada. Descripção.................................. 215 e seg.
—— Bibliotheca notavel do seu palacio............... 215
—— Estado das ruinas do palacio até 1865............. 218
—— Desgraçada morte do Conde D. Luiz de Meneses em 1690.. 218
—— Versos a um seu filho Religioso da Missão......... 318
—— Foi secretario das conferencias celebradas em sua casa.. 316
—— O Conde D. Francisco Xavier de Meneses morou no Cúnhal das bolas................................ 314
—— Por que deixaria o seu palacio da Annunciada?... 315
—— Reuniões litterarias no Cunhal das bolas.......... 315
Conde de Ficalho. Quem era no fim do seculo XVI..... 293
Conde da Graciosa. Vide *Marquez da Graciosa.*
Conde de Linhares, D. Francisco de Noronha......... 200
—— Casado com D. Violante de Andrada.............. 213
Conde de Lumiares, José Manuel da Cunha e Meneses.. 309
—— Manuel Ignacio da Cunha........................ 309
—— Representa os Marquezes do Louriçal e os Condes da Ericeira.. 33
Conde de Macedo. Morou a S. Roque............. 310, 311
—— Suas reuniões na travessa da Agua de flor........ 311
Conde de Ourem. Menção da sua jornada a Basilêa..... 81

Conde de Thomar. Possue um documento que pertenceu a seu sogro.. 50
Conde de Valladares. Doação de terreno para a egreja do Sacramento.. 360
—— O seu palacio ao Carmo.. 378
Conde de S. Vicente, Manuel Carlos da Cunha. Como se achou envolvido n'um caso tragico........................ 83
—— E' illibado do crime que se lhe imputava........ 96
—— Publíca a sua sentença absolutoria................ 98
Conde da Vidigueira, D. Francisco da Gama. Em 1543 afora um chão a S. Roque........................ 230
—— Desavença com a Companhia de Jesus.......... 231
—— Cede terreno seu ao publico.................... 233
—— Morre indo para Madrid........................ 234
—— O Conde D. Vasco readquire o palacio de S. Roque em 1638.. 234
Conde de Villa Franca. Lê a Garrett o seu drama Os dois campeões.. 323
Conde de Villalba e Andrada........................ 32
Conde de Villar-mayor. Academico em 1717.......... 317
—— Discursa sobre lingua portugueza................ 315
Condes — Rua dos — Origem d'essa denominação..... 296
—— Antigo prolongamento da calçada da Gloria...... 214
Condes da Atalaya. Possuiam palacio na rua d'esse nome 324
Condes de Castello-Melhor. Tinham casa ao sul da rua dos Condes.. 296
Condes de Cunha. Vendem o seu palacio das Chagas a G. J. Vianna.. 211
Condes da Ericeira. Tinham o seu jardim sobre a rua dos Condes.. 296
—— Representam os Alvares de Andrada, da Annunciada.. 33
Condes de Lumiares. Antigos donos do palacio defronte da torre de S. Roque........................ 307
Condes de Povolide. Tinham casa na rua das Portas de Santo Antão.. 296
Condes de S. Vicente. Moravam no seculo XVIII junto aos Cardaes.. 85

Condes da Vidigueira. Seu palacio a S. Roque 229
—— Possuiam ahi bella livraria 235
Condessa — rua da — á Trindade 333
Condessa de Camarido. Representa os Freires de Andrada 32
Condessa (3.ª) de Lumiares. Casa com Manuel Ignacio da Cunha 309
Condessa de Maialde. Mulher do Conde D. João de Borja 293
—— Feita Condessa de Ficalho 293
Condestavel — Postigo do — Vista d'elle no seculo XVI.. 228
Condestavel, D. Nuno Alvares Pereira. Arroja do Carmo uma lança até ao Rocio 131
—— Compra uns terrenos aos Trinos 370
—— Troca uns bens com Carlos Peçano 370
—— Manda-se enterrar no Carmo 371
Conegos de S. Vicente. Possuiam uma reliquia de S. Sebastião 49
Consul de Inglaterra. Em sua casa se encontrava o Conde de S. Vicente com Leonardo T. Homem 94
Contador — José — Academico em 1717 317
Contador de Argote — Jeronymo — Academico em 1717 317
Contreiras — Frei Bento de — Illuminador de um livro do Carmo 371
Convento do Carmo. Alguns architectos. Vide *Eannes.*
—— Duas palavras a respeito do convento 369
—— Obras ahi 371
—— Ahi se enterrou o Condestavel 371
—— Livros illuminados por Frei Bento de Contreiras.. 371
—— Vista no seculo XVI 376, 377
—— Vista no seculo XVII 377
—— Vista da ruina ha annos 372
—— Profanações lá commettidas 380
Convento da Trindade. Ahi esteve a Inquisição 342
—— Sua egreja em 1560 347
—— Tinha 18 Frades em 1551 342
—— Tinha 15 Frades em 1553 343
—— Resolve a Camara em 1640 auxilial-o 347

Convento da Trindade. Planta das suas immediações ao sul 346
—— Capellas e confrarias.. 342
—— Reproducção de duas Imagens outr'ora veneradas na sua egreja 349, 350
—— Desenhos varios do convento antes de 1755 — 365, 367
Coronado — D. Pedro — Marido de Brites Peres........ 234
Corrêa Alardo. Vide *Barba Corrêa Alardo (Gonçalo).*
Corrêa Paes — Miguel Carlos — Medições que dá do largo de S. Roque.. 223
Côrtes de 1679. O braço da Nobreza trabalhava em S. Roque.. 290
Corvo. Vide *Andrade Corvo (João de).*
Corvo de Camões e Neto. Vide *Andrade Corvo de Camões e Neto (Francisco Maria de).*
Costa. Vide *Brito da Costa (Paulo de) — Carvalho da Costa (Antonio) — Rodrigues da Costa (Antonio).*
Costa — D. Antonio da — Cita-se o seu livro *A Instrucção Nacional*.. 137
Costa — D. Antonio Estevam da — Armeiro mór. Onde jazia com sua mulher.. 357
Costa — Jacome da — Marido de Maria de Andrada.... 175
Costa — Joaquim da — Architecto do Theatro *pintoresco* 240
Costa — D. Pedro da — Vide *Conde de Villa-Franca.*
Costa de Andrada — Antonio da — Filho de Bastião da Costa e de Beatriz de Andrada, e pae de Helena de Andrada 22
Costa Lobo. Par do Reino. Habitou no palacio de Caldas 266
Costa Mendonça e Sousa. Vide *Mello Castro da Costa Mendonça e Sousa (D. Maria Rosa de).*
Coutinho. Vide *Macedo Pereira Coutinho (Antonio de) — Sousa Coutinho.*
Coutinho — D. Leonor — Mulher do Conde da Vidigueira, D. Francisco 231
Couto. Vide *Andrade do Couto (Pedro de).*
Couto — Antonio Diniz do — Proezas suas em Mazagão. 300
Couto Felix — Luiz do — Erudito........................ 316
—— Discursa sobre lingua portugueza................ 315

Couto Pestana — José do — Academico em 1717....... 317
Coutos Valentes. Proezas d'elles em Africa............ 300
Crucifixo. Resgatado pelos Trinos do poder dos Moiros 351
Cruz. Vide *Conde de Santa Cruz.*
Cruz e Silva — Antonio Diniz da — Habitou na rua da Vinha.................................... 324
Cruz de Soure — Travessa da — E' a antiga travessa das Parreiras................................ 69
Cunha. Vide *Alvares da Cunha (D. Antonio) — Alvares da Cunha (D. Manuel) — Vaz da Cunha (D. Martinho).*
Cunha — D. Ayres da — 15.º senhor de Taboa......... 210
Cunha — Francisco de Assis da — Brigadeiro, tio do 6.º Conde de S. Vicente........................... 93
Cunha — José Felix da — Filho de Manuel Ignacio da Cunha.. 309
—— Pae do Conde de Lumiares.................... 309
Cunha — Luiz da — Marido da filha h. de Bernardim Ribeiro Pacheco.................................. 308
Cunha — D. Luiz da — Cardeal da Cunha, tio do 6.º Conde de S. Vicente................................ 87
Cunha — Manuel da — Marido de D. Francisca de Albuquerque..................................... 307
Cunha — Manuel Ignacio da — Senhor de dois morgados 308
—— Marido de D. Josepha de Meneses............... 309
Cunha — Manuel Ignacio da — 2.º do nome. Conde de Lumiares...................................... 309
Cunha — D. Pedro — No seculo XVIII possuia um palacio ás Chagas.................................... 211
Cunha — Rodrigo da — Suas referencias á egreja da Trindade..................................... 347
Cunha — Tristão Antonio da — Filho de Manuel da Cunha.. 307
—— Maria de D. Leonor Thomazia de Tavora........ 307
Cunha Mello e Meneses — D. Pedro da — Marido de D. Maria Rosa de Mello.......................... 314
Cunha e Meneses — José Manuel da — Conde de Lumiares...................................... 309

Cunha e Meneses — Manuel da — Primogenito do Conde de Lumiares em 1780 309
Cunha e Meneses — Manuel Ignacio da — Avoengo dos Condes de Lumiares 307
—— Senhor de dois vinculos 308
—— Na sua menoridade, reedifica-se o seu palacio a S. Roque 307
—— Marido de D. Josepha de Meneses 309
Cunhal das bolas. Sitio no Bairro alto 312
—— Ahi moraram os Condes da Ericeira 218
—— Outros habitantes 320

D

Dança. Aulas na Lisboa quinhentista 138
Debrie. Gravador 349
Desordens no Bairro alto. Canções populares que as demonstram 105
—— Providencias d'el-Rei D. João IV no assumpto 105
Dias — Frei Nicolau — Mencionado na *Miscellanea* 173
Dias Calvo — Francisco — Sua ascendencia 41
—— Menção do seu Brasão 40
Dias Canellas — João — Marido de Isabel Canellas 34
Dias Canellas — Pedro — Marido de Catherina Canellas. 34
Dias da Silva — José Ignacio — Sua sensatissima proposta quando Vereador 271
Dias e Sousa — Bartholomeu dos Martyres — Empresta ao auctor um documento 50
Diniz — El-Rei D. — Doação á Trindade 333
Diniz — Monica — Mulher de Pedro de Andrada 174
Documentos velhos. Quanto valem! 110
Domingues — Francisco — Marido de Constança Esteves 333
—— Lega terras á Trindade 333
—— Dôa com sua mulher á Trindade uma herdade em S. Roque 51
Duarte — El-Rei D.— Cita-se a sua *Arte de cavalgar* ... 133
Duellos. Iam tel-os os nossos antigos em S. Roque 222

Duque. Vide *Calçada do Duque.*
Duque de Alba. Vence a batalha da ponte de Alcantara. 186
Duque de Aveiro. Perdido pela caça de altanaria 126
Duque de Avila e de Bolama. Dedicatoria do livro á memoria d'elle.................................. 9
—— Assiste a um banquete em casa do Marquez de Vallada 305
Duque de Bragança, D. Jayme. Matador da Duqueza... 197
Duque de Bragança. Vide *Postigo do Duque de Bragança.*
Duque de Victoria, D. Cypriano Secundo Montesino, hespanhol notavel 44
Duqueza de Bragança, D. Amelia. Instituidora dos Asylos de infancia 302

E

Eannes — Affonso — Architecto do Carmo 371
Eannes — Gonçalo — Idem 371
Eannes — Rodrigo — Idem 371
Egreja do Loreto. Planta das suas immediações ao nascente.. 346
Egreja de S. Roque. Estuda-se......................268 e seg.
—— Seu antigo desenho no livro de Braunio.......... 269
—— Frontaria actual 272
—— Azulejos assignados por Francisco de Mattos, 1584. 118
Egreja de S. Roque. Azulejos datados de 1596......... 119
—— Analysa-se 294
—— Seu timpano no seculo XVIII e no XIX.............. 276
—— Sua descripção summaria .... 278 e seg.
—— Estragos do terremoto de 1755.................... 284
—— Na sua cerca se estabelece em 1755 um hospital .. 284
—— As suas antigas festas foram sempre brilhantes ... 286
Egreja da Trindade. Menciona-se................ 361, 362
—— Descreve-se .... 226 e seg.
Elvas. Vide *Fernandes d'Elvas (Antonio) — Gomes d'Elvas (Manuel).*
Elvas, cidade. Era calçada de tijolos, como as antigas ruas em Lisbôa 144

Encerrabodes. Vide *Brito Encerrabodes (Antonio)—Ferreira Encerrabodes (Isabel).*
Enigma para antiquarios. Artigo de Castilho...... 247 e seg.
Era — Rua da — ou *Hera*.......................... 70
Ericeira. Vide *Conde da Ericeira.*
Ermida do Amparo, no Rocio. Menciona-se........... 128
Ermida de Santa Catherina. Doada aos Trinitarios 328
Ermida de S. Roque. Fundada por D. Manuel.......... 48
—— Mencionada por Goes em latim.................. 51
—— É em 1553 occupada pela Companhia de Jesus ... 52
—— Foi de grande enthusiasmo a sua fundação em 1506 50
Escadinhas do Carmo. Onde ficavam................. 326
Escola Academica. Estado do seu pateo em 1863 264
Esgrima. Aulas na Lisboa quinhentista.............. 138
Esneval. Vide *Vidama d'Esneval.*
Espera — Travessa da — Seu nome, certamente allusivo a desordens................................ 104
Esperança — Frei Manuel da — Chronista dos Franciscanos, citado passim.
Espevitadeira, antigo movel, que morreu no nosso tempo 121
Estáos. Vide *Paço dos Estáos.*
Estatistica manuscripta da Bibliotheca, citada passim.
—— Fala na Misericordia........................ 375
Esteireira. Vide *Francisca, actriz.*
Esteves — Constança, e seu marido dôam á Trindade uma herdade em S. Roque....................... 51
—— Mulher de Francisco Domingues................ 333
Esteves — Pero — Marido de Maria Annes............ 335
—— Toma de aforamento certo terreno............. 335
Esteves Borralho — João — Sua descendencia......... 33
Extremoz. Loiça de................................ 141
Expectação — Frei José da — Trinitario. Sua morte em 1755.................................... 354

F

Fabricas das sedas. D'ahi a Alcantara era Campolide.. 77

Falcão de Mendonça. Vide *Freire Falcão de Mendonça (José)*.
Faria. Vide *Severim de Faria (Manuel)*.
Faria — José de — Erudito.......................... 316
Faro — D. Estevam de — Suas casas a S. Roque.......... 229
Fava — Duarte José — Capitão de Engenheiros. Levanta a planta de Lisboa (1807)...................... 108
Feição campestre de nomes de ruas do Bairro alto...68 e seg.
Feijóo. Citam-se o seu *Theatro critico* e as suas *Cartas eruditas*.................................... 274
Felix. Vide *Couto Felix (Luiz do)*.
Fernandes — Alvaro — Talvez parente de Jorge Fernandes.. 144
Fernandes — Jorge — Vide *Tijolo (Calçadinha do)*.
Fernandes de Almeida — Manuel — Marido de Antonia de Andrada.................................. 175
Fernandes de Ataide — Nuno — Capitão de Safim em 1510 206
Fernandes Banha — Gonçalo — Proezas em Mazagão... 300
Fernandes Canellas — Diogo — Pae de Leonor Caldeira 43
Fernandes d'Elvas — Antonio — Possuia casa ao Carmo 378
Fernandes Monteiro — Pedro — Pae de Roque Monteiro Paim.. 355
Fernandes Thomaz — Manuel — Cita-se o seu Reportorio da legislação — passim.
Fernando — El-Rei D. — Um lanço da sua muralha é restaurado por F. Caldas Aulete.................... 262
Ferreira. Vide *Leitão Ferreira (Francisco)*.
Ferreira — Catherina — Mulher de Ruy de Andrade de Castello Branco.............................. 34
Ferreira — Frei Manuel — Trinitario. Sua morte em 1755 364
Ferreira — Frei Vicente — Trinitario. Sua morte em 1755 364
Ferreira de Azevedo — Luiz — Cita-se um seu documento de 1602, sendo elle Guarda mór da Torre do Tombo 196
Ferreira Basto — Joaquim.......................... 367
Ferreira Chaves — José — Esclarecimentos que dá ao auctor.. 212
Ferreira Encerrabodes — Isabel — Mulher de Francisco de Brito Fialho.................................. 34

Ferreira Encerrabodes — Isabel — Mulher de Lopo Peixoto 34
Ferreira de Vasconcellos — Jorge — Palavras da sua *Olisippo* 222
—— Jazia na Trindade 357
Ferreira Fialho. Vide *Brito Fialho (Francisco de).*
Ficalho. Vide *Conde de Ficalho.*
Fieis de Deus — Travessa dos — Sua origem segundo Viterbo e Herculano 102
—— Certo uso ainda conservado em Africa 104
Figueiredo. Vide *Coelho de Figueiredo (Francisco) — Gomes de Figueiredo (Diogo).*
Figueiredo Ribeiro — Francisco de — Filho de João Vaz Rabello 194
—— Casado com D. Margarida de Vasconcellos 195
—— Pae de D. Ignez de Atouguia 189
Figueiredo de Vasconcellos — João de — Senhor de casa 195
Filippe I — El-Rei D. — Quanto gastava com o Collegio dos cathecumenos 208
Flores — Praça e rua das 70
Flores de España. Falam da Misericordia 375
Fonseca — Padre Christovam da — Jesuita, grande contrapontista 287
Fonseca — Frei Christovam da — Provincial da Trindade 358
Fonseca e Andrade — Gaspar da — Filho de Ruy Paes. Ascendente de D. João de Alarcão 28
Fonte. Musico quinhentista 146
Formosa — Rua — Pertencia a Miguel L. de Andrada 100
Fortes. Vide *Azevedo Fortes (Manuel).*
Frades Trinos. Resgatam do poder dos Moiros um Crucifixo 351
Francisca, actriz, de alcunha *a Esteireira* 84
Francisquilho, musico quinhentista 146
Franco — Frei João — Trinitario 332
Freiras de Santa Clara. Habitaram primeiro no sitio da Trindade 353

Freire. Vide *Braamcamp Freire (Anselmo) — Brito Freire (Gaspar de).*
Freire — Gomes — Filho de D. Nuno Freire.......... 32
—— Neto de outro, morto em Tanger................ 32
Freire — Luiz — Possuia um macho ruço, a cuja morte um anonymo fez versos.......................... 49
Freire — D. Nuno — Mestre de Christo.............. 32
Freire — Pedro..................................... 32
Freire — Ruy — Filho de D. Nuno Freire............ 32
Freire de Andrada — Nuno — Fidalgo gallego........ 31
Frei Falcão de Mendonça — José — Juiz dos Cavalleiros em 1778.................................... 92
Freire de Oliveira. Citam-se os seus preciosissimos *Elementos p.ª a hist. do mun. de Lx.ª* — passim.
Freitas — José Francisco de — Pinturas suas no palacio de Caldas.................................... 266
Freitas — José Valentim de — Apontamentos seus no Museu do Carmo................................ 22
Frias — Pedro de — Fez obras no Carmo.............. 371
Furtado de Mendonça — Thomé — Marido de Isabel de Andrade, pae de Paula de Andrade, e Capitão-mór de Monsanto.................................... 37

G

Gabbia em italiano, *Gavia* em castelhano, e *Gabie* em francez, que significam.......................... 81
Gabie em francez que é.............................. 81
Gaiva, ou *Guaiva* em portuguez velho que quer dizer.. 81
Galiano. Vide *Alcalá Galiano — D. Antonio.*
Gallegos — Rua dos — Denominação trocada em rua do Duque.................................... 19
Gama — D. Luiz da — Filho do 3.º Conde da Vidigueira, e marido de D. Maria Rolim...................... 294
Gama — D. Vasco da — Com toda a probabilidade morou na rua Nova................................ 230
Gama Lobo. Vide *Mascarenhas da Gama Lobo (Rodrigo).*
Gamas. Possuiram casa na celebre rua Nova.......... 230

Gamas. Historia do seu palacio de S. Roque.... .. 231 e seg
Garrett. Vide *Visconde de Almeida Garrett.*
Gastronomia no seculo XVI.......................... 140 e seg.
Gavia em castelhano que significado tem.............. 81
Gavias — Rua das — Origem conjectural d'esse nome .. 80
Generosos. Vide *Academia dos Generosos.*
Gibetaria. Vide *Villa Nova da Gibetaria.*
Gibraltar. Vide *Villa Nova de Gibraltar.*
Giraldes. Vide *Marques Giraldes — (Manuel) — Nunes Cardoso Giraldes — (Bartholomeu José).*
Giraldes — Diogo — Advogado. Suas opiniões sobre a ascendencia de Martha de Andrade.............. 29
Giraldes — Francisco Affonso — Marido de D. Brites Maria de Andrade e Couto.......................... 39
Giraldes de Andrade Barba — Fernando Affonso — Marido de D. Maria Joanna de Mello................. 39
Godinho — Jeronymo — Academico em 1717.......... 317
Godinho Pereira — Belchior — Marido de Catherina Leitoa de Andrada.................................. 175
Goes — Damião de — *Urbis Olisiponis situs et figura.* Citado.. 51
—— Fala da ermida de S. Roque 51
—— Fala de Diogo de Pina............................ 206
—— Fala da Misericordia 375
Gomes — José — Fundador da Academia de Alveitaria.. 322
Gomes — Simão — O sapateiro santo. Morava a S. Roque.. 222
Gomes de Elvas — Manuel — Em 1612 possuia bens de Gil Thomé...................................... 24
Gomes de Figueiredo — Diogo — Genealogista. Ignora a ascendencia de João de Altero de Andrada 21
Gomes Freire — Rua de — Mal applicado titulo á antiquissima Carreira dos Cavallos 126
Gomes de Moura — João — Pae de D. Anna de Almeida 29
Gomes da Palma — Manuel — Erudito 316
Gonçalinho — Frei — Um dos mencionados affectuosamente na *Miscellanea*.......................... 168
Gonçalves — Nuno — Auctor de um quadro na Trindade 353

Gonçalves de Andrade — Manuel — Marido de Leonor de Andrade 43
Gonçalves da Camara — Luiz — Jaz em S. Roque....... 283
Gonçalves Monteiro — João — Capitão de cavallos...... 38
Gouberville — Senhor de — Menção do seu diario 161
Gouvêa. Vide *Leitão de Gouveia (Simão).*
Gouvêa — Antonio Hygino de — Marido de D. Maria do Carmo Pinto Telles de Olival e Andrade 38
Gouvêa — Frei José de — Trinitario. Sua morte em 1755 363
Graciosa. Vide *Marquezes da Graciosa.*
Granada — Frei Luiz de — Mencionado na *Miscellanea*. 168
Grande — José Maria — Par do Reino. Descendente dos Andrades Caldeiras, de Monsanto 44
Grande e Metello — D. Francisco — Quem era. Foi marido de D. Antonia Isabel Caldeira de Andrade...... 44
Grandezas de Lisboa. Falam na Misericordia.......... 375
Gravuras antigas. Não podem ser tomadas como documentos infalliveis........................ 271
Grœnmann. Musico.............................. 287
Guadamecins. Forro de paredes no verão............. 117
Guadamicineiro d'el-Rei D. João III................ 117
Guarda avançada. O 1.º jornal vendido avulso pela rua. 304
Guarda-mór — Travessa do — Chamou-se *do Relogio*. Porquê 101
—— Que Guarda-mór era esse 101
Guilherme II. Imperador da Allemanha. Seus sentimentos religiosos 285
Guilherme — Padre Frei Manuel — Fundador da livraria do convento de S. Domingos...................... 215
Guimarães. Vide *Ribeiro Guimarães (José).*
Guimarães — Antonio Eduardo — Compra o palacio Lumiares a S. Roque 310

H

Henrique — Cardeal Rei D. — E' sagrado no Rocio Arcebispo de Braga.............................. 131
—— No Rocio é sagrado Rei 131

Henrique — Cardeal Rei D. — Recebe a noticia do desbarate de Alcacer-Kibir 182
Henriques. Vide *Miranda Henriques (Antonio de).*
Henriques — Antonio — Livreiro alfarrabista. Habita em parte do palacio Niza. O que era o seu deposito de livros .... 242 e seg.
Henriques — Luiz — No seculo XVI tinha uma quinta em Campolide 77
Henriques da Silva — Marciano — Menção de um seu quadro 182
Herculano — Alexandre — Menção de um capitulo do seu *Monge de Cister* 67
—— Seu lapso quanto a Villa-Nova de Gibraltar 67
—— Etymologia que dá dos *Fieis de Deus* 102
Herdade dos Cardaes. Possuida pelos Andrades junto á rua Formosa 143
—— Sua area 143
Hollanda — Francisco de — Cita-se o seu precioso manuscripto 353
Homem. Vide *Brito Homem (Francisco de)* — *Teixeira Homem.*
Homem de Brito — João — Marido de Clara Tavares ... 45
Homem de Brito — Vasco — Marido de Guiomar Lourenço 34
—— Quem era 45
Horta, ou Orta. Familia velha da Alagôa 43
Horta — Travessa da 69
Horta sêcca — Rua da 69
Hospital de Todos os Santos 212
—— Menciona-se 128

I

Ignacio — Padre Mestre — Vide *Martins (P.e Ignacio).*
Imperador da Allemanha. Vide *Guilherme II.*
Imperatriz D. Amelia. Vide *Duqueza de Bragança.*
Incendio medonho na Trindade 361
Innocencio. Vide *Silva (Innocencio Francisco da).*
Isabel — Rainha Santa — Institue capella na Trindade 332
—— Um seu védor enterrado vivo 274

J

Jal. Permitte-se-lhe examinar livremente os cartorios parochiaes de Paris.......... 14
Jasmins — Rua dos 70
Jesuitas. Vide *Companhia de Jesus.* A sua casa professa é doada á Misericordia em 1768.......... 291
João I — El-Rei D. — Permitte aforamentos de chãos em Villa Nova.......... 62
—— Doação de terras a Pero Esteves.......... 335
João II — El-Rei D. — Commina pena de morte contra os ferradores (!).......... 134
João III — El-Rei D. — Seu retrato em S. Roque....... 280
Jommeli. Celebre musico.......... 287
José — El-Rei D. — Uma sua pergunta ao Cardeal da Cunha 87
José — San — Vide *San-José (Frei João de).*
Juromenha. Vide *Visconde de Juromenha.*
Juzarte Moniz — D. Theresa — Mulher de Antonio de Brito Encerrabodes.......... 35

L

Lacedemonia. Vide *Arcebispo de Lacedemonia.*
Lancastre — D. João de — Vide *Duque de Aveiro.*
Laranjeira — Travessa da.......... 70, 211
Larcher — Joaquim — Conselheiro; genro de M.me Lima 320
Largo de S. Roque. Mil memorias ali agglomeradas 222
—— Suas medições.......... 223
—— Havia lá em 1815 uma casa de pasto 223
Leão. Vide *Nunes do Leão (Duarte).*
Leis sobre caudelarias.......... 135 e seg.
—— contra as senhoras rebuçadas. Vide *Rebuçadas.*
Leitão — Frei Nicolau do Rosario — Martyrisado na Ethiopia.......... 172
Leitão de Andrada — Francisco — Desembargador, e successor do morgado de seu tio Miguel.......... 198
Leitão de Andrada — Miguel — Quando nasceu; opinião do auctor.......... 166

Leitão de Andrada — Miguel — Seus irmãos todos; elle era 9.º filho ... 173 e seg.
—— Sua infancia no Pedrogam natal ... 167
—— Esboço da sua personagem moral e litteraria ... 157
—— Parte com seu irmão para Salamanca em 1568 ... 177
—— Vai de Salamanca a Madrid ... 178
—— De Madrid volta a Portugal ... 177
—— Matricula-se em Canones em Coimbra por 1577 ... 178
—— Embarca na expedição para Africa, 1578 ... 179
—— Escapo do captiveiro torna-se a Portugal ... 183
—— Seu retrato gravado na *Miscellanea* ... 184
—— Abraça a parcialidade filippina ... 188
—— Declara ser seu sogro *Ribeiro* ... 194
—— Diz-se cunhado de Simão Rabello ... 195
—— É accusado de matar sua mulher. Discute-se o ponto ... 189 e seg.
—— Senhor de boas propriedades no Bairro alto ... 198
—— Onde eram os seus bens ... 199
—— Marcações que dá da quinta dos Andradas ... 20
—— Cai-lhe uma chuva de pedregulhos em cima ... 233
—— Pouco affeiçoado aos Pinas ... 205
—— O seu processo parece ter desapparecido ... 194
—— Varios sitios de Lisboa onde morou ... 199
—— Em 1622 morava na calçada de Sant'Anna ... 199
—— Cita-se muita vez n'esta obra a sua *Miscellanea*.
—— Apresenta-se noivo de sua prima Brites ... 154
—— Azulejos que mandou collocar junto á campa de Camões ... 200 e seg.
—— Seu testamento. Seu fallecimento em 1632. Sua campa em S. Domingos ... 204
Leitão Ferreira — Francisco — Legado seu á livraria do convento de S. Domingos ... 215
Leitão de Gouvêa — Simão — Legado que deixa á Trindade ... 359
Leitão Manço de Lima — Padre Jacintho — Familias de Portugal, codice genealogico da Bibliotheca citado passim.

Leitão Manço de Lima — Padre Jacintho — Accusa de assassino a Miguel Leitão de Andrada. Discute-se o ponto 195
—— Viu o testamento de Leitão de Andrada.......... 166
—— Marcações que dá da quinta dos Andradas 20
—— Duvida de que Leitão de Andrada fosse Commendador 196
Leitôa — Brites — Fundadora do mosteiro de Jesus de Aveiro 172
Leitôa — Catherina — Seu retrato rapido 171
—— Seu fallecimento em 1582.......... 185
Leitôa — Paulina — Fundadora do mosteiro das Claras de Figueiró 172
Leitôa — Violante — Irman de Miguel L. de Andrada .. 175
—— Mulher de Gaspar de Almeida.......... 175
Leitôa de Andrada — Catherina — Irman de Miguel, e mulher de Belchior Godinho Pereira 175
Lemos — Frei Manuel de — Mandou edificar a livraria da Trindade 358
Leonor — Rainha D. — Fundadora do *Colleginho* para Freiras da Annunciada.......... 51
Letes. Colonos protegidos pela civilisação romana..... 75
Libello contra o 6.º Conde de S. Vicente. Analysa-se e rebate-se 88
Lima. Vide *Leitão Manço de Lima.*
Lima, Madama. O seu collegio no Cunhal das bolas ... 320
—— Em 1814 morou ao Poço novo 321
Lima Pinto — Miguel Evaristo de — Architecto da Escola Academica 267
Linhares. Vide *Conde de Linhares.*
Lisboa no seculo XVI não passava da Torre de Alvaro Paes 18
Livraria dos Condes da Ericeira.......... 215 e seg.
Livraria do Convento de S. Domingos.......... 215 e seg.
Livraria dos Nizas em S. Roque 235
Livreiros eram 54 em Lisboa no seculo XVI 151
Livro da fazenda que tem este convento da SS.ma Trindade. Documento na Torre do Tombo 51

Lobo. Vide *Costa Lobo.*
Loiça de Talavera, Estremoz e Montemór o velho 141
Lopes — Fernão — Palavras suas sobre o cerco de Lisboa pelos Castelhanos 77
—— Citado a cada passo.
Lopes — Valentim José 367
Lorena — D. Luisa Caetana de — Condessa de S. Vicente 83
Loureiro — Rua do 70
Lourenço — Guiomar — Mulher de Vasco Homem de Brito.................................. 34, 45
Louriçal. Vide *Marqueza do Louriçal.*
Lucotte. Vide *Conde de Claranges-Lucotte.*
Lumiares. Vide *Conde de Lumiares.*
Luz — Frei Geraldo da — Trinitario. Sua morte em 1755. 364
Lyceu Nacional de Lisboa. Onde é 327

M

Macedo. Vide *Conde de Macedo.*
Macedo — Manuel de — Morou a S. Roque............ 310
Macedo — Miguel de — Penhora em 1634 o palacio dos Vidigueiras 234
Macedo Pereira Coutinho — Antonio de — Morou em S. Pedro de Alcantara 310
—— Par do Reino, marido de uma senhora da Casa de Maiorca 310
Macho. A um de Luiz Freire se fizeram versos 49
Maialde. Vide *Condessa de Maialde.*
Maiorca. Vide *Viscondes de Maiorca.*
Manço de Lima. Vide *Leitão Manço de Lima (Jacintho).*
Manuel — D. João — Camareiro mór. Citam-se versos seus no Cancioneiro de Resende.................. 125
Manuel — D. José — 2.º Patriarcha de Lisboa. Assiste desde 1754 em S. Roque 239
—— Em S. Roque o surprehende o terremoto de 1755 . 239
Manuel de Mello — D. Francisco — Academico em 1717. 317
Manuel de Meneses — D. Affonso — Cita-se uma genealogia dos Paes por elle........................... 203

Mardel de Arriaga — Julio Carlos — Descobre o cadaver da Marqueza de Angeja na Graça.................. 275
Maria — Infanta D. — Filha d'el-Rei D. João III. Cita-se a sua viagem para Castella como Princeza das Asturias.. 144
Maria Anna — Rainha D. — Sua devota acção acompanhando a pé a Sagrada Eucharistia................. 284
—— Visita sua á egreja de S. Roque.................. 290
Marques de Andrade — Francisco — Marido de Francisca Nunes Moacha.................................. 39
Marques Giraldes — Francisco — Marido de Maria Nunes 39
—— Marido de Mecia Nunes de Andrade.............. 39
Marquez de Alegrete, Manuel Telles da Silva. Erudito.. 316
—— Academico em 1717.............................. 317
Marquez de Arronches. Embarga a obra da egreja do Sacramento.. 360
Marquez de Ayamonte. Dito seu engraçado............ 126
Marquez de Bellas. Communicação curiosa ao auctor... 216
Marquez de Castello Rodrigo. Vice Rei desde 2 de Fevereiro de 1608................................. 192
Marquez da Graciosa. Sua ascendencia pelo ramo Andrade.. 39
Marquez de Marialva. Padrinho de um cathecumeno ... 299
Marquez de Niza — D. Vasco — Vende a casa de seus maiores na rua Nova............................ 235
—— Conclue o palacio de S. Roque.................. 235
—— Conserva-se a sua importantissima correspondencia 235
—— Por morte do 5.º Marquez cai a Casa de Niza na de Unhão.. 239
Marquez de Pombal. Cita-se um seu aviso para o alinhamento do Rocio................................ 129
—— Uma sua conversação com o Cardeal da Cunha ... 87
Marquez de Ponte do Lima. Foram seus uns leões de pedra adquiridos por Caldas......................... 265
Marquez de Vallada. Dá um banquete ao Duque de Avila 305
—— Morava em 1877 na travessa da Queimada........ 304
Marqueza de Angeja. Apparecimento do seu cadaver mumificado.. 275

Marqueza de Niza, D. Eugenia. Manda desmanchar o theatro de S. Roque em 1836.................... 242
Marqueza de Sévigné. Menção das suas cartas......... 161
Marquezes da Graciosa. Representam os Andrades da Idanha.. 39
Marquezes do Louriçal. Representam os Andradas da Annunciada.. 33
Marquezes de Niza. Seu palacio a S. Roque........... 229
—— Parece que em 1689 já não habitavam ahi......... 236
Marquezinha — Travessa da — Onde era.............. 326
Martinho — D. — Vide *Bispo de Lisboa, D. Martinho.*
Martins. Vide *Alves Martins (Manuel).*
Martins — Clara — Conheceu a D. Nuno Freire......... 32
Martins — Padre Ignacio — o da Cartilha. Seu elogio... 54
—— Parente de D. Catherina de Abreu.................. 55
—— Foi o 1.º Noviço da Companhia em 1547........... 55
—— O seu nome da pia era Vasco...................... 55
—— Manifesta-se contra a 2.ª jornada de Africa......... 55
—— A sua grande influencia comprovada por um caso interessante.. 56
Martins de Altero — Vasco — Alcaide mór de Alemquer. Supposto avoengo dos Alteros de Andradá.......... 21
Martins Canellas — Braz — Marido de Leonor Mendes.. 35
Martins Robalo — Anna — Mulher de Antonio Pires Pinheiro.. 36
Martins Tinoco — Manuel — Marido de Isabel Monteira. 38
Mascarenhas. Vide *Conde de Santa Cruz.*
Mascarenhas da Gama Lobo — Rodrigo — Sargento mór de cavallaria.. 93
Mattos. Vide *Xavier de Mattos (Roberto).*
Mattos — Francisco de — Azulejador, auctor de azulejos em S. Roque.. 118
Mello. Vide *Manuel de Mello (D. Francisco) — Oliveira e Mello (Maria de).*
Mello — José de — Pae de D. Maria Joanna de Mello, e senhor da Graciosa.. 39
Mello — Julio de — Academico em 1717............... 317

Mello — D. Maria Joanna de — Mulher do Desembargador Fernando Affonso Giraldes de Andrade Barba . . 39
Mello — Ruy de — Almirante. Jazia na Trindade....... 354
Mello e Castro — Francisco Manuel Bernardo de — Marido de D. Leonor de Ataíde.................... 314
Mello e Castro da Costa Mendonça e Sousa — D. Maria Rosa de — viuva de D. Pedro da Cunha de Mello e Meneses; mulher de Rufino Antonio de Moraes 314
Mello e Meneses. Vide *Cunha Mello e Meneses (D. Pedro da).*
Mello e Sá — Lourenço de — Marido de D. Bernarda Michaella da Silva; sogro de Roque Monteiro 356
Memorias de Castilho. Esse é o *livro-mãe* da *Lisboa antiga* 16
Mena Junior — Antonio Cesar — Cita-se a sua *Memoria justificativa* 281
—— Restaura em 1893 a egreja de S. Roque 280
Mendes — Francisco — Musico antigo 147
Mendes — Leonor — Mulher de Braz Martins Canellas . . 35
Mendes — Theresa — Mulher de Manuel Caldeira Canellas 43
Mendes de Andrade — Maria — Mulher de Antonio Peixoto 34
Mendes de Castello-Branco — Alvaro — Marido de Isabel de Andrade 34
Mendes Mexia — Manuel — Marido de D. Maria Canellas de Brito 35
Mendes de Vasconcellos — Luiz — Elogio ao sitio do Bairro alto.................................. 63
Mendo — Frei — Trinitario 332
Mendoças — Alliados dos Andrades de Monsanto 40
Mendonça. Vide *Andrade de Mendonça (Isabel de) — Freire Falcão de Mendonça (José) — Furtado de Mendonça (Thomé).*
Mendonça — D. Magdalena de — Mulher de D. Antonio Estevam da Costa. Onde jazia 357
Mendonça de Pina — Martinho de — Marido de Paula de Andrade de Mendonça 37

Mendonça e Sousa. Vide *Mello e Castro da Costa Mendonça e Sousa (D. Maria Rosa de).*

Meneses. Vide *Carvalho e Meneses (D. Anna Joaquina de) — Cunha Mello e Meneses (D. Pedro da) — Cunha e Meneses (Manuel Ignacio da) — Manuel de Meneses (D. Affonso) — Sousa e Meneses (Manuel de) — Vera Barba de Meneses (D. Ignez de).*

Meneses — D. Fernando de — Marido de D. Isabel de Castro 214

—— São seus descendentes os Condes da Ericeira 214

Meneses — D. Joanna Francisca de — Mulher de Roque Monteiro Paim 356

Meneses — D. Josepha de — Mulher de Manuel Ignacio da Cunha 309

Mercado de flores. Projectado em S. Roque em 1836 ... 258

—— Estabelece-se na Avenida da liberdade 258

Metello. Vide *Grande e Metello (D. Francisco).*

Mexia. Vide *Mendes Mexia (Manuel).*

Meza. Adornos no seculo XVI 140

Meza da Consciencia. Sua ingerencia sobre os theatros publicos 138

Midosi — Paulo — Auctor de uns artigos sobre o *Catão* de Garrett 241

Miranda. Vide *Sá de Miranda (Francisco de).*

Miranda Henriques — Antonio de — Proezas suas em Africa 300

Miscellanea. Frontispicio d'esse livro 158

—— O que é esse livro 159

Misericordia. É-lhe doada a casa dos Jesuitas 291, 296

—— Empresta quantias á Casa de Lumiares 309

—— Citam-se varios auctores que a mencionam 375

Missionarios. São mais uteis que os soldados 302

Moacha. Vide *Nunes Moacha (Francisca).*

Mobilia quinhentista .... 120 e seg.

Moinho de vento — Rua do — Hoje de D. Pedro V 70

Moiros. Desavenças com elles em Mequinez 300

—— Suas incursões ás costas portuguezas (sec. XVIII) .. 301

—— Dois Moiros baptisados na Sé 299

Monconys — Monsieur de — Sua descripção de S. Roque 277
Mongiardino — Lazaro José — Cadete de Cavallaria.... 92
Moniz. Vide *Juzarte Moniz (D. Theresa).*
Montaigne. Parecença vaga de Leitão de Andrada com elle 164
Monte de Sant'Anna. Coberto de oliveiras no seculo XVI 63
Montemór o velho — Loiça de 141
Monte Olivete — sitio 78
Monteira — Isabel — Mulher de Manuel Martins Tinoco 38
Monteiro. Vide *Fernandes Monteiro (Pedro) — Gonçalves Monteiro (João).*
Monteiro — André — Pinturas suas no palacio de Caldas 266
Monteiro — Henrique José — Gerente do *Theatro pintoresco* 240
Monteiro do Olival de Andrade Telles — Luiz José — Sua ascendencia e Brasão 38
Monteiro Paim — Roque — Padroeiro de capella na Trindade. Quem era 355, 356
Montesino — D. Cypriano Secundo — Duque de Victoria em Hespanha 44
Montesino — D. Pablo — Deputado ás Côrtes hespanholas 44
Montpalau. Cita-se um seu livro 334
Moor — Antonio — Auctor de uns retratos em S. Roque 280
Moraes. Vide *Andrade de Moraes (Silvestre de).*
Moraes — Rufino Antonio de — General, marido de D. Maria Rosa de Mello 314
Moraes Telles do Olival — Manuel de — Marido de D. Josepha de Araujo Botelho 38
Morando — João Baptista — Onde tinha a sua typographia 303
Morgado das Cachoeiras fundado por Luiz Ribeiro e Isabel Pacheca 308
Morgado de Carneiro. Era senhora d'elle a 3.ª Condessa de Lumiares 309
Morgado de Payo Pires. Pertencia a Luiz da Cunha.... 308
Morgados da Cotovia. Possuiam capella na Trindade... 332
Mosteiro de S. Domingos do Rocio. Menciona-se 128

Moto. Procura-se explicar a significação d'essa palavra. 26
Motta — Henrique da — Escrivão da Camara d'el-Rei D. João III........................ 61
Moura. Vide *Gomes de Moura (João) — Marquez de Castello Rodrigo.*
Mourão — Caetano José — Alferes.................... 92
Muralha d'el-Rei D. Fernando ao longo da calçada do Duque. Desenho........................ 264
Musicos cantores nas festas de egreja. Muitos e bons... 147
Musicos quinhentistas. Enumeram-se alguns 146, 147

N

Neto. Vide *Andrade Corvo de Camões e Neto (Francisco Maria de).*
Niza. Vide *Marquez de Niza.*
Nobre lisboeta. Retrato litterario d'essa classe no seculo XVI 112
Nogueira. Vide *Silva Nogueira (Padre José da).*
Nogueira — José Maria Antonio — Menção de artigos seus no *Jornal do Commercio*...................... 25
Nogueira — D. Vicente — Carta do Marquez de Niza a elle 236
Noronha. Vide *Conde de Linhares.*
Noronha — D. Antonio de — Amigo de Camões, e filho do Conde de Linhares 200
Noronha — D. Henrique de — Edifica no seculo XVII umas casas a S. Roque 228
Noronha Ribeiro Soares — D. Thomaz José de — Morador a S. Pedro de Alcantara........................ 310
Norte — Rua do — D'onde provirá? Ha uma em Madrid 101
Noticiario — O que é, e quando começou............. 246
Nova do Carmo — Travessa — No sitio aproximado da antiga travessa da Marquezinha................... 326
Nova da Trindade — Rua — Aberta em 1836...... 367, 368
Novaes. Vide *Vaz de Novaes (Leonor).*
Nunes algibebe. Edifica um palacio no sitio aproximado do dos Ericeiras 218

Nunes — Duarte — Sua etymologia de *Campolide*...... 73
Nunes — Maria — Mulher de Francisco Marques Giraldes.. 39
Nunes — Mecia — Mulher de Fernão de Andrade Calvo. 39
Nunes — Pedro — Architecto do seculo XVII............ 232
Nunes de Andrade — Mecia — Mulher de Manuel Marques Giraldes.................................... 39
Nunes Cardoso Giraldes — Bartholomeu José — Marido de D. Ignez de Vera Barba de Meneses............ 39
Nunes do Leão — Duarte — Chronicas citadas passim.
Nunes Moacha — Francisca — Mulher de Francisco Marques de Andrade.................................. 39
Nunes Tinoco — João — Fragmento da sua planta de Lisboa em 1650.................................... 107

O

Odio aos monumentos é geral........................ 227
Olival. Vide *Moraes Telles do Olival (Manuel de).*
Olival de Andrade Telles. Vide *Monteiro do Olival de Andrade Telles (Luiz José).*
Olival de Carvalho — Antonio do — Marido de Jeronyma Telles.. 37
—— Marido de Maria do Olival Telles.............. 41
Olival Telles. Vide *Rebello do Olival Telles (Antonio José).*
Olival Telles — Antonio do — Seus descendentes...... 38
Olival Telles — Maria do — Mulher de Vasco de Andrade Calvo.. 41
Oliveira. Vide *Freire de Oliveira (Eduardo) — Rodrigues de Oliveira (Christovão) — Xavier de Oliveira (Francisco).*
Oliveira — Padre Antonio de — Prior de Sacavem. Academico em 1717.................................. 317
Oliveira — Nicolau de — Fala na Misericordia......... 375
Oliveira — Rua da — A Trindade.................... 333
Oliveira muito antiga................................ 333
Oliveira e Mello — Maria de — Mulher de Francisco de Andrade.. 41

Oliveiras. Viveram muito tempo algumas das antigas na encosta do Carmo 372
Onofre — Santo — Imagem venerada na Trindade 354
Opulencias de Lisboa no seculo XVI 115
Ornellas — Agostinho de — Cita-se uma sua genealogia de familia.. 111
Orta ou **Horta**. Familia velha da Alagôa 43
Osberno. Cruzado inglez em 1147. Carta sua 74
—— Fala de Campolide.................................... 74
Ourem — Frei Antonio de — Mencionado na *Miscellanea* 168, 172
Ourem. Vide *Conde de Ourem*.

P

Pacheca — Isabel — mulher de Luiz Ribeiro 308
Pacheco. Vide *Ribeiro Pacheco (Bernardim)*.
Paço dos Estáos. Vista segundo Braunio 127
—— Outra segundo Colmenar 128
Paes. Vide *Corrêa Paes (Miguel Carlos)*.
Paes — Alvaro — Parece deu nome á torre de S. Roque 19
—— Chanceller mór dos Reis D. Pedro I e D. Fernando 226
—— Padrasto de João das Regras 226
—— Parece ter dado nome a uma torre da muralha.... 226
—— A torre teve grande papel nas nossas guerras 226
—— Demolida em 1835 227
Paes — Gil Thomé — Marido de Isabel de Andrada e pae de Bartholomeu de Andrada 23
—— Documentos a seu respeito. E' um só, ou avô e neto? 24
—— Progenitor dos morgados da Torre da Sanha 25
Paes — Ruy — Senhor de bens em Ceiça e Cádima 27
—— Marido de Leonor Vaz de Novaes 27
Paes de Andrada — Ruy — Pae de Helena de Andrada 21
—— 2.º do nome; filho de outro. Achou-se na tomada de Azamor, e é ascendente dos Viscondes de Mayorca. 28
Paim. Vide *Monteiro Paim (Roque)*.

Paim — D. Constança Luisa — Condessa de Alva pelo seu casamento com D. João Diogo de Ataíde....... 356
Paixão — Soror Francisca da — Parenta dos Leitões.... 172
Palacios lisbonenses antigos. Em geral são de pouco merito artistico 306
Palma. Vide *Gomes da Palma (Manuel).*
Palmatoria. Monumento commemorativo do casamento d'el-Rei D. Luiz 256
Palmeira — Casal da — Desapparecido 69
Palmeira — Rua da 69
Panos de Granada. Forro de paredes no inverno....... 117
Parreiras — Travessa das — Hoje da Cruz de Soure..69, 70
Passo da procissão dos Passos em S. Roque. Derrubado em 1837 245
Patriarcha de Lisboa. Vide *Almeida (D. Thomaz de).*
Payo Pires. Vide *Morgado de Payo Pires.*
Peçano — Carlos — Troca uns terrenos com o Condestavel 370
Peçano — Almirante Manuel — E'-lhe doada uma capella 332
—— Troca varios bens com a Trindade. Vende outros. 335
Pedro — Infante D. — Cita-se uma sua carta a seu irmão el-Rei D. Duarte.................................. 134
Pedro V — Rua de D. — Antiga rua do Moinho de Vento 71
Pedrosa Rebello — Francisco — Pae de Margarida Ribeiro de Vasconcellos. 29, 195
Peixoto. Vide *Rocha Peixoto.*
Peixoto — Alvaro — Fidalgo de linhagem 34
Peixoto — Lopo — Pae de Antonio Peixoto............ 34
Peixoto — D. Luisa — Senhora de varios vinculos em Portalegre 35
Peixoto de Brito — Antonio — Marido de Maria Canalles 34
Pereira. Vide *Godinho Pereira (Belchior).*
Pereira — D. Alvaro — Marido de D. Catherina de Abreu parenta do Padre Ignacio........................... 55
Pereira — Antonio — A elle lega Miguel Leitão os seus papeis 175
Pereira Junior — José Maria — Pintor nosso contemporaneo. Executou admiraveis azulejos 118

Pereira — Manuel — Actor, de alcunha o *Esteireiro*.... 84
Pereira de Sant'Anna — Padre José — Cita-se muita vez n'esta obra a sua *Chronica dos Carmelitas*.
Pereira de Carvalho da Costa e Silva — Joaquim — Advogado 92
Pereira Coutinho. Vide *Macedo Pereira Coutinho*.
Pereira de Quadros — Antonio Joaquim — Alferes de Cavallaria 92
Peres — Brites — Dona da Condessa da Vidigueira..... 234
Peres — David — Celebre compositor................. 287
Peres — Joaquim.................................... 367
Peres de Andrada — Alvaro — Filho de Fernão Alvares de Andrada, e pae de D. Isabel de Castro........... 214
—— Avô de Fernão Alvares de Andrada............... 33
Peres de Andrada — Fernão 32
Perestrello de Vasconcellos — José — Morador a S. Pedro de Alcantara 310
Pestana. Vide *Caldeira Pestana (Francisco) — Couto Pestana (José do) — Vaz Pestana (Pedro)*.
Peste de 1481, 1490, 1506 48
Peste de 1523 53
Pezerat — Pedro José — Auctor do novo adro de S. Roque 276
Piedade — Frei Antonio da — Seu pae, o Conde da Ericeira, dirige-lhe um soneto........................ 318
Pimentel — Alberto — Propõe á Camara um mercado de flores em S. Roque 258
Pimentel — Manuel — Academico em 1717............ 317
Pina. Vide *Mendonça de Pina (Martinho de)*.
Pina — Bartholomeu de — Filho de Vasco de Pina..... 208
Pina — Gonçalo de — Moço Fidalgo, Fidalgo Escudeiro, e Fidalgo da Casa Real 209
—— Filho de Vasco de Pina.......................... 209
Pina — D. Jacintha Maria de — Mulher de Antonio José Rebello do Olival Telles 38
Pina — Manuel de — Filho de Vasco de Pina.......... 208
—— Foi Fid. da C. R., e teve uma Capitania 209
—— Escrivão d'ante os Juizes do civel 209

Pina — Manuel de — Casou com Anna Rodrigues...... 209
Pina — Ruy de — Escudeiro Fidalgo, filho de Vasco de Pina.. 210
—— O Chronista. Parece primo dos Pinas de Vasco de Pina.. 210
Pina — Vasco de — Filho de Diogo de Pina, illustre capitão.. 206
—— Marido de Isabel de Andrada.................... 205
—— Seus varios cargos.......................... 207
Pinel. Vide *Xavier do Amaral Pinel (Victorino Victoriano).*
Pinheiro. Vide *Pires Pinheiro (Antonio) — Vaz Pinheiro (Pedro).*
Pinheiro — Fernão — Pae de Anna Martins Robalo.... 36
—— Marido de Brites Alvares de Andrada............ 36
Pinheiro da Camara Manuel — Gaspar — Coronel do mar.. 92
Pinheiro da Veiga — Thomé — Cita-se uma sua consulta sobre caudelarias.............................. 135
Pinheiros, da Corunha. Familia nobre.................. 36
—— Alliada dos Andrades de Monsanto.............. 40
Pinto. Vide *Lima Pinto (Miguel Evaristo de) — Silveira Pinto (Albano Anthero da).*
Pinto — D. Anna Maria — Mulher do Desembargador Martim Teixeira Homem.......................... 85
Pinto Telles do Olival e Andrade — D. Maria do Carmo — Mulher de Antonio Hygino de Gouvêa.......... 38
Pires — Gaspar — Marido de Isabel Canalles.......... 34
Pires — Ignez — Mãe do Conde de Barcellos.......... 335
Pires — Lourenço — Capitão, ascendente dos Caiollas de Campo-maior.................................. 43
Pires de Andrada — Alvaro — Filho de Fernand'Alvares de Andrada, accrescentador do morgado de seu pae. 308
Pires Orta — Isabel — Mulher de Pedro Vaz Caldeira.. 43
Pires Pinheiro — Antonio — Sua ascendencia e casos da sua vida.. 36
—— Filho e neto de outros. Marido de Anna Martins Robalo.. 36

Pires Pinheiro — Antonio — Marido de Catherina de Andrade 36
Plinio, o moço. Menção das suas cartas 161
Plinio, o velho. Miguel Leitão é parecido com elle..... 162
Poço — Travessa do — D'onde tira o nome 101
—— Na esquina está o *Diario de Noticias*............ 303
—— Chamou-se travessa *do Brigadeiro* 70
Poço do Chapuz.............. 70
Poço da Crasta — Travessa do.................... 70
Pombal. Vide *Marquez de Pombal.*
Ponte do Lima. Vide *Marquez de Ponte do Lima.*
Popular — O — Periodico estabelecido a S. Roque..... 229
Postigo do Carmo — Calçada do — E' a actual calçada do Duque.......................... 18
Postigo do Duque de Bragança. Sobre o Ferragial 19
Postigo de S. Roque — Calçada do — E' a nossa calçada do Duque... 18
Postigo da Trindade. Aberto em 1560 19
Povolide. Vide *Condessa de Povolide.*
Praia. Vide *Visconde da Praia.*
Prestes — Antonio — Cita-se uma sua quadra 155
Prologo da 1.ª edição d'este livro 11

Q

Quadros. Vide *Pereira de Quadros (Antonio Joaquim).*
Quadros varios na egreja da Trindade 353
Queimada — Travessa da — Origem conjectural d'esse nome 80
—— Era ahi o palacio dos Rebellos.................. 304
Quinhentista. Typo de um em trajo de passeio........ 113

R

Rabello. Vide *Vaz Rabello (João).*
Rabello — Simão — Casado com uma filha de Francisco de Figueiredo 195
Raczynski — Conde — Citado passim.

Ramos-Coelho — José — Communicação ao auctor sobre uma encommenda do Conde da Ericeira........... 216
—— Outra a respeito da livraria do Marquez de Niza—236, 240
—— Noticias ácerca de Antonio Diniz da Cruz — 324, 325
—— Menciona o Desembargador Francisco de Andrada Leitão.. 198
—— Communicação sobre casas de Antonio Carneiro.. 343
Rebello. Vide *Avellar Rebello (José de) — Pedrosa Rebello (Francisco de) — Silveira Rebello (Antonio José da)*.
Rebello. Esta familia possuiu um palacio na travessa da Queimada 304
Rebello do Olival Telles — Antonio José — Marido de D. Jacintha Maria de Pina 38
Rebello da Silva — Luiz Augusto — Citado........... 131
—— Foi associado com Silveira Pinto n'uma empreza typographica 304
Rebellos. Quem eram 304
Rebuçadas. Assim andavam as senhoras. Considerações e leis no assumpto.. 148
Redempção dos captivos 331
Reinoso — André —Tem pinturas em S. Roque.... 269, 280
Relação estupenda do sentimento do Apollo do Terreiro do Paço contra o Neptuno do Rocio. Cita-se esse folheto.. 129
Relação individual dos bens de D. Francisco da Gama Conde da Vidigueira. Cita-se esse documento...... 121
Reliquias achadas na egreja de S. Roque 292
Relogio — Travessa do — Mudou-se esse nome para *do Guarda-mór* 101
—— O nome *do Relogio* ainda durava em 1810......... 101
Relvas — Carlos — Foi dono do palacio da rua da Atalaya.. 324
Ribeiro. Vide *Figueiredo Ribeiro (Francisco de)*.
Ribeiro — Gregorio — Pae do capitão Manuel Ribeiro.. 43
Ribeiro — João Pedro — Citado mil vezes n'este livro.
Ribeiro — José Silvestre — Citado 299
Ribeiro — Luiz — Marido de Isabel Pacheca........... 307

Ribeiro — Manuel — Marido de Isabel de Andrade..... 43
Ribeiro — Victor — Empresta um documento ao auctor 233
—— Cita-se a sua *Historia da Misericordia de Lisboa*.. 281
Ribeiro Guimarães — José — Cita-se um seu livro..... 313
Ribeiro Pacheco — Bernardim — Filho de Luiz Ribeiro e Isabel Pacheca 308
Ribeiro Soares. Vide *Noronha Ribeiro Soares*.
Robalo. Vide *Martins Robalo (Anna)*.
Robalo de Andrade — Manuel — Marido de Paula de Andrade 37
Rocha. Vide *Rodrigues Rocha (João)*.
Rocha Peixoto. Artigo seu sobre azulejos............ 120
Rocio. Mencionado por Fernão Lopes 131
—— Descripção d'essa praça .... 126 e seg.
Rocio da Trindade. Onde era 49
Rodrigues. Vide *Assis Rodrigues*.
Rodrigues — Anna — Filha de Simão Rodrigues, e mulher de Manuel de Pina 209
Rodrigues — Gonçalo — Supposto pae de Fernand'Alvares de Andrada.......................... 33
Rodrigues — José — Soldado do regimento de Aveiras.. 89
Rodrigues — Luiz — Em 1595 possuia um chão, que doou aos Frades de Jesus.............................. 143
Rodrigues — Simão — Escrivão, pae de Anna Rodrigues...... 209
Rodrigues Acenheiro — Christovão — Chronicas....... 80
—— Falla do cerco de Lisboa...................... 79
Rodrigues de Andrade — Vicente 34
Rodrigues da Camara. Vereador; propõe arrear parte da muralha de S. Roque.............. 228
Rodrigues da Costa — Antonio — Academico em 1717.. 317
Rodrigues de Oliveira — Christovão — Uma asserção sobre Campolide 77
—— Noticias suas sobre Lisboa, citadas mil vezes.
Rodrigues Rocha — João — Professor de grammatica na rua da Vinha 325
Rolim — D. Maria — Mulher de D. Luiz da Gama 294
Rollin. *Histoire ancienne* citada.. 80

Roque — S.—Vide *Egreja de S. Roque. Largo de S. Roque.*
Rosa. Vide *Santa Rosa.*
Rosa — Rua da — O seu dominio directo pertencia a Miguel Leitão de Andrada 100
—— Chamada *do Carvalho* e *das Partilhas* 100
—— Origem tradicional d'essa denominação 100
Ruas que no Bairro alto pertenciam a Miguel Leitão de Andrada 165
Ruinas, que em varios logares deturparam Lisboa 260

S

Sá. Vide *Mello e Sá (Lourenço de).*
Sá de Miranda — Francisco de — Citam-se versos seus. 142
Sacramento — Calçada do — Chamou-se Travessa Nova do Sacramento 326
Sacramento — Freguezia do — Sai da Trindade....... 359
—— Lança-se a 1.ª pedra na sua egreja propria....... 360
Salazar — Frei Luiz de — Trinitario. Sua morte em 1755. 363
Salgadeiras — Rua das — Tragedia que ahi se deu em 1774........ 83 e seg.
Sanches de Baêna. Vide *Visconde de Sanches de Baêna*
Sande — Padre Duarte de — Cita-se a sua obra *Lisboa em 1584*........ 276
San-Felix — Frei João de — Trinitario. Sua morte em 1755. 363
San-José — Frei Thomaz de — Trinitario. Sua morte em 1755........ 364
San-José. Chronista da Ordem da Trindade. Cita-se.... 25
San-José — Frei João de — Bispo do Gran-Pará. Suas *Memorias* citam-se........ 84
San-Luiz — Frei Bernardo de — Trinitario. Sua morte em 1755........ 364
Sant'Anna — Frei Domingos de — Trinitario. Sua morte em 1755........ 364
Sant'Anna — Frei Joaquim de — Trinitario. Sua morte em 1755........ 364
Santa Cruz. Vide *Conde de Santa Cruz.*

Santarem — Frei Estevam de — Trinitario............ 332
Santa-Rosa de Viterbo — Frei Joaquim de — Etymologia que dá dos *Fieis de Deus*........................ 102
Santo Thomaz — Frei Manuel de — Trinitario. Sua morte em 1755....................................... 363
Santos — Antonio Florencio dos — Edifica a Escola Academica... 267
Santos-o-Velho. Sitio mencionado por Osberno........ 74
San-Vicente — Conde de — Vide *Conde de S. Vicente.*
Sarzedo. Musico...................................... 146
Sebastião—El-Rei D.—Divagava nas ribeiras do Tejo alta noite.. 19
—— Possuia uma linda meza de coiro preto........... 121
—— Planeia a 2.ª jornada de Africa.................. 178
—— Dôa aos Gamas a Torre de Alvaro Paes.......... 231
—— Visita a casa professa de S. Roque............... 273
—— Escreve certas palavras n'um Missal em S. Roque. 289
Secretario de Guerra — Travessa do — Chrismada em 1863... 343
Seixas — Balthazar de — 1.º marido de Brites de Andrada 29
—— Marido de Martha de Andrada.................. 145
Senhora (Nossa) dos Agonizantes. A' sua irmandade pertencia o carneiro do adro de S. Roque......... 274
Senhora quinhentista. Esboço rapido do seu viver..... 145
—— Typo de uma...................................... 115
Senhoras envolvidas em mantos. Considerações e leis no assumpto.................................... 148
Sequeira. Vide *Vaz Caldeira de Sequeira (Pedro).*
Sequeira — Maria de — Mulher de Rodrigo Caldeira... 42
Sequeiro — Travessa do........................ 69, 211
Serão caseiro quinhentista........................... 150
Severim de Faria — Manuel — Auctor de um manuscrito intitulado *Torre do Tombo*.................... 26 e passim
Sévigné. Vide *Marqueza de Sévigné.*
Silva. Vide *Cruz e Silva (Antonio Diniz da) — Dias da Silva (José Ignacio)—Henriques da Silva (Marciano) — Rebello da Silva (Luiz Augusto) — Soares da Silva (José) — Telles da Silva — Vieira da Silva (Augusto).*

Silva — D. Bernarda Michaella da — Mulher de Lourenço de Mello e Sá........ 356
Silva — Frei Francisco da — Mandou fazer obras no Carmo........ 371
Silva — Ignacio da — Poeta latino........ 316
Silva — Innocencio Francisco da — Quanto apreciava os antigos documentos........ 110
—— Seu retrato em sombra........ 111
—— Dá Leitão de Andrada como nascido em 1555........ 166
Silva — Manuel da — Pedreiro, mestre das obras do palacio dos Cunhas Meneses em 1703........ 307
Silva de Almeida — Luiz da — Advogado........ 92
Silva Nogueira — José da — Capellão de D. Leonor Thomazia de Tavora........ 307
Silva Telles — Nuno da — Padrinho de um cathecumeno. 299
Silva Tullio — Antonio da — Genro de Caldas Aulete. Seu retrato em sombra........ 261
—— Escreve sobre o palacio Niza........ 229
Silveira. Vide *Coelho da Silveira (Bento)*.
Silveira — Diogo da — Pae de D. Paula da Silveira........ 304
Silveira — Frei João da — Mandou fazer obras no Carmo. 371
Silveira — D. Paula da — Mulher do Dr. Manuel Jacome Bravo........ 304
Silveira e Albuquerque — D. José Joaquim da — Proezas em Mazagão........ 300
Silveira e Andrade — Joaquim da — Tenente de Cavallaria........ 92
Silveira Pinto — Albano Anthero da — Onde teve uma typographia........ 304
Silveira Rebello — Antonio José da — Neto de Manuel Jacome Bravo........ 304
Soares. Vide *Morgados da Cotovia — Noronha Ribeiro Soares.*
Soares — André — Seus herdeiros os morgados da Cotovia 332
Soares da Silva — José — Academico em 1717........ 317
Sobrinha do Marquez — A — Comedia de Garrett........ 321
Soledade — Frei Fernando da — Cita-se a sua *Historia seraphica da Ordem de S. Francisco*........ 202

Sousa. Vide *Mello e Castro da Costa Mendonça e Sousa.*
Sousa — D. Anna de — Mulher de Jorge Ferreira de Vasconcellos. Jazia na Trindade 357
Sousa — D. Antonio Caetano de — *Historia genealogica* mil vezes citada.
Sousa — D. Diogo de — Arcebispo de Braga. Vai a Roma receber o pallio 48
Sousa — Frei Felix de — Trinitario. Sua morte em 1755 304
Sousa — D. Francisca de — 3.ª mulher de Miguel L. de Andrada 203
—— Testamenteira de seu marido 203
Sousa — D. Francisco de — Erudito 316
Sousa — Frei Lopo de — Mencionado na *Miscellanea*... 172
Sousa — Frei Luiz de — Sua descripção do Pedrogam.. 167
—— Enumera os Dominicanos que foram a Alcacer-Kibir 181
—— Morou a S. Roque antes de ser Dominicano...... 291
Sousa — Dom Frei Luiz de — Arcebispo de Braga. Embaixador a Roma 216
Sousa — Frei Manuel de — Mencionado na *Miscellanea*. 172
Sousa — D. Manuel Caetano de — Academico em 1717.. 317
Sousa Coutinho — Manuel de — Vide *Sousa (Frei Luiz de).*
Sousa de Macedo — Antonio de — Conta um caso d'el-Rei D. Sebastião 289
—— Fala na Misericordia de Lisboa.................. 375
Sousa e Meneses — Manuel de — Proezas em Mazagão. 300
Sousa Viterbo. Provavel auctor de certo artigo sobre azulejos 119
—— Descobriu que Frei Luiz de Sousa morou a S. Roque 291
Souzel. Vide *Visconde de Souzel.*
Sylvanecte. Cryptonimo de um auctor francez 75

T

Talavera. Loiça de 141
Tapadas. Assim andavam as senhoras. Considerações e leis no assumpto 148

Tavares — Xisto — Nobiliarista 355
Tavora — Ruy Lourenço de — Comprava livros duplicados ao Marquez de Niza, seu primo 236
Tavora — D. Leonor Thomazia de — Mãe e tutora de Manuel Ignacio da Cunha 307
—— Viuva de Tristão Antonio da Cunha 307
—— Reedifica o palacio de seu filho 307
Tavoras. Alliados dos Andrades de Monsanto 40
Teixeira de Aguiar — Nicolau — Recebedor da Alfandega 92
Teixeira Homem — Leonardo — Mestre de campo assassinado em 1774.................................. 85
Teixeira Homem — Dr. Martim — Desembargador, pae de Leonardo 85
Teixeira Homem de Brederode — Fernando — Empresta ao auctor valiosos documentos 98
Telles. Vide *Andrade Telles (Pedro de) — Monteiro do Olival de Andrade Telles (Luiz José) — Olival Telles (Antonio do) — Olival Telles (Maria do) — Rebello do Olival Telles (Antonio José) — Silva Telles (Nuno da) — Xavier Telles (D. Rodrigo).*
Telles — Padre Balthazar — Cita Castilho um trecho da *Chronica da Companhia* 255
—— Cita-se muita vez n'este livro — Enthusiasmo com que fala do Bairro de S. Roque................ 64, 65
—— Suas descripções da egreja de S. Roque.......... 268
—— Palavras suas sobre umas reliquias doadas á casa de S. Roque 292
—— Fala da casa dos Cathecumenos 298
—— Falleceu em 1675 334
—— Jaz em S. Roque................................ 283
Telles — Jeronyma — (ou de Andrade) — mulher de Antonio do Olival de Carvalho 37
Telles — Liberato — Cita-se o seu livro *Pavimentos*.... 120
Telles — Maria — Mulher de Francisco de Brito Homem 46
Telles do Olival. Alliados dos Andrades de Monsanto.. 40
—— Vide. *Moraes Telles do Olival (Manuel de).*

Telles da Silva — Vide *Marquez de Alegrete (Manuel Telles da Silva).*
Terra. Seu predominio sobre as obras do homem...... 71
Terremoto de 1755. Estragos d'elle no Convento da Trindade.. 361
Theatro do Bairro-alto (a S. Roque). Deu-se esse nome ao *Theatro pintoresco* do palacio Niza. 241
Theatro mecanico. Era nas ruinas do palacio dos Ericeiras em 1858.............................. 219
Theatro pintoresco estabelecido no palacio dos Nizas.. 240
—— Annunciado nas *Gazetas* de 1813 a 1819 241
Theatro da Trindade edificado em terreno da Casa de Alva.. 328
Theocaufo. Rei de Madagascar hospede em S. Roque.. 290
Thomar. Vide *Conde de Thomar.*
Tijolo — Calçadinha do — Deve ter relação com o ladrilhador Jorge Fernandes.............................. 144
Tinoco. Vide *Martins Tinoco (Manuel) — Nunes Tinoco (João).*
Torre de Alvaro Paes. Onde ficava.................. 18
Torre de S. Roque. Vista das suas ruinas em 1755..... 225
Torre da Sanha — Morgado da — O seu tombo está no cartorio do Hospital de S. José.................... 23
Toscano de Vasconcellos — Filippe — Cadete, indigitado matador de Leonardo Teixeira Homem........... 91
Trindade. Vide *Nova da Trindade (Rua) — Postigo da Trindade — Rocio da Trindade — Theatro da Trindade.*
Trindade — Convento da — Quem foram os frades fundadores.. 332
—— Representação graphica d'este convento no seculo XVI.. 329
Trindade — Postigo da — Chamou-se de Santa Catherina.. 327
—— Demolido por el-Rei D. Pedro II................ 328
Trindade — Rua da — Chamou-se calçadinha da Trindade.. 326
Trindade e Carmo. Os dois celebres conventos........ 373

Trinitarios. Fundam varios conventos 333
—— Apossam-se dos muros da Cidade 336
—— Pelejam valorosamente em favor da Patria 336
—— Alguns mortos em 1755 364
Tron e Lippomani Legados de Veneza a Portugal. Sua opinião sobre os banquetes em Lisboa 142
Tullio. Vide *Silva Tullio.*
Twiss. Descripção sua de uma festa em S. Roque...... 287

U

Utrecht — Christovão de — Auctor de uns retratos em S. Roque 280

V

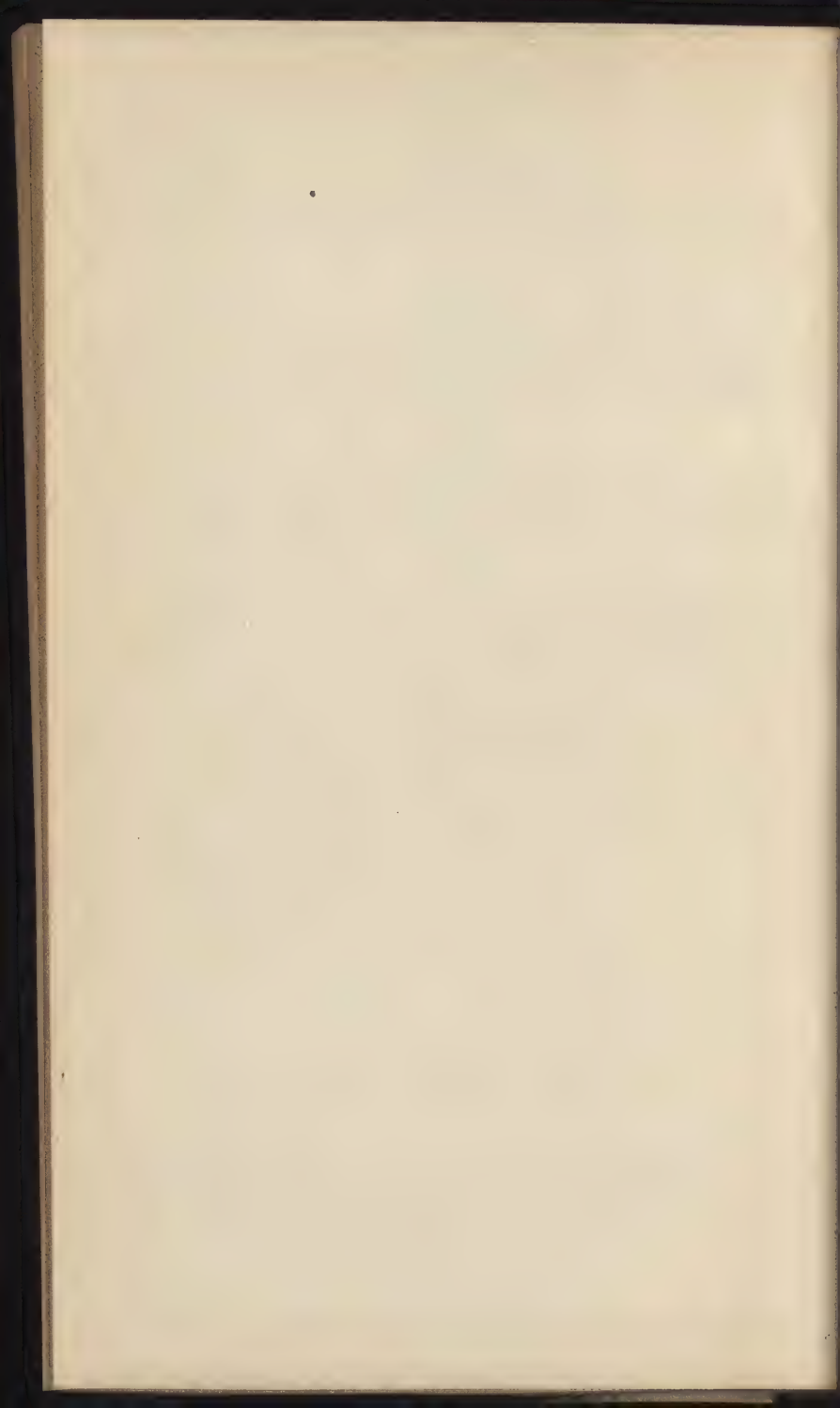
Vaênas. Tres musicos 146
Valdez — Garcia — Queimado no Rocio 130
Valentes. Vide *Coutos Valentes.*
Vallada. Vide *Marquez de Vallada.*
Valladares. Vide *Conde de Valladares.*
Vanvitelli. Architecto da capella de S. João em S. Roque 269
Vasconcellos. Vide *Ferreira de Vasconcellos — Figueiredo de Vasconcellos — Mendes de Vasconcellos — Perestrello de Vasconcellos — Toscano de Vasconcellos.*
Vasconcellos — D. Margarida de — Filha de Francisco Pedrosa Rebello 195
Vasconcellos de Castello Branco — Bernardo de — Matador de sua mulher 194
Vaz Caldeira — Pedro — Filho de Francisco Caldeira Pestana e marido de Theresa Mendes 43
—— Marido de Isabel Pires Orta 43
Vaz Caldeira de Sequeira — Pedro — Legitíma um filho 42
Vaz da Cunha — D. Martinho — Filho de D. Ayres da Cunha 210
—— Marido de Isabel de Andrada 210

Vaz da Cunha — D. Martinho — Padrasto de Bartholomeu, Manuel, Gonçalo, e Ruy de Pina. 210
—— Escudeiro Fidalgo 210
—— Compra a propriedade dos enteados 211
Vaz de Novaes — Leonor — Filha de Vasco Lourenço, e mulher de Ruy Paes 27
Vaz Pestana — Pedro — Sua descendencia 42
Vaz Pinheiro — Pedro — Filho de Fernão Pinheiro 36
Vaz Rebello — João — Successcr de um morgado, e pae de Francisco de Figueiredo Ribeiro 194
Veiga. Vide *Pinheiro da Veiga (Thomé).*
Veiros. Vide *Visconde de Veiros.*
Velho — Rodrigo — Musico 147
Vendaval medonho sobre Lisboa em 1724 361
Veneza manda a Lisboa uma reliquia de S. Roque..... 48
Venturino — João Baptista — Citação da relação da sua viagem a Portugal no seculo XVI.................. 121
—— Opinião sua sobre as mezas portuguezas 141
Vera Barba de Meneses — D. Ignez de — Mulher de Bartholomeu José Nunes Cardoso Giraldes 39
Vianna. Vide *Aguiar Vianna.*
Vianna — Gaspar José — Os seus herdeiros possuem um palacio ás Chagas 212
Vicente — Gil — Versos do seu auto *Nao de amores* ... 49
Victoria. Vide *Duque de Victoria.*
Victoria — Luiz de — Musico antigo............. 147
Vidama. Define Bluteau essa dignidade da sociedade franceza 236
Vidama d'Esneval. Embaixador de França, morador em S. Roque.. 236
Vidigueira. Vide *Condes da Vidigueira.*
Vieira — Padre Antonio — Menção das suas cartas..... 161
—— Préga em S. Roque em 1642 288
—— Seu retrato.................................... 288
Vieira — João — Musico 147
Vieira Lusitano. Tem pinturas em S. Roque.......... 269
Vieira da Silva — Augusto — Palavras suas sobre Villa Nova da Gibetaria 66

Vilhena Barbosa — Ignacio de — Cita-se um seu escrito sobre o Rocio 130
Villa-Gallega 66
Villalba e Andrada. Vide *Conde de Villalba e Andrada*.
Villa-Nova de Andrade, predecessora do Bairro-alto.... 61
—— Remonta aos dias d'el-Rei D. João I 62
—— Habitantes que tinha o sitio em 1528.......... 61
—— Em tempo de Leitão de Andrada o que chamavam assim.......... 66
—— Regularidade do seu traçado.......... 62
—— Em 1551 tinha já varias ruas feitas.......... 62
Villa Nova da Gibetaria.......... 66
Villa-quente.......... 66
Villar-mayor. Vide *Conde de Villar-mayor*.
Vinha — Rua da — Ahi habitou Diniz da Cruz 69, 324
—— Ahi morou o Doutor J. F. de Castilho.......... 325
Vinha notavel no Cunhal das bolas.......... 322
Vinte e quatro de Julho — Rua de — Antigamente medonhas ribeiras.......... 19
Visconde de Almeida Garrett. Versos seus sobre Campolide 73
—— Planeia-se a representação de uma sua comedia em 1848.......... 321
—— Habita na rua da Barroca.......... 323
—— Acolhe os mancebos principiantes.......... 323
—— Representa-se o seu *Catão* no theatro de S. Roque. 241
Visconde da Asseca. Era Academico em 1717 317
Visconde da Graciosa. Vide *Marquez da Graciosa*.
Visconde de Juromenha. A proposito de azulejos é citado. 120
—— Cita-se a sua *Vida de Camões*.......... 202
Visconde da Praia. Habitou no palacio de Caldas..... 266
Visconde de Sanches de Baêna. O seu *Archivo heraldico genealogico* citado passim.
Visconde de Souzel. Neto do valente Antonio de Miranda Henriques.......... 300
Visconde de Veiros, José Leite de Sousa e Mello da Cunha Sotto-mayor, casado com uma descendente dos Andrades Telles de Monsanto.......... 38

Viscondes de Maiorca. Sogros de Antonio de Macedo Pereira Coutinho.................................... 310
—— Descendem de Ruy Paes de Andrada.... 28
Viscondessa de Veiros, viuva; descende dos Andrades de Monsanto................................... 38
Viterbo. Vide *Santa Rosa de Viterbo — Sousa Viterbo.*
Voltaire. Menção das suas cartas.................... 161

X

Xavier do Amaral Pinel — Victorino Victoriano — Auctor de um devoto Soneto........................ 352
Xavier de Mattos — Roberto — Director do *Theatro pintoresco*.................................... 240
Xavier de Oliveira — Francisco — Conhecido como «Cavalheiro de Oliveira». Menção das suas cartas 161
Xavier Telles — D. Rodrigo — 6.º Conde de Unhão, e 6.º Marquez de Niza............................ 239

RETOQUES E ACCRESCENTOS

A ESTE VOLUME I

I

Na pagina 172 falou-se em Brites Leitôa parenta da mãe de Miguel Leitão de Andrada, e fundadora do mosteiro de Jesus (ou *do Bom-Jesu)* de Aveiro. Esqueceu mencionar o que diz d'ella Frei Luiz de Sousa *Hist. de S. Dom.*—P. II, L. IV, c. VIII); eil-o em resumo:

Creava-se esta nobre menina em casa da Infanta D. Isabel, mulher do Infante D. Pedro (o da Alfarrobeira). Deu desde os mais tenros annos claras mostras de ajuizada e muito devota. Determinou-se o grande Infante em casal-a com um moço fidalgo do seu serviço, Diogo de Ataíde, sobrinho do Conde da Atouguia, e do Prior do Crato D. João Gonçalves de Ataíde. Casados elles, no mesmo dia da boda desappareceu o noivo. Buscado por toda a parte, e não achado em casa dos parentes, veio a cabo de tempo a apparecer escondido entre os Frades do convento de S. Domingos de Bemfica,

e já em trajo e pratica de Noviço dominicano. Assestou-se contra elle uma bateria formal de instancias de amigos e parentes, e elle a tudo resistia. Não foi preciso menos de uma ordem formal d'el-Rei aos Frades, para que o mancebo expulso do mosteiro se resignasse a voltar aos seus lares, e a fazer vida com sua mulher. Nomeou-o el-Rei, como prova do seu agrado, Guarda-mór da Infanta D. Isabel. Serenada a tormenta, affeitos os noivos aos seus novos habitos, tiveram a dita de vêr alegrarem-lhes a existencia duas filhas e dois filhos. N'isto chegou a inesperada morte do Infante D. Pedro na batalha da Alfarrobeira; e D. Diogo de Ataíde, perdido tão bom senhor, tornou a sentir saudades do claustro! Queria el-Rei tomal-o para seu serviço; a tudo se oppôz D. Diogo, desenganado para sempre das vaidades do mundo. Não lhe soffria o animo desamparar mulher e filhos; e para conciliar tudo ao melhor modo, resolveu recolher-se com o seu pequenino mundo a uma boa fazenda que possuia, duas leguas desviada de Aveiro, chamada a Oucca. Ahi, em completa solidão, faziam vida monastica, entremeando as obrigações de cella e côro com as lidas agrarias, corregidas por suas proprias mãos. Assim viveram, olhando mais para o Ceo que para a terra, até elle fallecer pelos annos de 1453, indo a sepultar a Leiria no convento de S. Francisco.

Viuva e formosa, mal contava Brites Leitôa vinte e sete annos. Refugiu a mil instancias que a assaltavam para tornar a casar-se, e fez das suas dores a sua melhor companhia. A filha mais velha, D. Ca-

therina de Ataíde, tomou-a a Rainha para sua Dama. Com muitos trabalhos e despezas, conseguiu a viuva fundar uma clausura, para onde se recolheu a 24 de Novembro de 1458. Vinte annos eram passados, quando se viu assolado de furiosa peste o Reino todo em 1479. Aveiro não foi poupado; e temendo pela vida de sua filha, a Princeza D. Joanna, já recolhida no mosteiro de Brites Leitoa, ordenou el-Rei á dita sua filha que sahisse de Aveiro em companhia das outras Monjas. Forçoso lhes foi obedecer; e a 27 de Setembro de 1479 abalaram, cheias de saudades, a caminho do Alemtejo. Ia n'umas andas cobertas Brites Leitôa, Prioreza, com a Princeza D. Joanna, e as oito companheiras n'uma carreta de toldo, abafada de pano por fóra e coiro por dentro. Brites adoeceu em Aviz, e foi morrer a Abrantes, em 3 de Agosto de 1480; ahi a sepultaram.

Filhas d'essa excellente e virtuosa mulher foram, como disse, duas:

D. Catherina de Ataíde, que, sendo Dama do Paço, se recolheu ao mosteiro de sua mãe logo que sua Real Ama falleceu; e

D. Maria de Ataíde, que nasceu em Julho de 1448, professou em Jesus a 9 de Agosto de 1466, e morreu sete mezes depois.

II

Pag. 214

Tratando da Prioreza das Dominicanas da Annunciada D. Brites de Meneses, diz Frei Luiz de Sousa — *(Hist. de S. Dom.,* T. III, L. I, cap. IV):

... «Dentro no tempo de seu governo viu reedificado, e quasi feito de novo, todo o mosteiro, com dois dormitorios muito custosos, e officinas capazes de cincoenta Freiras, e a egreja forrada. Foi o meio um bom visinho, para que demos por acertado o pregão, que o outro Grego (1) mandava dar da herdade que vendia, allegando por qualidade de importancia que tinha bom visinho. Mas n'este da Annunciada houve mais circumstancias, porque era juntamente rico, e honrado, e virtuoso. Buscava Fernand'Alvares de Andrada sitio accommodado para edificar aposento para si junto das Freiras, onde hoje o possuem seus descendentes. Era isto dois mezes depois da passagem (2). Visitou a Prioreza, quiz saber como e de quê viviam; admirou-se da pobreza, edificou-se do espirito; e parecendo-lhe que ganharia muito com Deus quem em serviço de tal gente se occupasse, offereceu-se á Prioreza para o fazer toda a vida; e cumpriu a offerta, porque, como rico, ajudou a casa com grossas esmolas da sua; como honrado, foi requerente de outras com

---

(1) Plutarcho.

(2) Quer dizer: as Freiras, que moraram primeiramente no que é hoje o *Colleginho,* ás abas do monte do Castello, sobre a Moiraria, passaram, na vespera da Ascensão do anno 1539, para a outra habitação que lhes foi destinada no Valle verde, ao cimo da Corredoira, fora das portas de Santo Antão. Vê-se por essas contas que em 1539 ainda não tinha Fernand'Alvares começado o seu palacio; *buscava sitio accommodado para edificar aposento.* Não concorda pois esta asserção com a de Carvalho da Costa, que dá o palacio por edificado em 1530. Quereria elle ter dito 1540?

el-Rei e com os homens; e como virtuoso, tomou por gosto a reedificação do mosteiro, e assistir como architecto e sobrestante (1) em toda a fabrica.»

III

Pag. 80

Travessa da Queimada

Em 20 de Novembro d'este anno de 1902 o sr. Augusto Vieira da Silva, Tenente de Engenharia, consciencioso auctor de importantissimos estudos, já publicados, sobre as muralhas velhas de Lisboa, e de um, que está elaborando, sobre a cerca d'el-Rei D. Fernando, teve a bondade de me escrever enviando-me o seguinte esclarecimento. Por não ter chegado a tempo de eu reformar o que digo do nome da *travessa da Queimada,* encontra o leitor o que aventurei na 1.ª edição do meu livro; hoje percebo ser conjectura sem o mais leve fundamento; offereço pois aqui aos leitores as palavras da carta do sr. Silva, as quaes veem rectificar ou ampliar varias informações minhas.

Sigo a ordem que segue a carta.

Pag. 80

... «A travessa *da Queimada* parece dever o seu nome a uma Anna Queimada, que em 1563 trazia aforados ao mosteiro da Trindade uns chãos pro-

(1) Superintendente.

ximos do Largo de S. Roque, e da *rua que vai de Nossa Senhora do Loreto para S. Roque* (rua Larga de S. Roque). Poderá V. vêr o Livro 59, aliás 75, do mosteiro da Trindade, fl. 213 v. na Torre do Tombo.»

Pag. 19

Postigo de S. Roque

«Quanto ao postigo de S. Roque no largo *de S. Roque,* parece que nunca teve as denominacções de postigo *do Condestavel,* nem postigo *do Carmo.*

«Foi elle aberto no meiado do seculo XVI; não remonta á primitiva construcção da cerca; e como já havia a Casa professa de S. Roque, a primeira denominação que teve foi de postigo de S. Roque.

Pag. 264

Pateo da Escola Academica

«Houve na cerca de D. Fernando uma porta, que era situada no pateo da Escola Academica. Tinha em 1502 o nome de *postigo do Conde,* que julgo ser o de Cantanhede, cuja mulher deu nome á *rua da Condessa,* que tambem teve durante alguns annos o nome de *rua de João do Barreiro* (pedreiro), e que era tambem simplesmente conhecida como *rua que vai do postigo do Conde para o Carmo.* A essa porta começou a chamar-se *postigo de S. Roque;* e quando, no meiado do mesmo seculo XVI, se abriu a porta nova junto á torre de Alvaro Paes,

aquella passou a ser o *postigo antigo* de S. Roque, e esta o *postigo novo* da mesma denominação.

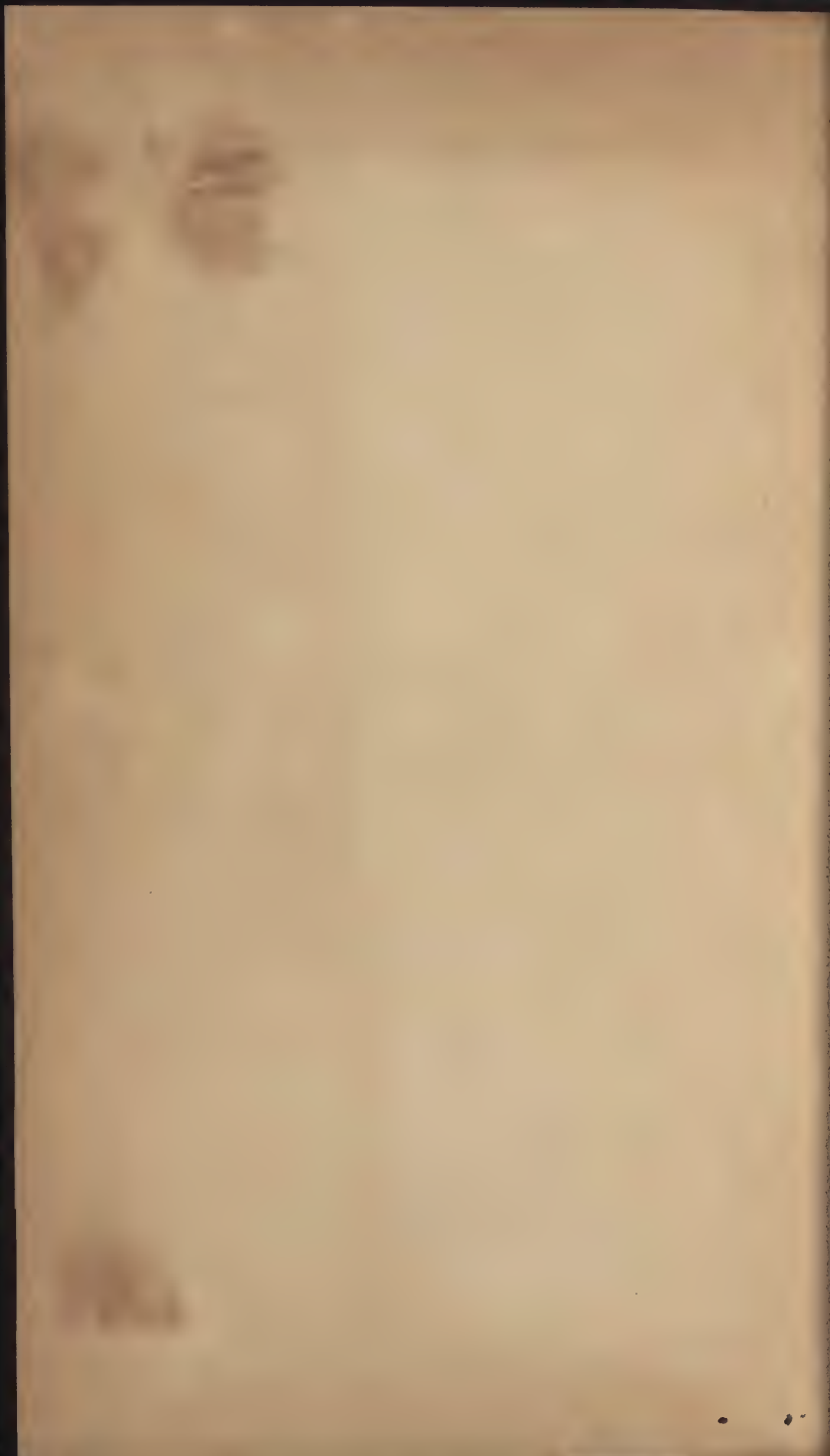
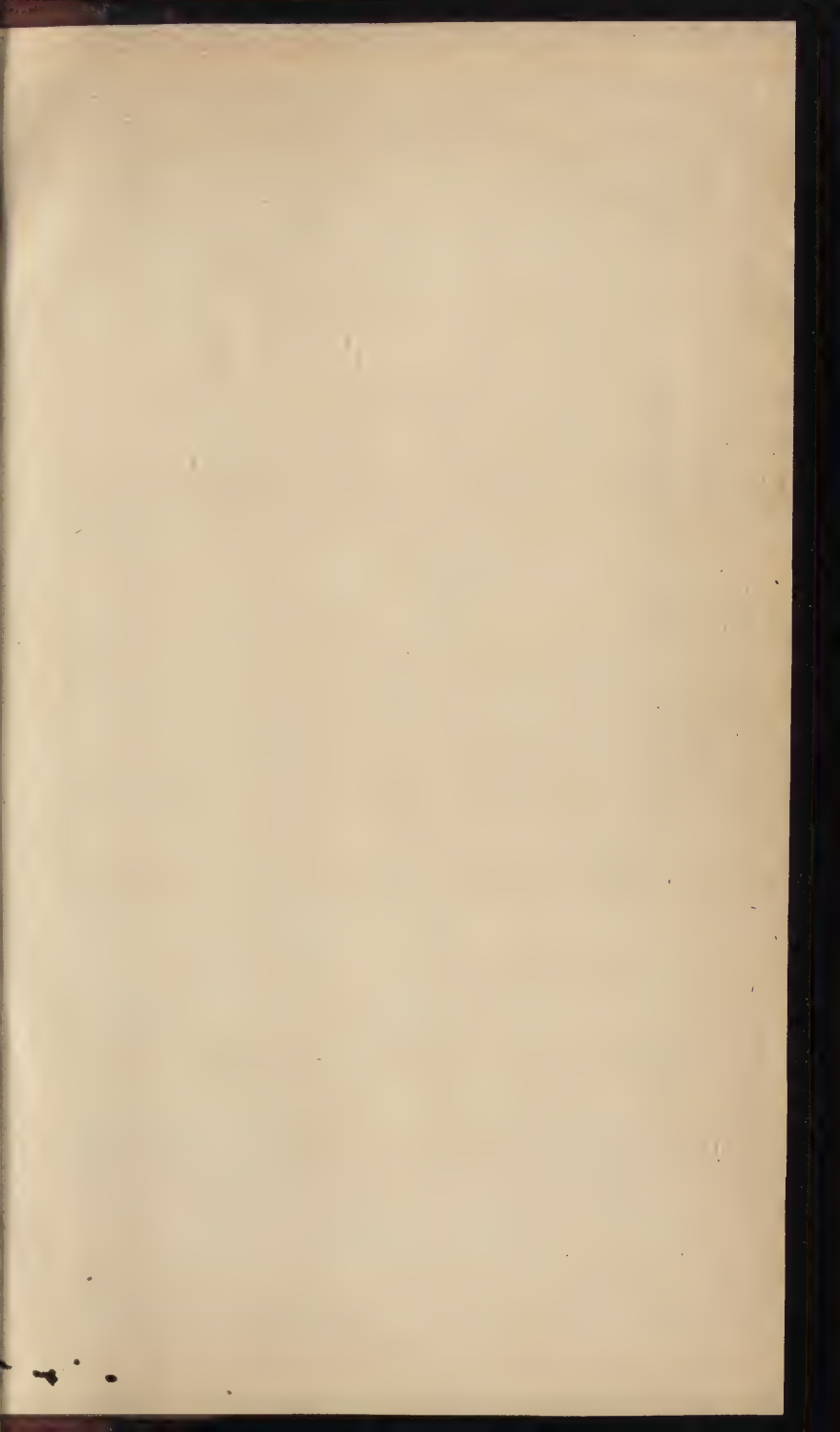
«A calçada *do Duque,* no espaço comprehendido entre a rua *da Condessa* e o largo *de S. Roque,* foi chamada rua *da Ametade,* ou *do Meio,* nos principios do seculo XVI; depois rua *de Alvaro Paes* pelo meiado do mesmo seculo; e creio que tambem rua *da Condessa da Vidigueira* um pouco mais tarde.»

. . . .

Agradeço cordealmente ao meu espontaneo informador, e dou-lhe as mãos á palmatoria.

FIM DO VOLUME I

ERRATA

PAG. LIN.
98 — 13 — Supprimam-se as palavras *Fosse como fosse.*
118 — 9 — Onde se lê: João Pereira — Leia-se: José Maria Pereira Junior.
351 — 28 — » » » Todos teem — » Todos a teem.

Ao leitor

Estes estudos sobre o Bairro-alto de Lisboa, que na 1.ª edição se resumiram n'um só volume, fundem n'esta 4 volumes.

O 2.º tratará das materias seguintes:

Porta de Santa Catherina — Egreja do Loreto — Palacio dos Marquezes de Marialva (vulgo **Casebres do Loreto**) — **Rua do Alecrim — Palacio dos Condes do Farrobo — Travessa do Secretario de Guerra — Palacio dos Ferreiras Pintos — Estudos sobre a antiga sociabilidade portugueza — Egreja das Chagas — Recolhimento das Convertidas — Egreja de Santa Catherina — Alto de Santa Catherina.**